

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JEAN CARLOS DE SOUSA PESSOA

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA MEDIANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA
FORMAÇÃO HUMANA NA ESCOLA

TERESINA

2021

JEAN CARLOS DE SOUSA PESSOA

**A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA MEDIANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA
FORMAÇÃO HUMANA NA ESCOLA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana de Sousa Alencar Marques

TERESINA

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

JEAN CARLOS DE SOUSA PESSOA

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA MEDIANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA FORMAÇÃO HUMANA NA ESCOLA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 28/05/2021

Banca examinadora



Profa. Dra. Eliana de Sousa Alencar Marques – PPGED/UFPI (Orientadora)



Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares – POSEDUC/UFRN-RN

Membro



Profa. Dra. Maria Vilani Cosme de Carvalho – PPGED/UFPI

Membro

TERESINA, 2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processos Técnicos

P475r Pessoa, Jean Carlos de Sousa
 A Relação família e escola mediando práticas educativas para
 formação humana na escola / Jean Carlos de Sousa Pessoa. –
 2021.
 195 f.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
 Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
 Educação, Teresina, 2021.
 “Orientadora: Dr.^a Eliana de Sousa Alencar Marques.”

 1. Prática Educativa. 2. Relação Família-Escola. 3. Mediação.
 4. Formação Humana. I. Marques, Eliana de Sousa Alencar. II.
 Título.

CDD 370.71

Bibliotecário: Hernandes Andrade Silva – CRB-3/936

AGRADECIMENTOS

Após tanto caminhar, deparo-me com um texto de dissertação concluído e percebo que chegou o momento de fazer o caminho inverso sobre toda esta trajetória, não no sentido de desvelar os nexos que compõem meu objeto de pesquisa, visto que isso foi feito durante toda a pesquisa. Agora tudo se faz diferente, caminho no sentido de fazer um pequeno recorte dos nexos que me trouxeram até aqui, ou melhor dizendo, das relações que me produziram. Todavia, não me deterei a detalhes e procurarei não me perder em meros devaneios, abrirei mão até de análises psicológicas ou estéticas rigorosas e profundas de um desenhista. Pretendo aqui evidenciar as principais mediações que me auxiliaram nessa trajetória, que a princípio eu entendia apenas como mais uma etapa de um processo formativo profissional, mas que no fim se revelou como um desenvolvimento humano, potente e integral.

Para o início de trajetória, começo agradecendo primeiramente a Deus pelo dom da vida e sua bondade para com minha pessoa. A meus pais, Valentina Neta de Sousa e João Lopes Pessoa, por me apoiarem o tempo todo nesta empreitada do mestrado, um caminho árduo e de muitas dificuldades, lembro que muitas vezes me questioneei se era realmente o que eu queria, no entanto, vocês estiveram ao meu lado e não me deixaram desistir em momento algum, sempre me lembrando do esforço de vocês e de suas origens. Agradeço, também, a minha família de modo geral por mostrarem o quão orgulhosos estavam com todo o meu processo formativo enquanto pessoa.

A minha orientadora, Professora Doutora Eliana Marques de Sousa Alencar, por ter sido tão solícita e atenciosa durante as aulas e orientações, e principalmente por ter me acolhido desde o primeiro dia que comecei a frequentar o NEPSH em meados de 2017; naquela época ainda tinha muitas dificuldades com a teoria e basicamente ficava voando nas discussões, mesmo assim, fui assistido e acreditado. Meu muito obrigado professora, suas contribuições foram essenciais não só no mestrado, mas desde muito antes que eu soubesse que seria seu orientando.

Também dedico esse momento aos membros do NEPSH como um todo, durante esses anos me deparei com pessoas excelentes que me proporcionaram trocas valiosas, em especial: Josiane, Isolina, Alyne, Micheland, Magnólia, Dilly, Lays, Dirno, Chiquinho, Lucélia, Elayna, Nazareth e Fernando.

À Professora Doutora Fabrícia Machado por ter sido a primeira pessoa a me apresentar os grupos de estudos da UFPI e por sempre se manter por perto, minha eterna gratidão.

Aos professores: Cristiane Teixeira, pelas contribuições e a paciência durante as aulas; Neuton Araújo, pelo apoio e pontuações de grande valor em reuniões do NEPSH; E Maria Vilani Cosme de Carvalho, pelos ensinamentos, dedicação e principalmente pelas chamadas de atenção que muitas vezes me levaram à inquietação no sentido de que eu precisava buscar evoluir mais e mais. Ainda sobre a professora Vilani, agradeço pela sua correção atenta, ética e profissional ao meu texto, questões essas que foram essenciais para a conclusão desta pesquisa. Ao professor Júlio Ribeiro e sua leitura atenta e provocações que foram de grande ajuda para a produção desse trabalho.

Às professoras Nadja, Camila, Rafaela e Patrícia Lustosa, que foram profissionais muito importantes na minha graduação e que me auxiliaram na produção de motivos para acreditar no mestrado. Em especial a professora Patrícia, por ser a primeira a falar que eu tinha “jeito para ser professor” um dia, e também por sempre se mostrar solícita nos momentos difíceis.

Aos meus amigos de graduação, de vida e de projetos futuros: Daniele e Bruno, vocês foram de suma importância durante todo esse período, me dando forças, ideias e muitas vezes dividindo dores. Não posso esquecer, também, de Ramon, Carolzinha, Jessiane, Priscila, Louanne, Patrícia Luz e Airam, amigos que também fizeram um grande diferencial nesse trajeto, cada um a sua forma.

Aos meus companheiros de EJC da paróquia Nossa Senhora do Carmo pelos momentos de lazer e de espiritualidade que foram essenciais para tornar tudo mais leve.

À direção, professores e colaboradores da escola Santo Afonso Rodrigues pelos debates e por se mostrarem abertos a nosso projeto de extensão e a minha pesquisa de mestrado.

Também agradeço a outras pessoas que por motivos diferentes estiveram comigo em momentos chave durante essa caminhada e que agora não estão mais por terem seguido caminhos diferentes, vocês também foram importantes.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal.

(LEONTIEV, 1978, p.301)

PESSOA, Jean Carlos de Sousa. **A relação família e escola mediando práticas educativas para formação humana na escola.** 2021. 195 f. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa analisa a Relação dos complexos sociais família e escola na mediação de práticas educativas para formação humana. Essa investigação vincula-se à linha de pesquisa-Formação Humana e Processos Educativos do programa de Pós Graduação em Educação em Nível Mestrado da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Em face a isso, a pesquisa parte da seguinte problemática: Como deve se constituir a relação família e escola na mediação de práticas educativas para a formação do estudante? E teve como objetivo geral: analisar o desenvolvimento da relação família e escola na mediação da formação de estudantes em contexto de pesquisa-formação. E para seu alcance os objetivos específicos foram organizados da seguinte forma: 1) Compreender por meio de encontros formativos as significações que os professores produzem sobre o papel da família no desempenho dos estudantes na escola; 2) analisar as significações acerca das condições objetivas e subjetivas existentes que medeiam a relação família e escola e o impacto desse vínculo no desempenho escolar dos estudantes; 3) Analisar as significações acerca das possibilidades de aproximação entre família e escola com o propósito de melhorar a qualidade dessa relação. A investigação se constituiu mediante os pressupostos teórico-metodológico do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, tendo como principais expoentes Vigotski (1991, 2009 e 2011) e Leontiev (1978). Em termos metodológicos, a pesquisa realizada foi uma Pesquisa-Formação, visto que essa tem como preceito compreender o fenômeno a partir de suas relações com a totalidade, procurando por meio da reflexão crítica instigar a produção de novas significações para que os participantes possam intervir na sua realidade (LONGAREZI; SILVA, 2011). A respeito do seu desenvolvimento, a pesquisa em questão faz parte de um projeto de extensão universitária desenvolvida em parceria entre a Universidade Federal do Piauí, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico - Críticas em Educação e Formação Humana (NEPSH) e uma escola filantrópica de educação básica situada na zona periférica de Teresina que atende crianças e adolescentes de baixa renda. Participaram da pesquisa 04 professores da escola. Os dados empíricos foram produzidos em 03 encontros formativos, por meio de questionário, roda de conversa, sessões reflexivas e memorial reflexivo. A análise de dados se deu por meio da proposta metodológica dos Núcleos de Significação (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015). Com as análises feitas, sob a luz dessa proposta, foram criados três núcleos de significações: A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito; As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola: Entre a necessidade de trabalhar e de motivar os filhos para estudar; Mediações que colaboram na qualidade da relação Família e Escola. As considerações finais revelam que os docentes ainda significam a relação família e escola mediados pela aparência desse fenômeno, isto é, estão presos a ideia do que as famílias poderiam ou deveriam fazer para ajudar a melhorar o desempenho dos filhos na escola, sem, contudo, levar em consideração que são as condições objetivas de existência dessas famílias que acabam determinando a qualidade dessa relação.

Palavras-chaves: Relação família-escola. Mediação. Complexos Sociais família e escola. Formação Humana.

PESSOA, Jean Carlos de Sousa. **Relationship of the family and school social complexes in the mediation of educational practices for human formation at school.** 2021. 195 f. Dissertation (Master's in Education). Federal University of Piauí, Teresina, 2021.

ABSTRACT

This research analyzes the Relationship of the family and school social complexes in the mediation of educational practices for human formation. This investigation is linked to the line of research-Human Formation and Educational Processes of the Graduate Program in Education at Master's Level at the Federal University of Piauí – UFPI. In view of this, the research starts from the following issue: How should the relationship between family and school be constituted in the mediation of educational practices for the development of the student? And it had as general objective: to analyze the development of the relationship between family and school in the mediation of the development of students in the context of research-training. And for its achievement, the specific objectives were organized as follows: 1) Understand, through formative meetings, the meanings that teachers produce about the role of the family in the performance of students at school; 2) analyze the meanings about the existing objective and subjective conditions that mediate the relationship between family and school and the impact of this link on students' school performance; 3) Analyze the meanings about the possibilities of approximation between family and school in order to improve the quality of this relationship. The investigation was constituted by the theoretical-methodological assumptions of Historical-Dialectical Materialism and Historical-Cultural Psychology, having as main exponents Vigotski (1991, 2009 and 2011) and Leontiev (1978). In methodological terms, the research carried out was a Research-Training, as this has as a precept to understand the phenomenon from its relations with the totality, seeking through critical reflection to instigate the production of new meanings so that the participants can intervene in the its reality (LONGAREZI; SILVA, 2011). Regarding its development, the research in question is part of a university extension project developed in partnership between the Federal University of Piauí, through the Center of Historical-Critical Studies and Research in Education and Human Development (NEPSH) and a philanthropy school of basic education located in the outskirts of Teresina that serves low-income children and adolescents. Four school teachers participated in the research. Empirical data were produced in 03 formative meetings, through a questionnaire, conversation circle, reflective sessions and reflective memorial. Data analysis was carried out through the methodological proposal of the Nuclei of Meanings (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015). With the analyzes carried out, under the light of this proposal, three nuclei of meanings were created: The participation of the family in the student's school life indicates a relationship of cause and effect; The objective and subjective conditions mediating the relationship between the family and school social complexes: Between the need to work and to motivate children to study; Mediations that contribute to the quality of the Family and School relationship. The final considerations reveal that teachers still mean the family and school relationship mediated by the appearance of this phenomenon, that is, they are stuck with the idea of what families could or should do to help improve their children's performance in school, without, however, taking into account that it is the objective conditions of existence of these families that end up determining the quality of this relationship.

Keywords: Family-school relationship. Mediation. Family and School Social Complexes. Human Formation

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Descrição da sessão formativa que deu origem aos eixos formativos do projeto de extensão.

QUADRO 2- Primeira seção formativa e produção de dados da Pesquisa-formação.

QUADRO 3- Segunda seção formativa e produção de dados da Pesquisa-formação.

QUADRO 4- Terceira sessão formativa e produção de dados da Pesquisa-formação.

QUADRO 5- Exemplo de pré-indicadores e seus respectivos conteúdos temáticos.

QUADRO 6- Exemplo de Indicadores e seus respectivos conteúdos temáticos.

QUADRO 7- Exemplo de núcleos de significações formados e seus indicadores.

QUADRO 8- Movimento de articulação dos pré-indicadores a constituição dos núcleos de significação.

LISTA DE SIGLAS

BDTD: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

CCE: Centro de Ciências da Educação

MHD: Materialismo Histórico-Dialético

NEPSH: Núcleo de estudos pesquisas histórico críticas em educação e formação humana

PHC: Psicologia Histórico Cultural

PPGE: Programa de Pós-Graduação em Educação

TEA: Transtorno do Espectro Autista

UESPI: Universidade Estadual do Piauí

UFPI: Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA COMO MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO CONCRETO.....	22
2.1 A constituição do humano concreto.....	22
2.2 A relação família e escola: complexo social que constitui o aluno concreto	31
2.2.1 A família como complexo social	32
2.2.2 A escola como complexo social.....	36
3 ASPECTOS TEÓRICO – METODOLÓGICOS DA PESQUISA	44
3.1 Princípios orientadores do processo de pesquisa	44
3.2 Informações sobre a pesquisa e a constituição histórico social do objeto de investigação	50
3.4 Pesquisa-formação que culminou na produção de dados	54
3.5 Procedimento de Análise de Dados.....	61
4 A RELAÇÃO CAUSAL ENTRE OS COMPLEXOS SOCIAIS FAMÍLIA E ESCOLA MEDIANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES FOCADAS NO DESEMPENHO ESCOLAR	75
4.1 A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito	76
4.2 As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola: Entre a necessidade de trabalhar e de motivar os filhos para estudar .	87
4.3 Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola.....	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA: OS SENTIDOS QUE PRODUZIMOS ATÉ AQUI	111
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS	125
APÊNDICES	180

1 INTRODUÇÃO

Na busca por desenvolver uma narrativa que permita apresentar reflexões a respeito do objeto de estudo dessa pesquisa, relação família e escola na mediação de práticas educativas para formação humana na escola, percebo¹ que é necessário ir além da mera descrição de fatos. Para isso, torna-se inevitável fazer breve retrospectiva sobre meus primeiros contatos com esse objeto, assim como as principais significações que produzi ao longo da minha graduação em Psicologia.

Minha trajetória na área da educação enquanto graduando de psicologia tem início no ano de 2014, por meio de um estágio extracurricular em uma escola municipal na cidade de Teresina. Nesse contexto de experiência, minha função se resumia em auxiliar professores no desenvolvimento de atividades que facilitassem o processo de inclusão de crianças com deficiência em classe regular. As atividades eram desenvolvidas diariamente, e, por não ter uma sala fixa para trabalhar, acabei transitando por toda a escola, o que me levou, a conhecer pais de estudantes e professores das mais variadas classes. Ainda neste mesmo período, tive a oportunidade de cursar as disciplinas de Psicologia Escolar I e a II, o que aumentava ainda mais o meu desejo e curiosidade em trabalhar questões relativas à educação. Nelas, eram discutidas as atribuições do psicólogo escolar e o seu dever de trabalhar não só com questões referentes à sala de aula, mas também à dinâmica de todo o corpo escolar, incluindo professores, gestores e alunos, assim como os pais e responsáveis desses estudantes.

No ano de 2015, enquanto aluno de iniciação científica, desenvolvo a minha primeira pesquisa na área da educação, fruto de inquietações percebidas durante os meus primeiros meses de estágio extracurricular. Esse estudo se intitulava “As estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor em sala de aula para a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA”. Por meio dessa investigação, procurei compreender como eram desenvolvidas as práticas pedagógicas dos professores para promover a inclusão de alunos autistas. Todo o processo de produção e análise de dados teve duração de um ano, e, com os resultados obtidos, pude perceber que muitos participantes apontavam a não participação da família na escola como algo prejudicial ao rendimento escolar dos estudantes, e que, por isso, muitas vezes, as atividades ali desenvolvidas não alcançavam resultados satisfatórios (PESSOA; FREITAS, 2016).

¹Nesta seção há em sua grande parte o uso do verbo na primeira pessoa do singular, pois a pretensão é apresentar a relação da trajetória do autor com seu objeto de estudo.

Logo após concluir a pesquisa de iniciação científica, já em 2016, resolvo dar prosseguimento a essa temática na minha monografia, entretanto, não visava mais as práticas e, sim, a formação docente, fazendo, assim, um movimento inverso no qual eu saía da atividade de professor em direção ao seu processo formativo, tendo como tema “A formação de professores e a atuação junto a alunos com diagnóstico de TEA²”. A pesquisa teve como objetivo geral verificar a percepção dos professores a respeito de sua formação para atuar com alunos com diagnóstico de TEA. Nesse processo investigativo, alguns participantes relatavam não só as fragilidades da sua formação, como também as dificuldades de pôr em prática aquilo que era aprendido no curso em decorrência da falta de condições de trabalho e da ausência do envolvimento dos pais com a escola. A partir desses resultados, pude notar que o processo educativo ultrapassava o trabalho do professor em sala de aula e, principalmente, que existia uma grande distância entre teoria e prática, seja para o público da educação inclusiva como para com os demais. Por fim, os resultados dessa pesquisa apontaram que a falta de apoio da gestão e principalmente da família dos estudantes dificultava todo o processo de inclusão desses estudantes. (PESSOA, 2017).

Por meio dessas duas pesquisas, comecei a perceber que os professores muitas vezes justificavam o mau desempenho dos estudantes devido à escassez da presença dos pais na vida escolar dos filhos. Em contrapartida, eles também relatavam que a família só aparecia na escola em caso de festividade, quando eram chamados por conta de problemas de comportamento ou nota e em reuniões de pais e mestres. Entretanto, os docentes não explicavam a relação direta entre a participação da família e o desenvolvimento de práticas que levassem a bons resultados em termos educativos para os estudantes.

Ainda no ano de 2016, passei também a estagiar como psicólogo escolar em uma escola privada, onde desenvolvi atividades e oficinas relacionadas à saúde mental na educação. Diferente das minhas outras experiências, dessa vez, passei a atuar com estudantes do ensino médio, e novamente narrativas envolvendo a família surgiram nas discussões por meio da fala dos estudantes. No entanto, diferentemente dos professores, os estudantes fugiam do aspecto apenas pedagógicos e pautavam suas queixas na falta de atenção tanto dos pais quanto dos

² Transtorno do Espectro Autista.

³ Nossa concepção de homem e mundo parte do Materialismo Histórico Dialético, sendo assim, entendemos família e escola não como instituições ou espaços, mas como Complexos Sociais. Que de acordo com Lukács (2018), são responsáveis por mediar a relação do ser humano no mundo, reproduzindo a generalidade humana no primeiro para que esse se aproprie da produção histórica cultura e venha a sair da condição de ser natural para gênero humano.

profissionais da escola, evidenciando fragilidade na relação entre esses dois complexos³ e os possíveis prejuízos à formação desse estudante.

Em 2018, já bacharel em Psicologia, passei a integrar o Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico-Críticas em Educação e Formação Humana da Universidade Federal do Piauí (NEPSH-UFPI), dando início a minha participação em um projeto de extensão ao qual faço parte até o momento. As ações do projeto são realizadas mensalmente junto a professores em uma escola filantrópica localizada na cidade de Teresina, e tem como objetivo desenvolver ações formativas e colaborativas na escola de educação básica que favoreçam o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores que atuam na escola, a constituição da identidade de discentes do curso de Pedagogia e o desenvolvimento de pesquisa-formação em nível de mestrado e doutorado em educação.

Na primeira ação formativa do projeto, por meio de discussões relativas aos desafios vivenciados no cotidiano do trabalho docente, os professores foram levados a refletir sobre as suas necessidades enquanto coletivo profissional. As reflexões levantadas pelo grupo apontavam para muitas necessidades formativas, dentre elas, a que mais se destacava naquele momento era a necessidade formativa de melhorar a relação entre família e escola. O coletivo entendia que para qualificar o aproveitamento dos estudantes na escola era preciso encontrar alternativas de melhorar a participação da família junto aos processos educativos escolares.

A participação no projeto de extensão citado a cima, juntamente com as demais experiências que marcaram meu processo de formação inicial, demonstram que a relação família e escola tem centralidade quando se trata da educação de crianças, jovens e adolescentes, fato que despertou interesse por compreender mais a fundo como essa relação pode mediar o desempenho dos estudantes na escola. Para tanto, o passo inicial a fim de entender melhor essa relação foi a realização de pesquisas em bancos de dados eletrônicos com o objetivo de fazer um levantamento sobre como essa temática vem sendo desenvolvida em estudos científicos nos últimos cinco anos.

As consultas foram realizadas nos bancos de dados eletrônicos *Scielo* e *BDTD*. Comtemplamos nesse levantamento: artigos de revistas de periódicos, assim como Teses e Dissertações de programas de pós-graduação em educação e áreas afins de todo o Brasil, tendo como recorte temporal os anos de 2014 a 2019. Para o desenvolvimento dessas buscas foram definidos os seguintes descritores: Relação família escola, Família na escola, família na educação e Pais e Professores.

A respeito do uso desses descritores: O primeiro foi escolhido por ser mais amplo e desse modo abarcar uma porcentagem maior de pesquisas; O segundo teve o propósito

encontrar trabalhos que destaquem as formas de participação do complexo família na escola; O terceiro descritor a finalidade foi encontrar pesquisas que destacassem os processos educativos que são desenvolvidos na família; O quarto e último descritor foi escolhido com o objetivo de filtrar trabalhos que contemplassem a relação mais específica da família com os professores dos estudantes.

Os descritores foram utilizados na mesma ordem apresentada no parágrafo anterior e tiveram seus resultados agrupados por tipo e fonte, totalizando assim, 69 trabalhos. Desse modo, por ter como foco a relação desses complexos na educação básica e no quesito participação foram descartadas pesquisas que analisam a relação desses dois complexos no nível técnico e superior de educação, assim como outras que tinham como cerne discutir tal temática na área social, da saúde e até mesmo da educação especial e inclusiva. Portanto, foram considerados apenas estudos que destacam a relação entre família e escola para o desenvolvimento de práticas na educação regular dentro da escola. Logo, após todo esse levantamento e seleção dos dados encontrados, finalizamos nossa busca com 14 trabalhos ao todo, sendo 4 artigos, 6 dissertações e 4 teses.

Visto isso, nossa análise parte primeiramente dos artigos. Destacamos aqui que todos os trabalhos apontavam que a relação entre família e escola é carregada muitas vezes de tensões e desencontros sobre o entendimento a respeito da responsabilidade dos pares. Artigos como de Lima e Chapadeiro (2015) e Aparecida e Monção (2015), indicam que o distanciamento entre família e escola se acentua à medida que a comunicação entre pais e professores não se mostra de forma clara e horizontal, no entanto ambos os trabalhos não citam formas de diminuir esses desentendimentos.

O artigo de Soares e Farias (2018), também aponta essas tensões existente entre os complexos, todavia o foco desse trabalho é discutir os aspectos legislativos que incentivam essa relação, como o próprio programa bolsa família que torna obrigatório matrícula e frequência na escola. Por fim, o artigo também versa sobre formas que a escola pode adotar para incentivar a participação da família no processo educativo dos estudantes, e propõe que festividades e reuniões sem o intuito de discutir notas possam ser boas alternativas de aproximar essa família e de entender como ela percebe a escola, visto que nos resultados do artigo de Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017), é verificado que as famílias entendem a importância da escola na formação do estudante, no entanto não sabem como podem participar desse processo educativo junto a escola. No geral as pesquisas apontam os problemas e desencontros nessa relação e trazem o diálogo como uma forma de amenizar os distanciamentos e criar estratégias para

aproximar os complexos, no entanto a falta de entendimento da função social de cada um deles ainda se mostra uma grande barreira.

A respeito das dissertações encontradas, os trabalhos de Cordeiro (2018), Marques (2016) e Carvalho (2015), destacam a função social que se espera de cada complexo e dos conflitos encontrados nessa relação, sendo um deles a culpabilização da família pelo mal desempenho dos estudantes. Já outras pesquisas em nível de mestrado, como as de Padovini (2016) e Santos (2016), frisam formas de diminuir o distanciamento entre ambos os complexos, tendo a comunicação horizontal e esforço entre família e escola como único meio de desenvolver uma relação que vise a educação coletiva, que também tem seus desafios, principalmente quando se tratam de aspectos ligados as condições socioeconômicas. Por meio dessas dissertações percebemos que a comunicação é entendida como ferramenta que pode aproximar os complexos e superar desentendimentos quanto as funções sociais que os cabe, sendo um ponto muito recorrente a percepção de algumas famílias sobre a escola, que é a de um complexo que prepara o estudante apenas para o trabalho e não para sua vida.

Ainda sobre nossa consulta, damos destaque ao trabalho de Nascimento (2017), diferentemente das demais pesquisas citadas até aqui, essa busca, por meio de análise de teses e dissertações, fazer um levantamento conceitual do que seria essa parceria entre família e escola. Além disso, o autor aponta as atribuições que a legislação designa sobre a responsabilidade de cada um desses complexos confrontando-a com a realidade concreta. Portanto, nesse trabalho o autor visa levantar o questionamento do que se entende sobre a relação família e escola e como essa vem sendo abordada nos trabalhos. Em seus resultados, são discutidos que muitas vezes essa relação é direcionada por políticas públicas e interesses governamentais que tem como estratégia maior controle mesmo que de forma sutil da conduta daqueles que participam dessa relação.

O autor também questiona o próprio conceito de família e escola. Ele debate que o conceito e a função de ambas estão intimamente imbricados com o social, dando ênfase principalmente ao cenário político e de como ele conduz essas relações. Apesar de nos apontar para uma discussão muito rica, Nascimento (2017) se propõe apenas em fazer um levantamento bibliográfico, não adentrando em como essa relação acontece na realidade e quais os efeitos dela na educação, assim como essa participação é entendida pela família e pela a escola.

A respeito das teses, encontramos as mesmas questões já debatidas anteriormente nos artigos e dissertações, como problemas na comunicação e culpabilização mútua, mudando apenas a forma como o assunto é abordado. Posto isso, na tese de Macedo (2018), é discutido que ao se tratar de adolescentes muitas vezes as famílias querem participar do processo

educativo, mas não sabem como, principalmente porque veem nessa parceria um meio de se aproximar não só da escola, mas do estudante, sendo assim, a autora argumenta que a família em determinados casos espera que a escola as convide e as guie até mesmo em compreender suas necessidades e dificuldades de participar na vida escolar.

A respeito dessas dificuldades, pesquisa como as de Lima (2017) e Junges (2015), discutem as representações sociais da escola sobre a família e de como esse fator pode influenciar na dinâmica, em que, muitas vezes a família é taxada de estruturada e não estruturadas pelo simples fato de participar mais ativamente ou não da vida escolar do estudante, o que garante para algumas uma maior atenção por parte da escola. Outro ponto encontrado aqui seria a posição do professor nessa relação, e de como ele é importante na mediação com a família, em razão de que esse se apresenta como o principal representante da escola. Assim, essas duas pesquisas alertam para a necessidade de bom preparo e manutenção do corpo docente. Por meio da análise dessas pesquisas podemos perceber que ainda se faz necessária maior discussão de formas de se trabalhar com a pluralidade da comunidade ao redor da escola e também meios de trazer a família para o debate sobre as práticas educativas na escola, de modo a construir uma parceria saudável, em que cada uma contribui com aquilo que pode.

Por fim, outra pesquisa que discute essa relação é a tese de doutorado de Pimenta (2014), entretanto, diferente das demais pesquisas, essa se propõe primeiramente a fazer uma análise histórica com base no Materialismo Histórico-Dialético, e procura analisar os diferentes fatores que interferem na relação estabelecida entre escola e família a partir da experiência de implantação dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFSP– Campus Barretos.

A respeito dos resultados, a autora nos proporciona uma visão mais ampla dessa relação, ao passo que ela não desconsidera os problemas já debatidos em outras pesquisas como a relação entre família e escola, e muito menos os conflitos provenientes dessa relação. Mas, ao orientar seu pensamento pelo Materialismo Histórico-Dialético a autora desenvolve e apresenta uma compreensão mais abrangente da complexidade do objeto, mostrando que essa relação se apresenta em movimento e que pode ser vista por vários ângulos. Assim, Pimenta (2014) aponta que a forma de relação entre família e escola se apresenta dinamicamente, desde a creche até o ensino médio, em que as formas de participação e os conflitos vão mudando de foco e patamar.

Pimenta (2014) destaca ainda, que, ao longo da história, tanto a família como a escola construíram barreiras que dificultam esse relacionamento, e que, por isso, ainda confundem suas responsabilidades e convivem de forma a culpabilizar a outra pelos fracassos no que se relaciona à educação. Com base nessas discussões, foi percebido que, mais do que analisar essa

relação, é imprescindível compreender o que seria essa escola e essa família, não de forma descolada do tempo e do espaço, mas em meio a todas as mediações que a constituem.

Em síntese, o conjunto de pesquisas analisadas aponta que, embora a problemática que envolve a relação família e escola figure como questão central quando se discute a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes na escola, muito pouco ainda se conhece sobre como efetivamente a relação família e escola determina a qualidade desse processo. Portanto, mesmo em face das pesquisas já realizadas e aqui analisadas, algumas questões relacionadas a tal problemática ainda emergem: até que ponto a participação efetiva das famílias determina a qualidade dos resultados dos educandos nos processos educativos escolares? Qual a real necessidade da participação das famílias nos processos educativos vivenciados pelos estudantes na escola? Família e escola necessariamente precisam estar em relação para que os estudantes tenham sucesso nos processos educativos? O que de fato é responsabilidade das famílias e responsabilidade da escola no que diz respeito aos processos educativos escolares? Que características deve possuir essa relação para que os processos educativos venham a ser bem-sucedidos na escola?

Partindo do pressuposto de que o ser humano se constitui historicamente pela mediação de inúmeras determinações, destacamos família e escola como complexos sociais que atuam nesse processo conjuntamente. Mesmo reconhecendo suas particularidades estruturais e funcionais, não podemos ignorar que ambas trabalham de forma a mediar o desenvolvimento da vida do estudante, dentro e fora do espaço escolar. A fim de conhecer melhor esse processo, realizamos pesquisa a partir da seguinte **problemática**: Como deve se constituir a relação família e escola na mediação de práticas educativas para a formação do estudante?

Antes de adentrarmos nos detalhes desta investigação, é necessário esclarecer nossa compreensão acerca de família e escola como complexos sociais, isto é, totalidades distintas que estão dispostas na realidade. A respeito do conceito de totalidade, nos baseamos nas ideias de Kosik (2002) ao afirmar que a realidade deve ser compreendida como uma totalidade concreta, que seria um todo inacabado e em movimento, uma estrutura formada de partes que podem se apresentar tanto em conjunto como de forma independente. Visto isso, a realidade enquanto totalidade não se mostra como a soma dos fatos, mas como a interação das partes que formam o todo, a qual tem sua apreensão possível apenas por meio dos fenômenos da coisa, ou, mais precisamente, por sua imediata aparência que, à medida que nos revela o objeto, também esconde a essência do mesmo.

Ainda sobre totalidade concreta, para Lukács (2018), a realidade pode ser concebida como uma totalidade maior constituída de totalidades parciais e nexos que se articulam entre si

em constante interação e desenvolvimento. Portanto, o autor reitera a ideia de realidade como partes em movimento, como complexos de complexos, tendo família e escola como parte dessa relação que constitui o ser social.

A respeito do conceito de complexos sociais, é importante destacar que para Lukács (2018), o trabalho é a categoria fundante do ser, entretanto, essa não o esgota, ao contrário, o complexifica, o que abre margem para o alargamento da reprodução humana e do desenvolvimento de novas necessidades, assim como também amplia as formas que estas podem ser supridas. É a partir dessa complexificação que novos complexos são desenvolvidos e esses começam a interagir mutualmente, formando uma totalidade social que tanto é constituída pela produção humana, como também a constitui por meio dos complexos sociais.

Analisar a realidade como totalidade concreta nos leva a compreender o humano enquanto complexo em relação com outros complexos que o desenvolvem, e que para chegar a sua essência é importante analisar a sua historicidade, dando ênfase às mediações que o constituem e partindo de sua gênese. Assim, consideramos a família e a escola como complexos sociais intimamente ligados com a reprodução do gênero humano por meio da mediação de atividades realizadas por pares mais experientes, e que, por conseguinte, têm como função a reprodução da generalidade humana no Homem. Portanto, considerar ambas como complexos é ter em vista que elas não se mostram como algo isolado, mas como nexos de uma totalidade maior, um complexo dos complexos.

Dessa forma, conceber a realidade por esse viés é entender o humano em suas relações, marcadas por contradições e lutas, é ver a realidade para além da forma que ela se apresenta, refutando toda e qualquer explicação fatalista e dogmática para os problemas sociais.

Mediante essa forma de conceber a realidade e os complexos sociais família e escola, bem como a problemática anunciado, esta pesquisa tem o **objetivo geral** de analisar o desenvolvimento da relação família e escola na mediação da formação de estudantes em contexto de pesquisa-formação. Para alcançar esse objetivo, delineamos os seguintes **objetivos específicos**:

1. Compreender por meio de encontros formativos as significações que os professores produzem sobre o papel da família no desempenho dos estudantes na escola;
2. Analisar as significações acerca das condições objetivas e subjetivas existentes que medeiam a relação família e escola e o impacto desse vínculo no desempenho escolar dos estudantes;
3. Analisar as significações acerca das possibilidades de aproximação entre família e escola com o propósito de melhorar a qualidade dessa relação;

Portanto, o estudo dessa temática, por meio das categorias mediação, relação família e escola e desenvolvimento humano se mostra como imprescindível na compreensão da essência dessa realidade, favorecendo, assim, o entendimento de como os processos educativos são desenvolvidos, quais as perspectivas, expectativas e contradições que se mostram entre esses dois complexos mediadores de desenvolvimento humano e como eles impactam na educação escolar. Assim, investigar esse tema justifica-se para contribuir no que tange ao desenvolvimento da produção científica da temática “relação família e escola”, tendo por base o Materialismo Histórico-Dialético e meio de análise a Psicologia histórico-cultural.

Como metodologia, optamos pela realização da pesquisa-formação envolvendo professores tanto do ensino fundamental quanto do médio. Os dados foram produzidos a partir de encontros mensais, nos quais eram realizadas formações por meio de discussões de texto e exposições de materiais. Posto isso, considerando que a nossa pesquisa emergiu de um projeto de extensão do NEPSH, os dados escolhidos para originar esta dissertação foram aqueles produzidos por meio de questionário, diário de campo (registro de rodas de conversas) e sessões reflexivas. Todos os encontros foram gravados e tiveram seus dados transcritos e organizados, por fim optamos pela proposta metodológica dos Núcleo de Significação para analisar os dados que foram produzidos nos processos formativos. É importante ressaltar que devido ao distanciamento social acarretado pela pandemia do novo coronavírus optamos por trabalhar apenas com os dados que já tinham sido produzidos até o momento.

Com a realização desta pesquisa, esperamos produzir conhecimento que propicie reflexão crítica por parte de familiares e professores, provocando inquietações e contribuindo para a promoção de busca ativa que favoreça melhor interação e desenvolvimento de práticas que fortaleçam os laços entre esses dois complexos. Para que assim seja promovido uma educação que ultrapasse os muros da escola e que contribua no desenvolvimento humano do educando, para que esse possa vir a se apropriar de conhecimentos culturais mais complexos à medida que transforma a sua realidade.

.

2 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA COMO MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO CONCRETO

Nesta seção, dedicar-nos-emos a analisar o processo de constituição do aluno com condições subjetivas de vivenciar processos educativos que potencializam seu desenvolvimento humano. Para isso, apoiamo-nos nos referenciais da PHC e do MHD, que nos orientam a analisar os processos de desenvolvimento humano sempre tendo em vista a totalidade concreta como mediação fundante. Sendo assim, dividimos essa seção em duas partes, na primeira, discutimos a realidade como totalidade concreta e a mediação dos complexos sociais para a formação humana. A segunda seção será dividida em duas subseções, nelas abarcaremos a família e a escola enquanto complexos sociais distintos e em relação para a constituição do aluno concreto por meio da reprodução do gênero humano.

2.1 A constituição do humano concreto

Desenvolver uma análise gnosiológica com base no materialismo histórico dialético é partir para uma explicação que busca desvelar o mundo nas suas contrariedades e particularidades. Mas o que seria esse mundo? Como ele se apresentaria? Ao considerarmos família e escola na mediação de práticas educativas para a formação do estudante, devemos também questionar como a família e a escola se apresentam nessa realidade? E, principalmente, quem é esse estudante de que falamos e como ele atua na sua realidade? Essas e tantas outras perguntas só podem ser respondidas a partir do momento que traçamos uma discussão que considere esse mundo como algo material e em movimento, isto é, como totalidade concreta que possui dupla dimensão, subjetiva e objetiva.

Todavia, para chegarmos a esse nível de detalhamento e, por assim, respondermos os questionamentos levantados anteriormente, precisamos estruturar primeiramente nossa perspectiva a respeito desse mundo material, para que somente assim possamos adentrar na questão central que seria o nosso objeto de estudo, a “relação família e escola na mediação de práticas educativas para formação do estudante na escola”. Com relação ao mundo material, Afanasiev (1968) aponta que partir da concepção de realidade no materialismo histórico dialético é discutir a concretude das coisas, é ver a natureza como algo posto ao Homem, e mais, é concebê-la em dupla face, uma objetiva e outra subjetiva. Entretanto, isso não aponta a existência de dois mundos, mas que a coisa em si pode ser significada através do que ela aparenta e do que ela realmente é, sendo que nenhuma dessas visões pode ser descolada da

atividade humana, que aqui também chamaremos de práxis.

Ainda de acordo com o mesmo autor, discutir a realidade nessa perspectiva como já foi dito, é partir da noção de que as coisas existem de forma independente do Homem, ao passo que também se constituem e são ampliadas na relação Homem e social, sendo uma delas o próprio ser humano. Mais precisamente queremos deixar claro que as coisas não existem a partir da consciência humana, mas, pelo contrário, o Homem é que percebe por meio dos órgãos do sentido o mundo que a ele é apresentado. Contudo, essa relação não se estabelece de forma direta entre o ser e a natureza, mas sim de forma mediada, em uma relação dialética na qual à medida que o Homem transforma a natureza, ele também é transformado por ela e desenvolve sua consciência, assim, produzindo significações sobre o mundo. É importante destacar que, ao usarmos o termo “Homem”, não estaremos nos referindo ao sexo masculino, mas, sim, ao gênero humano.

Ainda sobre essa relação dialética entre homem e realidade, Konstantinov (1975) discute que o real não se apresenta de forma estática, ao contrário, ele só se revela em seu processo de movimento e transformação. Assim, podemos entender o real como agrupamento de partes independentes, mas de origem comum, que não se apresentam na soma, mas na sua relação dialética. E tem nas suas representações fenomênicas o meio pelo qual o Homem pode vir a entrar em contato com esse real. Antes de darmos prosseguimento a nossa discussão sobre a realidade é importante ressaltar que a relação do Homem com o real não se desenvolve de forma espontânea, mas sim a partir de suas necessidades, isto é, ele conhece o real por meio do movimento de buscar satisfazer suas necessidades (LEONTIEV, 1978), questões essas que serão aprofundadas mais à frente.

Prosseguindo com nossa discussão a respeito da relação do Homem com o real, Kosik (2002) ainda destaca que a realidade não se apresenta à primeira vista, não como algo completo para além daquilo que aparenta ser, mas como um mero recorte do que realmente é, visto que a coisa é percebida em partes por meio do seu movimento. Em razão disso, aquilo que é captado a priori pelo Homem na e pela atividade dele no mundo não é a coisa como um todo, mas a sua representação na realidade, que são os fenômenos.

O fenômeno, portanto, pode ser entendido como a representação aparente da realidade de forma imediata. Ele tem estrutura própria e faz parte da coisa, mesmo assim, não é suficiente para explicá-la na sua completude, todavia, não pode ser visto como algo a parte do real, pois esse é reflexo da essência daquilo que representa (KONSTATINOV, 1975). Dessa maneira, o fenômeno se mostraria como uma pseudoconcreticidade do mundo, da coisa, ou seja, da realidade. Ele é percebido pelos órgãos do sentido e em contato com a subjetividade do Homem

tomam forma e significados, assim, o Homem se relaciona e entende o mundo a partir daquilo que a ele é posto, e estes direcionam a sua ação no real. (KOSIK, 2002).

Visto isso, podemos compreender essa relação com o nosso objeto da seguinte forma: a relação família e escola é percebida nas suas representações fenomênicas, que por si só se mostram muito vastas, no entanto, fica a questão de até onde esse fenômeno representa fielmente o que seria essa relação. Por outro lado, o que é visto e compreendido por aqueles que participam dessa relação não pode ser desconsiderado, já que nesse momento estamos lidando com significações produzidas na prática deles, na atividade, e é por meio delas que o Homem passa a decifrar as representações dessa relação, e, por assim, dar sentido a ela. Aqui, deparamo-nos com a realidade subjetiva da relação família e escola.

Contudo, a realidade objetiva dessa relação se apresentaria na complexidade da constituição das relações que se estabelecem dentro da própria família e escola, ou, melhor dizendo, na sua concretude e nas suas multideterminações, como é apontado por Kosik (2002). De acordo com o autor, a realidade objetiva só pode se desvelar doravante um recorte dos fatos, em movimento de aproximação e distanciamento da mesma. Assim, a realidade objetiva se apresentaria à medida que chegasse à compressão dos nexos que compõem essa família e escola, partindo do todo para as partes.

Segundo Lefebvre (1983), esse processo de aproximação e distanciamento tem como objetivo principal partir do aparente para o mais complexo, que seria a essência da coisa em si, não por via passiva, mas na própria atividade do Homem. Uma vez que, para o autor, o Homem concebe e explica a sua realidade a começar daquilo que ele percebe na sua prática, que foi construída historicamente nas suas vivências, e que pode ficar apenas na aparência da coisa ou usando-a como ponto de partida para uma compressão mais aprofundada.

Desse modo, a concepção que se tem da relação família e escola pode se modificar a partir da própria aparência da relação em si. De um lado, os professores falam da família dos estudantes com base em experiências de vida e daquilo que eles vivenciam na sua atividade diária; de outro lado, a família também constitui uma série de significados e expectativas sobre o trabalho da escola que nem sempre condiz com a realidade objetiva de nenhum dos dois lados, mas que, mesmo assim, influencia diretamente não só na dinâmica entre ambas como também no produto dessa relação que seria a formação do estudante em contato com essa totalidade tanto em termos objetivos como subjetivos. Movimento esse que só pode ser compreendido se partirmos do fenômeno aparente para a concretude da coisa, a fim de desvelar os nexos causais da constituição desse objeto.

Assim, a busca pelo conhecimento da realidade objetiva não pode ser vista como algo que pode ser feita através de pequenos recortes e interpretações isoladas desse real, mas, sim, na análise ampla da coisa em si (KOSIK, 2002). Em virtude disso o mesmo autor aponta que:

[...] o homem, já antes de iniciar qualquer investigação, deve necessariamente possuir uma segura consciência do fato de que existe algo susceptível de ser definido como estrutura da coisa, essência da coisa, “coisa em si”, e de que existe uma oculta verdade da coisa, distinta dos fenômenos que se manifestam imediatamente. O homem faz um desvio, se esforça na descoberta da verdade, porque possui uma segura consciência da existência da “coisa em si” (KOSIK, 2002, p.17).

Com essa afirmação de Kosik (2002), podemos entender que no processo de investigação do real o Homem deve se manter ciente de que existe algo que se apresenta para além daquilo com o qual está implicado. Logo, ao tratarmos da relação família e escola é imprescindível que estejamos conscientes que nosso objetivo não pode se manter pautado em descrever a relação em si, mas os nexos causais que a constituem e as revelam como coisa em si.

O que estamos explicando é que, conforme esse movimento, o Homem pode vir a captar os nexos que compõem essa realidade e desenvolver um novo sentido para aquilo que é compreendido como coisa em si, influenciando diretamente na sua forma de atuar, e, portanto, produzindo novos sentidos sobre a sua realidade. Para Konstatinov (1975), as coisas existem fora de nós, e aquilo que tomamos como real são apenas representações das coisas. Assim, apenas pela atividade, isto é, pela práxis o Homem pode se apropriar de forma mais fidedigna à realidade objetiva, visto que, à medida que ele atua, ele também toma para si as propriedades do meio e constrói a sua realidade (LEONTIEV, 1978), e, desse modo, pode vir a romper com a pseudoconcreticidade. Questão essa que pode ser vista no seguinte trecho:

Condição indispensável para o conhecimento é a influência de objetos da natureza e de processos sociais sobre o homem, mas o conhecimento desenvolve-se porque o homem interfere com a sua ação nos fenômenos objetivos e transforma-os, experimentando a sua influência. Só se pode compreender a essência do conhecimento humano, fazendo-o derivar das peculiaridades desta interação prática do sujeito e objeto (KONSTATINOV, 1975, p. 216).

Em virtude disso, podemos entender que o Homem percebe o mundo através dos movimentos e das representações fenomênicas, é, então, por meio do todo que ele pode chegar

às partes e, então, desvelar a base, a concreticidade daquela realidade que seria a totalidade da coisa. Realidade essa que só pode ser conhecida e transformada em produções histórico sociais através da práxis humana (KOSIK, 2002).

O processo de captação e descobrimento do sentido da coisa é ao mesmo tempo criação, no homem, do correspondente sentido, graças ao qual ele pode compreender o sentido da coisa. É possível, portanto, compreender o sentido objetivo da coisa se o homem cria para si mesmo um sentido correspondente. Estes mesmos sentidos, por meio dos quais o homem descobre a realidade e o sentido dela, coisa, são um produto histórico-social (KOSIK, 2002, p. 29).

Assim, a relação família e escola pode ser melhor desvelada à medida que nos apropriamos da função que cada complexo desempenha na formação do estudante. Em outras palavras, compreender como essas duas faces podem trabalhar em conjunto influenciando uma a outra em uma dinâmica de aproximação e afastamento, na qual cada uma deve ser entendida como uma totalidade concreta e pertencente a um todo que medeia práticas educativas com o objetivo de propiciar a formação humana do estudante para que esse venha a atuar no seu meio social a fim de transformá-lo. Caso contrário, ficaremos presos a sentidos que foram desenvolvidos a partir de atividades pessoais que estão desconectadas das partes dessa totalidade aqui presente.

Portanto, só poderemos compreender essa relação partindo para uma análise que vá além da explicação do real pelo real. É preciso trazer a discussão para a concepção de família e escola enquanto nexos de uma totalidade maior, ou, mais precisamente, como um complexo de complexos que se constitui à medida que os homens se desenvolvem por meio da complexificação das suas necessidades, que antes eram apenas naturais e agora são também sociais (MORETTI; ASBAHR; RIGON, 2011) e, por conseguinte, da sua atividade de trabalho, necessitando, assim, da criação dos complexos sociais.

Em virtude do que já foi apresentado, para adentrarmos nessa ideia de complexos, é necessário discutirmos de forma mais detalhada como se dá a apropriação e a constituição dessa realidade que tem como foco o papel da família e da escola na conscientização de que a educação é um dos meios pelos quais esse estudante pode vir a se humanizar. Para respondermos um de nossos primeiros questionamentos, “Quem seria esse estudante que falamos e de como ele atua na realidade?”, é importante estruturarmos essa discussão a partir de nossa concepção de Homem.

Posto isso, nossa discussão nasce da ideia de que, assim como a realidade, o Homem

também pode ser visto a partir de duas posições, natural e social. Para evidenciarmos melhor essa colocação, basear-nos-emos em Antunes (2018), por que, de acordo com ele, assim como outros seres, o Homem carrega uma série de características e especificidades biológicas que são próprias da espécie. Portanto, a visão de Homem enquanto ser natural está relacionada a aspectos orgânicos e primários que são repassados de geração a geração, geneticamente.

Ainda de acordo com o mesmo autor, esse Homem possui necessidades e procura supri-las na natureza. No entanto, para satisfazer estas necessidades, o Homem busca conhecer e se apropriar de elementos do seu meio mediante o desenvolvimento de atividades que visem solucionar alguma demanda e, então, modificar seu meio, este que também o modifica. Essa posição do Homem frente às necessidades aponta a outra vertente do seu desenvolvimento, que seria por meio do social, sendo esse ponto o que o distinguiria dos demais animais. Compreendemos que, à medida que o Homem modifica a natureza, ele passa, em consequência, a produzir conhecimento sobre ela satisfazendo suas necessidades, logo, complexificando-a, como podemos ver nesse trecho:

Portanto, uma parte da natureza, com necessidades naturais e capacidades igualmente naturais de satisfazê-las, ao invés de simplesmente adequar-se às possibilidades dadas pela natureza, ajusta, adapta, transforma não só essas possibilidades, mas a própria natureza como um todo às suas necessidades (ANTUNES, 2018, p. 37).

A partir do que foi colocado, podemos compreender que o Homem se mostra tanto como ser natural, no sentido biológico, quanto como ser social, o qual é desenvolvido por meio da sua atuação no mundo. Mais precisamente, ele sai da condição de ser natural para gênero humano, em razão da sua condição humana não se desenvolver de forma natural e espontânea, mas, sim, a partir do momento que ele entra em relação com a natureza e a transforma, acumulando experiência sócio-histórica que mais tarde é repassada às gerações futuras por meio de práticas e vivências, como no caso da família e da escola, e assim constituindo o humano para atuar no seu contexto social (LEONTIEV, 1978; DUARTE, 2004).

Entretanto, cabe aqui destacar que essa relação não se mostra de forma direta, mas, sim, mediada. Pois, como afirma Tuleski (2008), o Homem produz ferramentas e é por meio delas que ele se relaciona com a realidade. Nessa atividade, ele não só transforma a natureza em uma extensão inorgânica do seu corpo, como também desenvolve a sua consciência à medida que vai se apropriando de novos conhecimentos, em uma dinâmica de exterior para interior (MORETTI; ASBAHR; RIGON, 2011). Em outras palavras, a consciência tanto é produto da

atividade humana no social, como também é sua produtora à medida que é por meio dela que o Homem planeja previamente suas ações.

Essa relação do Homem com o meio na sua apropriação da realidade é apresentada por Engels e Marx (2009) ao afirmarem que é o Homem o produtor da sua história, e que, conforme ele transforma o seu meio, também modifica a sua consciência, o que complexifica não só as suas necessidades, que antes eram apenas biológicas e agora passam a ser histórico-culturais (MORETTI; ASBAHR; RIGON, 2011), mas também a forma de supri-las, sendo o trabalho a categoria fundante da constituição desse novo ser.

Segundo Lukács (2018), o trabalho é algo próprio do gênero humano. Por meio disso, o Homem se desenvolve, produz e reproduz o social ao passo que também se desenvolve. O trabalho, portanto, se diferencia das demais atividades dos outros animais porque, por ele, o Homem exterioriza uma ação anteriormente idealizada. Desse modo, ele não só modifica o meio, mas também põe em prática aquilo que estava na sua imaginação.

Ainda de acordo com o mesmo autor, "[...] o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na medida em que nesta — mesmo se através de mediações muito extensas — sempre são realizadas posições teleológicas, por último materiais." (LUKÁCS, 2018, p.12). A respeito dessas posições teleológicas, Santos (2019) discorre sobre apontando-as como fatores necessários ao entendimento da categoria trabalho. Segundo ela, a teleologia seria o ato de projetar a finalidade antes da atividade ser finalizada, portanto uma ação consciente que visa satisfazer uma necessidade, um “pôr teleológico”.

Chegamos, assim, a um ponto central na discussão desses complexos, que seria a necessidade. A respeito disso, Lessa (2016) discute que, na busca para satisfazê-la, o Homem passa a complexificar a sua atividade, todavia ele não parte de um ponto inexistente, mas, sim, de um conhecimento já acumulado historicamente, que seria aqui a generalidade. Desse modo, a posição teleológica do Homem se confronta com uma causalidade dada, portanto, algo presente no seu meio que ele precisa superar, ao fazê-la essa passa a se complexificar, e o que antes era dada, passar a ser uma causalidade posta. Mas para que se realize esse movimento o Homem deve partir de conhecimentos já concebidos historicamente, em uma relação entre singularidade e generalidade, e é na síntese dessa relação que se constitui a totalidade social.

A totalidade social, portanto, segundo Santos (2019, p. 23), seria a “[...] relação entre teleologia e casualidade”. Para Lessa (2016), ela é a composição resultante dos atos singulares que, por meio do trabalho, se configuram não mais como individualidade, mas como generalidade, visto que não podemos esquecer que o Homem também é uma totalidade. Então, todo ato singular seu se mostra como um fenômeno de uma gama de relações historicamente

determinadas, e a síntese dessa totalidade social, que é composta de individualidade e generalidade, se apresenta como a substância social que por meio do trabalho e dos complexos provenientes dele passam a reproduzi-las, muitas vezes, por meio da educação, que, de acordo com Saviani (2018), atua de modo a fazer com que esse Homem seja parte ativa do seu período histórico. Portanto, os complexos responsáveis pelos processos educativos atuam com esse estudante, que é resultado de múltiplas determinações, ou seja, que está em processo de humanização, e, no contato com as generalizações, torna-se atual ao modo de viver da sua época, isto é, a educação situa esse estudante em um contexto social cada vez mais complexo e que tem sua origem no trabalho, mas que não se esgota nele.

Em virtude disso, Lukács (2018), ao discutir o trabalho como categoria fundante do Homem e, portanto, do social, aponta:

À medida em que o processo de trabalho progride, descobrindo e realizando o novo, novas necessidades e novos caminhos para sua satisfação, impõe socialmente não apenas em medida crescente sua própria expansão, seu próprio aperfeiçoamento, mas, simultaneamente a isso, uma divisão de trabalho não apenas técnica, mas social (LUKÁCS, 2018. p.135).

Partindo do que foi discutido, conforme Santos (2019), o trabalho funda o social conforme as necessidades do Homem se complexificam. Dessa forma, a sociedade passa também a se tornar mais especializada e, conseqüentemente, requer cada vez mais desse Homem maior sofisticação de suas práticas. Nesse movimento, para suprir essas novas necessidades, surgem do trabalho os complexos sociais, que têm o papel de mediação e, também, de reprodução social, sendo dois deles a família e a escola que reproduzem esse gênero humano por meio da educação.

Diante disso, para Lukács (2018), os complexos sociais são produtos do trabalho e teria para com ele uma relação de identidade e não-identidade. A primeira porque os complexos, assim como o trabalho, movimentam cadeias causais, mas do Homem consigo mesmo. Já a de não-identidade se dá pelo fato de que, diferente do trabalho, não se daria em relações primárias, ou seja, entre o Homem e a natureza. No caso do nosso objeto de estudo, essas relações se estabeleceriam dentro do complexo escola, nos seus nexos, e da mesma forma nos nexos da família, em outras palavras, aqui as relações seriam entre os membros desses complexos.

A função, então, desses complexos, segundo Lessa (2016), se encontraria na mediação da relação do Homem com o mundo por meio do contato com seus iguais. Ele deve se apropriar de conhecimentos e se desenvolver de forma cada vez mais especializada para atuar no social

a partir de aspectos genéricos que se encontram com as singularidades. É aqui, em nosso caso, que se estabelece a relação do estudante concreto, que possui sua singularidade como resultado de múltiplas determinações sócio-históricas, como um ser que tem sua própria história e que se desenvolve em aspectos objetivos e subjetivos (MORETTI; ASBAHR; RIGON, 2011; LEONTIEV, 1978), tendo por base sua atividade prática no mundo, que é resultado e também produto da produção cultural humana.

Dito isto, os complexos sociais, ao fazerem essa mediação, proporcionariam também a reprodução social, que, de acordo com Rossi (2018), ao se situar na educação como nosso objeto, teria como objetivo qualificar o Homem a reagir a determinadas situações a partir da sua apropriação da produção histórico-cultural. A educação aqui desempenharia um papel semelhante ao trabalho, que seria da formação humana. Segundo Moretti, Asbahr e Rigon (2011), a educação seria o meio pelo qual esse Homem poderia se humanizar à medida que fosse se apropriando de conhecimentos historicamente desenvolvidos, assim como comportamentos e capacidades que foram se refinando nas práticas humanas e que caracterizam o Homem como ser diferente das demais espécies. Em outras palavras, como aponta Saviani (2003), é pela educação que se dá a possibilidade da humanização do Homem, e cabe aqui colocar a família e a escola como mediadoras das ações que favoreçam o desenvolvimento, em nosso caso, de um estudante concreto em contexto de pandemia, isto é, tendo o distanciamento social como causalidade posta no seu processo formativo objetivo e subjetivo.

Posto isso, família e escola se mostram como complexos sociais distintos que pertencem a uma totalidade maior, que seria o complexo de complexos. Ambas são independentes e, ao mesmo tempo, se relacionam com os demais complexos, sendo elas parte de um todo. Também é importante deixar claro que estas, como coisa em si, não se explicam apenas por seus fenômenos, mas, sim, através das suas relações internas que se dão pelos seus nexos. Assim, cada um desses complexos seria responsável em mediar algo que é particular a si próprio e, em virtude disso, proporcionar meios que facilitem a apropriação desse estudante à generalidade humana, trazendo suas vivências e seu contexto como parte essencial da sua educação (SAVIANI; DUARTE, 2010), pois o estudante deve participar de forma ativa do seu processo formativo, que se dá pela reprodução.

Conforme Lessa (2016), essa reprodução social é resultado da contrariedade entre o genérico e o particular. No desenvolvimento do Homem e, portanto, na sua relação com o social, ele deve tomar posições teleológicas com as casualidades postas, e, a partir dessa dinâmica, como já foi explicada anteriormente, ele precisa tomar decisões que têm cunho particular e genérico. Nesse sentido, Lukács (2018) afirma que, por essa relação, todo ato singular é

primário, mas que, com o passar do tempo, pode se complexificar e vir a ser um ato genérico, como um conhecimento que surge de uma prática individual e passa a se tornar institucionalizado como uma prática social e mediadas por meio dos complexos.

É por meio desse movimento que o Homem pode elevar sua consciência em escala social, como aponta Lessa (2016. p. 89):

Ou seja, à medida que a generalidade humana se eleva a patamares crescentes de consciência, à medida que o gênero humano se constrói cada vez mais como genérico e social, as individualidades necessariamente se complexificam. Elas, também, elevam o seu nível de autoconsciência.

Portanto, a partir do próprio social, o Homem tende também a se complexificar em uma dinâmica de apropriação e superação da realidade. Em outras palavras, por meio da generalidade, ele especifica mais ainda a sua ação no social e, desse modo, passa a produzir diferentes significações a partir daquela realidade que a ele é posta. Tudo isso em prol de colaborar para uma formação humana que proporcione condições básicas para que esse Homem atue nesse social.

Em meio a isso, os complexos sociais atuam nessa relação de mediação do ser com os conhecimentos genéricos. Por meio disso, refina atividades singulares a fim de suprir necessidades que se complexificam juntamente com o desenvolvimento do próprio social, ou mais precisamente da própria realidade objetiva. Nessa dinâmica, destacamos a família e a escola como dois complexos importantes na mediação entre Homem e mundo, posição essa que norteia toda a nossa discussão, e que será debatida de forma aprofundada na parte seguinte ao apresentarmos cada complexo.

2.2 A relação família e escola: complexo social que constitui o aluno concreto

Ao procurar discutir os meios que levam ao desenvolvimento humano é necessário apresentar uma análise que considere o Homem nas suas multideterminações. Em virtude disso, destacamos aqui os complexos sociais como meios que proporcionam as mediações necessárias para que se constituam enquanto gênero humano e, por assim, produzam o social. Para tanto, passaremos a tratar dos complexos família e escola e de como estes medeiam o desenvolvimento do aluno concreto.

2.2.1 A família como complexo social

Partimos da premissa de que a família é um complexo social que tem papel fundamental na formação dos indivíduos. É na família que se inicia o processo de humanização da pessoa, sendo assim, de constituição do gênero humano. A família é, portanto, o grupo social que insere o humano no mundo dos homens.

De acordo com Johann (2018), não é fácil encontrarmos uma definição que abranja a amplitude da noção que se tem por família, por outro lado, a mesma pode tentar ser definida a partir da ideia de grupo de pessoas ligadas pela relação de proximidade ou de consanguinidade. A constituição federal de 1988, aponta em seu texto não o conceito diretivo da família, mas daquilo que poderia ser entendido por grupo familiar e seus deveres. Em vista disso, constitucionalmente, a família é vista como a base da sociedade civil que se desencadeia a partir de uniões civis, e que pode ter o caráter de comunidade, devendo proteger e educar seus componentes mais jovens.

Se formos mergulhar um pouco nos aspectos históricos, poderemos também compreender a família como o complexo primeiro e presente em todas as sociedades, sendo ela um dos meios mais importantes para o desenvolvimento humano, seja em aspectos individuais e até em escala social (SANTOS, 2016). É necessário pontuar que apesar de presente nas mais variadas sociedades, a família não pode ser vista como algo natural da espécie, o que estamos explicando é que esse complexo se desenvolve por meio das relações humanas, pois ela em si é parte desse social, como aponta Johann (2018). Assim, a família, enquanto complexo social, se apresenta como resposta às necessidades da sociedade, a primeira não só surge como também evolui e se complexifica junto à outra.

No que se refere ao termo “família”, Santos (2016) argumenta que a palavra surgiu na Roma antiga e vem do latim *famulus*. O propósito dessa nomenclatura era designar um novo grupo que se formava, e que não se restringia apenas a laços sanguíneos, ao contrário, seriam compostos de escravos/ serviçais sob o comando ou proteção de um chefe em comum. Destacamos que apesar de o termo ser datado da Roma antiga, esses tipos de grupos já eram encontrados até mesmo em povos mais primitivos, porém nesses as relações se estabeleciam não apenas por laços afetivos e sanguíneos, mas para proteção e reprodução. Essa fluidez estrutural da família, de acordo com Engels (1984), é resultado tanto da cultura local, como das relações que se estabelecem entre o grupo e o meio social, principalmente as de ordem econômica. Em virtude disso, para ele, só poderíamos compreender a família de forma mais abrangente hoje, se refletíssemos a sua constituição histórica.

Logo, de acordo com o mesmo autor, a noção de família se modificava consoante às demandas vindas do social, e por isso era quase impossível estabelecer uma análise desse grupo fora do contexto histórico, ou entender quem viria primeiro, o social ou a família. Assim, Engels (1984) passou a investigar as relações conjugais e a organização dos grupos, visto que, para ele, esses vieses seriam os primórdios do que entendemos atualmente por família, partindo de uma ideia de relações de grupo apenas pela sobrevivência, chegando logo em seguida no poder patriarcal onde o Homem detinha o poder sobre todos os membros e escravos chegando, enfim, na organização do grupo familiar com base na propriedade privada.

A partir desse breve histórico e da noção sobre complexos sociais, podemos apontar que a família tem relação direta com a complexificação das necessidades, sejam essas de ordem pessoal ou social, o meio se modifica e a família deve acompanhar e se adequar para que possa sobreviver a esse processo. Logo, a família sendo um dos primeiros complexos presentes na vida do Homem (ZOADELLI, 2018), ela desenvolve uma função central frente aos outros, ao ponto de que qualquer modificação mais abrangente no seu seio poderia levar a uma grande modificação na constituição do social.

Portanto, como é argumentado por Engels (1984, p.91), “a única coisa que se pode responder é que a família deve progredir na medida em que progrida a sociedade, que deve modificar-se na medida em que a sociedade se modifique; como sucedeu até agora. A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema”. Mostrando, assim, a relação dialética da família para com o social, ou mais precisamente para a totalidade concreta da qual faz parte.

Posto isso, com relação aos saltos que esse complexo deu na sua história recorremos a Delmond (2015). A autora argumenta que as modificações mais pertinentes à relação estrutural começarão a acontecer a partir do momento que essa sai do campo e passa a se organizar nos espaços urbanos. Esse movimento não aconteceu de forma imediata e simples, mas foi a partir dele que se deram as transformações mais importantes, como os grupos que eram extensos e agora passam a se tornar mais reduzidos. As relações que se estabeleciam primeiramente pela proteção, depois pelo poder patriarcal, mas agora têm na sua base o afeto e a reprodução e, talvez a mais importante e que regularia todas essas outras, a estrutura de toda a família giraria em torno do capital e do trabalho. As casas diminuem, os membros dessa família passam a trabalhar nas fábricas e o modelo adotado passa a ser o burguês.

Para Campos (2016) e Zoadelli (2018), ao sair do campo e ir para a cidade as relações se modificavam e a família passava a ter outro papel para com os seus membros. O modelo burguês tomava conta das relações, mas nem todos podiam acompanhá-lo de forma integral, o

que ocasionava grande contradição na própria sociedade, na qual havia um modelo, mas que não podia ser seguido por todos. Podemos apontar como exemplo o papel da mulher, que nesse modelo tinha a posição de cuidadora do lar e dos filhos, enquanto o homem seria o provedor, sendo de responsabilidade desse último o sustento da casa. Todavia, essa mesma realidade não se apresentava nas classes mais pobres, em que tanto o homem como a mulher deveriam trabalhar para o sustento da casa, aqui, passavam a servir aos mais ricos e vendiam sua força de trabalho com o único intuito de sobreviver.

Segundo Delmond (2015), o modelo burguês ainda continua vigente nos dias atuais, no entanto esse não se mostrou cristalizado, muito pelo contrário, esse sofreu transformações e influenciou a própria família na estrutura e na relação dos seus membros, tudo isso em prol do fortalecimento do modelo capitalista, onde o centro das relações passa a ser a propriedade privada. Nessa dinâmica, as mulheres passam a ganhar mais espaço e direito na sociedade, rompendo, mesmo que de forma sutil, o modelo patriarcal. Agora, o individualismo e a divisão do trabalho tomam como ponto de partida toda a modificação do social.

Ainda de acordo com a mesma autora, nessa nova estrutura, a família diminuía com relação ao número de filhos, e cada um deles passava a ter maior importância para a continuidade do grupo e até mesmo de sua ascensão social. Visto que a família se encontrava em relação com os demais complexos sociais, e ela, enquanto totalidade parcial, deveria garantir a sua renovação constante para a própria manutenção dessa sociedade. Tal ponto pode ser percebido na afirmação de Cordeiro (2018, p.35), onde pontua que “a família é uma instituição universal, porém, resguarda especificidades históricas, locais, singulares e culturais, as quais são advindas do tempo histórico, da sociedade e da cultura em que está inserida. É um espaço de socialização primária dos sujeitos”. Portanto, a família seria uma totalidade parcial, mas que não se mostraria descolada do todo, de uma totalidade maior, de um complexo de complexos.

Partindo do que já foi dito, como o que seria a família, sua composição e mudança, e por que devemos ver ela como totalidade parcial, podemos agora compreender melhor o motivo da mesma ser apontada como um dos complexos sociais mais importantes, ou melhor dizendo, a sua função na formação humana e o que ela reproduz.

Sobre isso, Santos (2016) afirma que a família é o primeiro espaço responsável pela educação do Homem, que ocorreria de forma prática através dos outros membros, e seria uma peça fundamental para a sua adequação ao social. Nessa mesma direção se encontra Oliveira e Lopes (2020), para elas, é responsabilidade da família promover a integração do Homem à sociedade, nela, os membros mais velhos assumem o papel de mediadores de saberes para os mais jovens. Delmond (2015) e Cordeiro (2018) também consideram que é na família que o

Homem tem suas primeiras interações que influenciam diretamente no seu emocional, na formação de hábitos, na construção de valores e no aprendizado de costumes e atitudes que são próprias daquele grupo familiar, essenciais na sua formação humana e na relação com o meio social.

Sobre essa transmissão de saberes, é importante destacar que ela não se restringe apenas a conhecimentos próprios do complexo. De acordo com Santos (2016), a família, enquanto totalidade concreta, faz parte de um todo maior, e nessa relação ela também se apropria e adapta a práticas e costumes dos demais complexos que estão em relação com ela, desse modo, também assume a responsabilidade de reproduzir nos seus membros toda uma herança cultural da humanidade, iniciando, portanto, o processo de humanização do Homem, ou, mais precisamente, do estudante. Ainda sobre essa questão, Oliveira e Lopes (2020) apontam que esse conhecimento não se mostra de forma sistematizado, como em outros complexos, mas que ele seria resultado de uma acumulação de produções histórico-sociais, e que estes seriam transmitidos de geração a geração.

Posto isso, podemos apontar que o complexo social família é responsável em mediar saberes essenciais para as primeiras relações do Homem com o mundo. E desse modo ela não só faria a mediação, como também reproduziria práticas culturais e generalizações sociais e historicamente constituídas. Para Lukács (2018), o tipo de educação desenvolvido na família é de sentido amplo. Nesse tipo de educação, transmitem-se cultura e saberes por meio das gerações e no contato do Homem com pares mais desenvolvidos, que seriam as figuras maternas e/ou paternas, ou melhor, aqueles responsáveis pelo cuidar. Esse tipo de educação visa a transmissão de saberes mais gerais e básicos para a sobrevivência e integração.

Desse modo, a família teria a função de promover os primeiros contatos do Homem com o mundo, portanto, de educação primária. Essa seria o pontapé inicial para a formação humana e apropriação cultural, que, de acordo com Lima (2015), em uma sociedade capitalista ganha também um caráter de investimento, ou seja, a família tenta preparar seus filhos para que esses tenham mais chances de obter um possível destaque no social. Entretanto, somente os saberes repassados pela família não são suficientes à medida que cada vez mais a sociedade se complexifica e requer dos seus membros saberes especializados. Como aponta Silva (2015), é nesse contexto que entra o complexo social escola, a fim de melhorar a formação desse Homem.

Logo, a família enquanto complexo social, se mostra primordial no desenvolvimento do Homem, como em todas as relações que se apresentam no seu meio social, pois são nelas que se estabelecem os primeiros contatos e aprendizagens que dão início à humanização do estudante, processo esse que já é pontuado por Vigotski (2011) ao discutir que a criança, ao

adentrar na escola, já traz consigo alguns conhecimentos que foram apropriados em relações anteriores com pares mais desenvolvidos. Como afirma Rosa (2019, p. 25), “as crianças chegam à escola com conhecimentos prévios de aspecto cultural e social e isso facilita o processo do ensino formal, pois o professor terá como base o que o aluno já sabe [...]”, e essa relação se estenderia durante todo o processo de formação do estudante.

Para Christovam e Cia (2016), nessa dinâmica, a escola se estabeleceria como o complexo que daria continuidade à formação já iniciada na família. Construir uma parceria saudável e colaborativa entre ambas seria de suma importância para impactar positivamente o desenvolvimento do estudante. Todavia, nem sempre essa realidade se mostra possível devido às assimetrias presentes nessa relação, principalmente no que tange aos saberes mediados por cada um. Diante disso, Costa, Silva e Souza (2019) pontuam que é de suma importância trazer para o debate as competências de ambos os complexos para que suas posições não se confundam quanto à sua responsabilidade na reprodução do gênero por meio da aprendizagem.

O mesmo autor ainda argumenta que é preciso que família e escola busquem trabalhar de maneira colaborativa com um objetivo claro que seria a formação desse estudante de forma potente. Para isso, é necessário estabelecer uma relação horizontal na qual seja contemplada a aprendizagem advinda tanto da educação formal, que se estabelece por meio de práticas educativas previamente organizadas, portanto aquela que é realizada na escola, quanto da educação informal, que acontece em complexos como o familiar por meio de práticas que não são institucionalizadas, como hábitos, comportamentos, dentre outros.

Desse modo, a partir do que foi apresentado, fica clara a importância do complexo família quando se discute educação e formação humana, visto que essa se apresenta como o primeiro meio de humanização do Homem. Todavia, ao passo que o meio vai se complexificando, mais é requerido que ele se especialize e se aproprie de conhecimentos mais sofisticados, é nesse movimento que a família começa a se relacionar com outros complexos que são essenciais nessa formação objetiva e subjetiva do Homem, complexos como a escola.

2.2.2 A escola como complexo social

Na subseção anterior, discutimos o papel do complexo social família na formação humana, o seu desenvolvimento e a sua importância para a reprodução do social. Destacamos também como ele se apresenta enquanto totalidade parcial concreta, chegando ao ponto mais importante da nossa discussão que seria o seu papel educativo, que, em muitos casos, se articula

com outros complexos, sendo um deles a escola. Posto isso, desenvolveremos aqui uma discussão sobre a escola e o que essa reproduz enquanto complexo social.

A palavra escola vem do latim “*scholare*”, termo que se refere a espaço onde se desenvolvem processos de instrução das mais variadas formas, a mesma palavra também faz referência a um espaço físico que tenha um corpo docente e discente em relação. Em suma, falar de escola é falar de um local onde se estabelece a troca de conhecimento de forma previamente organizada, saberes esses que são especializados (AMBRÓSIO, 2014).

A mesma autora salienta que, assim como a família, a escola também foi se constituindo e mudando sua atuação a partir das necessidades presentes no social. Assim, à medida que a sociedade se desenvolvia, mais a escola se transformava e modificava suas práticas. Todavia, esse complexo não se desenvolvia de forma independente, mas, sim, como uma forma de responder às demandas do social, principalmente quando se tratava de propagar ideologias que guiassem os homens para uma possível organização social. Mais precisamente, a escola teria como função mediar práticas que direcionariam a tessitura social de cada momento histórico. Conforme é apontado por Magalhães e Martins (2020), esse complexo é produto e produtor da realidade, guiando os homens no seu processo de humanização e adequação à sua época.

Ainda a respeito desse desenvolvimento e amadurecimento em relação à escola, podemos fazer breve menção a alguns períodos históricos. De acordo com Cordeiro (2018), não apenas a escola, mas todo tipo de processo educativo presente era visto como meio de fortalecer o Estado no sentido que adequava os homens às necessidades de cada época. Portanto, mesmo a educação em espaços não escolares se desenvolvia de forma a regular a vida em sociedade (SAVIANI, 2016), mudando apenas o momento e a forma em que se estabelecia.

Se traçarmos uma linha e pontuarmos os principais fatores, cada momento histórico terá uma grande responsabilidade no que se entende hoje por escola. Começando na Idade Média, que ainda apresentava educação bem restrita e tinha boa parte da sua população vivendo nos campos sob forte influência da igreja. Nesse período, a transmissão de conhecimentos ainda se dava de forma oral, posto que a leitura e a escrita eram privilégios de poucos. Esse panorama foi mudando a partir do Séc. XII com a modernização das cidades e o crescimento substancial do comércio e de uma nova classe que surgiria dele. Desse modo, se estabelecia a necessidade de ter uma população mais escolarizada que pudesse tocar pequenos negócios (CAMBI, 1999; CORDEIRO, 2018).

Ainda de acordo com os mesmos autores, essa modificação de panorama na educação não se desenvolve por conta de uma necessidade inerente ao Homem enquanto ser singular, mas sim de questões relativas a própria organização das cidades. Questões essas que seguiram

durante o intervalo dos séculos XV e XIX, período em que se sucederam inúmeras revoluções e reformas. Surgem, então, novas classes sociais, a população passa a sair do campo e ir para as cidades, demandando delas um aprendizado mais específico, no qual era semeado a ideia do individualismo e a realização a partir da apropriação de conhecimentos. Para Ambrósio (2014), a escola se constituía a cada momento como um complexo necessário no desenvolvimento e na manutenção do social, visto que, a partir dessa perspectiva, formaria trabalhadores mais especializados e também descobriria e aprimoraria talentos.

Sobre esse novo aspecto da escola, Cambi (1999) destaca:

[...] a escola foi se renovando profundamente e assumindo a feição da escola moderna: minuciosamente organizada e administrada pelo Estado, capaz de formar o homem-cidadão, o homem-técnico, o intelectual e não mais o perfeito cristão ou o bom católico, como ocorria ainda na escola dos anos quinhentos [...] (CAMBI, 1999, p. 305).

A escola vinha a desempenhar a função de produtora e reprodutora do social a partir de ensinamentos de práticas e saberes acumulados. No entanto, não eram quaisquer saberes, mas, sim, aqueles que se mostravam necessários para suprir questões que se encontravam no determinado período, como também os ensinamentos que se diferenciariam de acordo com o público. Uma vez que, de acordo com Pimenta (2014), por mais que falemos de escola e educação para a população, essa não se fazia de forma igual para todos.

Ambrósio (2014) destaca que a escola durante a história do Brasil assume dois sentidos: uma educação que seria para as classes mais abastardas e outras para as populares. Assim, quando se tratava dos ricos, a educação e, em seguida, a escola desempenhava o papel de transmissão de saberes, já para os pobres ela tomava o caráter de socialização a partir do conhecimento. Essa última consistia na assimilação de conteúdos da burguesia, seguindo a ideia de uma educação para a manutenção das classes, e, portanto, da replicação do modelo de explorador e explorado.

Por outro lado, ao destacar essas diferenças, Pimenta (2014) discute que o processo de escolarização no Brasil, por mais que seguisse um modelo burguês e que conservasse antigos privilégios, ainda se mostrava como avanço para o país. De acordo com a autora, a partir desse processo, pessoas de diferentes localizações e famílias podiam interagir e realizar trocas de saberes à medida que também eram submetidas à apresentação de práticas em comum. No entanto, os alunos que frequentavam as escolas eram oriundos da burguesia e os professores também. Dessa forma, a escola desempenhava suas atividades em prol de responder aos anseios

de uma classe, já para os pobres, como afirma Cambi (1999), ou eram excluídos, ou tinha que se contentar com uma instrução que lhe servisse apenas para ler e fazer contas básicas. Panorama esse que começou a se transformar a partir de reformas do pós guerra, no qual a escola ganhava nova roupagem, e, portanto, passava a preparar os homens para atuar no social.

A partir dessa discussão, com relação à origem do termo e o seu desenvolvimento, fica evidente que a escola no decorrer da história foi amadurecendo enquanto complexo que mediava as produções culturais. Ou como é apontado por Costa, Silva e Souza (2019), diferente de outros complexos, a escola cumpre a função de organizar e transmitir os saberes de forma sistemática. Logo, enquanto complexo social, podemos considerar que é responsabilidade da escola mediar práticas educativas que reproduzam a generalidade humana em processos formativos que venham a humanizar estudantes de modo cada vez mais especializado para que possam se apropriar da produção histórica da humanidade desenvolvendo sua consciência e, por assim, suas funções psicológicas superiores. Nesse movimento, o estudante passa a suprir necessidade sociais e produzir outras mais complexas.

Desse modo, segundo Lech (2017), a escola é um complexo social que cumpre não só a função de transmissão de saberes, como também favorece a troca entre pares por meio da convivência. Em contrapartida, diferente da família, esse complexo visa mediar os conhecimentos científicos, em prol de que esse estudante em desenvolvimento se aproprie, e, portanto, possa agir no seu meio. Para que isso aconteça, é necessário organizar as práticas e os conteúdos que vão ser mediados, visto que não é qualquer ensino que pode vir a promover o desenvolvimento do estudante, mas, sim, aqueles que levem em conta a generalidade e a individualidade (MAGALHÃES; MARTINS, 2011). Saviani (2018, p. 240) discute que “a tarefa da educação é selecionar do conjunto das objetivações humanas produzidas historicamente os elementos essenciais que constituem a realidade humana própria de uma época determinada”. É responsabilidade da escola organizar esses saberes para desenvolver as individualidades desses estudantes em uma relação dialética com a generalidade humana.

Com base no que foi dito, segundo Marques e Carvalho (2016; 2017), a escola enquanto complexo social desenvolve modos de socializar os saberes historicamente produzidos por meio de práticas educativas, a fim de potencializar a formação desse estudante para que atuem e transformem a sua realidade. A respeito dessas práticas, as autoras discutem que podem ser entendidas como ações que são previamente planejadas para criar situações que possam promover o ensino, que, no nosso caso, tem como objetivo produzir a natureza social humana nos estudantes. Assim, de acordo com Marques (2019), a educação escolar visa proporcionar

condições para que o estudante desenvolva sua consciência em atividade e produza novas significações sobre o seu contexto presente.

Podemos entender, então, que a educação se apresenta como reflexo do desenvolvimento da prática sócio-histórica acumulada pelas gerações de forma constante, e, como afirma Leontiev (1978), quanto mais complexo se mostra o social, maior é o papel da educação e mais especializada deve ser a sua prática. Sendo assim, Vigotski (2011) discorre que a educação forma o Homem em um aspecto histórico, ou seja, é por meio da aprendizagem e de práticas educativas que o estudante incorpora em si características humanas não naturais que são produtos de um processo histórico, e que só podem ser apropriados por meio da relação mediada entre estudante e o meio social que o rodeia, portanto, a realidade objetiva.

Nessa perspectiva, sobre a responsabilidade da escola, Lech (2017) complementa trazendo um panorama mais geral das mediações da escola, para a autora:

Antes de ser uma instituição com finalidades de transmissão e de construção de saberes científicos, a escola é, sim, um eminente espaço de convivência e de aprendizagem humana em termos de valores, atitudes, ética e moral. Mesmo na escola tradicional, onde as relações humanas entre professores e estudantes, estudantes e estudantes, funcionários e estudantes, entre outras, não eram objeto de planejamento e não faziam parte do currículo, ainda assim interferiam sobremaneira no processo educacional [...] (LECH, 2017, p. 37).

Posto isso, devemos também destacar que a escola está inserida em um espaço, em um social, ou, melhor dizendo, em um complexo de complexos, portanto, essa se constitui como totalidade concreta, um todo que possui seus nexos. Tendo a sua constituição e essência revelada apenas no movimento de suas partes, que, no caso do complexo aqui apresentado, seriam as atividades desempenhadas por aqueles que a ele compõe. Nesse complexo, temos a figura do professor como um dos principais responsáveis pelas mediações e significações produzidas, como é apontado por Moretti, Asbahr e Rigon (2011). Segundo os autores, o professor se mostra como o principal representante da escola, visto que sua atividade consiste em atuar diretamente com os estudantes. Para Marques e Carvalho (2019), o professor também deve organizar práticas que acarretem transformações positivas no estudante, tanto no plano intelectual como emocional, já que é uma das atribuições do professor produzir motivos para que os alunos se mantenham motivados a aprender.

Para ficar mais claro sobre a função social da escola e, logo, como o professor atua nessa dinâmica, devemos fazer ponte com a ideia de formação humana a partir do desenvolvimento da consciência e relação com o social. Em virtude disso, Lech (2017) discorre que, diferente de

outros complexos, a escola organiza seu conteúdo por meio de projetos pedagógicos e faz arranjo de turmas a partir de níveis e idade, além disso, tem na figura do professor a mediação entre escola e estudantes. Tem, ainda, sua função ligada diretamente à organização de espaços e situações que favoreçam a apropriação e a produção de significados por parte dos estudantes a respeito dos conteúdos ali mediados.

Nessa dinâmica, o professor atua de forma a aproximar o estudante do saber humano e a produzir motivos para que o seu aluno continue aprendendo e frequentando a escola. No entanto, para que essas práticas aconteçam, é necessário estarmos cientes das condições objetivas e subjetivas da realidade, caso contrário ficaremos apenas no plano do ideal (SAVIANI, 2003). Visto isso, para Marques (2019), o processo educativo materializa-se a partir de condições postas na realidade, como políticas públicas, currículo, material de trabalho para esse professor, e principalmente a realidade desse aluno.

Sobre essas condições objetivas, atualmente nos encontramos em contexto de pandemia, o que levou à paralisação temporária de atividades presenciais, principalmente, nas escolas. Admitiu-se, então, a educação a distância por meio de plataformas digitais como forma de minimizar os impactos na aprendizagem, o que também evidenciou uma triste realidade em nossa sociedade, que seria a falta de condições materiais das famílias para o acompanhamento das atividades escolares. Situação que interfere diretamente no processo educativo desse estudante.

No campo subjetivo, deparamo-nos com a relação desse estudante com o mundo, nas significações que ele produz por meio das suas vivências no meio social (Marques, 2019). Sendo assim, o atual contexto também interfere nas expectativas que esse estudante vem a ter com o seu futuro, posto que, dependendo das suas condições materiais, ele pode vir a ter seu processo educativo escolar interrompido ou potencializado a partir de como esse estudante passa a se relacionar com essa nova realidade, questão essa que tem ligação com suas condições objetivas, o que impacta de qualquer modo no seu processo formativo.

A partir de tudo essa discussão, podemos resumir que a escola atua na reprodução de práticas sociais por meio de uma educação no sentido estrito. Segundo Lukács (2018), os conhecimentos advindos a partir desse modelo são resultados das necessidades sociais que foram se complexificando. Em virtude disso, os complexos sociais passam a atuar de forma a mediar conhecimentos e reproduzir práticas que favoreçam a formação humana de forma cada vez mais específica a fim de que atuem no social e o transformem. A escola, aqui, favorece o desenvolvimento das individualidades partindo da mediação das generalizações produzidas de forma histórica.

Assim, a educação realizada pelo complexo social escola, de acordo com Cambi (1999), passa a atuar de forma a dar respostas a questões provenientes do social, ou seja, das necessidades ali presentes. E, em virtude disso, ela não só ajuda a formar novos homens para essa sociedade, como também evolui com a última. O autor complementa que a escola desenvolve sua educação por duas vias, a primeira em transmitir a história e a cultura, e a segunda seria em formar o Homem para uma tarefa específica. O fato é que ambas as relações não se separam e possuem um fim em comum: preparar o estudante para participar do social de maneira ativa.

Com base no que foi discutido nesta seção, fica mais fácil entendermos a escola como um complexo social e como ela se articula com outros complexos na sociedade. A partir da análise da sua historicidade e da sua relação dialética com o social, fica evidente que entendemos a escola hoje como um meio de suprir necessidades que se desenvolveram no social, no qual a escola desempenharia o papel de mediar conhecimentos que favoreçam a complementação da formação humana de modo mais especializado. Assim, a partir da educação promovida pela escola, o Homem se apropria de mais conhecimentos e produz significados sobre eles, e, nessa relação, ele não só o modifica, como também é modificado por eles, produzindo, dessa forma, a sua realidade objetiva.

Logo uma boa relação entre os complexos sociais família e escola se faz de suma importância no sentido de produzir vivências coletivas que favoreçam melhor apropriação de conteúdos por parte do estudante. Para isso, Christovam e Cia (2016) apontam que é necessário que a escola se mostre aberta e encontre meios para promover essa aproximação com as famílias, dado que, em muitos casos, a participação de pais e responsáveis se limitam apenas às reuniões e festividades. Logo, é importante que a escola observe como vem sendo a participação da família e como ela impacta nas práticas que são desenvolvidas com os estudantes.

Para Prado *et al.* (2020), a escola trabalha com a família quando a convida a participar não só dos seus espaços físicos como também das práticas que são desenvolvidas nos processos educativos, ouvindo o que os pais e responsáveis têm a dizer e trabalhando a fim de estruturar um ensino que tenha como base a realidade social dos estudantes. Isso não significa que a aprendizagem seria mera adequação ao que é vivenciada pelas famílias, resgatando a ideia de velhos modelos educacionais, mas, sim, como processo educativo que seja estruturado na ideia do estudante concreto que tem em seu processo formativo dinâmicas que vão para além dos muros da escola.

Portanto, família e escola desempenham aqui uma atividade que se mostra complementar à medida que cada uma trabalha sem invadir o espaço da outra. Produz vivências

que reproduzem aspectos da produção humana em um movimento no qual o estudante se apropria da cultura historicamente produzida pela humanidade e, em relação com essa perspectiva, desenvolve a sua individualidade. Esses complexos agindo em conjunto, então, proporcionam adequação desse estudante a essa realidade objetiva cada vez mais complexa.

3. ASPECTOS TEÓRICO – METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, discorreremos sobre a orientação teórico-metodológica que fundamenta a investigação em curso. Fazemos isso, portanto, a partir de informações a respeito dos princípios que orientam a análise do objeto investigado, do tipo de pesquisa, do contexto em que se desenvolve a investigação, bem como dos participantes e procedimentos de produção e análise de dados.

3.1 Princípios orientadores do processo de pesquisa

No desenvolvimento de uma lógica para explicar a materialidade de um objeto de pesquisa e, por conseguinte, da sua evolução, faz-se necessário uma análise histórica das mediações que o constituem. Dessa forma, para realizarmos tal movimento na produção do conhecimento é preciso pautarmos o nosso fazer em um método que nos oriente tanto nos aspectos teóricos quanto nos metodológicos. Destacamos, também, que, ao escolher o método, o pesquisador revela a concepção de humano e de mundo que toma como sua e sob a qual fundamenta suas decisões e ações.

Portanto, na produção do conhecimento científico, o método se mostra essencial, pois é por meio dele que o pesquisador se orienta na busca por desenvolver ações que desvelem o objeto analisado, o que garante inclusive maior solidez e segurança nos dados produzidos. Nesta pesquisa, escolhemos o método genético experimental proposto por Vigotski (2004).

Comprometido com os fundamentos do Materialismo Histórico-Dialético, Vigotski (1991), propõe um novo método capaz de explicar os fenômenos ligados ao comportamento humano numa perspectiva diferente do que a ciência psicológica da sua época fazia. A diferença está na categoria historicidade, força motriz do seu método, elemento chave para explicar a natureza dialética dos fenômenos sociais a partir do seu percurso histórico de constituição. Nesse sentido, Vigotski estrutura seu método em três princípios, são eles: 1) A análise de processos e não de produtos; 2) A descrição versus explicação e 3) O problema do comportamento fossilizado. Em nossa investigação, faremos uso desses princípios na análise e interpretação do nosso objeto.

A respeito do primeiro princípio, a “análise de processos e não de produtos”, podemos relacionar a ação de desenvolvimento de investigação que não se resume apenas ao objeto em si, mas à sua constituição a partir da relação com o contexto que ele se situa (VIGOTSKI, 1991). Ao trazermos isso para o contexto de nossa investigação que tem como objeto a relação família

e escola, a análise de processo se deu desde o momento em que nos propomos a fazer um levantamento desse objeto em sua relação com os nexos que o constituem. Expomos as relações que se estabelecem entre os complexos família e escola, principalmente no que se relaciona às contradições e como esses se apresentam em seu contexto. Em outras palavras, fugimos das explicações que estão na aparência da realidade que envolve a relação família e escola e buscamos compreender a história dessa relação, como essa relação é vivenciada no contexto da escola campo da pesquisa, como os professores compreendem essa relação e de que forma ela pode ser transformada. Isso foi feito por meio de estudos realizados no desenvolvimento das ações formativas tendo como fundamento fontes bibliográficas que tratam desse fenômeno. Os textos eram escolhidos previamente e distribuídos entre os professores da escola para posterior discussão deles.

O segundo princípio postulado por Vigotski (1991) é a “descrição versus explicação”. De forma similar ao primeiro, este aqui abarca a ideia que é preciso ir além da aparência fenotípica do objeto e construir uma explicação mais detalhada da sua constituição. Esse ponto se mostra de suma importância, pois destaca a necessidade de compreensão do movimento que o objeto realiza desde a sua gênese à medida que, em muitos casos, objetos semelhantes têm origens distintas. Nesse caso, estudar a relação família e escola partindo desse princípio significa procurar desvelar o que está por traz das narrativas dos professores em relação ao que pensam e sentem em relação ao modo como as famílias se relacionam com a educação dos filhos. Essas narrativas são ponto de partida, mas precisamos superá-las para trazermos à tona as contradições que permeiam a realidade. Por meio dessas narrativas levamos os professores a refletirem sobre quem são as famílias dos alunos assistidos por eles, quais são suas condições econômicas, sociais e culturais. Por meio dessa reflexão foi possível aos professores compreenderem que nem sempre as famílias reúnem as condições para acompanharem seus filhos da forma como a escola idealiza. Nesse sentido garantimos uma análise dos fatos que supera a descrição do fenômeno.

O terceiro e último princípio é o problema do comportamento fossilizado. Ele nos ajuda a compreender o modo como a realidade é vista, em princípio, de forma fossilizada, engessada, desconsiderando toda a sua gênese e relação com o meio, ou seja, a sua própria essência (VIGOTSKI, 1991). Assim, podemos encontrar comportamentos fossilizados na análise do nosso objeto quando passamos a vê-lo alicerçado somente naquilo que se mostra de forma imediata e sem utilizarmos nenhum tipo de interpretação que considere o contexto ou a singularidade do objeto. Como exemplo, podemos apontar o distanciamento que há entre família e escola como expressão de um comportamento fossilizado, um comportamento que

aparentemente não revela a real expressão do que de fato produz esse distanciamento. A análise precisa superar esse comportamento e ir além do que a aparência dele nos diz.

Em nossa pesquisa nos deparamos com narrativas de alguns professores que sempre veem as famílias como desinteressadas e pouco envolvidas com a educação dos filhos. Esse discurso assumido por boa parte dos docentes revela uma visão fossilizada da relação família e escola, muitas vezes fundamentada em preconceitos que vão sendo naturalizados. Partindo dessa realidade, em nossa pesquisa, procuramos superar esse tipo de comportamento levando os docentes ao exercício da reflexão crítica acerca da realidade histórica das famílias envolvidas na investigação.

Em suma, ao considerar a análise do nosso objeto a partir do método genético experimental de Vigotski, concebemos a própria relação família e escola como totalidade, da qual saímos da mera observação e descrição fenotípica e partimos para uma discussão que vá da aparência para a gênese em busca da essência. Em outras palavras, fundamentando nossa análise nesses princípios, passamos a ter uma visão histórica do objeto em sua totalidade e constituição.

3.1.1 Compreendendo o movimento de constituição do pensamento: Categorias Significado e Sentido

A Psicologia buscou no decorrer de sua história explicar o homem e seu processo evolutivo, mais especificamente entender o funcionamento e desenvolvimento do seu psiquismo e comportamento, para tanto inúmeras correntes foram criadas, sendo uma delas a Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Sobre essa psicologia, ela se propõe explicar a constituição do psiquismo humano com base nas relações históricos-sociais. Em outras palavras, para Vigotski (2009), o funcionamento desse psiquismo pode ser compreendido a partir do entendimento da relação dialética do homem com o mundo mediada pelos signos, e, portanto, pelas significações que esse homem produz na sua relação com o social. Posto isso, discutiremos aqui como o entendimento do par categorial significado e sentido pode nos auxiliar em compreender as relações que se estabelecem entre os complexos sociais família e escola.

Para entendermos e explicar o processo de significação iniciamos, portanto, discutindo a relação entre pensamento e linguagem. De acordo com Vigotski (2009), pensamento e palavra podem ser entendidos como par dialético que tem origem distintas e se relacionam em uma dinâmica de aproximação e de afastamento, tendo sua realização no pensamento discursivo,

contrapondo assim as demais investigações que até então viam pensamento e linguagem como dois elementos independentes que se relacionavam de forma externa para o surgimento do pensamento verbal, tendo sua análise feita por meio da decomposição do todo em seus elementos constituintes, o que era apontado por Vigotski como o principal ponto que levava essas teorias ao fracasso investigativo.

Sendo assim, Vigotski (2009), reitera que o método da decomposição levaria mais ao erro, em razão de que não faria uma análise do fenômeno em si, mas apenas das suas partes isoladas, que por si só já se mostrariam como fenômenos distintos. Em razão disso o autor apontava a importância de, ao se analisar a relação pensamento e linguagem, trazer a ideia do pensamento discursivo como totalidade, ou seja, um todo que possui partes em relação e que se mostra em movimento e desenvolvimento constante. Portanto, para entendermos a totalidade em si, é importante que seja analisado as unidades que a compunha, e é nesse ponto que destacamos a importância do entendimento da unidade do significado da palavra como unidade do pensamento e da linguagem nesse todo complexo.

O significado pode ser entendido como uma generalização, um conceito compartilhado culturalmente pelos humanos, como aquilo que não só dá nome a coisa, mas destaca o que a coisa é em seus aspectos que a torna a coisa em si. Em outras palavras é o significado que dá vida a palavra, portanto uma palavra sem significado é um som vazio que nada expressa. Assim, o significado da palavra se apresenta como uma unidade tanto do pensamento quando está vinculado a ele e se materializa ali, como também da linguagem, quando o discurso se liga ao pensamento.

Em virtude disso, cabe aqui apontar que o significado ao se apresentar como uma generalização ele também é visto como uma representação da realidade na consciência, por essa razão, ao considerarmos a realidade como algo que não se apresenta de forma estática chegamos também à conclusão de que os significados se desenvolvem e que mudam sua relação com o pensamento. Os significados podem ter sua relação com a palavra fortalecida e até enfraquecidas dependendo do contexto, logo uma palavra pode ter significados distintos e até mais amplos à medida que o homem vai se apropriando das produções histórico-culturais (VIGOTSKI, 2009). Em razão disso, podemos entender que o próprio significado de família e escola é uma construção cultural que acompanha as configurações sociais de cada época, e que, a partir de narrativas de professores em uma pesquisa-formação, é possível entender não apenas como se deu o seu processo de apropriação cultural sobre o significado desses complexos, mas sobretudo as significações produzidas.

A partir dessa pequena discussão sobre a unidade do pensamento e da linguagem

podemos agora apontar que o movimento do pensamento para a palavra não pode ser visto como uma transformação, onde uma coisa deixa de ser algo para se tornar outra; ao contrário, esse movimento se mostra como um processo contínuo mediado por significados, onde o pensamento vem a se realizar na palavra a fim de formalizar uma ação, um movimento que vai do interno para o externo e vice versa, como destaca Vigotski (2009, p. 409):

Todo pensamento procura unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre coisas. Todo pensamento tem um movimento, um fluxo, um desdobramento, em suma, o pensamento cumpre alguma função, executa algum trabalho, resolve alguma tarefa. Esse fluxo de pensamento se realiza como movimento interno, através de uma série de planos, como uma transição do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento.

Dessa maneira, ao transforma-se em linguagem o pensamento se reestrutura e torna a se modificar em uma dinâmica constante. É importante frisar que nessa relação as palavras podem expressar inúmeros pensamentos e por assim não conseguir viabilizar uma comunicação fiel daquilo que está contido em toda a amplitude do pensamento em sua totalidade (VIGOTSKI, 2009). Com base nisso, para se aproximar de uma compreensão mais fidedigna a respeito do pensamento realizado na palavra é imprescindível que também se compreenda os motivos, pois, conforme afirma Vigotski (2009, p. 479), “[...] por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva”, e são essas tendências que orientam o fluxo e origem do pensamento.

Partindo desse fundamento, podemos traçar um olhar sobre nosso objeto de estudo tendo em mente que não basta apenas compreender narrativa do professor sobre a relação família e escola, mas é preciso levar em conta e investigar todas as mediações que rodeiam aquela narrativa e como se deu seu processo de constituição de significados sobre a temática, somente desse modo, isto é, apenas entendendo os motivos é que poderemos nos aproximar de uma compreensão mais fidedigna do pensamento alheio por meio da articulação de sua fala.

A partir de todo esse levantamento chegamos ao ponto principal, que é a importância de superarmos os conteúdos semânticos da linguagem e passarmos para o psicológico. E para isso, é necessário buscarmos desvelar as significações que o professor produz no seu contato com a realidade objetiva e principalmente como este significa a relação com o objeto de estudo aqui pesquisado, que em nosso caso é a relação família e escola. Desse modo, para chegarmos em tal conteúdo é necessário partir para uma análise que considere não só o aspecto descritivo da fala do professor, mas também o contexto que aquela significação foi produzida, a carga emocional ali empregada e como as palavras se articulam no momento do discurso, portanto é necessário partirmos dos sentidos aos significados e por assim desvelar as mediações que

vieram a constituir aquele discurso. E para que não possamos nos perder no caminho dessa análise é imprescindível estarmos ciente que nosso papel é analisar o movimento da fala como um processo, e não como um recorte, descolando-o de todo o contexto, tendo sua interpretação feita da forma que se apresenta. E é nesse ponto que se faz necessário a compreensão do par dialético significado e sentido. (VIGOTSKI, 2009)

Sendo assim, as categorias significado e sentido nos auxiliam na aproximação da dimensão subjetiva do professor, portanto de como o mundo é entendido e significado na consciência humana. Visto isso, a respeito da conceituação desse par dialético, como já foi discutido ao longo do texto o significado se configura como uma generalização, ou seja, é uma conceituação histórica de caráter público e compartilhado, é por meio deles que o Homem se apropria da realidade. Por outro lado, os sentidos são construções ligadas ao lado afetivo, como as representações que a palavra evoca na consciência, ressaltasse que o mesmo também é construído historicamente e que por assim confere maior fluidez no significado das palavras, como pode ser visto em Vigotski (2009, p. 465):

[...]o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.

Em razão disso, reiteramos aqui que compreender o par dialético significado e sentido nos auxilia no entendimento da constituição da consciência humana, assim como os valores e motivos que o homem dá a suas experiências. Portanto, o estudo dessas categorias permite observar aspectos contraditórios da realidade objetiva e subjetiva, assim como analisar as mediações entre as experiências e a produção de sentido, no caso da proposta da pesquisa em questão permite entender o movimento e as significações que os professores produzem sobre a relação família e escola em um processo de pesquisa-formação, isto considerando as condições objetivas que estão postas na realidade. (VIGOTSKI, 2009)

Portanto, partindo do que foi dito, ao utilizar esse par dialético em uma pesquisa-formação, buscamos compreender por meio da fala dos professores as significações que eles produzem sobre a relação família e escola e como essa pode auxiliar nas mediações dos processos educativos escolares. Logo, por meio dessa análise procuramos entender não só as significações dessa relação, mas como estes professores entendem e veem as famílias de seus estudantes, a função social da escola nessa dinâmica e principalmente como eles significam seu

papel social na aproximação desses dois complexos e os motivos que levaram a produzir essa compreensão com base nas suas experiências particulares, partindo da análise que vá para além do discurso, saindo da abstração e chegando ao concreto pensando, ou mais precisamente nas zonas de sentido.

3.2 Informações sobre a pesquisa e a constituição histórico social do objeto de investigação

A presente pesquisa está vinculada a um projeto de extensão universitária desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal do Piauí, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico-Críticas em Educação e Formação Humana (NEPSH) e a uma escola filantrópica de educação básica que atende estudantes do ensino fundamental e médio de baixa renda situada em zona periférica da cidade de Teresina.

O projeto de extensão intitulado *Universidade e Escola: um diálogo necessário à constituição do professor pesquisador*, foi realizado entre os anos de 2018 e 2020. Faziam parte do projeto duas equipes, totalizando 59 pessoas. A equipe do NEPSH constituída de 14 pessoas, dentre elas, professores formadores ligados ao NEPSH/UFPI, alunos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado e alunos de graduação. A equipe da escola de educação básica constituída de 45 profissionais, dentre eles, gestores da escola e docentes.

O projeto tinha como objetivo geral desenvolver ações formativas colaborativas na escola de educação básica que favorecessem o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores que atuavam na escola, e também a constituição da identidade de discentes do curso de pedagogia e o desenvolvimento de pesquisa-formação de pós-graduandos em educação que participavam do projeto.

Para dar conta de atender a esse objetivo geral, a metodologia adotada no projeto foi a da pesquisa-formação. A pesquisa-formação tem como característica, primeiro, o fato de ser uma pesquisa feita com os professores e não sobre os professores. Segundo, todas as ações da pesquisa visam atender às necessidades formativas dos participantes que têm voz e vez no desenvolvimento destas ações. De acordo com Longarezi e Silva (2011), esse tipo de pesquisa difere das demais pois não visa fazer uma análise descritiva e isolada de um fenômeno; ao contrário, nesse tipo de pesquisa, se procura compreender o objeto em suas relações, fazendo uso da reflexão crítica junto aos participantes, criando possibilidades de atuação profissional que possam vir a modificar a realidade, tendo como foco central a formação de todos os envolvidos.

Nessa perspectiva de pesquisa, são abandonados moldes prontos e enraizados, e até mesmo o tema parte de necessidades coletivas e não individuais, sejam elas dos participantes, ou até mesmo do próprio pesquisador, que aqui assume o papel de mediador e participante, pois ele também se desenvolve junto ao grupo. Por outro lado, essas necessidades não permanecem estáticas e imutáveis, uma vez que a medida em que a pesquisa se desenvolve, outras possibilidades surgem e dão lugar para novas necessidades formativas em razão de que, no percurso desse processo, o grupo se depare com causalidades. É esse o ponto crucial do processo formativo, dado que o pesquisador deve permanecer atento para compreender quais necessidades estão sendo produzidas pelos participantes e, principalmente, como essas emergem. Se elas são frutos de um processo reflexivo em contextos de colaboração ou se são apenas anseios originados de possíveis lacunas de um processo de formação inicial aligeirado (DI GIORGI, 2011).

Assim, nesse processo o participante deve ser orientado a refletir sobre sua realidade. Uma vez que as necessidades devem partir tanto de questões pessoais como do contexto, do que se pensa e também de como e o que se faz. Em outras palavras, essas necessidades não podem ser vistas como algo que falta para dar certo, mas como possibilidade de um desenvolvimento pessoal e profissional, tudo isso por meio do processo formativo colaborativo (IBIAPINA, 2017; DI GIORGI, 2011).

3.3 Contexto da pesquisa -formação

A respeito do contexto e dos participantes, o projeto de extensão foi desenvolvido em uma escola filantrópica localizada na zona leste da cidade de Teresina. Sua construção foi iniciada no ano de 1963, após a chegada dos jesuítas, sendo inaugurada em 29 de março de 1965 com apenas 105 alunos. Devido as configurações do bairro a escola começou seus trabalhos com aspectos agrícolas, contudo, com o passar dos anos ela foi se adequando à comunidade e, atualmente, atende a mais de 700 alunos nos níveis fundamental, médio e ensino técnico de recursos humanos e informática.

A escola tem como público crianças e jovens da comunidade ao seu redor que são oriundas de famílias de baixa renda provenientes de zonas rurais ou do interior do estado em sua grande maioria. Essas famílias ainda sofrem com problemas como a falta de políticas públicas básicas, como saneamento, educação, saúde e lazer. Outro ponto a se destacar, é que grande parte desse público vive de trabalhos informais e tem renda igual ou inferior a um salário-mínimo.

Posto isso, a escola se apresenta como referência educativa na região, e tem como princípio a Pedagogia Inaciana da Companhia de Jesus, que tem como propósito formar o ser humano numa perspectiva cristã voltada para a educação formal e espiritual de serviço para o outro, pautando, indispensavelmente, o ensino como meio de desenvolvimento de um cidadão que tenha competência para o trabalho e os estudos. A escola ainda dispõe de um amplo espaço físico, salas de aula com boa estrutura e refrigeradas, cantina, refeitório, auditório, laboratórios devidamente equipados, ginásio poliesportivo e espaço arborizado que possibilite o desenvolvimento de atividades em espaços abertos. Com relação à equipe, ela dispõe de direção geral, administrativo, coordenação pedagógica, corpo docente, psicólogo, assistente social, dentre outros.

O projeto de extensão vem sendo desenvolvido desde o ano de 2018, e conta com a participação de todos os professores e membros da gestão da escola. É importante destacar que a escola possui uma política de formação continuada permanente, que acontece sempre aos sábados com a adesão de todos os docentes. Essa política favorece o desenvolvimento de ações que fortalecem o trabalho coletivo dos docentes e colabora com a melhoria da qualidade do trabalho desenvolvido na escola. Todas as ações formativas eram registradas e documentadas por meio de diários de campo e vídeo com a autorização prévia de todos.

3.3.1 Desenvolvimento das ações de extensão e da pesquisa-formação

Como já foi esclarecido, esse projeto de extensão foi desenvolvido por meio da pesquisa-formação. É importante ressaltar que em uma pesquisa-formação o ponto de partida para qualquer ação formativa é a produção das necessidades formativas dos partícipes do projeto. Partindo dessa premissa, a primeira ação desenvolvida pelo grupo do NEPSH/UFPI foi a apresentação dos objetivos do projeto e o levantamento das necessidades formativas dos docentes da escola que aderiram ao projeto de formação continuada, conforme descrito no quadro 01:

Quadro 01 – Descrição da sessão formativa que deu origem aos eixos formativos do projeto de extensão.

Data da formação	Objetivo da sessão formativa	Conteúdo da sessão formativa	Questão norteadora da formação	Referências	Necessidades formativas identificadas pelo coletivo

02/06/2018	Desenvolver discussão sobre necessidades formativas a partir de textos previamente entregues para a leitura.	Por meio da discussão do texto pelo coletivo foi possível identificar e elaborar as principais necessidades formativas individuais e coletivas dos professores.	A partir da leitura do texto e das elaborações produzidas na discussão do coletivo foi pedido para que cada professor sistematizasse necessidades formativas individuais e coletivas levando em consideração a sua história de vida profissional.	RODRIGUES, A.; ESTEVES, M. A análise de necessidades na formação de professores. Portugal: Porto Editora, 1993. pag. 11-19; 43-48	Capacitação continuada para o uso de tecnologias inovadoras. Cursos para trabalhar com educação especial e inclusiva. Liberdade de prática e de mediação de conteúdo. Projetos de conscientização dos jovens contra o Bullying, racismo e violência. Projetos de capacitação para o professor estruturar suas ações dentro de sala de aula para um melhor processo de ensino e aprendizagem. Projetos de intervenção que busquem aproximar a escola e as famílias dos estudantes.
------------	--	---	---	---	---

Após essa sessão, a equipe de formadores pode dar prosseguimento ao planejamento das ações do projeto de extensão por meio de dois eixos articulados: eixo da formação coletiva e eixo da pesquisa-formação.

O eixo da formação coletiva se constitui em momento de reflexão e estudo tendo em vista a superação de necessidades formativas coletivas. Por isso, envolve todo o coletivo de profissionais que desenvolvem atividades docentes na escola, seja atuando na sala de aula, seja na gestão da escola. Esse eixo é desenvolvido em um sábado do mês escolhido pela escola.

Já o eixo da pesquisa-formação acontece nos subgrupos de pesquisa que se reúnem durante a semana, com agendamento prévio, envolvendo grupos menores compostos por mestrandos e doutorandos e os professores que concordam em participar como colaboradores na pesquisa. Esse momento é destinado a produção de informações que serão analisadas e

refletidas criticamente para a superação de necessidades específicas, também identificadas coletivamente voltadas para as pesquisas de mestrands e doutorandos. Objetivamente, nos dois eixos do projeto, pesquisadores e professores dialogam sobre as necessidades que precisam ser atendidas no intuito de alcançar novas formas de desenvolvimento do trabalho docente.

A exemplo disso, o objeto de investigação dessa pesquisa surgiu para atender uma necessidade coletiva do grupo de professores da escola envolvida com o Projeto. Na ocasião da apresentação do projeto de extensão, a equipe de formadores, após uma sessão de estudo acerca do *Significado histórico de necessidades formativas*, solicitou que o coletivo apontasse quais necessidades formativas mais se apresentavam como desafio para o desenvolvimento do trabalho na escola. Várias foram as necessidades apontadas pelos professores, sendo muitas relativas a necessidades individuais e não coletivas como tinham sido discutidas no encontro da extensão. No entanto, grande parte do coletivo de professores também apontava para a necessidade de conhecer mais e melhor sobre a relação família e escola.

Com base nessa necessidade formativa, essa pesquisa foi organizada fazendo um recorte do projeto de extensão até aqui explanado, tendo como questão de pesquisa: Como deve se constituir a relação família e escola na mediação de práticas educativas para a formação do estudante? Essa questão deu origem ao projeto de investigação realizado com o objetivo de: Analisar o desenvolvimento da relação família e escola na mediação da formação de estudantes em contexto de pesquisa-formação. É importante esclarecer que nosso processo de produção de dados também englobaria as famílias como participantes da pesquisa, no entanto, devido a pandemia do Novo Corona Vírus, todas as atividades presenciais foram paralisadas por tempo indeterminado, tendo retorno apenas de forma remota. Essa situação inviabilizou a participação das famílias na pesquisa, uma vez que todas as famílias atendidas pela escola são de baixa renda e não dispõem das mínimas condições objetivas para a realização de encontros remotos. Sendo assim, optamos por concluir a pesquisa com os dados que já tinham sido produzidos junto aos professores de forma presencial durante o ano de 2019. Na subseção seguinte, detalhamos como se deu esse processo.

3.4 Pesquisa-formação que culminou na produção de dados

A produção de dados dessa pesquisa ocorreu a partir de encontros formativos em momentos coletivos que foram desenvolvidos nos meses de abril, maio e junho de 2019. Os encontros foram realizados mensalmente e obedeciam a uma dinâmica fixa, ou seja, todos os

encontros eram divididos em dois momentos, sendo que o primeiro iniciava às 8 horas e se estendia até às 9h30; já o segundo começava às 10 horas podendo terminar até as 11h30. Durante os encontros, o mediador apresentava o tema do dia por meio de slides e dava início às discussões, que tinham como base os questionamentos levantados pelos participantes, cabendo ao pesquisador mediar as discussões e fazer pontuações a partir de exposições de material de apoio. Sendo assim, era de responsabilidade dos pesquisadores realizar consultas e levantar o referencial teórico apropriado para planejar os próximos encontros sempre com o objetivo de criar condições para o desenvolvimento de reflexões críticas que colaborassem com a expansão das significações dos professores acerca do trabalho pedagógico.

Em virtude disso, o grupo defende uma ideia de pesquisa na qual o conhecimento é produzido a partir do diálogo e do debate de forma horizontal, o que leva em conta as experiências e as significações dos participantes. Portanto, entendemos que tanto o participante quanto o pesquisador se desenvolvem conforme novas significações são produzidas por meio dos processos reflexivos. A respeito dos encontros, eles foram na própria escola seguindo um calendário fixo já pré-estabelecido em comum acordo com a administração da instituição de ensino, que também disponibilizava o espaço e os equipamentos para serem utilizados nos encontros.

Os encontros eram realizados em salas previamente organizadas. As mesas colocadas em cada extremidade do espaço e, assim, era possível organizar subgrupos para facilitar os debates. As mesas eram redondas e os participantes se sentavam em torno dela. Em cada mesa também ficava um membro do NEPSH/UFPI registrando o encontro por meio de diários de campo, ao mesmo tempo em que também dialogavam e ajudavam os professores na discussão do tema ou do texto que era entregue com antecedência para que todos os docentes pudessem se apropriar das ideias antes da discussão.

Outra forma de registro dos encontros era realizada por meio de câmera, operada por um dos membros do NEPSH/UFPI, que se localizava em uma posição estratégica para que todos os grupos pudessem vê-lo. Apontamos, portanto, que essas ações formativas tinham como intuito não só produzir dados, como também desenvolver processos formativos à medida que por meio dos debates e sessões reflexivas os participantes demonstravam produzir novas significações sobre a temática, considerando a realidade objetiva.

Nos quadros a seguir, detalhamos os encontros e os passos da pesquisa-formação realizada com os participantes da pesquisa que deu origem aos dados analisados nessa investigação.

Quadro 02 – Primeira seção formativa e produção de dados da pesquisa-formação

Data	Ações formativas	Objetivo	Questões desencadeadoras de reflexão	Movimento produzindo na formação
27/04/ 2019	Primeiro momento (8h – 9h30): Sessão reflexiva - Apresentação do grupo e do tema que será debatido. -Recapitulação das discussões desenvolvidas no encontro passado. - Discussão sobre o que vem a ser uma necessidade formativa? Segundo momento (10h – 11h30): Roda de conversa e memorial reflexivo - Momento de reflexão crítica acerca da relação família e escola por meio de rodas de conversa.	Conhecer as significações dos docentes acerca de quem são as famílias do ESAR; Conhecer as significações dos docentes acerca de como as famílias de seus alunos se relacionam com a escola;	Questões propostas para a roda de conversa: 1. A família do (a) meu (minha) aluno (a) participa da vida escolar dele (a)? Justifique sua resposta; 2. Na minha opinião, a família do (a) meu(a) aluno (a) é; 3. Na minha opinião, em que momento a família do(a) meu(a) aluno(a) pode ajudar na vida escolar dele(a)?	-Por meio das rodas de conversa foi possível observar as principais significações que os participantes tinham sobre: as famílias de seus alunos, sobre a relação que estabelecem com a escola, bem como a transformação de algumas dessas significações.

Fonte: Dados da formação do mês de abril de 2019.

Nesse primeiro encontro, a equipe do NEPSH/UFPI fez inicialmente uma sessão reflexiva para discutir a síntese das necessidades formativas que haviam sido apontadas pelos docentes no levantamento realizado no encontro anterior em que se apresentou o projeto, seus objetivos e que foi solicitado que o coletivo refletisse sobre os principais desafios vivenciados no cotidiano do trabalho docente na escola. Essa sessão reflexiva levou a identificação do tema “Relação família e escola” como uma situação geradora de muitas expectativas pelo grupo tendo em vista que a grande maioria apontou ser esse o maior desafio que enfrentam no dia a dia. Após esse momento inicial, o coletivo de professores foi dividido em quatro grupos para dar início as rodas de conversa. Nessas rodas havia a presença de um discente de pós-graduação do NEPSH. Esses discentes tinham a função de registrar os debates e provocar reflexões que ajudassem a expandir as significações produzidas em grupo. A roda de conversa foi fundamentada nas seguintes questões desencadeadoras de significação:

1. A família do(a) meu(minha) aluno(a) participa da vida escolar dele(a)? Justifique sua resposta;
2. Na minha opinião, em relação a vida escolar do meu aluno, a família dele (a) é?

3. Na minha opinião, o melhor momento para a família do meu aluno ajudar na vida escolar é?

Após serem entregues as questões, foi dado 30 minutos para que os grupos debatessem e, em seguida, cada grupo deveria produzir um memorial reflexivo contendo a síntese das significações produzidas pelo grupo. De posse do memorial, cada grupo elegeu um representante que apresentaria a síntese reunindo as significações produzidas. É importante destacar que, mesmo sendo eleito apenas um participante para falar em nome do grupo, os demais também teceram comentários sobre as significações do seu grupo e de como chegaram às conclusões ali expostas. Nesse momento, a mediadora da formação vinculada ao NEPSH/UFPI, não interrompia a fala dos participantes, apenas os auxiliava fazendo algumas pontuações a fim de que esses refletissem sobre o que estava sendo debatido. A roda de conversa durou cerca de uma hora e meia. Ao final do encontro, os grupos entregaram seus memoriais reflexivos contendo as sínteses das significações produzidas na roda. O mediador informou que na próxima formação seria dada a continuidade a partir das significações produzidas pelos participantes. Todos os dados foram registrados por meio de diários de campo e gravação audiovisual.

Quadro 03 – Segunda seção formativa e produção de dados da Pesquisa-formação

Data	Ações formativas	Objetivo	Material usado	Movimento produzindo na formação
25/05/2019	Primeiro momento (8h – 9h30): Sessão reflexiva - Discussão coletiva a respeito de pesquisas sobre família e escola. - Discussão coletiva a partir de questionamentos sobre relação família e escola. Segundo momento (10h – 11h30): Roda de conversa – Expansão das significações produzidas coletivamente. - Sobre as Famílias dos estudantes. - Reflexão a partir de questionamentos que buscavam meios de diminuir a assimetria entre família e escola.	Discutir acerca das pesquisas sobre a relação família e escola e, por meio destas proporcionar momentos de reflexão crítica sobre as significações produzidas a respeito dessa relação.	Textos: “Encontros e desencontros na relação família-escola” Szymanski (1997); “A relação família – escola sob a ótica de professores e pais de crianças que frequentam o ensino fundamental” Saraiva e Wagner (2013). Questões da primeira discussão coletiva: -O que a aparência nos diz sobre as famílias dos nossos alunos?	- Nessa formação, foi possível promover momentos de reflexões a partir dos textos produzidos pelos grupos de docentes no encontro anterior e dos resultados das discussões mediadas pelos textos analisados em grupo. além disso, foi possível perceber que os docentes mudaram suas visões acerca das famílias com as quais convivem após conhecerem detalhes de suas realidades socioeconômicas. A partir dessas reflexões foi possível perceber que os professores já produziam significações mais

			- O que as pesquisas sobre essa realidade nos dizem? -Como nós significamos a relação das famílias dos nossos alunos com a escola? Dados apresentados: - Oriundos de análise documental referentes à situação socioeconômica das famílias que frequentavam a escola. Questionamentos da segunda roda de conversa: - O que podemos esperar das famílias da escola? O que eu espero das famílias dos meus alunos, elas têm condições de proporcionar? -O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na escola? -O que nos cabe fazer para garantir que, na escola, os alunos e alunas não sofram com as consequências de suas demandas familiares?	coerentes com a realidade objetiva das famílias de seus alunos.
--	--	--	--	---

Fonte: Dados da formação do mês de maio de 2019.

O segundo encontro ocorreu no dia 25 de maio de 2019 (Quadro 03) e teve como ações formativas sessões reflexivas e rodas de conversa. A sessão teve como questão norteadora de reflexão: “O que a aparência nos diz sobre a relação família e escola?” Esse encontro

teve como objetivo discutir acerca das pesquisas sobre a relação família e escola e, por meio delas, proporcionar momentos de reflexão crítica sobre as significações produzidas a respeito dessa relação.

A sessão reflexiva foi a primeira ação formativa do dia e ocorreu de 8 horas às 9h30, tendo sido mediada pela leitura, discussão e análise de dois textos entregues ao grupo: Texto 01 - Encontros e desencontros na relação família-escola de Szymanski (1997) e Texto 02 - A relação família – escola sob a ótica de professores e pais de crianças que frequentam o ensino fundamental, de Saraiva e Wagner (2013). Ambos foram enviados com uma semana de antecedência para que todos os participantes pudessem ter acesso e se familiarizassem com o referencial indicado. Todo o material foi organizado em slides e exposto à medida que a discussão sobre os textos ia avançando. Ainda na sessão reflexiva, foi feita uma discussão coletiva que partia de três questionamentos: **1) O que a aparência nos diz sobre as famílias dos nossos alunos? 2) O que as pesquisas sobre essa realidade nos dizem? e 3) Como nós significamos a relação das famílias dos nossos alunos com a escola?**

No segundo momento da formação, a ação formativa foi a roda de conversa que ocorreu de 10 horas às 11h30, realizada com o objetivo de refletir e promover a expansão das significações produzidas coletivamente a respeito do tema. Para incentivar o debate, trechos das respostas da formação do encontro anterior foram transcritas pelos pesquisadores e apresentadas ao grupo. Ressaltamos, porém, que os participantes tiveram sua identidade mantida sob sigilo, visto que os recortes tinham a função apenas de mediar as reflexões acerca do tema. Os trechos escolhidos para mediar esse momento de reflexão sintetizavam algumas significações, tais como: “projeções e expectativas que os participantes tinham sobre a família dos seus alunos”; “delegação de responsabilidades”; “como atender às expectativas desse aluno concreto” e “subsistência de algumas famílias frente à escola”.

Por fim, apresentamos aos participantes dados oriundos de uma análise documental feita pelos pesquisadores com a ajuda da direção administrativa da escola. Esses dados eram referentes à situação socioeconômica das famílias que frequentavam a escola. A exposição teve como objetivo provocar a reflexão dos participantes, visto que muitos pareciam desconhecer as condições que a maioria absoluta das famílias dessa escola vive em termos socioeconômicos. Todas essas reflexões estimularam a roda de conversa que durou cerca de 40 minutos, nela, o mediador pediu que os participantes apontassem saídas para “diminuir as assimetrias”, “superar os estereótipos” e “investir na qualidade da comunicação”, tudo isso levando em conta o contexto das famílias e o compromisso que a escola tem para com os seus alunos e familiares.

Em síntese a roda de conversa levou a produção de novas significações que desencadearam novos questionamentos acerca dessa realidade: 1) O que podemos esperar das famílias da escola? 2) O que eu espero das famílias dos meus alunos, elas têm condições de proporcionar? 3) O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na escola? 4) O que nos cabe fazer para garantir que, na escola, os alunos e alunas não sofram com as consequências de suas demandas familiares? Essas questões foram usadas para aprofundar a reflexão e auxiliar na expansão de novas significações sobre a temática. Nessa ação formativa os dados foram registrados por meio de gravação e diário de campo.

Quadro 04 – Terceira sessão formativa e produção de dados da Pesquisa-formação

Data	Ações formativas	Objetivo	Material usado	Movimento produzindo na formação
29/06/2019	Primeiro momento (8h – 9h30): Sessão reflexiva - Recapitulação sobre as discussões das formações passadas. - Reflexão em grupo a partir de três questionamentos. Segundo momento (10h – 11:30h): Projetos coletivos – expansão das significações e proposição de soluções capazes de superar o desafio de aproximar família e escola.	Buscar alternativas junto aos professores para aproximar as famílias da escola, levando em conta a realidade objetiva de cada complexo.	Questionamentos propostos para os grupos: -O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na escola? -O que a escola realiza e o que ela ainda pode fazer ou melhorar? -E como podemos colaborar?”	- Nessa formação os participantes levantaram possíveis ações para melhorar a relação família e escola a partir de condições objetivas.

Fonte: Dados da formação do mês de junho de 2019.

O terceiro e **último encontro aconteceu no dia 29 de junho de 2019** (Quadro 04). Este foi dividido em dois momentos de 8 horas às 9h30 e de 10 horas às 11:30 horas. Esse encontro teve como objetivo buscar alternativas junto aos professores para aproximar as famílias da escola, levando em conta a realidade objetiva de cada complexo.

A sessão reflexiva teve início com a mediadora levantando questionamentos que recapitulavam ideias debatidas nos encontros de abril e maio, apontando o que tinha sido discutido e evidenciando as significações que haviam sido expandidas. Tendo como ponto de partida esse movimento, foi solicitado aos professores que se organizassem em grupos para que produzissem um projeto coletivo com a ajuda de discentes do NEPSH/UFPI. Esses projetos

deveriam partir das seguintes questões: 1) O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na escola? 2) O que a escola realiza e o que ela ainda pode fazer para melhorar essa relação? 3) E como podemos colaborar?

Posto isso, os professores em grupo foram motivados a debater e refletir a partir de tudo que tinha sido levantado nos encontros anteriores para chegar a possíveis soluções aos questionamentos. A mediação desse debate em cada grupo ficava a cargo de cada participante do NEPSH/UFPI, ajudando o grupo a pensar em soluções que estivessem ao alcance da escola e da realidade concreta das famílias. Essa atividade teve duração de uma hora, sendo encerrada às 9h30.

O segundo momento da formação teve início às 10 horas, e logo foi dada continuidade às atividades. Nessa etapa da formação, cada grupo deveria eleger um relator para que esse apresentasse as propostas produzidas com base nos questionamentos e nas reflexões coletivas. Os grupos foram organizados de 1 a 5, seguindo essa ordem, e, ao fim de cada apresentação, os demais grupos poderiam questionar ou opinar sobre as soluções apresentadas, para que essas fossem refinadas por meio do debate e reflexão coletiva. Essa atividade teve duração de uma hora e meia. Por meio dessa atividade foi possível desenvolver um debate que buscasse de forma coletiva encontrar soluções concretas de diminuir as assimetrias na relação família e escola. Cabe destacar que essa discussão foi realizada juntamente com a direção da escola, e, durante a sua realização, foi apontado não apenas o que fazer, mas também como e quando poderiam ser postas em prática tais ideias. Os dados foram registrados pelos pesquisadores por meio de gravação audiovisual, fotos e diário de campo.

Após todo esse procedimento os dados foram lidos e organizados por datas, frente a isso escolhemos quatro professores. Para chegarmos a esse número usamos como critério de escolha a presença, em outras palavras, verificamos quais professores estiveram presentes em todos os momentos formativos. Isto posto, entramos em contato com eles a fim de que esses escolhessem os pseudônimos que passamos a usar na discussão dos dados para se referir a eles. Para isso pedimos que os nomes tivessem relação não só afetiva como também com as disciplinas que cada um ministrava, como resultado os nomes escolhidos pelos professores foram: Simone de Beauvoir, Milton Santos, Michel Foucault e Eliana Yunes.

3.5 Procedimento de Análise de Dados

Os dados produzidos por meio das ações formativas desenvolvidas no projeto de extensão foram transcritos e organizados por datas de encontro. Após isso, demos início à

análise de dados. Tendo em vista os objetivos dessa investigação e o corpus empírico produzido na pesquisa-formação, optamos por utilizar os Núcleos de Significações como procedimento de análise de dados, conforme proposto por Aguiar e Ozella (2006).

Os Núcleo de Significação, de acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015), é uma ferramenta metodológica que tem base nos princípios da Psicologia histórico-Cultural e que tem como objetivo auxiliar o pesquisador a desenvolver análise profunda sobre a constituição humana dos participantes, partindo da palavra genérica dita no ato da fala para a sua dimensão concreta, revelando assim as contradições, motivações e mediações históricas e sociais que medeiam a produção daquilo que revela a unidade entre a fala e o pensamento do participante, isto é, o significado. Desse modo, por meio dessa proposta de análise, o pesquisador pode compreender o discurso para além da aparência e se aproximar das significações que o participante produz em relação à realidade na qual atua, isto é, partindo do significado da fala para a apropriação do sentido que constitui o humano e sua totalidade histórica.

Em nossa pesquisa, a escolha por essa proposta metodológica se justifica por buscarmos compreender as significações que foram produzidas pelos participantes no decorrer dos processos formativos, levando em conta não apenas a fala, mas todo o conteúdo que a compõe, como as emoções, expectativas, preconceitos, ideias, representações, concepções, motivações e contradições, para que assim possamos chegar às zonas de sentido. Sobre esse movimento de análise Aguiar e Ozella (2006, p. 226), destacam que:

Dessa forma, na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido.

Portanto, fazendo uso desse procedimento analítico é possível avançar para uma interpretação por meio do próprio movimento da fala e sua relação com o todo, auxiliando assim o pesquisador na sua análise, em razão de que esse não se mostra neutro em dado procedimento de pesquisa-formação, mas constrói conhecimento junto aos participantes por meio da reflexão.

O corpus empírico da pesquisa foi produzido em três encontros formativos nos meses de Abril, Maio e Junho. Os dados para leitura flutuante estão organizados no **Apêndice I**, e foram produzidos a partir do uso de instrumentos como: sessão reflexiva, roda de conversa, memorial reflexivo e projetos coletivos.

Os encontros formativos foram transcritos e tiveram sua organização feita a partir da data de cada encontro. Feito isso, demos início a análise e interpretação de dados. Essa etapa é constituída de três momentos: seleção de pré-indicadores e levantamento de conteúdos temáticos; organização de indicadores; e produção de núcleos de significação.

Após a transcrição das narrativas dos participantes, tem-se em mãos o conjunto das significações produzidas na pesquisa, entretanto, essas ainda estão na sua forma aparente, ou seja, não revelam a essência da consciência dos pesquisados. Os dados se encontram em estado caótico. É preciso partir dessa realidade caótica para se aproximar do concreto pensando como nos esclarece Kosik (1968). Esse movimento que vai do caótico ao concreto pensado se inicia com a seleção dos pré-indicadores.

A etapa inicial denominada de seleção de pré-indicadores e levantamento de conteúdos temáticos tem início com a leitura sucessiva das significações produzidas pelos participantes. As leituras sucessivas das falas dos participantes são feitas para elencar pontos relevantes que se repetem e que tenham grande destaque em meio ao contexto da fala. Nessa etapa deve ser observada a frequência com que algumas palavras aparecem, sobretudo aquelas com carga emocional que o participante emprega ao falar e principalmente o momento de algumas colocações, assim como ambivalências e contradições. Em seguida, procedemos com a leitura dos pré-indicadores a fim de levantar qual o conteúdo temático dessa significação, ou seja, qual o tema central desse trecho de significação expresso no pré-indicador. Apresentamos no quadro 05, exemplo de pré-indicadores e respectivamente seus conteúdos temáticos.

Quadro 05 – Exemplo de pré-indicadores e seus respectivos conteúdos temáticos.

Pré-indicadores	Conteúdos Temáticos
... São educados, podem ser analfabetos ou semianalfabetos, mas eles transmitem valores a seus filhos, e a gente sente a repercussão dessa educação que vem também da família. Também considerando a realidade social da família, então muitas vezes não podem vir porque precisam ir trabalhar para defender o bocado de cada dia.	Os Pais são analfabetos, mas transmitem valores aos filhos Motivos que justificam a não participação da família na escola
Então há... há necessidades básicas, então nós temos aqui famílias que são muito pobres... Então a necessidade de trabalhar para ter o pão de cada dia é imensa, temos medianos e temos aqueles que têm o padrão de vida melhor, e a gente considera que essa realidade que vivemos é fruto da própria estrutura social que nós vivemos [...]	A questão econômica determinando a vida social
Elas depositam muita confiança na própria escola, a escola, a ESAR é uma referência na região, então aqui é uma fileira para entrar, né, então, nessa... nessa busca para oferecer o melhor para o seu filho, a gente vê que há um desejo de oferecer o melhor para	Como o professor significa a expectativa da família em relação a escola. Significado social do professor sobre a escola.

seu filho, apesar de todas as contradições, a gente consegue perceber isso , é a nossa responsabilidade.	Significado sobre o esforço da família em proporcionar uma educação melhor para os filhos.
---	--

Fonte: Corpus empírico produzido nos encontros formativos.

Após levantar todos os conteúdos temáticos dos pré-indicadores selecionados anteriormente, o momento seguinte é reunir os conteúdos temáticos em grupos pelos critérios de: semelhança, complementariedade e contradição. Reunidos esses grupos, o passo seguinte é denominá-los com uma palavra ou frase que indique o tema central que se refere esse conjunto de conteúdos que foram reunidos. O que procuramos aqui é diminuir a diversidade. Nessa etapa se busca a negação do discurso como ele se apresenta, visto que ela é resultado do processo de análise e síntese dos pré-indicadores que revelam as formas de significação da realidade. No quadro 06 apresentamos 2 indicadores que foram formados pela articulação de 3 conteúdos temáticos.

Quadro 06 – Exemplo de Indicadores e seus respectivos conteúdos temáticos.

Conteúdos temáticos	Indicadores
As famílias se esforçam para proporcionar uma educação melhor para os filhos.	O esforço da família reflete no desempenho do aluno na escola
Quando a família é presente na vida dos filhos a educação dá certo	
Pais esforçados ajudam no desenvolvimento dos filhos	
A família deposita confiança na escola	O que as famílias buscam e esperam da escola dos seus filhos: Possibilidades de um futuro melhor
A escola garante a sobrevivência dos alunos	
A escola garante a sobrevivência dos alunos carentes	

Fonte: Corpus empírico produzido nos encontros formativos.

Após nomear os grupos pelos temas que eles indicam, ou seja, após organizarmos os indicadores (conteúdos temáticos reunidos em torno de uma síntese indicadora da nomenclatura do grupo), o movimento seguinte foi a constituição dos núcleos de significação. Essa etapa é o momento mais específico da síntese, visto que, aqui, buscamos nos aproximar da realidade concreta. Segundo Aguiar e Ozella (2006), nessa etapa não se espera uma grande variedade de núcleos, mas sim pontos centrais relativos ao discurso que reverberem sobre as mediações as quais levaram a produção daquelas significações. Para Aguiar, Soares e Machado (2015), nessa etapa não há a soma das partes do discurso, mas a sua articulação lógica com a totalidade. Em outras palavras, nesse momento, a significação deve ser analisada sob a luz do contexto histórico. Logo, nessa etapa a interpretação se dá pelo movimento analítico de uma visão empírica para uma compreensão concreta, para que assim possamos interpretar os sentidos produzidos na atividade histórica e social do participante. No quadro 07 apresentamos os núcleos de significações formados e seus respectivos indicadores.

Quadro 07 – Núcleos de significações formados e seus indicadores.

Indicadores	Núcleos de Significação
O esforço da família reflete no desempenho do aluno na escola	A participação na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito.
O que o aluno é e faz na escola e na vida reflete o que ele vive na família	
O nível cultural da família interfere na formação do aluno	
As condições socio - econômicas e culturais determinam o modo de relação entre família e escola.	As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola: Entre a necessidade de trabalhar e motivar os filhos para estudar.
O que as famílias buscam e esperam da escola dos seus filhos: Possibilidades de um futuro melhor	
Os limites e possibilidades de atuação da escola quando a família não se faz presente na educação dos filhos.	
A qualidade de participação das famílias na vida escolar dos filhos	
participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito. A escola como responsável em desenvolver meios de aproximar e fortalecer a relação com as famílias.	Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola.
As condições criadas pela família para ajudar na educação os filhos.	

Fonte: Corpus empírico produzido nos encontros formativos.

Os quadros 06, 05 e 07 apresentam os três movimentos do processo analítico que seguimos para chegar à materialidade das narrativas dos professores, portanto, partimos de um todo caótico para chegarmos a um concreto pensado, etapa a qual antecede o procedimento de interpretação que visa nos aproximar das zonas de sentido dos professores por meio dos núcleos de significado.

No quadro 08 apresentamos a sistematização das 3 etapas do nosso processo, partindo dos pré-indicadores até a formação dos núcleos de significação que, no caso da nossa pesquisa, foram três: “A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito”; “As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola e seu impacto no desempenho educacional dos estudantes”; E “Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola”. Esse momento foi realizado com o objetivo de aprender as zonas de sentidos produzidas pelos professores sobre a relação dos complexos sociais família e escola.

Quadro 08 Movimento de articulação dos pré – indicadores a constituição dos núcleos de significação.

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES	NUCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
[...]Essas famílias depositam muita confiança na própria escola, a escola, a ESAR é uma referência na região, então aqui é uma fileira para entrar, né, então nessa busca para oferecer o melhor para o seu filho, a gente vê que há um desejo, apesar de todas as contradições, a gente consegue perceber isso, é a nossa responsabilidade. Então quando uma família é presente na questão da formação educacional do seu filho, não apenas na parte da escola, isso reflete, a gente consegue enxergar nos irmãos isso, ‘ah fulano de tal é de tal jeito, compreendo que a educação lá dá certo porque seus irmãos são da mesma forma’. Eu participo da vida do meu filho onde eu ensino valores morais para ele, onde eu participo de uma forma direta. E esse tipo de participação de vir buscar boletim, de vir fazer renovação de cadastro é indiretamente uma participação E quando indaga sobre quando é que a família colabora com a vida do aluno é quando ela mantém esse vínculo com a escola, quando ela também proporciona um ambiente favorável para esse aluno se desenvolver enquanto pessoa, que ele tenha espaço para fazer suas tarefas. E esses pais que estão constantemente com a gente são os pais dos alunos com maior rendimento acadêmico, isso é uma coisa que a gente fala sem medo de errar [...]E os alunos com o melhor rendimento são aqueles que nós conhecemos os pais. Temos pais que durante as reuniões choram para gente dizendo que não podem ajudar, pois não sabem ler, mas que ficam ali no pé "deixa eu vê", mas se os meninos escrevem qualquer coisa consegue enganar o pai, pois estes não sabem ler... temos pais extremamente humildes, mas que se dedicam, temos pais que tem uma condição de conhecimento melhor e que dão apoio espetacular. Aí teve um que a família não veio e disse "ah mas não é assim né...", aí o outro não deixou nem ele falar e disse "é assim mesmo professora", vemos que os pais estão empenhados e os alunos concordam com nossa linha de raciocínio, mas tanto o nosso empenho quanto ao do aluno ainda não se equipara ao empenho e ao esforço dos pais. [...] as vezes você sabe que o aluno é bem humilde, mas você vê que a mãe tem um preparo para levar ele para escola, você nota que a mãe tomou cuidado em dá banho em vestir direito, de colocar o material escolar, esse aluno possivelmente né muito provavelmente ele vai se destacar, então eu acho que a educação hoje é muito reflexo da família do brasileiro. Então nesse contexto eu acho que se a família reproduzir um princípio correto, tiver um princípio certo eu acho que o aluno tende a reproduzir essa ética, essa moral e se destacar.	O esforço da família reflete no desempenho do aluno na escola	<i>“(...) podem ser analfabetos ou semianalfabetos, mas eles transmitem valores a seus filhos(...)”</i> A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito

Agora na ESAR o que acontece?! as famílias de lá, elas são bem precárias financeiramente entretanto existem muitas famílias que são bem focadas né, então os alunos que se destacam são aqueles que as famílias apoiam.		
Essa inserção, essa participação mais efetiva dos pais ajuda na educação dos filhos. [...] essa proximidade torna a vontade de aprender mais interessante.		
[...]se a família não procurar, se a família não fizer parte do dia a dia da escola e do aluno, aquele aluno que tem alguma vulnerabilidade seja qual for, ele vai se distanciar da escola, ele vai se distanciar do interesse dele pela educação e vai acabar se tornando uma presa fácil nesse mundo aí...	O que o aluno é e faz na escola e na vida reflete o que ele vive na família	
[...] quando você tem pais que são estabados pais que não são voltados para educação o filho tende a reproduzir aquele comportamento de desleixo, de desinteresse, aquele comportamento de deixar a educação para lá , quando você ver um aluno se destacando aquele aluno que geralmente vai arrumadinho para escola, que você nota que a mãe tomou cuidado de dá um banho nele.		
Quando tem reunião de pais e mestres só quem vai são os pais dos alunos que teoricamente não precisam, e tem o melhor desempenho, os alunos que são os piores de rendimento acadêmico são geralmente aqueles que os pais não vão nem pegar o resultado, então isso diz muito. Aquele pai aquela mãe que se preocupa com filho o resultado tende a ser melhor, geralmente assim pode ter exceções , pode ter uma família muito vulnerável pode ter uma família muito estabada que o filho vá lá estude, pode ter! que é exceção e também pode ter o contrário, famílias que são bem estruturadas, mas que o filho não consegue render porque gosta de brincar.		
[...] havia sim a questão do interesse, tinha até mesmo a questão da orientação de perguntar o que eu achava, de dizer “cobre muito professor! Se achar que ela tem que estudar mais ou que tem que estudar menos”. [...] Já aqueles alunos que são mais atuantes que são mais próximos da escola, nós temos que ter mais atenção para o lado acadêmico, já que eles têm uma ética, uma moral já vindo de casa.		
[....]então eu posso falar de dois públicos diferentes dentro da escola, aquelas que vão ter uma condição de vida mais capaz de dar um amparo para os filhos, porque são pessoas que são instruídas , eu tenho por exemplo alunos que os pais são formados [...]. Agora eu tenho pais que não tem nenhum tipo de conhecimento, então são pais que podem dá um apoio mais moral, são pais que vão ter uma necessidade muito maior de evitar com que o filho perca sua bolsa na escola , participando mais no intuito de “eu tô indo para escola por mais que eu não entenda a parte educacional, mas enquanto pai eu tô fazendo o possível para que meu filho tenha a condição de estudar ”.	O nível cultural da família interfere na formação do aluno	
[...]São educados, podem ser analfabetos ou semianalfabetos, mas eles transmitem valores a seus filhos , e a gente sente a repercussão dessa educação que vem também da família		

Também considerando a realidade social da família, então muitas vezes não podem vir porque precisam ir trabalhar para defender o bocado de cada dia. Então há necessidades básicas, nós temos aqui famílias que são muito pobres, então a necessidade de trabalhar para ter o pão de cada dia é imensa, temos medianos e temos aqueles que têm o padrão de vida melhor, e a gente considera que essa realidade que vivemos é fruto da própria estrutura social que nós vivemos [...] Assim, esperar de uma família sem estrutura algo básico é complicado, como é que vou esperar de uma mãe que muitas vezes não teve estudo, que muitas vezes é alcoólatra, que muitas vezes tem uma realidade que eu nem conheço que é algo distante, então é difícil eu esperar que um pai ou uma mãe vulnerável cobre do seu filho. [...] o que acontece para que esse diálogo não acontecer algumas vezes é de pais que trabalham excessivamente e não podem dá atenção para os filhos, essa é a primeira problemática que a gente encontra. Os pais que trabalham excessivamente não têm tempo para resolver as coisas dos meninos, de ir a escola... eles alegam que não tem tempo. Outro ponto que é muito constante, são de pais que não tem muita noção... noção de estudos dos meninos, porque são ou analfabetos ou porque ficaram muito para trás na educação [...] Então o que acontece é que os pais estão muito fragilizados, porque eles são muito fragilizados pela questão econômica, que automaticamente impacta na questão do conhecimento, o que faz com que eles não saibam a situação e também pela pouca instrução que tem, de saber que esse relacionamento entre pai e escola modifica totalmente a relação do filho com a escola. E relações de pais fragilizadas com a escola automaticamente gera uma relação ruim, por mais que a escola se empenhe, fique faltando esse elo que faça essa ponte que faça acontecer o que a gente precisa que aconteça. O perfil dessas famílias, são famílias que vivem em situações de alto risco, que vivem em situações do tráfico de drogas e coisas do tipo, e se utilizam do conhecimento da lei para pressionar a escola a fazer como se quer, a se favorecer, até mesmo intimidar. Então eu já fui frequentei algumas casas de alunos onde a condição é um pouco mais complicada, são pessoas que moram em casa de taipa, são pessoas que o pai vive da roça. A escola precisa ter uma inserção maior desses pais, e por mais que tenhamos um grande número de pais quando a escola marca uma reunião a gente também sabe que muitos deles trabalham em empresas privadas e não podem tá ali porque não podem faltar no emprego, porque faltar no emprego é uma coisa ruim para quem trabalha em empresa privada.	As condições socioeconômicas e culturais determinam o modo de relação entre família e escola.	<i>“Agora quando a gente vai para a nossa realidade onde tem famílias (...) em condições totalmente adversas onde não podem dar nenhum tipo de amparo, aí sim eu acredito que a escola deva interferir.”</i> As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola: Entre a necessidade de trabalhar e motivar os filhos para estudar.
--	---	---

Elas depositam muita confiança na própria escola, a escola, a ESAR é uma referência na região, então aqui é uma fileira para entrar, né, então, nessa.. [...] quantas vezes nós professores ficamos ansiosos pelo lanche, imagina essas crianças, eles ficam ansiosos antes do recreio querendo saber o que vão comer, muitos deles por incrível que pareça, é aquela a principal refeição deles. [...]a comunidade sonha em entrar lá, é o sonho de todos os pais, e eles todos sabem que eles tem que se empenhar porque uma oportunidade como aquela eles não vão ter em outro lugar, e as famílias tem essa noção, uma escola que dá tudo, uma escola que dá o material, que dá alimentação, que dá suporte, suporte emocional por meio de psicólogos, tudo, tudo... Alimentação de qualidade, espaço de qualidade, convivência com pessoas cordiais, uma outra realidade de educação, expostos ao esporte de uma maneira de organizada, expostos a leitura, a tudo de melhor, a arte... [...]porque eles são carentes, entendeu?!, então o máximo que a gente pode esperar da família é... Que se for presente bem, se não for infelizmente, a gente tem que tentar suprir a necessidade e inspirar eles né, porque tem muito aluno aí que se inspira nos professores, eu vejo muito aluno que fica curioso em saber quanto a gente ganha (Todos riem)... ‘e aí professor, tem muita prova para corrigir?’, então eles ficam se inspirando na gente, que é um exemplo diferente para eles do contexto que eles vivem né. "oh se não quiser eu trabalho demais, eu não tenho tempo para isso não, vou mandar ele morar lá em Campo Maior com a mãe, que é outra que não quer nada que nem ele, e não quero nem saber", desse jeitinho. Aí a forma que a gente acolhe esses alunos faz toda a diferença, pois em casa eles não tem esse acolhimento, então são experiências que revelam uma estrutura familiar extremamente vulnerável e fragilizada, emocionalmente, psicologicamente e economicamente. [...] isso transforma a visão da família sobre a Esar, eles veem a Esar como uma barco de salvação, como um ponto de mudança, um ponto de virada para que os filhos tenham aquilo que eles não tiveram. A gente viu assim, que essa família ainda é esperançosa, ela demonstra quando ela faz o esforço de conquistar a vaga, de manter essa vaga, de oferecer uma educação de qualidade para os filhos. Ela sonha que esse filho tenha, por exemplo, um destino ou um futuro diferente do que eles estão tendo, que não se repita a história. Não é porque eles estão nessa situação que nós vamos levar de qualquer jeito, é o contrário disso, é oferecer o melhor possível independente de qualquer coisa, independente da classe social, de onde veio... Oferecer as melhores estratégias, trazer os meninos pra cá. Em relação ao que a família ver da Esar a comunidade como um todo, há muito tempo já via a Esar como um barco de salvação.	O que as famílias buscam e esperam da escola dos seus filhos: Possibilidades de um futuro melhor	

As pessoas que procuram o Santo Afonso é porque querem o melhor para o seu filho é um consenso por parte dos pais. [...]então os pais que a procuram a escola eles sabem da história e tudo que a escola oferece... eles sempre querem o melhor para o seu filho. [...]a gente vai contando histórias para que eles sintam curiosidades e queiram crescer, então o que eu sempre faço é atizar a curiosidade deles, tipo “ei cara tu já viu que o engenheiro aqui que trabalhava na ESAR?! ele também estudou aqui”, “ei você sabia que o professor tal ele cresceu aqui...”, inclusive eu também conto histórias minhas de superação. Então eu acho assim que o aluno tem que se identificar com professor, eu procuro e contar histórias que desperte essa identificação, porque se o aluno se identifica com o professor, ele compra a ideia do professor, e eu trazendo coisas boas é natural que o aluno se interesse por coisas boas. [...] as famílias que querem alguma coisa enxergam o Santo Afonso como um trampolim para o aluno virar um médico, virar um engenheiro... Logo a partir dessa abertura eles já começam a falar mais, chegar em você para pedir conselhos, perguntar se devem fazer coisa X ou Y, coisas que são para a família, coisas que... é aquela situação que a gente percebe que não é papel do professor é papel de família, mas quando a gente nota que a família não está nesse lugar os professores começam a tomar esse espaço, eu acredito que a aproximação entre professor e aluno deve acontecer obviamente, mas com seus limites no campo ético da relação.		
[...] por saber que é uma escola filantrópica, acham que a escola tem obrigação de passar os alunos, de dá todos os materiais, de achar que a escola deve resolver todos os problemas de saúde dos alunos, a escola tem obrigação de arcar com tudo, mas não é o que acontece, a escola é filantrópica, a escola escolheu fazer a filantropia, ela não é obrigada. [...] algumas famílias a gente vê uma inversão de responsabilidades, jogam todas as responsabilidades, principalmente emocional na ESAR, o que não pode acontecer, porque a escola não tem como abarcar todo o tempo do aluno, todo tempo que ele fica em casa, da carga emocional que os alunos trazem das famílias, dos problemas familiares, e não tem como a escola lidar com isso. Então, eles veem a escola de uma forma muito boa, mas há essa distorção de qual é a função da escola, como se fosse obrigação dela de cuidar de todas as áreas do menino, e não tem! E é isso, como essa família transita entre o legal e o ilegal e como ela distorce a realidade ao seu favor, acaba que as crianças aprendem e praticam isso também. Assim, na escola a gente ensina um modo de proceder, um modo inaciano digamos assim, e o modo de proceder que os alunos tem em casa é diferente. [...]Então a gente reforça isso, uma coisa na escola, mas em casa o pai diz "se você apanhar lá, você apanha aqui" e aí meu aluno já diz "a mamãe já me disse se eu apanhar...". Então muitas vezes (se referindo ao texto), o discurso é bonito demais.	Os limites e possibilidades de atuação da escola quando a família não se faz presente na educação dos filhos	

[...] e tem as famílias vulneráveis que terceirizam a educação totalmente, joga o menino lá e esquece que tem mãe, esquece que tem pai, e isso se torna um grande problema, pois a escola passa a absorver questões familiares, logo porque muitas vezes a gente não pode nem entrar tanto em uma confusão de família, em um conflito, uma dificuldade financeira, pois pode até expor aluno né. Pior que eu não consigo ver uma possibilidade de a escola suprir essa ausência da família, eu acho que não tem como tirar a família do papel que ela tem por mais que ela não tenha uma participação. [...]eu não consigo enxergar um meio da escola tentar suprir a ausência da família, eu não vejo uma forma de a escola trabalhar o aluno tentando evitar... tentando fazer com que... “os pais não conseguem estar presente o que que nós vamos fazer?!” como se a gente fosse tentar substituir o papel da família. Se você fica ali um pouco com os alunos eles começam a falar da vida contigo e você fica assim “poxa a família que deveria ser a base de sustentação para que os alunos evoluam, mas parece que ela não existe”, então eu particularmente não sei te dizer como a escola poderia fazer isso. Então é isso, a escola tem seu limite a escola tem um papel, ela tem uma função social e a família tem outra [...]eu acredito que a escola só pode atender até seu limite, ela não pode substituir a família, vai chegar um momento que a escola tem que parar e falar “ponto, aqui é nosso lugar e não podemos ultrapassar isso”. Agora quando a gente vai para a nossa realidade onde tem famílias que os pais são alcoólatras, usuários de droga, ou que trabalham em roça ou em condições totalmente adversas onde não podem dar nenhum tipo de amparo, ai sim eu acredito que a escola deva interferir.		
Em relação a família e escola, eu ainda vejo que por mais que os pais não tenham uma instrução em âmbito intelectual ainda existe uma preocupação deles [...] mas eu vejo os pais mais preocupado em manter seus filhos dentro da escola do jeito que eles conseguem para manter a bolsa. [...] eu consigo ver que existe uma preocupação maior de manutenção da bolsa, não uma preocupação maior em acompanhar, porque mais que você diga assim “ah mas os pais acompanham os alunos quando tem reunião”, isso daí a gente consegue ver porque é uma exigência da própria escola.	A qualidade de participação das famílias na vida escolar dos filhos	
[...] enfim é inevitável esse choque esse encontro mesmo, mas que muitas vezes esse encontro nem acontece da família com a escola, é um disse me disse por meio do aluno e na reunião quando vem é só a mãe.		

Os pais da ESAR são extremamente convidados a estar na escola, a escola é próxima, tem canais de abertura, é uma escola que tem um setor de assistência social exclusivamente para isso... Então a escola está totalmente munida desse diálogo.	A escola como responsável em desenvolver meios de aproximar e fortalecer a relação com as famílias.	<i>“[...]colocando mais eventos possíveis, encontro de família com aluno ou então gincana, encontros religiosos, porque realmente tem pai que você nota que ele foi forçado a ir para escola por conta dos eventos [...]então isso aí faz com que pai queira ou não se aproxime da escola.”</i>
O aluno da Esar precisa de responsável assinando e dando feedback para tudo que acontece,então existe essa participação obrigatório, e existe essa colaboração que acontece por níveis, há pais que não colaboram, só participam. E algumas pais colaboram de maneira inconstante, pouco frequente, ativamente e frequentemente, que no fundo é o que nós desejamos.		
[...]colocando mais eventos possíveis, encontro de família com aluno ou então gincana, encontros religiosos, porque realmente tem pai que você nota que ele foi forçado a ir para escola por conta dos eventos, tem também os encontros com os psicólogos né, [...]então isso aí faz com que pai queira ou não se aproxime da escola, mesma coisa pode ser vista nos eventos né, dia dos pais, dia das mãe, dia do professor, tudo isso faz com que os estudantes e os pais se sintam a vontade na escola e acabe gerando esse bem-estar até para que a gente possa conversar.		Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola.
Então esses encontros essa agenda essa rotina de festividades, de encontros pedagógicos com a família faz com que o pai e a mãe mesmo obrigados tome conhecimento do que tá acontecendo, é isso que acontece então ele vai pôr bem ou por mal nem que mande um parente um tio, então isso faz com que o aluno seja representado então mostra o que ele tá sentindo a dificuldade do aluno. [...]escola preencha os espaços né, com a educação, com a religião, mas que a maneira mais fácil de atrair o pai para ir à escola é tendo uma agenda ativa.		
A escola poderia inserir os pais junto com os filhos em atividades acadêmicas, atividades essas que podem contar para o currículo, não apenas no dia dos pais ou dia das crianças para os pais irem.		
Eu acredito que a escola deveria ter momentos e não um momento específico no ano, mas momentos esses em que os pais vão e podem desenvolver trabalhos junto a escola que não seja voltado apenas para o conhecimento, mas que também possa fazer com que eles aprendam coisas novas que os leve a melhorar no seu trabalho, [...]acho que falta mais essa interação entre família escola, não uma interação de algo obrigatório, como em uma relação onde o pai vai para reunião porque precisa ir, de ir no dia dos pais porque eu tenho que ir, mas participar de uma forma mais efetiva do processo.		
O pai trabalha em uma serraria ou então o pai trabalha como pedreiro, aí dentro da atividade deles a gente pode encontrar material pedagógico, “ah meu pai coloca cerâmica em casa”, então eu como professor de matemática posso pegar uma cerâmica e dizer “vamos imaginar uma sala e vamos fazer um cálculo da área, vamos ver aqui quantos tijolos pega”, nisso o pai vai saber responder por mais que ele seja analfabeto a experiência do trabalho dele já lhe dá um conhecimento, aí o filho vai dizer “ah pai, então cabe tanto?!”	As condições criadas pela família para ajudar na educação dos filhos.	

deixa eu calcular para ver! Pai como o senhor consegue fazer isso de cabeça? Como coloco no papel?”.		
[...] eu vejo que o pai participa da educação do seu filho quando ele ajuda a entender que ali não é apenas para estudar, mas também para ser um ser humano.		
[...] Por exemplo um aluno do sétimo ano do ano retrasado que a mãe sempre me perguntava dicas de leitura, onde ela podia comprar livros, onde ela achava uma biblioteca pública, para ela ir lá reservar um livro que não tivesse na biblioteca da escola... então enquanto tem pais que ficam sem saber o que fazer, esses que não sabem o que fazer a gente diz, existem outros que nos dão um feedback o contrário.		
E como a família pode contribuir?! A família pode tá conversando constantemente com a coordenação e professores, que é o que a gente pede, participar das reuniões, olhar as agendas, ir a escola, perguntar como estão as ocorrências dos filhos, as notas... é o básico que a gente pede, acompanhar os filhos.		
Então qual é esse papel da família?! Estar presente na escola, marcar presença na educação dos filhos, perguntando como vão as atividades, olhando os cadernos, olhando a caligrafia, vendo se tem atividade para casa, dando um feedback, indo conversar com o professor, não deixando margem para o aluno enganar o pai, se ele conversa com o professor, não tem como o aluno enganar, porque o diálogo ali é estreito, a coordenação os pais e os professores não dão brecha para que isso aconteça quando se mostram presentes, então o papel dos pais aquilo que cabe a eles frente a constituição, é dever da escola e da família dá educação, e as vezes apenas a escola tem assumido essa responsabilidade.		
Olha só, em relação a pais que são atuantes, o que a gente precisa fazer, é sempre ter um feedback, escutar né, ter aquela conversa, troca de opiniões e conselhos que é importante.		
[...] e é isso, mas a maioria dos pais só pegam a nota, alguns tem preocupação como falei, alguns chegam para gente e diz “professor teria como a gente tá fazendo alguma coisa, como professor particular, reforço?!...”, então esses que tem essa preocupação a gente consegue perceber que é uma preocupação de relação escola com família, agora outros eu não consigo ver, na verdade na maioria eu não vejo isso.		

Fonte: Dados produzidos em encontros formativos no ano de 2019.

No capítulo a seguir apresentaremos a discussão e interpretação dos núcleos de significação que foram organizados nessa seção por meio das significações produzidas pelos professores participantes da nossa pesquisa. A interpretação de cada núcleo se dará a partir da análise dos seus indicadores, para tanto evidenciaremos em nossa discussão os pré-indicadores que compõem esses indicadores e o que cada um revela sobre as significações que os professores produzem a respeito da relação entre os complexos sociais família e escola.

4 A RELAÇÃO CAUSAL ENTRE OS COMPLEXOS SOCIAIS FAMÍLIA E ESCOLA MEDIANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES FOCADAS NO DESEMPENHO ESCOLAR

Nesta seção, apresentaremos as discussões relativas aos núcleos de significação que sintetizam os sentidos constituintes da consciência que os professores produzem sobre a relação dos complexos sociais família e escola.

Nossas discussões estão sistematizadas a partir de três núcleos de significações que resultaram do processo de análise, são eles: “A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito”, “As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola e seu impacto no desempenho educacional dos estudantes” e “Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola”.

No primeiro núcleo intitulado **“A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito”** articulamos indicadores que evidenciam as significações dos professores no tocante à contribuição da família no processo de aprendizagem dos filhos e como a organização e a participação desse complexo reflete no desempenho educativo escolar dos estudantes.

No segundo núcleo que tem como título **“As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola: Entre a necessidade de trabalhar e de motivar os filhos para estudar”** discutimos, a partir dos indicadores as condições objetivas e subjetivas que impactam na relação entre os complexos e quais os reflexos dessas condições no desempenho dos estudantes, a qualidade dessa relação e as expectativas que são produzidas pelos dois grupamentos.

No terceiro núcleo, **“Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola”**, foram articulados indicadores que evidenciavam as significações produzidas pelos professores sobre o que a escola faz e pode fazer para melhorar a relação com as famílias, tanto como, quais condições esses pais e responsáveis criam para ajudar na educação escolar dos seus filhos. Portanto, nesse último núcleo foram analisadas as alternativas que os professores propuseram para diminuir as assimetrias com as famílias de seus estudantes.

4.1 A participação da família na vida escolar do estudante indica relação de causa e efeito

As discussões presentes neste núcleo partem das significações que os professores produziram acerca do papel da família na vida do estudante e de como isso reverbera na qualidade da relação que os estudantes mantêm com os processos educativos vivenciados na escola.

O núcleo em questão foi organizado com base na articulação dos seguintes indicadores: *O esforço da família reflete no desempenho do aluno na escola; O que o aluno é e faz na escola e na vida reflete o que ele vive na família; O nível cultural da família interfere na formação do aluno.*

Analisando o primeiro indicador deste núcleo, *O esforço da família reflete no desempenho do aluno na escola*, é possível compreender que os professores apontam que o desempenho dos estudantes na escola resulta do que a família faz em casa, de como se comporta em relação à escola, do seu nível de participação na rotina da escola e do modo como essa família se organiza. Vejamos as significações expressas nos pré-indicadores a seguir:

Agora na ESAR o que acontece?! As famílias de lá elas são bem precárias financeiramente, entretanto **existem muitas famílias que são bem focadas, né?! Então os alunos que se destacam são aqueles que as famílias apoiam.** (Professor Milton Santos)

Essa inserção, essa participação mais efetiva dos pais ajuda na educação dos filhos. [...]essa proximidade torna a vontade de aprender mais interessante. (Professor Michel Foucault)

E quando indaga sobre quando é que a família colabora com a vida do aluno é **quando ela mantém esse vínculo com a escola, quando ela também proporciona um ambiente favorável para esse aluno se desenvolver enquanto pessoa, que ele tenha espaço para fazer suas tarefas.** (Professora Simone de Beauvoir)

E esses pais que estão constantemente com a gente são os pais dos alunos com maior rendimento acadêmico, isso é uma coisa que a gente fala sem medo de errar [...] **E os alunos com o melhor rendimento são aqueles que nós conhecemos os pais.** (Professora Eliana Yunes)

As significações expressas, na maioria das narrativas acima, evidenciam uma concepção de processos educativos e desenvolvimento humano muito presos à relação de causa e efeito. O sentido que está por trás do discurso aparente é que basta aos pais dos alunos “participarem” da vida escolar dos filhos para que esses estudantes vivenciem seus processos educativos na ausência de tensões e complexidades. Na verdade, o que grande parte dessas narrativas

reproduzem é uma visão idealizada acerca do modo como os estudantes concretos se constituem. Não queremos dizer com isso que a participação das famílias não é um fato concreto importante na vida dos estudantes, mas apenas destacar que analisar essa relação, como relação de causa e efeito, deduz uma visão fragmentada sobre a complexidade da formação do estudante quando denotam não considerar as mediações que constituem a realidade das famílias e da própria escola, mas como processo linear de causa e efeito, na ausência total de mediações históricas.

Posto isso, nos apoiamos em Aguiar, Carvalho e Marques (2020) quando esclarecem o papel das mediações na constituição do concreto. Para as autoras, a história e, portanto, a totalidade só pode ser entendida, enquanto realidade concreta, a partir de suas mediações, logo, é por meio dessa categoria que o pesquisador se aproxima das particularidades do seu objeto e do seu desenvolvimento. Tal fato pode ser visto nas falas dos professores Milton Santos e Michel Foucault, o primeiro assume conhecer o contexto e a realidade das famílias, no entanto, aponta somente o “foco” como condição necessária para as famílias, descartando de certo modo aquilo que ele apresenta no começo de sua fala, que seriam as condições objetivas dessa família e suas possíveis repercussões na educação.

Ainda a respeito da significação produzida pelo professor Milton Santos, ao apontar a necessidade de maior participação das famílias, o professor também revela compreensão sobre o desempenho do estudante pautada na ideia de causa e efeito. Tal fato pode ser visto quando o professor argumenta que o aluno passa a se destacar quando a família participa.

Sobre essa afirmação destacamos nossa visão de formação humana que se fundamenta na ideia de desenvolvimento não linear, mas como resultado de múltiplas determinações que são mediadas por meio dos complexos sociais. Sendo assim, entendemos que o ser humano não nasce humano, mas tem a possibilidade de vir a ser a partir do momento que se apropria da produção histórica humana (MORETTI; ASBAHR; RIGON, 2011). Isto é, o estudante se desenvolve ou melhor, torna-se humano à medida que interage com o social e os outros seres humanos que o circundam em uma dialética de troca, tanto na família como na escola, ou como é discutido por Leontiev (1983). Nesse processo, é preciso que o ser humano aprenda a ser humano dentro das possibilidades que se apresentam na realidade objetiva, sendo assim, o apoio ou a falta dele não se mostra como fator determinante da formação desse estudante, mas apenas mais um meio que pode vir a constituir esse ser humano.

Na fala do professor Michel Foucault assim como as de Milton Santos, não são apresentadas de forma clara as mediações presentes nessa realidade, todavia, podemos perceber que esse professor entende que o interesse dos estudantes pela educação pode ser potencializado

quando a família participa de forma mais efetiva na escola, e que é essa proximidade que motiva o estudante a querer aprender.

A respeito dessa afirmação, apoiamo-nos nas contribuições de Leontiev (1978). De acordo com o autor, a motivação se desenvolve no sentido de levar o ser humano a agir para suprir determinada necessidade, ou seja, é ela que induz a ação humana. Em resumo, podemos discorrer que a vontade de aprender não pode ser vista como algo relacionado apenas ao complexo família, visto que esse estudante em si é uma totalidade que se constitui na relação mediada entre vários complexos presentes na realidade.

Todavia, é importante ressaltar que não estamos falando de qualquer família, mas de famílias que por si só são plurais e que se encontram em determinado contexto, logo, as necessidades dessas famílias e estudantes são múltiplas, e ao fazer referência as que vem de classes populares é possível afirmar que suprir necessidades básicas se apresentam como prioridades. Nisso, cabe a essas famílias proporcionar condições que façam com que seus filhos frequentem a escola (SZYMANSKI, 1997). Desse modo, acreditamos que a produção de motivos, que levam o estudante a um bom desempenho, está mais interligada com a própria atividade da escola, em razão de que ela deve não só criar estratégias que medeiem práticas educativas como também proporcionar condições para que esses motivos se tornem efetivos e levem os alunos a entrar em atividade de estudo. Logo, nessa dinâmica, é essencial que o professor desperte o interesse do estudante sobre os conteúdos ali ministrados para que esses entendem o melhor o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando que atividade de estudo possa vir a ser mais efetiva.

Seguindo essa análise sobre a influência da família no desempenho educativo, a professora Simone de Beauvoir não só defende a participação dessa família como também ressalta a sua importância em proporcionar condições favoráveis para formação desse estudante da mesma forma enquanto pessoa. A respeito disso, Oliveira e Lopes (2020), apontam que ao se tratar de responsabilidades, é importante não confundir o que compete a família e a escola. Para elas, é na família que o estudante se apropria das primeiras normas e valores culturais essenciais para viverem em sociedade, e no que diz respeito a educação é dever da família proporcionar condições objetivas como espaço de estudos com materiais adequados e sem distrações. Como argumenta Santos (2016), à família, cabe a proteção e garantir condições para que esse estudante possa se humanizar e para isso é necessário que seja garantido um ambiente estável e acolhedor. Portanto, a família colabora quando viabiliza mediações que favoreçam a apropriação por parte dos seus filhos da produção histórico – cultural acumulada (MORETTI;

ASBAHR; RIGON, 2011), que nesse caso, são valores éticos e morais que situam o ser humano ao seu tempo.

A respeito da narrativa produzida pela professora Eliana Yunes, é possível perceber novamente que as significações, aqui, produzidas sobre o desempenho dos alunos e participação da família, são resultadas de análises apenas daquilo que a professora percebe no seu dia a dia de forma imediata. Perante o exposto, Saraiva e Wagner (2013) argumentam que essa lógica se sustenta pela crença da correlação direta entre boa dinâmica familiar e aprendizado, o que evidencia novamente que a professora compreende o processo educativo como resultado de uma dinâmica de causa e efeito. Nesse movimento os professores entendem que famílias colaboram para o bom desempenho, mas que também são as únicas responsáveis quando o estudante não vai bem na escola, situações essas, que devem ser vistas em sua totalidade e, portanto, só podem ter suas análises feitas a partir das mediações que se desenrolam na relação entre os complexos envolvidos. Isto é, é necessário fazer análise que vá do todo, que seria o fenômeno aparente, até as suas partes que podemos entender como os movimentos que se dão tanto no interior da família como da escola.

Ainda sobre o pré-indicador referente a narrativa da professora Eliana Yunes, é importante destacar sua afirmação a respeito da participação da família e bom desempenho dos estudantes. A partir de sua fala fica evidente que para ela os estudantes com melhor rendimento escolar são aqueles em que os pais e responsáveis procuram frequentar as atividades da escola e por isso passam a conhecer os professores, em outras palavras, são famílias que se adequam a modelos esperados pela escola. De acordo com Szymanski (1997), a escola cria modelos e espera que as famílias ao seu redor se adequem a tais expectativas. Para a autora esse posicionamento da escola se mostra preocupante, pois à medida que o complexo escola levanta padrões, ele também se fecha para as pluralidades das famílias e passa a responsabilizá-las muitas vezes por questões que fogem do domínio desses pais e responsáveis, sendo um deles o desempenho educacional que tem relação com a apropriação de conteúdos por meio de práticas escolares específicas, algo que vai muito além da participação ou não das famílias na escola.

Ainda sobre a participação da família na escola no pré-indicador analisado a seguir, é possível identificar que o professor Michel Foucault acredita que a família já começa a participar da vida do estudante no momento que ela cumpre a sua função social ensinando valores e indo à escola mesmo que obrigatoriamente. O pré-indicador a seguir evidencia essa compreensão:

Eu participo da vida do meu filho onde eu ensino valores morais para ele, onde eu participo de uma forma direta. E esse tipo de participação de vir buscar boletim, de vir fazer renovação de cadastro... é indiretamente uma participação. (Professor Michel Foucault)

Diante desse pré-indicador, é possível afirmar que para o professor a participação da família na educação dos estudantes já começa quando ela medeia práticas que tem como objetivo reproduzir o gênero humano no que tange aos valores morais corroborando com as ideias de Cordeiro (2018), ao afirmar que é na família onde o humano aprende os primeiros valores e costumes que serão essenciais para as suas mediações futuras com o social e com os demais complexos.

No que se relaciona a participação, para Oliveira e Lopes (2020), o ato de ir à escola e participar de reuniões não se apresenta como ação efetiva no que diz respeito a educação dos estudantes, pelo contrário, reforça a ideia de postura passiva da família. Para as autoras a colaboração se apresenta como o modelo ideal, e para que essa aconteça é necessário o desenvolvimento de uma relação horizontal entre os complexos família e escola, nos quais cada um participaria de forma ativa no processo educativo mediando práticas com um objetivo em comum. Contudo, para que isso aconteça se faz de suma importância que as famílias sejam convidadas não apenas a ir até a escola, mas que elas falem e sejam escutadas, respeitando principalmente suas particularidades e o contexto no qual a escola e família estão inseridas.

Ainda sobre a participação, Santos (2016), ao discorrer sobre o tema, alerta que é preciso que haja todo um entendimento das mediações que compunham a realidade concreta desse estudante e principalmente como as condições objetivas e subjetivas medeiam e determinam a relação dessa família com a escola e com o próprio estudante. No entanto, essas condições, em si mesmas, não são suficientes para concluir se a participação ou não da família é satisfatória para determinar o bom ou mau desempenho educativo, principalmente em nosso caso em que discutimos sobre famílias de classes populares que tem como prioridade trabalhar para se manter minimamente.

Diante disso, o modelo de colaboração se apresenta como alternativa ideal, mas que só se concretiza como viável a partir do momento que se estabelece um entendimento de quem são essas famílias e de como elas constituem e são constituídas pela realidade social. Por fim, ainda segundo a mesma autora, só há um real movimento de participação para um modelo de colaboração quando esses complexos dispõem de condições concretas para trabalhar juntos em prol de promover mediações que garantam uma formação humana para o estudante, ou mais precisamente como é posto por Saviani (2018), uma educação que proponha o formação por

meio do desenvolvimento das potencialidades desse estudante de forma integral para que seu processo de humanização o torne atual a sua época.

A partir do que foi dito anteriormente, é possível notar que para os professores a participação da família na vida dos estudantes ainda se mostra como fator fundamental quando se trata de desempenho educativo. Sobre isso, Oliveira e Lopes (2020) pontuam que a família tem função relevante no desenvolvimento educativo do estudante em vários aspectos, principalmente quando ela incentiva, cuida e procura proporcionar condições objetivas e subjetivas almejando se apropriar de produções culturais. Por outro lado, é importante ressaltar que não é função exclusiva dela fazer isso, é necessário que a escola desenvolva ações que façam com que esse estudante também produza motivos para desenvolver a atividade de estudo e se mantenha motivado.

A escola também tem a sua responsabilidade quando se trata desse desenvolvimento humano, pois diferente da família, cabe à escola a organização e mediação de saberes especializados que foram acumulados historicamente pela atividade humana (SAVIANI, 2018). E como é afirmado por Marques (2017), é responsabilidade da escola procurar formas de mediar esse conteúdo para que potencialize o desenvolvimento desse estudante, cabendo, aqui, à família apenas contribuir com alguns saberes oriundos do seu meio cultural, pois como destaca Szymanski (1997), os problemas relacionados à aprendizagem de conteúdos escolares são de responsabilidade da escola e não dos pais e responsáveis.

O segundo indicador: *O que o aluno é e faz na escola e na vida reflete o que ele vive na família*, apresenta dados relativos às significações que os professores produzem a respeito da influência que a família tem sobre as ações dos seus filhos tanto na escola como em outros locais. Por meio da análise desse indicador, foi possível perceber que o professor muitas vezes se limita apenas a realidade enquanto pseudoconcretidade, em razão de que demonstra acreditar que as ações dos estudantes dentro e fora da escola são resultados apenas das mediações que ele vivencia na família, e como argumenta Kosik (2002, p.15), “O fenômeno indica a essência e ao mesmo tempo a esconde”. Sendo assim, muitas das compreensões que o professor produz sobre a família de seus estudantes são mediadas apenas pelas estruturas do mundo fenomênico. Nossa posição pode ser confirmada a partir das seguintes significações expressas nos pré-indicadores selecionados:

[...] quando você tem pais que são estabranados, pais que não são voltados para educação o filho tende a reproduzir aquele comportamento de desleixo, de desinteresse, aquele comportamento de deixar a educação para lá, quando você ver um aluno se destacando

aquele aluno que **geralmente vai arrumadinho para escola**, que você nota que a mãe tomou cuidado de dá um banho nele. (Professor Milton Santos)

[...] havia sim a questão do interesse, tinha até mesmo a questão da orientação de perguntar o que eu achava, de dizer **“cobre muito professor! Se achar que ela tem que estudar mais ou que tem que estudar menos”**. [...] **Já aqueles alunos que são mais atuantes que são mais próximos da escola, nós temos que ter mais atenção para o lado acadêmico, já que eles têm uma ética, uma moral já vinda de casa.** (Professor Milton Santos)

A partir da fala do professor Milton Santos, fica evidente que ele produz significações sobre a família delegando a ela o desempenho do estudante, todavia, no primeiro pré-indicador é possível perceber que o professor compreende a importância de o estudante ter pais atuantes no seu processo educativo e que os valores que são reproduzidos dentro de casa são essenciais na formação desse Humano. Loureiro (2017) concorda com a ideia de que pais atuantes favorecem na aprendizagem dos filhos, em razão de que a família se apresenta como o que ela chama de “primeiro modelo” para os filhos, por outro lado, deixa claro que a imagem que se constrói sobre essa família deve considerar uma série de fatores, sendo estes: as condições socioeconômicas, o tipo de família e de relação que se estabelece com a escola, visto que a família não se mostra como o único complexo responsável pela educação desse estudante, logo, essa responsabilidade deve também se estender para a própria escola, pois como afirma Garcia e Mariotini (2017), a formação humana do estudante deve ser produto de uma atuação conjunta entre família e escola.

No segundo pré-indicador exposto acima, o professor Milton Santos revela que quando os professores percebem que os alunos já tem uma boa formação vinda de casa, a escola passa a se preocupar apenas com o lado acadêmico. Nessa fala ainda fica evidente que apesar de o professor entender quais as funções referentes a cada complexo nessa relação, ele ainda significa que o estudante é apenas reflexo das mediações que se desenrolam na sua família, portanto, analisa toda uma complexa relação que seria a formação humana desse estudante a partir de um recorte isolado da totalidade em si que é o seu processo de educação, desconsiderando as demais multideterminações que promovem a sua humanização. Com isso, entendemos aqui, que o professor se limita apenas na aparência do fenômeno e segundo Lefebvre (1983), a aparência se apresenta apenas como um reflexo do que a coisa é em sua essência, ela é apenas um momento, um modo de chegar a realidade na sua concretude.

Em suma, os sentidos produzidos por meio da fala do professor Milton Santos revelam que para ele o que os estudantes são e fazem na escola se apresenta apenas como um reflexo daquilo que ele vivencia em casa, isto é, são desconsideradas todas as outras mediações que

constituem esse estudante concreto, evidenciando assim a manutenção da relação de causa e efeito já explicada. Por outro lado, à medida que são apresentadas essas significações, o professor deixa de lado até mesmo o trabalho da escola, já que segundo ele, para ser um bom ou mau estudante depende apenas de uma boa relação da escola com a família, o que abre vazão para o questionamento de como ficariam os estudantes os quais os pais e responsáveis não frequentam a escola de forma que os professores considerem razoável.

Sobre essa discussão, segundo Szymanski (1997), é sabido que é de responsabilidade do complexo família proporcionar um ambiente acolhedor e amoroso para o desenvolvimento humano, no entanto, nem sempre isso é possível devido às questões econômicas e culturais. Desse modo, para a autora é complicado cobrar certos comportamentos quando as famílias não possuem as condições necessárias para tal, e que essas condições, muitas vezes objetivas, influenciam na sua relação com a escola e com os professores. Por isso, ainda se mostra um grande equívoco acreditar que a simples organização dessa família determinaria o comportamento do estudante, visto que essa posição desconsidera a ideia de estudante enquanto totalidade e de ser humano concreto. Assim, para a autora essa visão da escola denota uma acomodação com relação a sua função, a qual não se procura conhecer o seu público e o meio social que o cerca de forma aprofundada, superando a visão superficial dessa realidade.

Ainda sobre o reflexo dessa participação da família na escola, no próximo pré-indicador analisado, o professor Milton Santos destaca que até em momentos de obrigações, grande parte das famílias não comparecem, e aqueles que vão são a dos estudantes com maior rendimento. Por outro lado, o professor também faz uma ressalva deixando claro que a partir da sua experiência isso nem sempre se mostra como regra, o que contradiz a ideia de causa e efeito que ele sinalizava na afirmação anterior. Segundo ele, em algumas ocasiões, mesmo a família participando da escola, o estudante ainda continua a apresentar um baixo desempenho educativo, questão essa que pode ser vista no pré-indicador a seguir:

Quando tem reunião de pais e mestres, só quem vai são os pais dos alunos que teoricamente não precisam, e tem o melhor desempenho, os alunos que são os piores de rendimento acadêmico são geralmente aqueles que os pais não vão nem pegar o resultado, então isso diz muito. Aquele pai aquela mãe que se preocupa com filho o resultado tende a ser melhor, geralmente assim pode ter exceções, pode ter uma família muito vulnerável pode ter uma família muito establanada que o filho vá lá estude, pode ter! Que é exceção e também pode ter o contrário, famílias que são bem estruturadas, mas que o filho não consegue render porque gosta de brincar. (Professor Milton Santos)

Nesse pré-indicador podemos compreender que o professor Milton Santos apesar de ainda manter uma percepção a respeito das famílias que tem base apenas naquilo que é

percebido de forma imediata, ainda reconhece que a participação da família não é o único fator determinante para o bom desempenho, ele também depende das condições subjetivas desse estudante, isto é, das relações que ele tem com a escola e como ele as significa (MARQUES, 2019).

Outro ponto destacado pelo professor Milton Santos, foi a questão da participação das famílias de estudantes que teoricamente não precisam por já apresentarem um bom rendimento. Essa argumentação revela que o professor acredita que a participação da família se torna dispensável à medida que o estudante avança no seu processo educativo. Essa significação pode ser analisada a partir da discussão feita por Saraiva e Wagner (2013). Segundo eles, a escola ainda mantém para com as famílias postura de superioridade e muitas vezes de complexo que deve tutelar as relações, o que faz com que ela venha a se sentir muitas vezes no direito de julgar o que as famílias devem ou não fazer e se os seus saberes contribuem no processo educativo dos estudantes.

Ainda de acordo com os mesmos autores, em algumas ocasiões, o distanciamento entre professores e familiares também se constitui devido a pouca ou nenhuma instrução desses pais e responsáveis, já em outras por conta da própria falta de tempo, seja do professor ou dos familiares, o que faz com que estabeleça a ideia de que a prioridade deve ser daqueles estudantes que tem mau desempenho, já os outros não precisam de tanta atenção, pois se enquadram naquilo que é esperado pela escola e por conta disso, os professores não julgam a participação dos pais desses estudantes como algo prioritário e que pode até ser dispensada.

Sobre essas contradições presentes na fala do professor Milton Santos, concordamos com Marques (2014), ao afirmar que essas discrepâncias podem revelar dificuldades do professor em compreender a complexidade que é a formação do estudante e o desempenho escolar como resultado de multideterminações, portanto, de uma série de mediações que estão presentes tanto na educação formal quanto na informal. Ainda de acordo com a autora, nesse movimento de não entendimento da educação enquanto totalidade concreta, o professor passa a reproduzir discursos prontos e institucionalizados que culpabilizam a família e o estudante pelo o que se entende por fracasso mesmo quando há evidências que contrariam essa realidade.

O terceiro indicador intitulado “*O nível cultural da família interfere na formação do aluno*”, traz dados relativos as significações produzidas sobre a instrução das famílias e como essa reflete na formação do estudante. A partir de nossas análises, foi possível compreender que os professores acreditam que mesmo as famílias não possuindo muito conhecimento, elas contribuem da forma como podem e se esforçam para promover uma boa educação para os filhos, como pode ser visto nos pré-indicadores a seguir:

[...]então eu posso falar de dois públicos diferentes dentro da escola, **aquelas que vão ter uma condição de vida mais capaz de dar um amparo para os filhos, porque são pessoas que são instruídas**, eu tenho por exemplo alunos que os pais são formados [...]. **Agora eu tenho pais que não tem nenhum tipo de conhecimento, então são pais que podem dar um apoio mais moral, são pais que vão ter uma necessidade muito maior de evitar com que o filho perca sua bolsa na escola**, participando mais no intuito de “eu tô indo para escola por mais que eu não entenda a parte educacional, mas **enquanto pai eu tô fazendo o possível para que meu filho tenha a condição de estudar**”. (Professor Michel Foucault)

[...]São educados, podem ser analfabetos ou semianalfabetos, mas eles transmitem valores a seus filhos, e a gente sente a repercussão dessa educação que vem também da família. (Professora Simone de Beauvoir)

Na análise do primeiro pré-indicador podemos perceber que o professor Michel Foucault compreende que as famílias dos seus alunos não podem ser vistas como algo homogêneo e para isso ele aponta as condições objetivas desses pais, da mesma maneira que também evidencia que cada família participa da forma que pode a fim de manter o filho na escola. Segundo Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017), famílias de classe sociais mais baixas procuram formas de acompanhar o filho ou auxiliá-los mesmo quando não entendem a função social da escola. Para os autores, o complexo social escola é percebido pelas famílias como um meio que pode garantir um futuro melhor para seus filhos.

Na fala da professora Simone de Beauvoir é possível notar que ela compreende as limitações dessa família no que diz respeito a sua instrução cultural, por outro lado, a professora salienta que mesmo sendo analfabetos, é percebido que esses pais se esforçam em mediar práticas que favoreçam a apropriação e objetivação de valores sociais e culturais para seus filhos. Essa reflexão corrobora com a afirmação de Vigotski (2011), em que a aprendizagem e o desenvolvimento não se estabelecem apenas na escola, pelo contrário, elas já se ligam anteriormente quando a criança se apropria de conhecimentos necessários para a etapa seguinte do seu processo de apropriação da generalidade humana.

Outro ponto a se destacar é como a professora percebe as condições subjetivas desses pais. Segundo Costa, Silva e Souza (2019), é imprescindível que a escola entenda a complexidade que permeia a sua relação com as famílias, principalmente quando se trata de famílias pobres ou que os pais tenham pouca ou nenhuma instrução, buscando romper com a ideia de família com estrutura e sem estrutura. Carvalho (2015) também discute essas assimetrias, para a autora, a escola muitas vezes ainda produz e guia suas práticas sobre um modelo de família idealizada e nesse movimento ela não só desconsidera o contexto social

dessas famílias como também as rotula como estruturadas e desestruturas a partir do que é percebido na interação diária do estudante com seu meio social.

Com a análise desse núcleo de significação expressamos nossa compreensão sobre como os professores significam a importância da família no desempenho escolar dos estudantes. Para tanto, nos debruçamos em apreender, por meio da fala dos professores, as formas de participação da família na escola e como eles percebem os reflexos dessa dinâmica familiar no processo educativo dos estudantes.

As discussões realizadas nesse núcleo nos possibilitaram perceber que as significações que os professores produziram sobre as famílias muitas vezes eram resultantes de análises fragmentadas sobre a realidade, onde o bom ou o mau desempenho eram vistos apenas como produto das relações familiares desconsiderando as mediações que compunham a totalidade em que aquele estudante está inserido e as influências que ele sofre de outros complexos, sendo um deles a própria escola.

A análise que os docentes realizam acerca do esforço e papel das famílias em relação ao desempenho dos estudantes é feita com base nos resultados das sessões reflexivas, nelas os expuseram a sua percepção a partir de suas experiências cotidianas sem uma reflexão mais apurada acerca das condições que essas famílias possuem para acompanhar seus filhos de forma adequada. Fica evidente também a partir das análises que os professores afirmam conhecer a realidade dessas famílias e as dificuldades que as condições econômicas e sociais determinam sobre elas, mesmo assim esse fator é deixado de lado e os professores reproduzem um discurso que vem a responsabilizar a família pelo desempenho educativo dos estudantes.

Por meio desse movimento fica explícita a contradição na fala dos professores a respeito da formação humana desses estudantes. Essa afirmação se dá ao fato de que durante nossas análises contatamos um discurso que traz à tona, a todo momento, a importância de uma boa dinâmica entre família e escola para o processo educativo, no entanto, não é aprofundada por parte dos professores qual a relação direta entre participação e bom desempenho. Outro ponto que podemos destacar também, são as visões com relação a formação humana desses estudantes, que ora é discutida pelos professores como produto de relações, ora é vista apenas como um processo linear e causal em que as famílias são responsabilizadas por qualquer tipo de problema que os estudantes venham apresentar ao passo que a escola se exime de possíveis responsabilidades.

Sendo assim, compreendemos a partir da análises desses núcleo que os professores ainda tem significações da relação família e escola como algo isolado do contexto e que não é determinado por condições objetivas e subjetivas que medeiam a constituição dos nexos que a

compõem, uma vez que a escola ainda cobra comportamentos que não podem ser da alçada dessas famílias que tem como prioridade garantir o sustento ou que simplesmente não fazem parte de suas responsabilidades, e essa falta, essa não participação é usada para taxar essas famílias como únicas responsáveis por questões que muitas vezes estão para além do seu alcance ou que são de competência da própria escola.

Para a discussão desse núcleo nos utilizamos das categorias essência e aparência para debater como os professores percebiam e significavam a realidade da família dos seus estudantes. A categoria participação foi utilizada para discutirmos as formas de colaboração da família no processo educativo dos estudantes a partir das condições objetivas e subjetivas presentes no contexto. Por fim, a categoria mediação foi essencial na análise do nosso objeto de estudo em sua totalidade a partir de suas particularidades e contradições.

No núcleo seguinte, discutiremos as compreensões que os professores produzem sobre como as condições objetivas e subjetivas das famílias podem influenciar na sua relação com a escola e possíveis reflexos no desempenho educacional dos estudantes.

4.2 As condições objetivas e subjetivas mediando a relação entre os complexos sociais família e escola: Entre a necessidade de trabalhar e de motivar os filhos para estudar

O núcleo em questão foi constituído a partir da articulação de indicadores que revelavam como o contexto, em especial o nível cultural e as condições socioeconômicas, ou melhor dizendo, as condições objetivas e subjetivas medeiam a relação dos complexos sociais família e escola, e principalmente, como essas condições refletem no desempenho educacional dos estudantes.

Por meio do processo de apreensão das zonas de sentidos, articulamos nesse núcleo quatro indicadores, são eles: a) *“As condições socioeconômicas e culturais das famílias determinam o modo de relação entre os complexos sociais família e escola”*; b) *“O que as famílias buscam e esperam da escola de seus filhos: Possibilidades de um futuro melhor”*; c) *“Os limites e possibilidades de atuação da escola quando a família não se faz presente na educação dos filhos”*; d) *“A qualidade da participação das famílias na vida escolar dos filhos”*.

O primeiro indicador: *As condições socioeconômicas e culturais das famílias determinam o modo de relação entre os complexos sociais família e escola*, revela que os professores compreendem que as condições socioeconômicas e culturais influenciam diretamente no modo como as famílias se relacionam com a escola. Em razão disso, os professores também argumentam que muitos pais e responsáveis não frequentam a escola por

conta de questões relativas ao trabalho ou até mesmo por não ter escolaridade o suficiente para acompanhar os filhos. Os pré-indicadores a seguir refletem essa compreensão:

Assim, **esperar de uma família sem estrutura algo básico é complicado**, como é que vou esperar de uma mãe que muitas vezes não teve estudo, que muitas vezes é alcoólatra, **que muitas vezes tem uma realidade que eu nem conheço que é algo distante**, então **é difícil eu esperar que um pai ou uma mãe vulnerável cobre do seu filho**. (professor Milton Santos)

[...] o que acontece para que esse diálogo não aconteça algumas vezes é de **pais que trabalham excessivamente e não podem dá atenção para os filhos**, **essa é a primeira problemática que a gente encontra**. Os pais que trabalham excessivamente não têm tempo para resolver as coisas dos meninos, de ir à escola... eles alegam que não tem tempo. **Outro ponto que é muito constante, são de pais que não tem muita noção... noção de estudos dos meninos, porque são ou analfabetos ou porque ficaram muito para trás na educação [...]**. (professora Eliana Yunes)

A fala do professor Milton Santos nos mostra que para ele, falar ou fazer críticas a respeito da família dos seus estudantes não é algo simples, visto que, ele reconhece que muitas vezes sequer conhece os nexos que constituem a realidade desses pais e responsáveis. O professor também argumenta que essas condições influenciam na cobrança e na participação dessas famílias na vida escolar dos filhos. Sendo assim, ele afirma que nessas condições sejam objetivas ou subjetivas, se faz muito complicado esperar um apoio a mais no que se relaciona ao desempenho educacional dos estudantes. Podemos assim refletir a narrativa do professor em questão a partir de Szymanski (1997). Para ela, esse apoio das famílias não pode ser visto como uma ação homogênea que dependa apenas do querer dos pais e responsáveis, pelo contrário, para a autora famílias de classes populares expressam muitas dificuldades em acompanhar o processo educativo dos filhos, seja por falta de tempo ou até mesmo por não saberem argumentar com a escola e por assim não conseguir contribuir, o que reproduz uma imagem de desinteresse aos olhos da escola.

A professora Eliana Yunes destaca que os pais dos seus estudantes trabalham muito e por isso não conseguem dar total atenção para seus filhos ou participar de atividades na escola. Com essa afirmação da professora, podemos constatar que para ela muitas famílias não participam da escola, porque primeiro tem que garantir o sustento para suprir suas necessidades básicas de subsistências. Já outras famílias, segundo a professora, não participam porque não tem o que ela chama de “noção de estudo”, pois são analfabetos ou tem pouca instrução fator esse que inibe maior colaboração com a escola.

Essas ideias corroboram com o que é discutido por Bento, Dulce e Pacheco (2016). De acordo com os autores, famílias de classes populares têm dificuldade de participar efetivamente

das atividades da escola dado que muitas vezes essas ocorrem em horários de expediente (de trabalho), o que faz com que as famílias venham a frequentar a escola apenas em ocasiões que podem ou que são obrigadas a ir, como em reuniões ou entrega de notas. Os mesmos autores ainda assinalam que outro fator que dificulta maior colaboração dessas famílias é a sua baixa escolarização e a visão de inferioridade que elas têm frente à escola, em razão disso, muitas famílias acreditam não ter nada com o que contribuir, sendo dever da escola criar situações que busquem amenizar o distanciamento dessa família com a escola. Todavia, para que isso aconteça é necessário que a escola compreenda a família em seu contexto, e que essa que produto e produtora de sua realidade.

Ainda sobre essas desigualdades, é fundamental salientar que de acordo com Santos (2019), o distanciamento entre famílias pobres e escola é produto de determinações sociais de uma sociedade dividida por classes. Em virtude disso, a educação ganha um caráter de possibilidade de transformação e ao mesmo tempo de conservadora de forças que reproduzem os moldes sociais de dominação de uma classe sobre a outra, e nesse complexo se encontram família e escola como partes constituintes dessa realidade. Logo, a pobreza e a exclusão não podem ser vistas como algo alheio a realidade, mas sim como nexos que compõem a totalidade concreta dessa relação.

Dessa maneira, ao considerar a fala dos professores podemos compreender que são as condições sociais que distanciam as famílias da escola. Isto é, o fato de pais e responsáveis não participarem da escola não significa que eles não queiram estar lá; eles simplesmente não tem opção em razão da realidade que os obriga a colocar o trabalho em primeiro lugar para garantir a própria existência em meio a miséria, ou até mesmo porque o nível cultural cria uma barreira que os impede de dialogar com escola de forma horizontal. Para Szymanski (1997), as famílias de classes populares muitas vezes acreditam que não tem com o que contribuir, pois veem a escola como detentora da razão e de um saber absoluto.

No pré-indicador a seguir é destacado que as condições objetivas e subjetivas dessa família inibem a sua participação no processo educativo, o que determina uma relação vertical com a escola, como pode ser visto a seguir:

Então, o que acontece é que **os pais estão muito fragilizados, porque eles são muito fragilizados pela questão econômica, que automaticamente impacta na questão do conhecimento, o que faz com que eles não saibam a situação e também pela pouca instrução que tem**, de saber que esse relacionamento entre pai e escola modifica totalmente a relação do filho com a escola. **E relações de pais fragilizadas com a escola automaticamente gera uma relação ruim, por mais que a escola se empenhe**, fique faltando esse elo que faça essa ponte que faça acontecer o que a gente precisa que aconteça. (professora Eliana Yunes)

De acordo com a professora Eliana Yunes, as famílias são fragilizadas e possuem baixa escolaridade devido ao impacto das condições objetivas que medeiam sua relação com o social, processo esse que determina os modos de relacionamento dessa família com os demais complexos. Logo, para a professora Eliana Yunes, essas condições presentes na realidade das famílias medeiam e produzem uma relação conflituoso e de culpabilização mesmo com todo o empenho da escola. Nisso constatamos que a professora aponta as condições dessa família, no entanto, não discorre de forma mais profunda as mediações que se estabelecem nessa totalidade, dado que não é deixado clara a correlação entre condição socioeconômica e baixa escolaridade, muito menos o motivo dessas relações serem automaticamente ruins. Logo, podemos entender que para ela todas as famílias de baixa escolaridade não têm boa relação com a escola.

Sobre a discussão feita no parágrafo anterior, de acordo com Cordeiro (2018, p. 156), esses desencontros começam quando “[...] a escola impõe aos pais exigências de participação que vão além do domínio de alguns, principalmente das classes trabalhadoras, que tem pouco ou nenhum domínio dos conhecimentos”, tratamento esse que acaba produzindo o efeito contrário, ao invés de aproximar, resulta no afastamento dessas famílias que já se mostram fragilizadas devido às condições socioeconômicas. A autora ainda acrescenta que essas exigências podem acarretar sentimento de inferioridade pelas famílias, fazendo com que essas tenham relação vertical frente a escola.

O próximo pré-indicador revela que a professora compreende a pluralidade das famílias que frequentam a escola e que para muitas o trabalho laboral ainda se apresenta como prioridade mais urgente que o acompanhamento dos filhos nos estudos. Sendo assim, para ela, a relação família e escola é produto do social como pode ser visto a seguir:

Então há... há necessidades básicas, então **nós temos aqui famílias que são muito pobres...** Então a **necessidade de trabalhar para ter o pão de cada dia é imensa**, temos medianos e temos aqueles que têm o padrão de vida melhor, e a gente considera que **essa realidade que vivemos é fruto da própria estrutura social** que nós vivemos [...]. (professora Simone de Beauvoir)

A fala da professora Simone de Beauvoir demonstra que família e escola devem ser vistas como totalidades parciais que tem suas particularidades próprias e que estão inseridas em um contexto, um complexo de complexos, que as constitui e que também determinam suas relações. Isso posto, podemos concluir que a relação entre os complexos sociais família e escola é multideterminada e nesse movimento tanto as mediações da família como as da escola devem ser vistas como fatores fundamentais para o desempenho educacional dos estudantes.

No entanto, muito embora seja levantada pelos próprios professores a importância da família nesse processo educativo, os docentes não apontam como essas podem ou devem participar na educação, muito menos os impactos que podem ser observados de forma direta, pelo contrário, as significações dos professores revelam que seu entendimento dessa relação se baseia em causa e efeito. Como é pontuado por Loureiro (2017), só é possível compreender os impactos da relação família e escola no desenvolvimento do estudante quando passamos a analisar o contexto e as inter-relações que se estabelecem em cada uma, portanto, é preciso que essas sejam analisadas em sua totalidade, e como acrescenta Cordeiro (2018), é necessário compreender esses complexos em seu movimento histórico de transformação e suas mediações com o social.

O segundo indicador desse núcleo: *O que as famílias buscam e esperam da escola de seus filhos: Possibilidades de um futuro melhor*, apresenta dados relativos às expectativas que as famílias produzem sobre a escola, tal qual a postura que escola tem frente a famílias que não participam ou que têm dificuldade de participar da vida dos estudantes. Por fim, as análises desse indicador revelam como os professores significam a relação que eles desenvolvem com os seus estudantes. A respeito do que as famílias esperam, podemos ver através das falas a seguir, que os professores entendem que alguns pais percebem a escola como uma oportunidade de transformação da realidade em termos subjetivos e objetivos:

A gente viu assim, que essa família ainda é esperançosa, ela demonstra quando ela faz o esforço **de conquistar a vaga, de manter essa vaga, de oferecer uma educação de qualidade para os filhos. Ela sonha que esse filho tenha, por exemplo, um destino ou um futuro diferente do que eles estão tendo, que não se repita a história.** (professor Simone de Beauvoir)

[...] isso transforma a visão da família sobre a Esar, **eles veem a Esar como um barco de salvação, como um ponto de mudança, um ponto de virada para que os filhos tenham aquilo que eles não tiveram.** (professora Eliana Yunes)

[...]a comunidade sonha em entrar lá, **é o sonho de todos os pais**, e eles todos sabem que eles tem que se empenhar porque **uma oportunidade como aquela eles não vão ter em outro lugar, e as famílias tem essa noção, uma escola que dá tudo**, uma escola que dá o material, que dá alimentação, que dá suporte, suporte emocional por meio de psicólogos, tudo, tudo... Alimentação de qualidade, espaço de qualidade, convivência com pessoais cordiais, uma outra realidade de educação, expostos ao esporte de uma maneira de organizada, expostos a leitura, a tudo de melhor, a arte...[...]. (professora Eliana Yunes)

Por meio das falas das professoras Simone de Beauvoir e Eliana Yunes, fica claro que para elas as famílias significam a escola como um meio de ascensão social, e, portanto, mesmo com todas as dificuldades que o contexto dessa família apresenta, elas ainda se esforçam para

proporcionar condições que mantenham os filhos na escola. A professora Eliana Yunes também acrescenta que a escola, em questão, é o sonho de todos os pais e responsáveis, em razão de que ela medeia condições objetivas e subjetivas para que esses estudantes se desenvolvam de forma integral e assim possam atuar e transformar a sua realidade. Essa discussão encontra fundamento na afirmação de Mateus (2016, p.45), “[...] para as famílias a Escola é vista como uma perspectiva de um futuro melhor”. Ainda de acordo com a autora, famílias de classes populares veem a escola como um complexo que pode proporcionar condições para que seus filhos sejam capazes de alcançar maiores objetivos, portanto, a escola é posta como uma salvadora.

Esses pré-indicadores também revelam uma contradição sobre as expectativas dessas famílias sobre a educação. Essa contradição reside no fato de que mesmo sendo pobres, tendo baixa escolaridade, as famílias têm consciência da importância da escola na vida dos filhos, o que contrapõe o discurso de pais e responsáveis desinteressados. A respeito disso para Saviani (2003, p. 17):

Assim procedendo os pais das crianças pobres revelam, é certo que de forma intuitiva, uma consciência muito clara da importância da escola, de que a aprendizagem implica a aquisição de conteúdos significativos e que a aquisição desses conteúdos não se dá de modo espontâneo. [...]espontaneamente, não tem condições de enveredar pela realização dos esforços necessários à aquisição dos conteúdos do ensino, sem os quais ela não terá vez, não terá chance de participar ativamente da sociedade.

Sendo assim, as famílias entendem a importância dessa escola para que o estudante se humanize no sentido de participar de forma ativa no social e assim desenvolva possibilidades de transformar a sua realidade. Ainda sobre as expectativas dessas famílias de classes populares, para Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017), mesmo com todas as dificuldades e limitações impostas pelo social, a família entende que a escola cumpre um papel fundamental, não só na educação como também na proteção, dado que em algumas ocasiões os pais precisam trabalhar e acreditam que a escola afasta seus filhos da rua à medida que também os protege e desenvolve suas potencialidades e talentos.

Os pré-indicadores a seguir revelam que a escola espera maior participação das famílias no processo educativo dos filhos, mas quando essa participação não acontece, seja por qual motivo for, ela acaba assumindo a responsabilidade sobre a educação desses estudantes, nesse movimento a escola tenta oferecer o seu melhor a medida que também busca os motivar. Os pré-indicadores a seguir demonstram a nossa afirmação:

Não é porque eles estão nessa situação que nós vamos levar de qualquer jeito, é o contrário disso, **é oferecer o melhor possível independente de qualquer coisa, independente da classe social, de onde veio...** Oferecer as melhores estratégias, trazer os meninos pra cá. (professora Eliana Yunes)

[...]porque eles são carentes, entendeu?!, então o máximo que a gente pode esperar da família é... Que **se for presente bem, se não for, infelizmente, a gente tem que tentar suprir a necessidade e inspirar eles né, porque tem muito aluno aí que se inspira nos professores**, eu vejo muito aluno que fica curioso em saber quanto a gente ganha (Todos riem)... ‘e ai professor, tem muita prova para corrigir?’, então **eles ficam se inspirando na gente, que é um exemplo diferente para eles do contexto que eles vivem né.** (professor Milton Santos)

Para a professora Eliana Yunes, independente das condições e dos modos de participação dessa família, a escola deve fazer sua parte e se aproximar dos estudantes, proporcionando assim, condições para que eles possam se desenvolver independente do seu contexto familiar. Para isso, a professora alega que é necessário que sejam propostas estratégias, contudo, ela não aponta quais poderiam ser. Já as significações produzidas pelo professor Milton Santos nos levam a entender que quando a família não se faz presente, o professor serve de fonte de inspiração para esses estudantes. Sobre o papel do professor nessa situação, apoiamo-nos em Matos *et al.* (2018), para eles, o professor, nesse contexto, deve buscar entender o estudante como produto das relações histórico e sociais a fim de explorar suas potencialidades e mediar práticas educativas com o intuito de que esses estudantes venham a se apropriar de conhecimentos acumulados historicamente pelo gênero humano. Logo, nesse movimento o professor deve servir de modelo e fonte de inspiração, principalmente quando se trata de estudantes de classes populares.

O professor Milton Santos também revela que costuma mediar práticas que ajudem o estudante a se identificar com o professor e por assim constituir, mediante as condições postas para ele, uma realidade diferente daquelas que eles vivenciam em casa, essa questão pode ser observada no pré-indicador a seguir:

[...] a gente vai contando histórias para que eles sintam curiosidades e queiram crescer, então o que eu sempre faço é aticar a curiosidade deles, tipo “ei cara tu já viu que o engenheiro aqui que trabalhava na ESAR?! ele também estudou aqui”, “ei você sabia que o professor tal ele cresceu aqui...”, inclusive eu também conto histórias minhas de superação. **Então eu acho assim que o aluno tem que se identificar com professor, eu procuro e contar histórias que desperte essa identificação, porque se o aluno se identifica com o professor, ele compra a ideia do professor, e eu trazendo coisas boas é natural que o aluno se interesse por coisas boas.** (professor Milton Santos)

Com esse pré-indicador, fica evidente que o professor Milton Santos acredita que é preciso trazer os estudantes para perto do professor e da escola, e essa ação tem como objetivo produzir no estudante condições subjetivas para que esses possam vir a transformar sua realidade, e na ausência da família tal feito só pode ser realizado quando o estudante vê o professor e o identifica como um exemplo a ser seguido, a medida que a escola também medeia condições objetivas para o desenvolvimento dessa relação.

Assim sendo, destacamos, aqui, a importância de uma relação de afeto, na qual o professor cria situações sociais com o objetivo de levar seus estudantes a produzirem motivos para acreditar na possibilidade de transformação da realidade, e, portanto, que esses venham a ter um futuro melhor. Sobre a categoria motivação, nos apoiamos em Leontiev (1978), para o autor, os motivos que nos levam a realizar determinadas ações, são os que nos impulsiona a entrar em atividade, eles são divididos em compreensíveis e eficientes, os primeiros podem ser entendidos como ações que são executadas pelo estudantes quando esses ainda não tem consciência direta do seu resultado, como por exemplo, estudar para tirar boas notas e poder brincar; já os eficientes são aqueles que possuem um relação direta com a finalidade da ação e que são compreendidas pelo estudante, como estudar para se apropriar dos conteúdos e ter boas notas.

Na significação que estamos analisando o professor desenvolve práticas e procura afetar o aluno emocionalmente para que esse produza motivos, ou melhor, para que seus motivos compreensíveis passem a ser eficientes, e como é pontuado por Leontiev (1978), nesse movimento a relação do estudante com a atividade se transforma e ele passa a ter consciência dos fins das suas ações. Logo, quanto mais consciente se mostra sobre seus motivos maior será a qualidade de suas ações, e é aqui que podemos perceber a importância da mediação do professor em proporcionar condições objetivas e subjetivas para seus estudantes. Nesse movimento, relacionamos essa categoria com o pré-indicador a partir do que é discutido em Carvalho e Marques (2019, p.12):

Na escola, os professores buscam, com suas práticas pedagógicas, produzir transformações positivas em seus alunos, fazê-los aprender, motivá-los a quererem alcançar o máximo de suas potências, torná-los melhores naquilo que se dispõem a fazer. Nesse sentido, refletir sobre as condições que precisam ser criadas a fim de constituirmos práticas educativas que favoreçam essas transformações é sempre meta a ser perseguida por todos os professores que, diariamente, se encontram com seus alunos.

Partindo do que foi dito, para Carvalho e Marques (2017, 2019), a forma como o professor se aproxima e afeta o estudante contribui consideravelmente para o seu processo de humanização, à medida que esse busca ter com seus estudantes uma relação mais afetiva e de proximidade que produzam boas vivências.

O professor Michel Foucault também demonstra concordar com a aproximação entre professor e estudante, porém deixa claro que essa relação deve ter limites, esse fato pode ser visto no pré-indicador a seguir:

Logo a partir dessa abertura eles já começam a falar mais, chegar em você para pedir conselhos, perguntar se devem fazer coisa X ou Y, coisas que são para a família, coisas que... é aquela situação que a gente percebe que não é papel do professor é papel de família, mas quando a gente nota que a família não está nesse lugar os professores começam a tomar esse espaço, eu acredito que a aproximação entre professor e aluno deve acontecer obviamente, mas com seus limites no campo ético da relação. (professor Michel Foucault)

Para o professor Michel Foucault à medida que a família não se faz presente, o estudante vai procurando outras referências, e encontra na figura do professor esse apoio. Ele concorda com essa aproximação, mesmo assim faz a ressalva que essa deve ser manter no campo ético e ser pautadas por limites, nos quais o papel do professor não deve ser confundido com o papel dos pais e responsáveis e muito menos com a função social que é de responsabilidade da família. A respeito dessa proximidade, Jesus (2016) assinala que a relação entre professor e estudante é muito benéfica até mesmo para criar uma boa dinâmica e facilitar o aprendizado, isto é, produzir boas vivências, contudo o autor pontua que essa relação também deve obedecer a limites e para isso o professor deve ter cuidado ao se expressar seja verbal ou emocionalmente para que o estudante não confunda a imagem do professor com a de pai, mãe ou amigo íntimo.

O terceiro indicador, *Os limites e possibilidades de atuação da escola quando a família não se faz presente na educação dos filhos*, é composto de pré-indicadores que expressam significações que os professores produzem a respeito da atuação da escola em situações em que a família não participa de forma efetiva na educação dos filhos. Para os professores muitas famílias não só desconhecem a função social da escola como delegam atribuições que são dos pais ou responsáveis por esses estudantes. Essa discussão se apoia nos pré-indicadores a seguir:

[...] e tem as famílias vulneráveis que terceirizam a educação totalmente, joga o menino lá e esquece que tem mãe, esquece que tem pai, e isso se torna um grande problema, **pois a escola passa a absorver questões familiares**, logo porque muitas vezes a gente não pode nem entrar tanto em uma confusão de família, em um conflito, uma dificuldade financeira, pois pode até expor aluno né. (professor Milton Santos)

[...] algumas famílias a gente vê uma inversão de responsabilidades, **jogam todas as responsabilidades, principalmente emocional na ESAR**, o que não pode acontecer, **porque a escola não tem como abarcar todo o tempo do aluno, todo tempo que ele fica em casa, da carga emocional que os alunos trazem das famílias, dos problemas familiares, e não tem como a escola lidar com isso. Então, eles veem a escola de uma forma muito boa, mas há essa distorção de qual é a função da escola, como se fosse obrigação dela de cuidar de todas as áreas do menino, e não tem!** (professora Eliana Yunes)

A partir dessas falas entendemos que para o professor Milton Santos as famílias que são vulneráveis “terceirizam a educação” dos filhos, o que acarreta na sobrecarga na escola que passa a lidar também com questões que são de responsabilidades da família. Cordeiro (2018), em sua pesquisa argumenta que essa sobrecarga da escola também é resultado de uma ideia que foi construída pelos pais de que a escola é como “segunda casa” ou “segunda família”, em suma, ela é entendida como uma extensão da casa que pode arcar com responsabilidades que não são resolvidas pela família. Por fim, apesar do professor não adentrar no que seriam “famílias vulneráveis”, compreendemos que ele aponta que essa vulnerabilidade é produto das condições socioeconômicas e culturais que determinam a constituição histórico social do complexo família.

Para a professora Eliana Yunes, a família espera muito da escola e nessa relação ela acaba depositando muitas esperanças e distorcendo os limites de atuação entre os complexos. Por meio da narrativa da professora, também podemos notar a sua compreensão do estudante enquanto ser abstrato e fragmentado. Nossa afirmação se baseia no fato dela apontar que a escola não pode cuidar de todas as “áreas dos meninos”, com essa afirmação fica evidente que para a professora aquilo que acontece na família não pode influenciar no desempenho ou no emocional do estudante, e se o faz, deve ser apenas de responsabilidade da família, logo, que a escola deve apenas cuidar daquilo que é de sua responsabilidade.

Por outro lado, ao destacarmos essa significação percebemos também, contradição no discurso, visto que se a escola não pode lidar com questões do estudante resultantes de problemas nas relações familiares, poderíamos também considerar que dificuldades no processo educativos dos estudantes deveriam ser resolvidas apenas pela escola, o que não caberia um apelo por parte dos professores na participação de pais e responsáveis, critério defendido como essencial, mas que não é aprofundado a razão de sua defesa.

Ainda a respeito dos limites de atuação, os pré-indicadores a seguir aponta que por mais que as condições objetivas e subjetivas limitem a participação dessa família é imprescindível que a escola entenda até onde pode ir.

Então é isso, **a escola tem seu limite a escola tem um papel, ela tem uma função social e a família tem outra [...]**eu acredito que a escola só pode atender até seu limite, ela não pode substituir a família, vai chegar um momento que a escola tem que parar e falar “ponto, aqui é nosso lugar e não podemos ultrapassar isso”. (professor Michel Foucault)

Pior que **eu não consigo ver uma possibilidade de a escola suprir essa ausência da família**, eu acho que **não tem como tirar a família do papel que ela tem por mais que ela não tenha uma participação. [...]**eu não consigo enxergar um meio da escola tentar suprir a ausência da família, eu não vejo uma forma de a escola trabalhar o aluno tentando evitar... tentando fazer com que... **“os pais não conseguem estar presente o que que nós vamos fazer?!”** como se a gente fosse tentar substituir o papel da família. (professor Michel Foucault)

Os pré-indicadores demonstram que, para o professor Michel Foucault, as tensões que se apresentam nessa relação são produtos da falta de entendimento a respeito das funções sociais que cabe a cada complexo social. Para ele a escola não pode e nem deve substituir a família enquanto complexo, visto que essa tem toda responsabilidade específica quando se trata de mediar práticas que reproduzam a generalidade humana nos estudantes, logo mesmo compreendendo que esse estudante é resultado de múltiplas determinações e de relações mediadas por outros complexos (PADOVINI, 2016), a família, ainda assim, é entendida como um complexo determinante nas primeiras mediações para o desenvolvimento desse estudante concreto.

Por fim, ainda sobre a questão dos limites de atuação, o professor Michel Foucault faz uma ressalva sobre a função do complexo social escola. Para ele a escola deve interferir quando as condições socioeconômicas e culturais dessa família refletem diretamente no processo educativo dos estudantes, como é exposto a seguir:

Agora quando a gente vai para a nossa realidade onde tem **famílias que os pais são alcoólatras, usuários de droga, ou que trabalham em roça ou em condições totalmente adversas onde não podem dar nenhum tipo de amparo, aí sim eu acredito que a escola deva interferir.** (professor Michel Foucault)

Mesmo demonstrando por meio das suas significações que a escola deve atuar até certo ponto sem substituir a família, o professor acredita que em situações em que as condições objetivas e subjetivas prejudicam a atuação dessa família, a escola deve sim interferir, não para resolver as questões da família em si, mas para evitar que aquelas condições prejudiquem o processo de humanização desse estudante. Portanto, a escola interfere à medida que passa a mediar práticas que abarquem as demais áreas desse estudante concreto que deveriam ser de responsabilidade da família.

A respeito dessa interferência por parte da escola, Leite (2016) argumenta que não basta apenas falar de famílias que participam ou não. Para a autora é preciso que haja toda uma organização da escola para interferir nessa relação entre pais e responsáveis, não no sentido de ocupar as funções que são dessa família, mas sim de se responsabilizar a criar condições que incentivem e favoreçam colaboração entre família e escola tendo como um dos primeiros pontos: o respeito aos saberes que são mediados pela família e as limitações que as questões econômicas e culturais impõem sobre esses pais e responsáveis.

O próximo indicador a ser discutido se chama: *A qualidade de participação das famílias na vida escolar dos filhos*. Nesse indicador salientamos a respeito do nível de participação dessa família a partir das suas condições. Dessa maneira, destacamos aqui, como essa relação entre os complexos se materializa. As análises realizadas nesse indicador apontam que os professores significam que as famílias muitas vezes, só participam da escola quando são obrigadas ou porque sentem a necessidade de manter a bolsa como pode ser visto a seguir:

[...] eu consigo ver que **existe uma preocupação maior de manutenção da bolsa**, não uma preocupação maior em acompanhar, porque por mais que você diga assim “**ah mas os pais acompanham os alunos quando tem reunião**”, **isso daí a gente consegue ver porque é uma exigência da própria escola**. (professor Michel Foucault)

[...] enfim é inevitável esse choque esse encontro mesmo, mas que muitas vezes esse encontro nem acontece da família com a escola, **é um disse me disse por meio do aluno e na reunião quando vem é só a mãe**. (professora Eliana Yunes)

Para o professor Michel Foucault, algumas famílias frequentam a escola apenas em situações em que são obrigadas e que dependem disso para a manutenção da bolsa de seus filhos. Entendemos, desse modo, que para esse professor essa relação não tem o objetivo principal de colaborar na educação dos estudantes. Já a professora Eliana Yunes argumenta que esse encontro entre família e escola não chega nem acontecer, e quando acontece são nas reuniões em que vai apenas um responsável, fora isso, a relação se resume em recados através dos estudantes.

A respeito das significações postas pelos professores, é possível perceber que eles fazem menção a participação da família novamente como se fosse um simples ato de escolha de ir ou não, isto é, eles não argumentam sobre as condições objetivas que determinam a relação família e escola. Sendo assim, destacamos aqui a ideia de necessidade como ponto de partida para o desenvolvimento humano. Sobre essa categoria, Konstantinov (1975) indica que ela reflete o curso que precede a constituição das coisas e que deve ser suprido em determinadas condições.

Sobre essas condições, para Leontiev (1978), as necessidades se manifestam internamente, mas o modo como ela se apresenta concretamente tem íntima relação com aquilo que é posto externamente, ou melhor dizendo, pela sua condição de vida, que no caso dessas famílias é a pobreza.

No campo do desenvolvimento humano, a categoria necessidade se destaca em consequência que é por meio dela, ou melhor, por sua superação que o ser humano se humaniza em uma relação de superação e complexificação de necessidades que se operam na relação desse ser humano com o social (ANTUNES, 2018). Sendo assim, é impossível considerar a constituição do ser humano como algo que aconteça à parte do social, visto que seu processo de humanização se desencadeia por determinantes que se estabelecem no contato com o outro. Pino (2000), ao discutir as ideias de Vigotski, destaca que esse ser humano é o resultado de relações sociais, mas não no sentido de algo pronto, mas como totalidade que se constitui de forma constante, e as famílias aqui discutidas não são diferentes, elas refletem essa sociabilidade à medida que também a medeia.

Em razão disso, ao considerarmos as famílias que são destacadas pelos professores, é importante ressaltar que a sobrevivência é vista como necessidade básica. Isto é, famílias que vivem em situação de pobreza tem sua conduta determinada por relações objetivas presentes na sociedade capitalista, em que a busca por suprir necessidades primordiais são vistas como algo mais urgente. E como podemos observar por meio dos pré-indicadores, as famílias enxergam a escola como um complexo que proporciona não só formação humana, como também alimentação e proteção como é discutido por Almeida, Ferrarotto e Malavasi (2017). Logo, elas se preocupam em manter os filhos na escola para que esses se apropriem das produções culturais e com estas possam criar possibilidades de transformar seu futuro, ou simplesmente não repitam a mesma história de vida que seus familiares.

Em vista disso, muitas vezes os pais e responsáveis entendem que a escola pode desempenhar a função educativa sozinha, já que não possuem tempo para participar de reuniões porque tem a necessidade de trabalhar, o que reforça a ideia de que os pais só vão na escola quando são chamados por conta de reclamação ou para receber notas. Todavia, essas concepções escondem a essência, que seriam os motivos determinantes desse afastamento, que aqui seriam as condições objetivas e subjetivas.

Ainda sobre essa questão, de acordo com Cordeiro (2018), famílias de classes populares compreendem a importância da participação efetiva na escola. O que acontece é que muitas se sentem excluídas ou não são ouvidas quando querem opinar, e nesse movimento, mesmo sem perceber, a escola vai limitando a participação dessas famílias a situações pontuais, como em

festividades ou em reuniões, muitas vezes pautadas apenas em reclamações e queixas de comportamento dos seus filhos. Para Leite (2016), é preciso tornar a escola atrativa e o momento de reuniões em um espaço de acolhimento e de trocas onde os pais podem ter informações de como colaborar efetivamente nos processos educativos dos filhos, e para que isso aconteça é necessário repensar os modos de comunicação, substituindo bilhetes ou recados que se assemelham mais a intimações do que propriamente convite ao diálogo.

Outro ponto que foi destacado pelos professores, foi que em algumas ocasiões a família medeia práticas que são contrárias aquelas mediadas pelo professor na escola. Nossa afirmação se baseia na significação a seguir:

Assim, na escola a gente ensina um modo de proceder, um modo inaciano digamos assim, e o modo de proceder que os alunos tem em casa é diferente. [...]Então a gente reforça isso, uma coisa na escola, mas em casa o pai diz "se você apanhar lá, você apanha aqui" e aí meu aluno já diz "a mamãe já me disse se eu apanhar...". Então muitas vezes (se referindo ao texto), o discurso é bonito demais. (professora Eliana Yunes)

A fala da professora Eliana Yunes revela que nem toda participação da família colabora com o processo educativo dos estudantes, principalmente quando elas não estão em sintonia com aquilo que é repassado na escola, constituindo relação de tensão entre os complexos. Para Saviani (2003, 2018), a educação escolar tem o objetivo de tornar os seres humanos atuais a sua época, isso é feito por meio da organização e mediação de conhecimentos historicamente acumulados que não apenas medeiam a formação humana, como também reproduzem o social no humano. Apesar disso, nesse movimento, muitas vezes os professores acabam por ver o aluno apenas como algo empírico, isto é, aquilo que está defronte e que é percebido, ignorando que esse é um ser concreto e é resultado de várias relações sociais. Sendo assim, a escola ignora a singularidade e os conhecimentos que esses estudantes apropriam nas suas relações com a família, e passa a dar maior ênfase no seu proceder enquanto complexo, que é a reprodução da educação pautada na manutenção do sistema capitalista com o intuito de formar mão de obra minimamente qualificada para atender aquilo que é pedido pelo sistema produtivo.

Logo, a escola não pode trabalhar na perspectiva de que é algo à parte da realidade em que ela está inserida, desconsiderando as particularidades das famílias de seus estudantes enquanto seres humanos concretos. E nessa relação, como afirma Saviani (2003), cabe a escola não só trabalhar no sentido de mediar os conhecimentos historicamente acumulados e necessários para que esse estudante possa se integrar e viver em sociedade, como também entender aquilo que lhe é interessante e o que esse traz a partir de suas vivências. Proceder esse,

que também deve ser feito com as famílias, no sentido de encontrar formas de flexibilizar as tensões que surgem dessa relação, lembrando que os pais e responsáveis também são determinados pelo social.

Nisso, de acordo com Mateus (2016), mais do que tensão, essa situação prejudica o estudante, em face de que o leva a uma confusão com relação sobre o que é o certo e o errado. Portanto, nessa dinâmica se constrói uma relação contraditória, a qual não se estabelece parcerias, mas sim luta entre dois complexos que até então, deveriam ter um objetivo comum que seria mediação de práticas que cabe a cada um para a formação humana, e no meio dessa tensão, se encontra o estudante que passa a ficar sem referência daquilo que realmente é o certo.

A análise desse núcleo teve como intuito compreender como as condições objetivas que são aquelas postas pelo social, como a pobreza e as subjetivas, como as significações que são produzidas na relação com o real medeiam a relação entre os complexos sociais família e escola e seus possíveis impactos na educação dos estudantes, como por exemplo o baixo desempenho escolar. Para isso, buscamos revelar as significações que os professores produziram sobre como o social pode influenciar nessa relação e o que a escola poderia fazer, isto é, em ações práticas, nos casos em que essas condições impactassem diretamente nos modos de participação de pais e responsáveis dos estudantes que frequentavam a escola.

Com as discussões realizadas nesse núcleo foi possível evidenciar que os professores, mesmo não conhecendo a fundo a família de seus estudantes, acreditam que o contexto socioeconômico e cultural determina diretamente no modo de participação das famílias. O fato é que essas significações se movimentam, e dessa maneira foi percebido que ora eles apresentavam essas afirmativas com relações as condições das famílias, ora pareciam desconhecer ou até mesmo ignorá-las, chegando ao ponto de relacionar a participação e o desempenho educativo do estudante a relações de causa e efeito sem apontar qual a ligação direta entre participação e desempenho educativo satisfatório do mesmo modo que foi constatado no núcleo anterior.

As análises também mostraram que os professores já desenvolveram a consciência de que as famílias depositam muita confiança na escola e esperam que elas proporcionem condições que favoreçam uma boa formação pautada em educação de qualidade, para que assim os estudantes possam vir a transformar a sua realidade e, conseqüentemente, a realidade da família. Contudo, também compreendem que em algumas ocasiões, os pais e responsáveis confiam tanto na escola que passam a terceirizar funções e sobrecarregar a escola, já em outras, a escola passa a interferir e ocupar funções que não são suas, uma vez que essa família não

participa para além de reuniões obrigatórias, seja por qual for o motivo, mas que em muitas ocasiões é porque precisam ir trabalhar para garantir sua existência.

Evidenciamos, também nesse núcleo, os sentidos que são constituídos pelos professores a respeito da sua relação com os estudantes. As significações nos mostram que os professores criam situação social permeada de afetos positivos a fim de acolher os estudantes, de mediar práticas que os motivem a produzir uma expectativa melhor sobre o futuro, independentemente das condições objetivas presentes no seu contexto.

Para a discussão desse núcleo, nos utilizamos da categoria motivação. Essa categoria nos possibilitou entender que um bom acolhimento do estudante por parte do professor pode contribuir no processo educativo a partir do momento que cria condições para que os estudantes produzam motivos que os levem a entrar em atividade de estudo. Isto é, as análises junto a essa categoria revelam que os afetos medeiam a relação entre professor e estudante principalmente no que tange a tomada de consciência a respeito das ações que devem ser desenvolvidas. Logo, à medida que os estudantes passam a compreender o porquê de suas ações mais se tornam cientes dos seus motivos e, portanto, da qualidade de suas atividades, o que possibilita uma transformação de sua realidade.

Outra categoria que nos utilizamos nesse núcleo foi a categoria necessidade. A partir do seu uso foi possível discutir a formação humana como necessidade e como o social determinam a relação entre os complexos família e escola e principalmente os modos de participação de pais e responsáveis no processo educativo dos filhos, dado que em muitos momentos por mais que eles entendessem a importância da escola, esses não se faziam presente já que as necessidades de trabalhar se mostravam mais potentes, e que essas eram resultados das relações presentes no contexto social que tanto a família como a escola se apresentavam e que por assim determinavam sua constituição e dos seus membros.

No núcleo a seguir deteremos nossa atenção a identificar as significações que são produzidas a respeito de quais mediações podem ajudar a promover e manter uma relação horizontal entre famílias e escola, tendo como foco as condições que ambos os complexos promovem para melhorar o desempenho educacional dos estudantes.

4.3 Mediações que colaboram na qualidade da relação família e escola

Nesse núcleo, analisamos as significações que os professores constituem sobre as mediações que podem ser estabelecidas para que seja possível desenvolver práticas sociais que

aproximem a família da escola no sentido de constituir e preservar possibilidades reais de uma relação horizontal, bem como as condições que as famílias proporcionam para colaborar no processo educativo dos estudantes junto ao complexo escola. As compreensões, aqui pontuadas, foram produzidas a partir da análise e discussão dos seguintes indicadores: a) A escola como responsável em desenvolver meios de aproximar e fortalecer a relação com as famílias; b) As condições criadas pela família para ajudar na educação dos filhos.

O primeiro indicador analisado foi: *A escola como responsável em desenvolver meios de aproximar e fortalecer a relação com as famílias*, nele foi identificado que para os professores é função da escola criar condições que incentive a participação dos pais e responsáveis, e para tal, ela deve procurar alternativas que façam com que essas famílias se sintam ouvidas e passem a frequentar a escola para além dos momentos que são entendidos como obrigatórios. Em vista disso, os professores também apontam que a escola já dispõe de alternativas para manter essa relação com as famílias, no entanto, de acordo com eles, por mais que a escola se mostre aberta ao diálogo ainda há pais que não colaboram. Nossa análise se baseia nos pré-indicadores a seguir:

Os pais da ESAR são extremamente convidados a estar na escola, a escola é próxima, tem canais de abertura, é uma escola que tem um setor de assistência social exclusivamente para isso... Então a escola está totalmente munida desse diálogo. (professora Eliana Yunes)

O aluno da Esar precisa de responsável assinando e dando feedback para tudo que acontece, então existe essa participação obrigatório, e existe essa colaboração que acontece por níveis, há pais que não colaboram, só participam. E algumas pais colaboram de maneira inconstante, pouco frequente, ativamente e frequentemente, que no fundo é o que nós desejamos. (professora Eliana Yunes)

Por meio dessas falas, podemos evidenciar que para a professora Eliana Yunes, a escola já vem fazendo sua parte ao proporcionar condições objetivas para que esse encontro aconteça mesmo que de forma obrigatória. Com a narrativa da professora, também podemos entender que há dois comportamentos recorrentes das famílias quando se trata de participação, que são aqueles que colaboram com as atividades propostas e os que participam apenas quando são obrigados.

Sobre essa relação, apoiamo-nos em Cordeiro (2018), ao afirmar que as escolas têm interesse em saber o que pais e responsáveis pensam e sentem sobre o processo educativo dos seus filhos, porém não articula condições objetivas para que esse diálogo realmente aconteça, e quando ele acontece é usado apenas para que a escola delimite a sua posição frente aos pais e

responsáveis, o que faz com que esses se sintam coagidos e restrinjam sua participação apenas a momentos festivos e reuniões.

Leite (2016) critica esse posicionamento argumentando que muitas vezes a própria escola desmotiva a participação da família. A autora ainda acrescenta que os momentos de reuniões podem e devem ser um espaço de acolhimento, porém para que isso aconteça é necessária sua desburocratização, criando, assim, momentos de construção de alternativas de atuação em conjunto, prezando principalmente o diálogo horizontal.

A outra questão que devemos nos atentar ao analisar as narrativas desses professores é que eles indicam que a escola em seu dia a dia já procura mediar ações que acolham essas famílias, procurando desenvolver parceria que venha melhorar a relação com os pais e responsáveis dos estudantes. Ressaltamos que, para que esse movimento aconteça, é necessário que determinadas condições prévias sejam estabelecidas nessa realidade. Isto posto, destacamos aqui, o par categorial realidade e possibilidade como forma de explicar os processos de transformação e desenvolvimento da relação entre família e escola. A respeito desse par dialético, Konstantinov (1975) aponta que tudo que existe concretamente na realidade já se apresentou um dia enquanto possibilidade, mas que em condições ideais vieram a se realizar. Sendo assim, podemos compreender a possibilidade como a probabilidade de algo vir a se concretizar e a realidade como aquilo que existe em um determinado momento.

Partindo dessa discussão, os pré-indicadores a seguir revelam que os professores significam que mesmo a escola já mantendo ações visadas em aproximar as famílias, ainda é necessário buscar mediações mais práticas que proporcionem uma gama maior de possibilidade capazes de promover uma relação mais horizontal entre os complexos. Apresentamos a seguir as narrativas que reverberam nossa posição:

[...] colocando mais eventos possíveis, encontro de família com aluno ou então gincana, encontros religiosos, porque realmente tem pai que você nota que ele foi forçado a ir para escola por conta dos eventos, tem também os encontros com os psicólogos, [...]então isso aí faz com que pai queira ou não se aproxime da escola, mesma coisa pode ser vista nos eventos né, dia dos pais, dia das mãe, dia do professor, tudo isso faz com que os estudantes e os pais se sintam a vontade na escola e acabe gerando esse bem-estar até para que a gente possa conversar. (professor Milton Santos)

Eu acredito que a escola deveria ter momentos e não um momento específico no ano, mas momentos esses em que os pais vão e podem desenvolver trabalhos junto a escola que não seja voltado apenas para o conhecimento, mas que também possa fazer com que eles aprendam coisas novas que os leve a melhorar no seu trabalho, [...]acho que falta mais essa interação entre família escola, não uma interação de algo obrigatório, como em uma relação onde o pai vai para reunião porque precisa ir, de ir no dia dos pais porque eu tenho que ir, mas participar de uma forma mais efetiva do processo. (professor Michel Foucault)

Para o professor Milton Santos é importante que a escola aumente o número de eventos fazendo com que os pais mesmo que obrigados passem a participar de forma mais constante. Ao expressar essa possibilidade o professor revela acreditar que essa seja uma das formas de fazer com que os pais e responsáveis produzam sentidos positivos sobre a escola, favorecendo o diálogo entre eles e os professores. Portanto, compreendemos que para o professor em questão, uma boa relação entre complexos sai da posição de possibilidade para realidade a partir do momento que se estabelecem determinadas condições na realidade, sendo uma delas ações desenvolvidas pela própria escola.

Nessa dinâmica, algumas possibilidades podem vir a diminuir e outras aumentarem, pois como afirma Afanasiev (1968), elas têm movimento, tanto podem crescer como no caso de aumentar as chances de a família passar a participar mais da escola, como também diminuem e somem. Tomemos como exemplo o fato da culpabilização da família por parte da escola, a partir de uma boa dinâmica, essa família pode passar a ser melhor entendida pela escola e assim não ser mais vista como desestruturada, tal fato pode levar a diminuição das possibilidades de se constituir assimetrias entre os complexos, o que pode facilitar uma melhor relação entre família e escola.

Contudo, é importante reafirmar que essas ações devem ser vistas apenas como meios de tentar estabelecer processos mínimos de colaboração entre os complexos, visto que os problemas presentes nessa relação são produtos de questões mais profundas que estão presentes no contexto social, sendo uma delas a pobreza extrema.

O professor Michel Foucault também acredita que uma alternativa viável seja a criação de momentos que contem com a participação dos pais, no entanto, para ele, a escola deve proporcionar condições para que essas famílias desenvolvam trabalhos junto a escola, onde a família ensina a com base em suas vivências, mas também aprende a partir dessa relação com a escola. O professor demonstra que esse modo de participação se mostra algo mais efetivo do que apenas a interação em reuniões, perspectiva essa, que também é discutida por Garcia e Mariotini (2017), para eles, a escola deve também ser ciente que a participação das famílias deve e pode ir muito além de reuniões obrigatórias. Nesse contexto, é necessário que a escola se abra para a comunidade e os conhecimentos que essas trazem e medeiam, a fim de que por meio dessa relação seja constituído um projeto pedagógico que vise trabalhar o estudante concreto a partir tanto dos saberes da escola como também da comunidade.

No pré-indicador a seguir o professor discorre que mais do que propor mais eventos, é necessário que a escola procure mediar práticas que levem em conta os conhecimentos das

famílias e de como essas podem ajudar no desenvolvimento de material pedagógico para os estudantes como pode ser visto a seguir:

O pai trabalha em uma serraria ou então o pai trabalha como pedreiro, aí **dentro da atividade deles a gente pode encontrar material pedagógico, “ah meu pai coloca cerâmica em casa”, então eu como professor de matemática posso pegar uma cerâmica e dizer “vamos imaginar uma sala e vamos fazer um cálculo da área, vamos ver aqui quantos tijolos pega”, nisso o pai vai saber responder por mais que ele seja analfabeto a experiência do trabalho dele já lhe dá um conhecimento, aí o filho vai dizer “ah pai, então cabe tanto?! deixa eu calcular para ver! Pai como o senhor consegue fazer isso de cabeça? Como coloco no papel?”.** (professor Michel Foucault)

A partir da análise desse pré-indicador, constatamos que para o professor Michel Foucault mesmo que os pais e responsáveis sejam analfabetos, estes podem colaborar com a escola mediando conhecimentos que podem ser usados na produção de material pedagógico. Conhecimentos que são resultados de significações que essas famílias produzem a partir da sua prática histórico social em uma realidade concreta. Portanto, de acordo com o professor, a escola não só deve convidar como também levar em conta os saberes dessa família, procurando assim, desenvolver conjuntamente práticas que favoreçam o processo educativo desse estudante.

Diante disso, Garcia e Mariotini (2017) salientam que essa aproximação promove também maior entrosamento entre os complexos, que ao entrarem em contato passam a entender suas limitações. Para Santos (2016), ao considerar os saberes da família, a escola passa a estreitar laços e desconstruir preconceitos, o que viabiliza entendimento maior da escola sobre o estudante e o que ele vivencia em casa. A autora ainda pontua que essas ações promovem uma valorização maior das famílias que passam a ver a escola de forma mais acessível e principalmente como parceira no processo educativos dos filhos.

O segundo indicador que compõe esse núcleo tem como título “*As condições criadas pela família para ajudar na educação dos filhos*”, nele destacamos as significações dos professores a respeito de como as famílias podem contribuir no processo educativo dos estudantes a partir de condições objetivas e subjetivas presentes no contexto dessa relação. As narrativas a seguir revelam que os professores acreditam que a família colabora quando procura a escola para entender como pode participar do processo educativo de forma mais eficaz.

[...] Por exemplo um aluno do sétimo ano do ano retrasado que a mãe **sempre me perguntava dicas de leitura, onde ela podia comprar livros, onde ela achava uma biblioteca pública, para ela ir lá reservar um livro que não tivesse na biblioteca da escola... então enquanto**

tem pais que ficam sem saber o que fazer, esses que não sabem o que fazer a gente diz, existem outros que nos dão um feedback o contrário. (professora Eliana Yunes)

Olha só, em relação a pais que são atuantes, o que a gente precisa fazer, **é sempre ter um feedback, escutar né, ter aquela conversa, troca de opiniões e conselhos que é importante.** (professor Milton Santos)

[...] e é isso, mas a maioria dos pais só pegam a nota, alguns tem preocupação como falei, **alguns chegam para gente e diz “professor teria como a gente tá fazendo alguma coisa, como professor particular, reforço?!...”, então esses que tem essa preocupação a gente consegue perceber que é uma preocupação de relação escola com família,** agora outros eu não consigo ver, na verdade na maioria eu não vejo isso. (professor Michel Foucault)

A narrativa da professora Eliana Yunes revela que em alguns casos pais e responsáveis procuram os professores para saberem como podem ajudar no processo educativo dos filhos. Essa fala corrobora com o que é exposto pelo professor Milton Santos ao indicar a importância de manter uma relação próxima com as famílias que são atuantes. O professor Michel Foucault também fala sobre essa ajuda da escola com relação ao que a família pode fazer.

Diante disso, podemos perceber pela fala dos professores que em algumas situações a escola ajuda a família quando indica aquilo que deve ser feito para melhorar a sua contribuição com a educação dos seus filhos. Para Campos (2016), é função da escola dispor de iniciativas que mediem ações que tragam a família para perto, seja no sentido de incentivar sua participação ou até mesmo dizendo como essas podem e devem colaborar. Saraiva e Wagner (2013) também corroboram com essa ideia e completam apontando que as famílias muitas vezes desejam participar do processo educativo, e nesse movimento, se mostram abertas e buscam o diálogo com os professores a fim de serem orientadas sobre como devem proceder.

Ainda a respeito de como a escola pode ajudar a família a criar condições que ajudem na educação dos filhos, os pré-indicadores a seguir expõem como os professores compreendem que essa família pode colaborar com a escola no dia a dia.

E como a família pode contribuir?! **A família pode tá conversando constantemente com a coordenação e professores,** que é o que a gente pede, **participar das reuniões, olhar as agendas, ir à escola, perguntar como estão as ocorrências dos filhos, as notas... é o básico que a gente pede, acompanhar os filhos.** (professora Eliana Yunes)

Então qual é esse papel da família?! **Estar presente na escola, marcar presença na educação dos filhos, perguntando como vão as atividades, olhando os cadernos, olhando a caligrafia, vendo se tem atividade para casa, dando um feedback, indo conversar com o professor,** não deixando margem para o aluno enganar o pai, se ele conversa com o professor, não tem como o aluno enganar, porque o diálogo ali é estreito, **a coordenação os pais e os professores não dão brecha para que isso aconteça**

quando se mostram presentes, então o papel dos pais aquilo que cabe a eles frente a constituição, é dever da escola e da família dá educação, e as vezes apenas a escola tem assumido essa responsabilidade. (professora Eliana Yunes)

A partir da narrativa da professora Eliana Yunes podemos perceber que a família já contribui com a educação do filho quando faz o básico que seria participar de atividades obrigatórias como ir em reuniões e receber notas, por outro lado, a professora destaca que quando a família não cumpre a sua função e nem cria condições para tal, a escola fica sobrecarregada e acaba prejudicando a educação dos estudantes. Cordeiro (2018) assinala que a escola acredita que seja essencial o apoio da família, em razão de que a última dá continuidade aquilo que é feito em sala de aula, logo, caso a família não venha a cumprir com suas obrigações a escola tenta não prejudicar o estudante e assim passa a ficar sobrecarregada. O professor Michel Foucault também argumenta a importância de a família fazer sua parte e principalmente de entender a função da escola enquanto um complexo que medeia práticas que colaboram para a formação humana. Essa afirmação pode ser observada no seguinte pré-indicador:

[...] eu vejo que o pai participa da educação do seu filho quando ele ajuda a entender que ali não é apenas para estudar, mas também para ser um ser humano.

Podemos entender que para o professor Michel Foucault, a família colabora quando medeia práticas que proporcionam condições subjetivas nos estudantes que os levem a entender a complexidade do seu processo educativo, tendo o complexo escola como importante parceira na reprodução do gênero humano. Logo, essa afirmação demonstra que a relação entre família e escola melhora em aspectos qualitativos quando os complexos mantêm contato e entendem a sua função social, trabalhando conjuntamente com um objetivo em comum. Para Garcia e Mariotini (2017), a família deve estar ciente que a escola não trabalha sozinha e que sua participação é de suma importância para essa formação integral, em virtude de que uma melhor relação entre os complexos pode mediar práticas que venham a proporcionar não só um bom desempenho dos estudantes, mas toda uma possível transformação da realidade presente, isto é, do social.

As análises presentes nesse núcleo tiveram como objetivo apreender as significações que os professores produzem a respeito das mediações que podem vir a ser estabelecidas no sentido de desenvolver práticas sociais que ajudem a aproximar os complexos sociais família e escola no sentido de constituir e preservar uma boa relação. Para tanto, discutimos aqui o que a escola enquanto complexo faz e pode fazer para dialogar e se aproximar das famílias de seus

estudantes partindo da noção de que essas são plurais e se constituem a partir de uma realidade que muitas vezes a própria escola desconhece.

Com a análise dos indicadores que compõe esse núcleo, foi possível entender que na perspectiva dos professores, a escola já atua de modo a incentivar maior participação dessa família, no entanto, essas ações nem sempre alcançam os objetivos esperados, em razão de que alguns pais e responsáveis acabam frequentando a escola apenas quando são obrigados.

Portanto, a partir dessa discussão fica evidente que mais do que se manter aberto para o diálogo e aumentar o número de eventos na escola é necessário que se entenda, antes de tudo, como a realidade impacta na relação entre esses dois complexos, assim como as significações desses professores se mantem presa a realidade aparente, a qual é constituída toda uma compreensão sobre a dinâmica dos complexos descoladas da realidade concreta e de um estudante empírico e não como uma totalidade. Logo, nesse movimento o professor acaba se prendendo a um discurso de culpabilização que tem como base apenas aquilo que é percebido de forma imediata reproduzindo uma lógica de culpabilização do sujeito. Todo esse processo pode ser percebido nas contradições que vamos encontrando ao longo das significações aqui analisadas, pois muitas delas refletem uma concepção ideal de estudante e de família.

Nessa busca por uma atuação conjunta nos processos educativos dos estudantes compreendemos também, que para os professores, a escola incentiva a participação da família quando leva em conta seus conhecimentos, dialoga e cria condições objetivas para que essa aproximação possa se realizar, dado que em algumas ocasiões as famílias até querem colaborar, mas não sabem como ou sentem que os conhecimentos que medeiam não são tão relevantes para esse processo de humanização do estudante por meio da educação. Desse modo, constatamos que apesar das dificuldades e até mesmo de, em alguns momentos, os professores se mostrarem presos a realidade aparente, uma relação de colaboração ainda se mostra a maneira mais viável para o desenvolvimento de práticas sociais que possam favorecer um bom processo educativo em meio a uma estrutura social capitalista dividida em classes, já que nessa perspectiva defendemos que família e escola devem trabalhar em parceria a partir daquilo que cada uma pode fazer e oferecer, atuando de forma conjunta por um bem comum sem desconsiderar as condições objetivas presentes no social.

Nesse núcleo nos utilizamos o par categorial realidade e possibilidade. Ele nos ajudou a discutir o movimento do real a partir de determinadas condições. Isto é, como o processo de colaboração entre família e escola para formação humana do estudante enquanto possibilidade pode vir a se tornar uma realidade concreta e quais condições e mediações que precisam se

constituir para que esse processo aconteça, produzindo uma vasta gama de possibilidades e diminuindo outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA: OS SENTIDOS QUE PRODUZIMOS ATÉ AQUI

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo geral analisar o desenvolvimento da relação família e escola na mediação da formação de estudantes em contexto de pesquisa-formação. Para nos aprofundarmos na temática realizamos pesquisas bibliográficas com o intuito de desenvolver uma discussão que revelasse o processo de constituição do nosso objeto de estudo em sua totalidade. Em outras palavras, detemos nossa discussão a fim de estabelecer conexões que evidenciassem as totalidades parciais e as mediações e contradições que constituem nosso objeto em sua concretude. Para realização desse movimento, nos orientamos pelos pressupostos teóricos metodológicos do Materialismo Histórico Dialético e da Psicologia Histórico - Cultural.

Orientados por esses pressupostos, realizamos pesquisa de campo que nos levou a compreender aspectos importantes sobre a relação dos complexos sociais família e escola e de como essa pode mediar práticas que reproduzam a generalidade humana no estudante, o que conduz seu processo de desenvolvimento e humanização. Pautamos nossas ações investigativas em processo de pesquisa-formação que nos possibilitou analisar as narrativas de professores que revelam as significações produzidas acerca das famílias de seus estudantes e de como esta relação impacta no processo educativo escolar.

Em meio a isso, procuramos analisar essas significações que os participantes traziam não no sentido descritivo do fenômeno aparente, mas procurando desvelar as mediações que determinavam o modo que se estabelecia a relação entre família e escola. A fim de realizarmos esse movimento elaboramos objetivos específicos que nos auxiliariam no processo de discussão da realidade concreta revelando assim as possíveis mediações que constituem o fenômeno e que determinavam as produções de significações produzidas pelos professores participantes Milton Santos, Eliana Yunes, Simone Beauvoir e Michel Foucault sobre a temática.

As significações aqui aprendidas não poderiam ser analisadas de forma superficial, isto é, não caberia aqui a discussão do fenômeno pelo próprio fenômeno, principalmente por adotarmos uma base teórica e metodológica que discute a constituição humana a partir de relações históricas e sociais e não apenas como um recorte isolado da realidade. Sendo assim, para analisar os significados das narrativas em sua totalidade desvelando as zonas de sentido dos professores, adotamos em nossa pesquisa a proposta dos Núcleos de Significação.

A importância do uso dessa proposta de análise está presente no fato de que por meio dela foi possível partirmos de um todo caótico presente no discurso dos professores fazendo um

movimento inverso separando essa totalidade em partes e depois refazendo o caminho e reorganizando as suas conexões até chegar em um concreto pensado que revelava as zonas de sentido e nos proporciona compreensão das mediações que guiam o pensamento dos professores. Destacamos também a importância do uso das categorias necessidade, significado e sentido, mediação, contradição, realidade e possibilidade, motivação, colaboração e participação. Por meio delas foi possível realizar discussão que revela a dialética da dupla face da realidade e os nexos que a compõem enquanto totalidade concreta. Desse modo, as análises aqui empreendidas se estabeleceram a partir da discussão de três núcleos.

As análises feitas no primeiro núcleo tiveram como intuito revelar as significações que os professores produzem sobre a contribuição da família quando se trata de desempenho do estudante na escola. As narrativas presentes nesse núcleo revelaram que os professores entendem a importância da família no processo educativo dos estudantes, e diante disso, atribuem grande responsabilidade aos pais e responsáveis no que condiz ao desempenho escolar, o que nos mostra que esses professores nutrem uma grande expectativa sobre a participação dessa família na escola.

Ao aprofundarmos essa questão de participação, identificamos que os professores demonstram ter uma compreensão das dificuldades dessa família que muitas vezes são determinadas pela baixa escolaridade e condições econômicas, e que caso não haja um foco a mais, os estudantes advindos dessas famílias tendem a ter um menor rendimento, já os pais e responsáveis que se esforçariam mais, os filhos se destacariam. Mediado por essas significações, percebemos que, ao longo do discurso, os professores revelam entender que a ação de participar e de se mostrar presente na vida educativa dos filhos é uma questão determinada apenas pela vontade da família, à medida que também apontam conceber a constituição desse estudante apenas como responsabilidade dos pais e responsáveis, ou melhor dizendo, aquilo que ele é e faz é reflexo apenas das mediações que são postas em casa.

Os professores em suas narrativas também discorreram sobre as expectativas que são produzidas pelas famílias sobre a escola, essas análises foram feitas no segundo núcleo juntamente com a discussão de como as condições objetivas e subjetivas medeiam a relação família e escola. Posto isso, evidenciamos que para os professores as famílias significam na escola um complexo que pode criar condições que possibilitem a transformação da vida para seus filhos, ou como um dos professores argumentam, elas veem a escola como uma espécie de “barco da salvação” para que seus filhos não tenha um futuro parecido com o resto da família, discurso esse que é encontrado principalmente em famílias que são atravessadas pelas condições de pobreza e que por conta disso tem sua participação prejudicada.

Ao analisar as condições objetivas e subjetivas que medeiam essa relação, os professores revelaram novamente entender que as condições socioeconômicas dessas famílias podem impactar na qualidade de participação na vida escolar dos filhos. O fato é que mesmo ressaltado esses determinantes muitos deles ainda insistiam que esses pais e responsáveis deveriam se dedicar mais aos filhos e sua relação com a educação escolar. Essas afirmações sinalizam que os professores constituem uma ideia de família muitas vezes idealizada, seja no que se relaciona a sua função como também organização. Nesse movimento, acabam entrando em contradição e desconsiderando o contexto e pluralidade dessas famílias, em razão de que mostram não entender que são as necessidades que determinam as prioridades de pais e responsáveis, e ao se tratar de famílias pobres, a garantia de subsistência por meio da resolução de suas necessidades passam a ser prioridades. Logo, esse fator por si só não é capaz de indicar se essas famílias são ou não desinteressadas sobre a questão educativas de seus filhos, a questão é que quando essas famílias não participam da vida escolar dos seus filhos à escola passa a cumprir funções que estão para além de suas reponsabilidades.

Constatamos também que ao discorrer sobre como a escola deve se comportar quando as famílias não participam, os professores apontaram nas suas narrativas significações mediadas pela ideia de cuidado e de afeto para com os seus estudantes. Melhor dizendo, que cabe a eles criarem condições que tragam esses estudantes para perto, essa dinâmica, segundo os professores, fortalece a confiança nessa relação e auxilia na produção de motivos efetivos para que os estudantes possam entrar em atividade de estudo com mais qualidade. A partir dessas zonas de sentidos produzidas pelos professores, podemos entender que para eles apesar de todas as dificuldades das famílias, se faz necessário dar um apoio para que os estudantes não sejam prejudicados, e que para isso eles assumem essa posição de referência, não no sentido de substituir a função de pais e responsáveis, mas de se colocar como uma inspiração e um exemplo diferente daqueles que seus estudantes possivelmente tem em casa.

Em nosso último núcleo, trabalhamos com as mediações que podem ajudar na promoção do diálogo entre os complexos e de maior participação da família na escola. Ao analisar essa questão, foi percebido que mediados por suas experiências profissionais, os professores significam que a escola já promove ações que procuram incentivar que as famílias frequentem a escola, no entanto, com base nas condições objetivas e subjetivas dessas famílias, ainda é necessário que a escola procure adaptar suas práticas de modo que pais e responsáveis possam vir a colaborar de forma mais participativa, dinâmica essa, que tem como objetivo propor uma relação mais horizontal entre os complexos, a fim de que seja superado posições autoritárias entre família e escola.

Compreendemos também que de acordo com os professores, antes de propor mais atividade que imponha a participação é importante que a escola procure conhecer essa família de modo a produzir sentidos a respeito de que condições podem ou já são criadas para se desenvolver um processo de colaboração entre os complexos, como o uso dos conhecimentos mediados pelas experiências de vida dos pais e responsáveis ou até mesmo de formas mais simples e não menos importante, como procurar conversar com essa família para que se estabeleça uma parceria com o professor e que juntos possam vir a mediar práticas que favoreçam a reprodução do gênero humano no estudante para que esse se desenvolva de maneira integral.

Por fim, em busca de uma síntese, compreendemos que as significações produzidas pelos professores em relação as famílias se apresentam em movimento e são mediadas na maioria das vezes pela aparência do fenômeno, nessa dinâmica, são ignoradas a constituição histórica e social dos complexos e nisso, os estudantes passam ser entendidos apenas como sujeitos abstratos, ou em alguns momentos como reflexos de suas famílias, o que evidencia os sentidos que esses professores têm sobre seus estudantes como resultado de relação de causa e efeito. E de que a relação entre os complexos pode melhorar através do diálogo e da mediação de práticas sociais que proporcionem uma relação colaborativa entre família e escola.

Partindo do que foi apresentado em nosso movimento de análise e discussão, acreditamos que foi possível responder a problemática que estabelecemos como ponto de partida para o desenvolvimento dessa pesquisa. Essa questão se encontra na introdução e se apresenta da seguinte forma: “Como deve se constituir a relação família e escola na mediação de práticas educativas para a formação do estudante?”.

De acordo com a análise de dados, ficou evidenciado que a relação entre os complexos sociais família e escola se constitui a partir de determinações presentes no social que medeiam seu processo de constituição. Isto é, em nosso contexto de pesquisa foi possível compreender que as condições objetivas e subjetivas impactavam de forma significativa os modos de relação e participação das famílias em atividades da escola, o que por si só não determina um bom ou mau rendimento educativo desses estudantes, mas que poderia influenciá-los visto que esse seria resultado de múltiplas determinações. Entendemos assim, que esse estudante se apresenta como um ser concreto que tem vontades e interesses, e que se humaniza à medida que se apropria da generalidade humana que se constitui no mesmo social, ação essa que é mediada pelos complexos sociais família e escola.

Em meio a essas considerações, finalizamos a nossa pesquisa apontando que sua relevância social se encontra na produção de conhecimentos relativos à temática família e

escola, não no sentido da discussão da relação em si, mas como uma relação que é determinada pelas condições históricas e sociais e que se mostram em constante movimento, procurando ir além da realidade aparente e dos discursos de culpabilização mútua. Essa pesquisa também contribui em nossa experiência profissional como pesquisador, em razão de que, por meio dela, nos desafiamos a discutir uma temática já tão debatida fora de modelos já naturalizados que procuram soluções antes de discutir o objeto enquanto processo. Logo, os conhecimentos aqui debatidos foram produtos de discussões que nos possibilitou entender mais profundamente a máxima que tanto defendemos, que é a definição de produção de significações a partir de vivências e relações históricas e sociais.

Portanto, finalizamos nossa pesquisa destacando que os elementos produzidos e analisados até aqui nos levaram à seguinte conclusão: A relação família e escola é determinada por condições objetivas e subjetivas, com isso, em uma sociedade capitalista dividida por classes acreditamos que a educação toma como objetivo a produção de mão de obra minimamente qualificada no sentido de reproduzir os modelos de exploração vigente. Sendo assim, para buscar um novo tipo de relação entre esses complexos que promovam uma plena humanização desses estudantes, faz-se necessário que se mude a estrutura social de forma profunda, uma vez que nesse modelo de sociabilidade, essa transformação se mostra como uma perspectiva utópica. Desta forma, acreditamos que ao buscar desenvolver processos de colaboração que levem em conta os limites e possibilidades de atuação mútua entre os complexos família e escola, seja possível não resolver todos os problemas presentes nessa relação, mas promover mediações que amenizem os desencontros entre ambos os complexos favorecendo, portanto, uma plena humanização do estudante.

REFERÊNCIAS

AFANASIEV, V. **Fundamentos de filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: reflexões sobre pensar e fazer pesquisa em educação. In: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; BOCK, Ana Maria Bahia (org.). **PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E EDUCAÇÃO**: tecendo redes críticas e colaborativas na pesquisa. São Paulo: Cortez Editora, 2020. p. 25-45.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 2, n. 26, p. 222-245, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 de Nov. de 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 155, p. 56-75, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742015000100056&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 de Nov. de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/198053142818>.

ALMEIDA, Luana Costa; FERRAROTTO, Luana; MALAVASI, Maria Marcia Sigrist. Escola Vista de Fora: o que dizem as famílias?. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p.649-671, fev. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000200649&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 22 de set. de 2019.

AMBRÓSIO, Ana Esperança Futi Bambi. **Um estudo sobre as Representações sociais dos Pais e Encarregados de Educação do Colégio Padre Builu em Cabinda/Angola - Relação Família Escola**. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-A3GFFV>>. Acesso em: 14 de Jun. de 2019

ANTUNES, Caio. **A escola do Trabalho**: Formação Humana em Marx. Campinas: Papel Social, 2018. 208 p.

BENTO, António; MENDES, Guida; PACHECO, Dulce. Relação Escola-Família: participação dos encarregados de educação na escola. **Atas - Investigação Qualitativa em Educação**, Porto, v. 1, n. , p. 603-612, jul. 2016. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/648>>. Acessado em: 16 de mar. de 2021.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.

Acesso em: 12 de nov. 2019.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNEP (FEU), 1999.

CARVALHO, Isabel Borges. **ENTRE FAMÍLIA ESCOLA: (DES) CORTINANDO RELAÇÕES NO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º ANO**. 2015. 114 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PucGoiás, Goiânia, 2015. Disponível em:

<<https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3824/2/ISABEL+BORGES+CARVALHO.pdf>>. Acesso em: 26 de set. de 2019.

CAMPOS, Brisa Bejarano. **A dimensão subjetiva da relação escola comunidade: as significações produzidas pelos diferentes atores do cotidiano escolar**. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

Disponível em < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19271>>. Acesso em: 14 de Jun. de 2019.

CORDEIRO, Fabiane de Oliveira. **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada**. 2018. 258 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Goiás - Puc, Goiânia, 2018. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/4041/2/FABIANE%20DE%20OLIVEIRA%20CORDEIRO.pdf>>. Acesso em 9 de set. de 2020.

COSTA, Maria Aparecida Alves da; SILVA, Francisco Mário Carneiro da; SOUZA, Davison da Silva. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, jan. 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476/3127>>. Acesso em: 14 de Set. de 2020. <http://dx.doi.org/10.47149/pemo.v1i1.3476>.

COLACINO, Aline Fernanda. **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: convergências e divergências na expectativa da família e da escola na formação da criança**. 2016. 111 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós graduação em Docência Para A Educação Básica Para O Curso de Mestrado Profissional, Faculdade de Ciências da Unesp – Campus Bauru/Sp, Bauru, 2016. Disponível em: <

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136478/colacino_af_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de Jun. de 2019.

CHRISTOVAM, Ana Carolina Camargo; CIA, Fabiana. Comportamentos de pais e professores para promoção da relação família e escola de pré-escolares incluídos. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 29, n. 54, p. 133-146, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/13441>>. Acesso em: 11 de Setembro de 2020. <https://doi.org/10.5902/1984686X13441>.

DELMOND, Gisselly Vieira Souza. **Educação e família**. 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5206/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20->

%20Gisselly%20Vieira%20Souza%20Delmond%20-%202015.pdf>. Acesso em: 20 de Maio de 2020.

DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. **Necessidades formativas de professores de redes municipais:** contribuições para a formação de professores crítico-reflexivos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-62, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100004>. Acesso em: 17 de Set. de 2020.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984.

GARCIA, Julia Ferreira; MARIOTINI, Sérgio Donizeti. O PAPEL DA FAMÍLIA, DA ESCOLA E DA COMUNIDADE NO FRACASSO ESCOLAR. **Cadernos de Educação:** Ensino e Sociedade, Bebedouro, v. 1, n. 4, p. 312-331, 2017. Disponível em:<<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/02062017210317.pdf>>. Acessado em: 10 de mar. de 2021.

IBIAPINA, I. M. L. de M. Reflexão e colaboração com professores universitários: dupla estimulação para a compreensão do que é reflexão crítica. In. SOARES, A. M. F.; CARVALHO, W. R. L.; SOUSA, A. T. S. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa:** abordagens críticas e reflexivas. Teresina: Edufpi, 2017, p. 307-326.

JESUS, Cícero Ramon Cunha de. **A relação professor-aluno e a constituição do self educacional em adolescentes do ensino médio**. 2016. 221 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de programa de pós graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Salvador, 2016. Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23980>>. Acessado em: 9 de mar. de 2021.

JOHANN, Magali Maria. **“A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE MÃES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA”**. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2129>>. Acesso em: 15 de Set. de 2020.

JUNGES, Lisiane Alvim Saraiva. **A relação família-escola sob a perspectiva do professor de ensino fundamental**. 2015. 179 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130502/000975151.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 de set. de 2019

KONSTANTINOV, Fyodor Vasilevich. **Fundamentos da filosofia marxista-leninista:** Ciências Econômicas e Sociais. 3. ed. [s.l]: Venda Nova Amadora, 1975. 308 p. Tradução: João Alves Falcato.

KOSIK, karel. **Dialética do concreto**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

LECH, Marilise Brockstedt. **A HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DA PESSOA DO PROFESSOR**. 2017. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7968>>. Acesso em: 19 de Jun. de 2019

LEITE, Lidianie Ferreira. **A ESCOLA PENSADA E A ESCOLA VIVIDA: DISCURSOS SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação - Mestrado Acadêmico em Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016. LEFEBVRE, H. **Lógica formal e Lógica dialética**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1983

Lessa, Sergio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016. 200 p.

LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIMA, Melissa Caldeira Brant de Souza. **EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E ADVERSIDADE: a relação entre família e escola de alunos da rede pública de belo horizonte**, 2008. 2015. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FACE-AA8HR4>>. Acesso em 12 de set. de 2020.

LIMA, Tarcila Barboza Hidalgo; CHAPADEIRO, Cibele Alves. Encontros e (des)encontros no sistema família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p.493-502, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300493&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 25 de set. de 2019.

LIMA, Andreza Maria de. **AS FAMÍLIAS DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RECIFE: uma construção atravessada por relações de poder**. 2017. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25636/1/TESE%20Andreza%20Maria%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 10 de Jun. de 2019.

LOUREIRO, Marta Asís. **RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: educação dividida ou partilhada?**. **International Journal Of Developmental And Educational Psychology. Revista Infad de Psicología.**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 103-113, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349853365011>>. Acessado em: 10 de mar. de 2021.

LONGAREZI, Andréa Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Interface entre pesquisa e formação de professores: delimitando o conceito de pesquisa-formação. **EDUCERE: Formação de professores: contextos, sentidos e práticas**. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/157_187.pdf>. Acesso em: 20 de Nov. de 2019.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**. 14. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. 1457 p. Traduzido por Sergio Lessa.

MACEDO, Etienne Oliveira Silva de. **A relação entre família e escola na adolescência: vínculos e afetos como dispositivos de cuidado e proteção**. 2018. 158 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutora em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34320> >. Acesso em: 10 de Jun. de 2019

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 1ed. São Paulo: Expressão popular, 2009.

MAGALHÃES, Giselle Modé; MARTINS, Lígia Márcia. Onze Teses Sobre a Relação Entre Psicologia Educacional e Pedagogia Escolar. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 55, p. 1-21, 7 fev. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/19150>. Acesso em 13 de Set. de 2020. <http://dx.doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n55id19150>.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. EDUCAÇÃO PARA FORMAÇÃO HUMANA: PRÁTICA DE ENFRENTAMENTO EM MEIO À CRISE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA. **Linguagens Educação Sociedade**, Teresina, v. 42, n. 24, p. 51-69, ago. 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/9338>>. Acesso em 14 de set. de 2020.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. O SIGNIFICADO HISTÓRICO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS: UM MOVIMENTO QUE VAI DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 35, n. 21, p. 122-142, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/7449> >. Acesso em 14 de set. de 2020.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Prática educativa bem-sucedida na escola: reflexões com base em l. s. vigotski e baruch de espinosa. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 22, n. 71, p. 1-17, nov. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782017000400221&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 set. de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017227169>.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Vivência e prática educativa: a relação afeto-intelecto mediando modos de ser professor e aluno. **Revista Obutchénie: Revista de didática e Psicologia pedagogia**, Uberlândia, p. 1-25, nov. 2019. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlandia. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/51563>>. Acesso em 14 de set. de 2020. <http://dx.doi.org/10.14393/obv3n2.a2019-51563>.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. **O SÓCIO-AFETIVO MEDIANDO A CONSTITUIÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS BEM SUCEDIDAS NA ESCOLA**. 2014. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

MATEUS, Maria do Nascimento Esteves. Percepções da relação Escola e Família. **Imagonautas: Revista Interdisciplinária sobre Imaginários Sociais**, [s. l], v. 7, p. 44-61, 2016. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/13362>>. Acesso em: 16 de mar. de 2021.

MATOS, Larissa Araújo; CRUZ, Edson Júnior Silva da; SANTOS, Thamyris Maués dos; SILVA, Simone Souza Costa. Resiliência Familiar: o olhar de professores sobre famílias pobres. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 493-501, dez. 2018. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-85572018000300493&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 de mar. de 2021.

MORETTI, Vanessa Dias; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; RIGON, Algacir José. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 477-485, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 de set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300005>.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. O compartilhamento da educação das crianças pequenas nas instituições de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 652-679, Set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000300652&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de Jun. de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143052>.

NASCIMENTO, Paulo Henrique Albuquerque do. **“A ESCOLA É A SEGUNDA FAMÍLIA E A FAMÍLIA É A PRIMEIRA ESCOLA” UMA ARQUEOGENEALOGIA DA PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: < http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25578/1/2017_dis_phanascimento.pdf >. Acesso em: 15 de Jun. de 2019.

OLIVEIRA, Irary Alves de; LOPES, Eliete Borges. Relação família e escola visando o aprendizado do educando. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**. v. 3, n. 1, p. 113-124, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/article/view/4252>>. Acesso em: 16 de Set. de 2020. <https://doi.org/10.30681/geoambes.v2i1.4252>.

PADOVINI, Bruna di Richelle Souza. **CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NA INFÂNCIA: limites e possibilidades**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Docência Para A Educação Básica, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/134374>>. Acessado em: 9 de mar. de 2021.

PESSOA, Jean Carlos de Sousa. **A formação de professores e a atuação junto a alunos com diagnóstico de TEA**. 2017. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2017.

PESSOA, Jean Carlos de Sousa; FREITAS, Camila Siqueira Cronemberger. As estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor em sala de aula para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista – TEA. In: XV Seminário de Iniciação Científica, 2016, Teresina. **Anais eletrônicos...** Teresina, 2016. P. 215. Disponível em: <http://sistemas2.uespi.br/sigprop/simposio/download/livro_sic2016.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

PIMENTA, Juliana de Carvalho. **A RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS**. 2014. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014. Disponível em <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/cathedra/29-05-2015/000831129.pdf>>. Acesso em: 15 de Jun. de 2019.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 71, p. 45-78, 2000. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v2171.pdf>>. Acessado em: 10 de mar. de 2021.

PRADO, Eduardo Fraga de Almeida; CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues; ARAÚJO, Marcos Vinicius de; BISSOLI, Enzo Banti; CARRERA, Leonardo Torres. Reflexões sobre a relação família e escola em território de vulnerabilidade social. **Revista Olhares**. Guarulhos, v. 08, n. 01, p. 18 – 32, 2020. Disponível em: <<<https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/10483>>. Acesso em: 17 de Set. de 2020.<https://doi.org/10.34024/olhares.2020.v8.10483>

RODRIGUES, Ângela; ESTEVES, Manuela. **A análise de necessidades na formação de professores**. Portugal: Porto Editora, 1993. pag. 11-19; 43-48

ROSSI, Rafael. **Lukács e a educação**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. 100 p.

ROSA, Luciana de Fatima da. **RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: as contribuições no desempenho escolar de alunos nos anos iniciais**. 2019. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade do Centro do Paraná, Pitanga, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ucpparana.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/39/41>>. Acessado em 14 de Set. de 2020.

SARAIVA, Lisiane Alvim; WAGNER, Adriana. A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 81, p. 739-772, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362013000400006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 4 de Jun. de 2019.<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362013000400006>

SANTOS, Escolástica. **Trabalho, Educação e Pobreza**. Maceió: Coletivo Veredas, 2019. 119 p.

SANTOS, Aparecida de Sousa. Relação família e escola no processo de aprendizagem da criança. **Revista Diálogos Interdisciplinares**. v. 1, n. 3, p. 154-168, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/2823>>. Acesso em: 16 de Setembro de 2020.

SANTOS, Jônatas Marcos da Silva. **Desafios e possibilidades:** a compreensão do diálogo que se constrói entre escola e famílias. 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2016.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 422-433, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 12 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000300002>.

SAVIANI, Demerval. Como avançar?: desafios teóricos e políticos da pedagogia histórico-crítica hoje. In: PASQUALINI, Juliana Campregher; TEIXEIRA, Lucas André; AGUDO, Marcela de Moraes (org.). **PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA:** legado e perspectivas. Uberlândia: Navegando, 2018. p. 235-256.

SAVIANI, Demerval. PERSPECTIVA MARXIANA DO PROBLEMA SUBJETIVIDADE-INTERSUBJETIVIDADE. In: I Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação., 2003, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: 2003, p. 1-19. Disponível em: <http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/76_SAVIANI_Dermeval_-_Perspectiva_marxiana_do_problema_da_subjetividade-intersubjetividade.pdf>. Acesso em 14 de Set. de 2020.

SAVIANI, Dermeval. Educação Escolar, Currículo e Sociedade: o problema da base nacional comum curricular. **Movimento- Revista de Educação.** n. 4, p. 54-84, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32575>>. Acesso em 15 de Set. de 2020. <https://doi.org/10.22409/mov.v0i4.296>

SILVA, Maria Lucia Spadini da. **Participação da família na vida escolar dos filhos segundo o olhar dos gestores, familiares e educandos: um estudo de caso em uma escola pública da cidade de São Paulo.** 2015. 114 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16172>>. Acesso em: 14 de Jun. de 2019.

SOARES, Guilherme Ferreira; FARIAS, Josivania Silva. Vem educar com a gente: o incentivo de governo e escolas à coprodução da educação por familiares de alunos. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 101, p. 1347-1371, Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362018000401347&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de Jun. de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-403620180026001299>.

SZYMANSKI, Heloísa. Encontros e desencontros na relação família-escola. **Ideias**, n. 28, p. 213-225, 1997. Disponível em: <http://www.necfebf.uerj.br/boletins/boletim012011index_arquivos/HeloisaSzymanski.pdf>. Acesso em: 4 de Jun. de 2020

TULESKI, Silvana Calvo. **Vygotski:** a construção de uma psicologia marxista. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008, p. 119-189

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S.. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VIGOTSKI, L.s. (comp.). **Psicologia e Pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Centauro, 2011. p. 25-42.

ZOADELLI, Cristiane Lino. **Relação família e escola na educação infantil**: reunião de pais em foco. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018. Disponível em:< <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1975> >. Acesso em 2 de setembro de 2020.

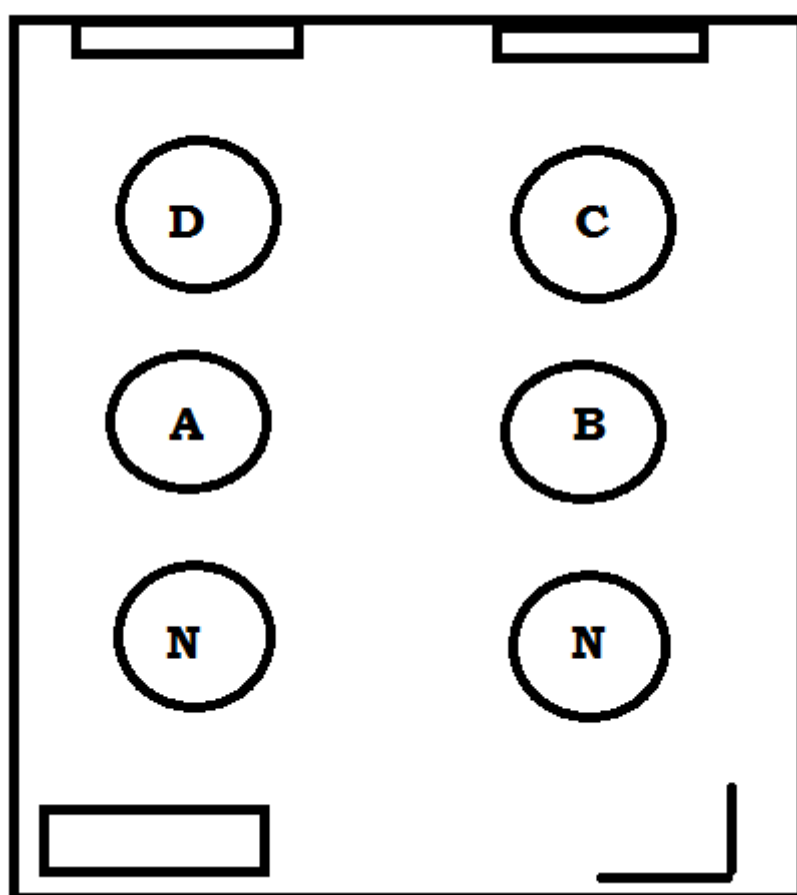
ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ANEXO 1- TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS DE ABRIL, MAIO E
JUNHO DE 2019.**

Encontro 27/04/2019

Transcrição única.



A figura representa a forma como os professores se distribuíram na sala durante a formação, as mesas foram representadas por círculos e os grupos por letras, as outras figuras representa apenas a mesa (com a câmera), aparelhos de splits e a porta da sala. Partindo do que foi dito, os grupos foram classificados de “A a D”, e a ordem foi definida de acordo com a apresentação dos professores. É importante destacar que os participantes dos grupos serão nomeados pela letra do grupo e ordem da sua fala, por exemplo: participante A1, A2... e etc. As mesas com a letra “N” representam os locais onde os participantes do grupo de pesquisa NEPSH se posicionaram.

Os grupos foram formados para discutirem coletivamente acerca das questões que foram previamente enviadas para análise por cada professor individualmente sobre a relação família e escola.

A discussão aconteceu por cerca de 30 minutos e em seguida cada grupo elegeu um relator para apresentar a síntese das significações produzidas em seu grupo. Durante essa apresentação alguns componentes do grupo foram manifestando conforme registrado abaixo:

Devido a um problema técnico no aparelho do celular não foi possível registrar as falas dos componentes do grupo A. Sendo assim, iniciamos pelo registro do **grupo B**.

O grupo B (está formado por 7 professores que serão denominados de B1, B2, B3, B4, B5, B6 e B7), o professor B1 inicia sua fala do seguinte modo: “... São educados, podem ser analfabetos ou semianalfabetos, mas eles transmitem valores a seus filhos, e a gente sente a repercussão dessa educação que vem também da família. Também considerando a realidade social da família, então muitas vezes não podem vir porque precisam ir trabalhar para defender o bocado de cada dia (**durante a fala os professores do grupo acenam positivamente com a cabeça para a fala de B1**). Então há necessidades básicas, nós temos aqui famílias que são muito pobres, então a necessidade de trabalhar para ter o pão de cada dia é imensa, temos medianos e temos aqueles que têm o padrão de vida melhor, e a gente considera que essa realidade que vivemos é fruto da própria estrutura social que nós vivemos. E apesar ou para além do sim ou do não, a gente também reconhece que essas famílias depositam muita confiança na própria escola, a escola, a ESAR é uma referência na região, então aqui é uma fileira para entrar, né, então nessa busca para oferecer o melhor para o seu filho, a gente vê que há um desejo, apesar de todas as contradições, a gente consegue perceber isso, é a nossa responsabilidade... [inaudível]”

Nesse momento outro professor que estava ao lado da participante B1 começa a falar. Nas palavras do B2.

“E até porque também grande parte desses pais foram alunos da instituição, então desejam que seus filhos estudem aqui, apesar da burocracia que é da instituição filantrópica, tem todo um aparato para entrar, mas isso aqui tudo ele faz por esforço, porque sabe da seriedade da escola...”

Outra professora interrompe e começa a falar também, de acordo com a professora B3:

“E eu vejo que até mesmo por conta dessa dificuldade, quem chega na ESAR, quem consegue né, é quase como se fosse um troféu né ‘eu consegui entrar, eu estudo na ESAR, eu visto a farda da ESAR’. Então, gente vê isso nos alunos que conseguem, claro que numa turma não é 100%, mas aquele orgulho de estudar de estar aqui, de ter a oportunidade”.

Outro professor prossegue a fala, assim B4 destaca:

“Como B1 colocou, a palavra participação em si é bem complexa, porque se os pais frequentam a escola no sentido de buscar nota, frequentam a escola para fazer o cadastro ou a

renovação da bolsa e isso por si só não é uma participação, é como se fosse uma obrigação de poder estar na escola ‘eu sigo aquilo, aquele rito, porque eu tenho que deixar meu filho naquela instituição que é boa, naquela instituição que forma seres humanos’, mas indiretamente não há uma participação, porque eu vejo que o pai participa da educação do seu filho quando ele ajuda a entender que ali não é apenas para estudar, mas também para ser um ser humano. Eu participo da vida do meu filho onde eu ensino valores morais para ele, onde eu participo de uma forma direta. E esse tipo de participação de vir buscar boletim, de vir fazer renovação de cadastro é indiretamente uma participação. Então eu acredito que esse termo participação deva ser na forma integral desse próprio aluno. Eu vejo a escola como um local que eu possa confiar, mas ao mesmo tempo... Tomando a palavra da professora **(ele aponta para o outro da sua direita, no caso o D)**... eu também tenho que entender que meu papel também é de educar, não apenas de depositar.”

A professora B3 toma novamente a fala e complementa:

“E, e, essa participação pode ser colocada como colaboração ‘como é que eu posso colaborar enquanto pai na formação do meu filho? Já que a escola está contribuindo na parte curricular acadêmica, mas a parte humana?! Mas a parte dos exemplos, das virtudes?! Eu enquanto pai e mãe tenho que dá esse entender né, não de participação, mas de colaborar’ a gente sabe que a educação é um projeto de colaboração né, família e escola...”

A professora mediadora pega a fala e pergunta se mais alguém quer trazer argumentos, nesse momento mais uma professora do grupo se manifesta, B5 fala:

“[inaudível] porque assim, a gente percebe que muitas vezes e foi algo que a gente comentou na nossa reunião, as vezes nas reuniões da escola, como a gente já comentou aqui que alguns pais trabalham, tem a necessidade de trazer o básico para o seu filho, mas muitas vezes isso se torna meio que uma desculpa entendeu?! Quando a pessoa não quer, ela sempre encontra uma desculpa, sempre vai ter, mas a gente percebe que as vezes vem um tio, ou vem o irmão ou o avô. Então quando a família quer participar não tem desculpa entendeu?! Para... para atrapalhar o desenvolvimento da educação do seu filho”.

O professor B4 pede novamente a fala e continua:

“Até por exemplo a gente tem aqui famílias, digo, irmãos que estudam em séries diferentes, mas que a gente consegue compreender o mesmo valor enquanto seres humanos, respeitam, são educados, são pessoas atenciosas **(todo o grupo acena com a cabeça positivamente concordando com a fala do participantes)**. Então quando uma família é presente na questão da formação educacional do seu filho, não apenas na parte da escola, isso reflete, a gente consegue enxergar nos irmãos isso, ‘ah fulano de tal é de tal jeito, compreendo

que a educação lá dá certo porque seus irmãos são da mesma forma’. Então eu acredito que é nesse caminho, na participação da família...”

Uma professora do grupo interrompe e traz outra fala, de acordo com a B6:

“Essa é a nossa pista, porque se a pergunta for participação no sentido dos pais nos procurarem além dos momentos que a escola exige, não, isso não tem, você vê um pai vindo aqui nos momentos que não seja obrigatório ele vir. Mas se a gente for avaliar essa participação pelo comportamento do aluno, pelo interesse do aluno, então sim, em alguns casos nós temos, e a gente comprova isso pela questão dos irmãos que tem um comportamento padrão, a gente percebe quando os pais realmente agem na educação dessas crianças, você percebe que essas são meio similar, da mesma forma o contrário, quando os pais são distantes você percebe o desinteresse naqueles irmãos”.

Grupo C (está formado por 8 professores que serão denominados de C1 a C8), este grupo inicia sua fala respondendo as questões que foram entregues, aqui se aplica a mesma forma que foi desenvolvida pelo grupo anterior, um professor (relator), lê as questões e em seguidas os demais dão suas impressões e contribuições a respeito da fala de todo o grupo. Partindo dessa explicação a priori o participante C1 fala:

“A primeira pergunta aqui, ‘A família do meu aluno participa da vida escolar dele?’ Não tanto quanto deveria, muitas vezes o motivo para ausência dos pais sejam, o trabalho, a base familiar desestruturada, a vulnerabilidade dos pais dentre outras... Os encontros dos pais com a escola estão mais restritos as reuniões de pais e mestres, para ver boletim né, e para ouvir os relatos dos professores da vida acadêmica, do comportamento, da realização de atividades dentre outras. A segunda resposta... a família do meu aluno... a gente viu que estava assim, muito atrelada a primeira né, a gente foi muito resumido. Colocamos que é pouco presente, justificado pelas ocupações dos pais, a gente vê que muitos deles tem ocupações, que são diaristas, tem uns aqui que são agricultores, que mexe com agricultura, nessa região, são poucos que [inaudível]. Na terceira, na minha opinião, a família do meu aluno pode ajudar na vida escolar dele? Quando? A nossa resposta aqui... a gente colocou o seguinte: participar das reuniões, vir a escola quase sempre, sem esperar apenas as convocações da escola, procurar interagir com as atividades propostas pela escola, festas de comemorações, dia dos pais, dia das mães, festa junina e aqui a gente abre reticências para mais pareceres dos colegas do grupo...então a nossa resposta foi assim”

A professora mediadora toma a fala e pergunta quem quer comentar, nesse momento o professor C2 traz suas impressões:

“É basicamente isso que ele falou (**Aponta para C1 e pega da sua mão a folha com as respostas**), na opção três ‘como a família pode ajudar?’ então assim, esperar de uma família sem estrutura algo básico é complicado, como é que vou esperar de uma mãe que muitas vezes não teve estudo, que muitas vezes é alcoólatra, que muitas vezes tem uma realidade que eu nem conheço que é algo distante, então é difícil eu esperar que um pai ou uma mãe vulnerável cobre do seu filho. Eu estava conversando com eles, eu acho assim, quantas vezes nós professores ficamos ansiosos pelo lanche, imagina essas crianças, eles ficam ansiosos antes do recreio querendo saber o que vão comer, muitos deles por incrível que pareça, é aquela a principal refeição deles (**É possível notar que nesse momento muitos professores falam entre si e concordam com a narrativa do participante.**), em uma casa que falta comida que é o básico, com certeza falta tudo. Então o professor no caso, vai ter que agir como psicólogo, muitas vezes como amigo, (**Os professores de todas as mesas sorriem e falam outros papéis como pais e mãe**) para tentar preencher essa necessidade, eu não sei quem foi o professor que disse que um aluno chegou pra ele e perguntou assim ‘professor, posso te chamar de pai?’. E ele ficou assim ‘meu Deus do céu, o que, que eu respondo?’, porque eles são carentes, entendeu?!, então o máximo que a gente pode esperar da família é que se for presente bem, se não for infelizmente, a gente tem que tentar suprir a necessidade e inspirar eles, porque tem muito aluno aí que se inspira nos professores, eu vejo muito aluno que fica curioso em saber quanto a gente ganha (**Todos riem**)... ‘e aí professor, tem muita prova para corrigir?’, então eles ficam se inspirando na gente que é um exemplo diferente para eles do contexto que eles vivem.

Em seguida outro professor pede a fala e faz os seguintes destaques, de acordo com C3:

“Quando você fala a relação família e escola, na minha visão cada um tem que fazer a sua parte, quando a escola faz o que a família deveria fazer, o professor acaba ficando sobrecarregado, então a família tem que participar mais, em relação a tudo que acontece na escola e também participar da vida acadêmica do aluno né, que no caso é perguntar, procurar saber, olhar no caderno o que fez, o que não fez, porque que não fez. Então, nessa relação aí a gente tem que saber dividir o papel de cada um, mas como a gente falou aqui, muitas famílias não tem estrutura e a gente acaba absorvendo esse papel que a família deveria fazer, e a escola acaba pegando como um todo, então eu acho que deveria haver mais esse diálogo, da família com a escola.”

Outra professora complementa. Para C4:

“Por mais que não se saiba ler, sentar ali do lado enquanto ele faz a atividade é uma demonstração de preocupação, pois muito alunos são carentes de atenção, folhear, olhar ‘olha que desenho bonito’ ‘eu tô aqui com você’, ‘pra onde você for eu tô aqui do lado’.

Um professor adentra na fala e complementa, para C5:

“Às vezes ele vê num pai ou uma mãe pegando naquele caderno, só folheando mesmo, sem saber o conteúdo, sem saber a matéria que nem o que acontecendo na escola...só pelo motivo dele está folheando, o filho pode pensar ‘meu pai tá se preocupando comigo, meu pai não sabe ler, mas ele tem aquela atenção’ [inaudível], então só o fato dele acompanhar, já ajuda muito.”

Outro professor continua. C2

“Por exemplo tem um caso de um pai e mãe de um aluno, que na reunião de pais e mestres vem os dois, que é raro acontecer, pois tem sempre terceirizado ‘vai tu, ou então eu vou, vai um irmão...’ isso é raro acontecer, fico feliz porque é uma menina do primeiro ano agora, e quando vem, vem os dois... eu acho interessante porque, como é que uma filha dessas não vai prestar contas do que acontece pra mãe?! Quando tá desse jeito, bacana, porque é praticamente impossível dá errado, muito complicado, agora o contrário, já é mais vulnerável, quando a pessoa não tem um pai e uma mãe que cobre, acho complicado cobrar de uma criança que não sabe o que é a vida lá fora, então a referência mesmo... a referência de casa fica negativa. É complicado, é muito complicado, é um universo bem contraditório”.

A professora C4 complementa mais uma vez:

“Eles reproduzem o que a família faz, ‘meu pai, minha mãe conseguiu viver até aqui, e eu também estou aqui, então se eu continuar...eu também vou chegar onde eles chegaram’. Mas é uma perspectiva sem crescimento, às vezes manter o que a família tá fazendo até agora é uma coisa legal para eles”

A fala foi passada para o próximo grupo, o participante D1:

Grupo D1: Em relação à primeira pergunta, que nos foi dada, perguntou se a família do meu aluno participa da vida escolar dele. Nós chegamos aqui a uma conclusão, colocamos o seguinte: isso é uma situação relativa, porque nós temos famílias, quem sim participam da vida escolar, mas que deixam a desejar em diversos aspectos. Uma delas, aliás nós citamos duas que foi justamente efetiva e a outra justamente da parte emocional da criança. Outra é porque se o meu aluno já saiu da sua casa com seu psicológico abalado ele não vai ter aquele rendimento da escola da forma como nós queremos que ele tenha. Muitas famílias pensam que acompanhar o aluno em casa só é comprar o caderno, comprar lápis, lavar a roupinha e mandar pra escola e, não é. Se aquela criança quando chega em casa a família não acompanha “- filho como foi dia hoje na escola?” “meu filho quais atividades você conseguiu realizar na escola?”, muitas famílias não tem o tempo justamente para com esse filho, ou seja, o que ele vai presenciar são brigas, discussões dentro de casa. E é justamente isso que a gente percebe dentro das escolas

muitas discussões porque é justamente isso, a questão da reprodução, eles estão reproduzindo aquilo que estão presenciando em casa. Esse lado afetivo, esse lado emocional ele está muito carente nas nossas crianças.

A outra questão foi justamente a questão da opinião, na minha opinião como é a família do meu aluno?! Muitas vezes chega a ser imprudente em determinados casos, mas também nós temos famílias bem responsáveis. Responsável como?! Preocupada com seu filho, por exemplo, quando o filho não vai à escola aquela família ela tem a preocupação de saber, de informar a escola que seu filho não foi, o motivo por ele não ter ido a escola e outras são muito imprudentes porque por mais que elas saibam o motivo daquela criança não ter ido a escola, elas não informam, elas não mandam nenhum recado na agenda, não faz nada. Que é justamente a partir daí que nós percebemos a negligência dessa família com esse aluno. E também nós temos famílias que tem carência de informações, informações como?! Elas não sabem repassar determinadas informações para seus filhos, por mais que aquela família viva em contexto social um pouco vulnerável, elas não sabem repassar determinadas informações e quando elas passam, passam informações de uma forma errada. E também nós colocamos uma outra aqui que é a baixa autoestima, nós temos muitas famílias aqui que tem uma baixa autoestima que se você conversa com eles você chega a chorar, não é isso? Porque eles começam a falar de problemas, chegam a falar disso e daquilo e é por isso que a gente começa a perceber que nossos alunos eles começam a não demonstrar o rendimento que nós queremos, porque já vem de casa essa baixa autoestima. Então somos nós professores que temos esse papel de motivar, de levantar, mesmo da nossa forma a autoestima desse aluno.

A família do meu aluno ela pode ajudar? Lógico, em todos os momentos da vida acadêmica desse aluno, em todos os momentos. Como? Empoderando rotinas, empoderando regras. Porque o nosso aluno você já sabe como é o comportamento dele em casa. Porque se meu aluno é um ótimo aluno, em casa ele é um ótimo filho e assim vice e versa. Então essa foi a conclusão que nós chegamos aqui no grupo.

A professora pergunta ao grupo D quem pretende complementar a fala.

Grupo D2: O que o que a gente colocou no grupo é que realmente tem famílias que são muito preocupadas, procuram incentivar. A gente tem aluno que teve problema ano passado de saúde, passou três meses com a perna quebrada, mas era senhorzinho, ele sempre vinha: “- Professora, eu não quero que meu filho fique reprovado. Eu quero que vocês elaborem um trabalho, uma atividade e mande.” E aí eu sempre conversava com o nosso coordenador, o que ele está precisando. E você ver que ele é um pai que não tem estrutura, que já é um senhor de idade, mas é muito preocupado com o filho. Você vê como é que ele vem pra escola, todo

limpinho, todo arrumadinho, não esquece o material. E a gente já ver que tem pais que tem toda uma estrutura e que os filhos acabam deixando a desejar, não trazem material... Então é como a gente falou, é criando rotinas em casa que ele pode também está acompanhando o filho, então é isso que a gente tem que focar nas reuniões quando a gente recebe pais a gente foca nessa parte de rotinas. “- Ah, eu mandei lê professora.” “- Não sei escrever.” Mas você pode por outro lado, oriente, converse, isso aí vai ser um incentivo pra ele. A gente tem caso de pai que não sabe ler e nem escrever, é uma realidade da escola, mas a gente vê que são crianças que eles se preocupam, né?! Tem alunos que o pai não sabe ler, mas você ver as tarefinhas feitas, a agenda toda arrumadinha, as coisas tudo organizadas e são pais que não sabem ler e nem escrever. Então essa participação dos pais também é muito significativa e eles vão até a escola, participam, não só nos momentos das reuniões em que são convocados, mas também que venham em outros momentos saber como está o aluno naquele dia, então isso também é uma participação que a gente tem que sempre buscar nesses pais.

Grupo D3: É verdade! Eu tenho na minha sala alguns alunos que a gente consegue ver a inegligência dos pais. Porque aqui na escola eles recebem os materiais, a escola dá material para os alunos e alguns não tem muito tempo que eles receberam, o ano começou agora e a gente ver a falta de cuidado que alguns pais tem. Porque eu digo assim, eu digo pais porque atrás de uma criança tem um adulto certo?! Por mais que seja um avô, tia, tio, madrinha, não sei, não importa, mas por trás de uma criança tem um adulto que está a direciona-la a fazer o quê deve ser feito. Então algumas crianças a gente nota aquela pasta, que eles recebem o livro dentro de uma pasta, a pasta já está toda rasgada, se a pasta está rasgada, o livro também, consequentemente está maltratado. Então a gente vê a falta de compromisso que alguns pais tem no cuidar, no acompanhar essa criança, entende?! E isso reflete no processo como um todo, no aprendizado. A criança traz caderno desorganizado, não traz atividade feita, às vezes a gente passa a tarefa e nem copiam, “-Cadê a tarefa de ontem? – Eu não fiz.” “- Porque você não fez?” Então você vê que a mãe não acompanha, porque tenho aluno que ele disse assim: “- Tia, essa semana que é semana de provas eu não trouxe o meu livro.” “- Por que você não trouxe? – Porque minha mãe levou meu livro pra colocar uma capa dura, pra meu livro não rasgar.”. Pra você ver a contradição, uns com tanto cuidado, outros com a falta de cuidado mesmo. Alguns pais só dão valor, e o aluno o mesmo, quando perde, quando sai vai dar valor a instituição, a o que eles tem. Esse é meu primeiro ano aqui, mas a gente ver que é uma gama de incentivos para os alunos, para a comunidade no geral que se eles fizessem, muitos deles, abraçassem mesmo o intuito da companhia, o intuito da escola, muitos deles, geralmente uns 50% da comunidade que está aqui dentro seria outra coisa. Eu acho que nessa questão do acompanhar é algo que é

negligenciado por alguns, não por todos, e alguns colegas falaram a questão da afetividade do professor em relação a ser o pai, o psicólogo, o amigo. Alguns me chamam de mãe e depois dizem: “Opa, desculpe, é professora.” É espontâneo, alguns teóricos defendem que professor não é isso, não é ser pai ou ser mãe, mas a gente vê na realidade, a prática, que você tá ali e você sente. Tem criança que chega tão carente em você que dá vontade de chorar quando você recebe aquela criança, dá vontade de abraçar e não deixar ela ir embora, de levar pra casa e cuidar, “me dar que eu cuido”. Porque é algo que você vê, eu sou mãe, a gente sente que falta alguma coisa, de se entregar, não tem como você não se entregar, se envolver. Por mais que alguém diga, que estude, que defenda, não tem como a gente não se envolver. O ato de ser professor, de ser educador, acho que é um ato de amor tal qual ao de ser mãe, porque você está cuidando. Da mesma forma que uma mãe cuida, que você se entrega, que acho que um professor quando está naquela sala de aula você está sendo uma mãe, um pai, porque não tem como não ser. Então nossa opinião é essa.

(Conversas sobre ter falado demais e risos)

Professora Mediadora: Bem...

Grupo B1: Só mais uma coisinha breve, só pra completar a fala da professora, a gente tem o problema da auto mutilação, os jovens muitas vezes eles querem esconder, querem ser fortes, mas a gente acaba percebendo pela auto mutilação. Só para esclarecer que a gente também passa por esse problema aqui no ensino.

A Professora revela que na Universidade também há isso.

Grupo B2: Também uma coisa que ajuda na segunda pergunta “O que você acha da família dos alunos?” A gente viu assim, que essa família ainda é esperançosa, ela demonstra quando ela faz o esforço de conquistar a vaga, de manter essa vaga, de oferecer uma educação de qualidade para os filhos. Ela sonha que esse filho tenha, por exemplo, um destino ou um futuro diferente do que eles estão tendo, que não se repita a história. E quando indaga sobre quando é que a família colabora com a vida do aluno é quando ela mantém esse vínculo com a escola, quando ela também proporciona um ambiente favorável pra esse aluno se desenvolver enquanto pessoa, que ele tenha espaço para fazer suas tarefas. Mas eles transmitem esses valores a seus filhos, certo?! E a gente sente a repercussão dessa educação que vem também da família. Também considerando a realidade social das famílias. Então, muitas vezes não podem ir porque precisam trabalhar pra defender o bocado de cada dia. Então, há uma necessidade básica. Nós temos aqui famílias que são muito pobres, então a necessidade de trabalhar pra ter o pão de cada dia... temos medianos e temos aqueles que tem o padrão de vida melhor. E a gente também considera que essa realidade ela é fruto da própria estrutura social que nós vivemos e apesar ou

para além de tudo a gente também reconhece que essas famílias depositam muita confiança na própria escola. A escola Esar ela é uma referência na região, então é uma fileira pra entrar aqui. Então nessa busca de oferecer o melhor para o seu filho a gente ver que há um desejo dessas famílias de oferecer o melhor, apesar de todas as contradições a gente consegue perceber isso.

Grupo B3: Até porque também grande parte desses pais também já estudaram na instituição, então os que foram alunos tem o desejo que seus filhos estudem aqui. Apesar de tanta burocracia, que é como uma instituição filantrópica há todo um aparato para se entrar, mas eles fazem de tudo para de fato colocarem seus filhos porque sabe da seriedade da escola.

Grupo B4: E eu vejo que, até por conta dessa dificuldade, que é quase como se fosse um troféu conseguir entrar. “ – Eu estudo aqui”.

No grupo D, com gestos e a voz firme, a D1 explica seu argumento de não culpar a escola ou a Igreja pelo encaminhamento que a criança, enquanto educando deve seguir, indicando limitações quanto a ação do professor, os professores do seu grupo observa sua fala e uma chega a gesticular positivamente com a cabeça, a professora afirma: “A família tem sua responsabilidade, que é intransferível. A escola é pra ajudar, é parceira, como a igreja, é parceira, não é responsável direta pelo encaminhamento da criança. Eu sei que é bastante desafiador, porque a realidade é muito gritante. Isso nos angustia, por que nossa participação efetiva na vida desse aluno, ela é limitada. Tem aluno que passa o dia, mas seus referenciais não estão aqui na escola, no sentido de ser gente. Como eu dizia ainda a pouco, a escola colabora, mas essa missão é da família. Por mais angustiante que seja, a gente precisa ter presente essa realidade.”

Um participante do grupo A pede a palavra para destacar que essa necessidade apontada pelos professores motivou o tema de seu mestrado, gesticulando, ela afirma que ao ouvir a família é possível compreender esse contexto do educando, indo para além das necessidades aparentes que são aparentes na realidade do educando, que pode transparecer um aluno que aparenta ser desmotivado, que a família não participa de sua vida escolar, e mais, questiona sobre o que se chama de família, e aponta como possibilidade de transformação o fortalecimento desse aluno pelos professores para mudar sua realidade, para ir além do que sua realidade permite, e esse é o maior desafio, enfatiza que cobra-se muito da família, sua presença na escola, mas quando ela vai, incomoda, e aponta que se o perfil da família mudar, a escola deixa de existir, e aponta o desafio de mudar as práticas da ESAR a partir da escuta das famílias e aponta que é um desafio e assim ela começa sua fala: “É muito rápido. É que essa discussão que tivemos à tona por uma necessidade apontada por vocês, é uma necessidade que a gente está vendo dentro da escola e que ela se transformou no meu trabalho de mestrado: A relação

escola-família. A gente vê isso que a professora D1 acaba de falar, a escola, ouvindo as famílias, e aí eu já saio um pouco da aparência, o que que a aparência me diz sobre as famílias dos alunos ESAR indo pouco além. Quando a gente ouve a família, entende um pouquinho, a metade do capítulo dessa história. Então, ouvir a família, o que que a família coloca, que a escola, no contexto em que as famílias vivem, a escola, é a única possibilidade de realização de sonhos, que elas veem para seus filhos. Aí então vai uma responsabilidade que é muito maior do que a gente simplesmente assim, não menosprezando, mas simplesmente a forma mais simples de analisar essa situação. Então, nem sempre a falta do desejo, nem sempre a falta da responsabilidade, nem sempre a falta da parceria da própria escola, mas a própria história que a escola tem pra essa comunidade. Nossa escola começou os trabalhos numa perspectiva assistencialista. Então as famílias buscaram a escola pra suprir necessidades que o governo, que não é escola. A escola agora que tem 56 anos, que completou 56 anos, então é muito jovem. Ouvir as famílias muda um pouco essa nossa percepção. Primeiro, o que que nós estamos chamando de família? É aquela família muito bem organizada, pai, mãe e filhos? O que nós estamos chamando de família? A mãe que é prostituta e faz programa na frente do filho e o filho sabe quem são os parceiros da mãe? Quem nós estamos chamando de família? É o pai que é usuário de drogas, que o sogro é traficante, que já foi ameaçado de morte? Então ouvir as famílias, nos tira desse patamar de dizer assim: A família tem que assumir a responsabilidade que é dela. Tem sim, mas qual é a responsabilidade que essas famílias dos nossos alunos se sentem competente para assumir. Talvez eu não cheguei nesse ponto ainda, professor A2 conhece o trabalho. Talvez eu não cheguei nesse ponto, mas talvez a transferência que a família faz hoje para ESAR seja uma fuga realmente de uma incompetência que ela se autodetermina. Então, quando a gente fala assim: Tem esse menino, que o pai acompanha, que a avó acompanha, ele se dá super bem. Aquele que o pai não acompanha, o avô não acompanha, ele é um desastre. Mas nós temos também aquele que a família não acompanha e eles vão embora. Nós temos aquele que a família acompanha e eles não saem do lugar. Então são situações que nos deixam aflitos mesmo, certo?! Mas não dá nesse momento, não dá pra gente pensar na transferência de responsabilidade. Por que se não a gente não vai se libertar. O que a gente pensa, é que a gente precisa sim assumir algumas dessas responsabilidades e eu penso que a maior responsabilidade é: como fortalecer nossos alunos, crianças e adolescentes para que eles possam fazer o contrário do que eles estão vendo, do que eles estão sendo feito lá fora. Eu penso que neste momento é o nosso maior desafio. Por que se a gente for ficar lutando com famílias desestruturadas do jeito que nós temos, a gente vai passar noites e noites sem dormir e a gente não vai avançar. Essa é uma realidade.

Quando a gente fala assim: tenho aluno que é paupérrimo, um aluno que é pobre, tem um aluno que é mais ou menos, tem outro que tá mais aqui. Quando eles vem para a escola é feita uma análise socioeconômica deles, é a mesma para todos. Todos eles estão no mesmo patamar. Quando a gente diz assim: vamos atender os alunos que são mais carentes, a gente bota a mão na cabeça e pensa assim: qual? Que legal, que bom que esse momento formativo está suscitando para gente essas preocupações pra gente entender que não adianta a gente estar num cabo de guerra, de um lado a família de outro lado nós. Por que nós vamos sofrer tanto quanto os alunos quanto as famílias. Não adianta. Se a gente começa a ouvir as famílias, que é o que nós estamos tentando fazer, quando nós falamos: “a família tem que vir sem ser chamada”, mas quando ela vem sem ser chamada ela nos incomoda. Ela nos incomoda, porque ela diz algumas coisas que a gente acha que não merece ouvir que é o compromisso que a gente tem. Mas se a família não vem a gente reclama. Então, que bom que esse momento está fervilhando na escola pra gente ir pensando nessas coisas. Agora o que é que eu digo enquanto nesse momento passageiro de direção da escola: se o perfil das famílias dos nossos alunos, se esse perfil mudar, a escola deixa de fazer sentido. Essa é a missão de quem está nessa escola. É contribuir para que essa situação que os alunos estão hoje seja transformada. O meu trabalho, o objetivo, olha só a audácia: transformar a prática da direção geral da escola a partir da escuta das famílias. Não é fácil, porque elas dizem muitas coisas que, meu Deus do céu, realmente nós pecamos nesse ponto. Então, é realmente uma situação difícil para as condições que nós temos. A família que diz se meu filho não comer na escola ele não come durante o dia, não porque eu não queira, é por que nós não podemos. E isso dói. Quem não come, não estuda, quem não come, não dorme, quem não come, não tem perspectiva, quem não come, não tem sonho. Que é o que falta em nossos alunos, é sonho, é sonho para o futuro que não tem. Então parabéns pela coragem de discutir esse tema.”

A professora Mediadora afirma: “A primeira necessidade da gente é se manter vivo, certo?!”

A professora participante do grupo C, aponta a falta de sonhos ou perspectivas dos alunos, que ao findar a Educação Básica pensam em já ingressar no mercado de trabalho, sem ambições, almejando ser um simples caixa de supermercado e aponta a necessidade do professor em incentivar esses alunos a sonhar para ir além, C 2 fala: “Como foi dito pela A1, levar o aluno a sonhar, porque como nós aqui alguns somos do ensino médio, essa perspectiva ainda é muito baixa deles. Tem muito deles que querem somente terminar o ensino médio, pra cuidar da quitandinha lá do pai dele. Outros deles falam que o sonho é ser funcionário do

supermercado, não desmerecendo, mas gente, vocês podem sonhar maior, algo maior. Levar realmente esses meninos a sonhar.”

A professora mediadora faz o seguinte questionamento: “A pergunta é, o que que leva o menino a sonhar em ser funcionário do supermercado. Por quê gente?”

O professor do Grupo A pede a fala novamente e começa a argumentar sobre o que ele tem aprendido através de suas práticas sobre a relação família e escola, gesticula com as mãos e afirma que as visitas pedagógicas que realiza o transforma, por conta das condições que essas crianças tem para frequentarem o espaço escolar, condições que são precárias e se coloca no lugar dessas crianças e questiona se ele nas mesmas condições delas, frequentaria a escola. A3 fala: “Até mesmo porque nessa discussão, eu tenho aprendido muito a questão da relação família-escola. Porque aqui a gente em uma prática que não é institucionalizada, que tem um papel, que a gente chama as visitas pedagógicas de algumas pessoas da equipe. E nessas visitas a gente quando volta, a gente não volta o mesmo porque os alunos que a gente vai na casa e vê a situação, que exige tanto que essa relação não está sendo de igual pra igual. Quinta-feira eu fui na casa de um aluno e eu voltei em silêncio, não sabia, não conseguia nem imaginar o trajeto que ele faz até a escola, daquela a casa no meio do mato, sem vizinho, sem nada, uma casa sem mesa, sem um espaço digno de sentar para abrir o caderno, os pais sem estudo. Eu digo, eu pensei: será que eu estudaria? Me coloquei no lugar daquela família. Será que eu levaria meu filho de bicicleta?! Nós atravessando um espaço de lama, uma subida, a falta de alimento digno, o entorno das casas. Aí eu fiquei pensando: será que eu iria para escola?! O que motivou esses dois pais a levar duas crianças, são 4 na casa. Aí você chega lá como uma importância: o professor que veio aqui. E muitos de vocês sabem que quando a Kombi da escola começa a rodar na comunidade, o pessoal: Meu Deus, a Kombi tá por aqui, veio visitar alguém.”

O professor do grupo C pede a fala, C4 : “ Professora, mais um coisa que eu gostaria de colocar aqui no núcleo, que é importante, apesar de (inaudível) raramente você vê algum atrito entre eles, são muito amigáveis uns com os outros, carinhosos, “inaudível”, alguns alunos que são especiais, é muito bonito, compartilhar isso aqui”

A professora mediadora do grupo passa alguns encaminhamentos e afirma que a realidade revela muito, mas esconde também, é preciso pensar sobre o que essa aparência diz: “Isso reflete muita coisa na verdade. Bem, em função do avançado da hora, queria só fazer, uma síntese de tudo que a gente discutiu aqui e alguns encaminhamentos para o nosso próximo encontro. O que a aparência me diz? O que vocês colocaram aqui, a realidade diz muita coisa pra vocês. A realidade, a aparência ela revela e esconde muita coisa. A aparência revela e esconde muita coisa. Na fala de vocês a gente percebe isso, muitos entendem que determinadas

condições em que o pais vivem pode explicar a ausência, mas também aquela coisa de que a família é desestruturada, e a gente não sabe se ela não participa porque não quer ou porque não pode, porque não tem condição. Então a aparência esconde e revela muita coisa. E aí quando você me diz que vai visitar uma família e volta sem conseguir pensar em nada nem imaginar como que que isso é possível e se você faria o que esses pais estão fazendo. É preciso que a gente saia do lugar em que nós estamos e ir para outro lugar pra poder realmente compreender determinadas coisas. A aparência nos diz muito e a gente precisa pensar sobre isso, sobre o que a aparência nos diz, por que ela revela muita coisa. Esse é o ponto de partida que nós temos. Nós temos muitas coisas sobre a família dos nossos alunos, sabemos, mas nós não sabemos tudo, né? Eu perguntei para a diretora se ela tinha o levantamento socioeconômicas da família. Ela já mandou os dados para mim e nós vamos trazer, nós vamos projetar aqui para vocês os dados concretos de quem são em parte, não na totalidade, as famílias da escola.”

A segunda professora mediadora faz alguns questionamentos para compreender o que está sendo entendido como família: Sobretudo quem são essas famílias. Até para a gente entender um pouco se essas famílias se encaixam no modelo de família que a gente sempre fala, que é o modelo de família nuclear: pai, mãe e filhos, de preferência um casal. Não é esse o modelo de família nuclear?! E é com ele que a gente elabora essas ideais e significações. Então pela falas de vocês me pare que não, não estamos falando apenas desse modelo de família.

A professora mediadora aprofunda os questionamentos sobre família: Qual o perfil de família dos alunos da escola? Quem são essas famílias? Porque o que nós sabemos sobre ela, vocês sobretudo e claro não tem como vocês saberem sobre estas famílias porque o trabalho de vocês não permite. Vocês estão lidando com os alunos em sala de aula. O que vocês sabem é muito pouco, porque o que vocês sabem é partir do que vocês ouvem. A partir daquilo que vocês veem no dia a dia. Mas a gente precisa saber mais sobre essas famílias. Nós precisamos... E o que eu sei sobre a relação família-escola e o que eu preciso saber sobre essa realidade? Todo mundo aqui tem uma ideia de como essa relação se constitui. O que é mesmo? Agora será que tudo isso que eu ao usar essa palavra idealizo em termos de relação família-escola é o que necessariamente a gente precisa ter aqui? Será que aquilo que eu estou pensando, idealizando, significando como sendo relação família-escola, realmente é relação família-escola?! Então essas questões nós precisamos discutir melhor. E nós precisamos também partir da seguinte questão: mudar a pergunta, nós precisamos mudar a pergunta. Nós precisamos entender a relação família-escola a partir da seguinte pergunta: que condições as famílias dos alunos do ESAR têm para participar da escola? Esta é pergunta que nós precisamos nos fazer sempre. Porque quando a gente muda a pergunta, muda a resposta. Então a gente precisa

começar a pensar sobre isso. A ideia aqui não é culpabilizar ninguém. E nem é dizer se a família está participando ou não. Se isso é bom ou ruim. O que nós precisamos é pensar em estratégias de a partir da realidade que nós temos, como que nós podemos melhorar esta relação. Porque a relação ela existe, se ela não existisse, nem tinha aluno matriculado aqui. Como que nós podemos potencializar uma relação com uma qualidade diferente do que nós temos hoje? Este é o objetivo desses nossos encontros, dessas nossas discussões. É a gente pensar a partir de uma outra pergunta que condições essas famílias dos nossos alunos têm para estarem aqui?! para estarem participando efetivamente da vida de seus filhos. E aí, não para que a gente diga “ah esse menino vai melhorar porque a família veio aqui”, até porque esta relação não é de causa e efeito. Essa relação não é linear, não é o fato do pai e a mãe estarem aqui todo dia que vai garantir que este menino ou esta menina melhore sua condição de aluno não. Se fosse assim era muito bom, a gente escreveria um livro, dizia que bastava o pai e a mãe estar na escola que tudo se resolveria. Então a gente precisa pensar em como que a partir da realidade que nós temos, do público que nós temos, dos pais de alunos que nós temos, como que nós podemos pensar em ações e em estratégias a partir das necessidades que de fato podem potencializar um desenvolvimento melhor desse aluno.

Neste momento o professor A2 pede a palavra.

“Professora eu faria uma ampliação da sua pergunta...É ...a gente deveria perguntar também o que que a escola representa para estas famílias. Eu me lembro que uma vez eu estava dentro do ônibus e aí iam duas mães conversando, mães de alunos, por exemplo, do tempo integral do Estado. “Mulher, amanhã pode não ter aulas para os meninos. O que que eu vou fazer com esses meninos lá dentro de casa sem fazer nada?” Aí eu fiquei assim pensando: Meu Deus o que a escola representa para esse pessoal? Eu penso o seguinte, é uma coisa que a gente deveria questionar também junto com as famílias. O que que a escola representa para eles? Ouvi relatos aqui que eu me lembro muito bem, quando eu era, quando eu vim para esta escola pela primeira vez ainda como estagiário. E às vezes dá vontade de chorar. Quando eu dava aula no outro prédio eles faltavam pular na hora do recreio para correr para merendar. Aí a gente pergunta o que a escola é? Só um espaço para ele vir se alimentar?! Porque infelizmente é essa a realidade que nós tínhamos mesmo. Eu acho que este seu questionamento é válido e a gente pode levar para esse lado também, o que que a escola representa para estes meninos também. Me angustia, até eu falava aqui, que os meninos do 8º ano, eu dou aula no 8º ano, esses meninos parecem que não tem perspectivas. Eu até digo para eles: gente na minha época (na época era escola técnica já estava imaginando o que eu ia fazer do ensino médio. E a gente pergunta para eles: gente o que vocês querem fazer da vida? Qual o sonho que vocês têm? E isso me deixa

angustiado e às vezes eu começo a me perguntar o que que a escola está sendo para o aluno. Só um espaço de convivência? Só um espaço que eu venho aqui para encontrar os colegas? Então acho que a gente tem que questionar sobre este aspecto, né?”.

Professora mediadora, a partir da fala do professor A2, complementa que terá momentos que os pais serão convidados a participar desse espaço de diálogo na escola: “Com certeza. Tudo isso a gente precisa estar dialogando inclusive. Acredito eu que uma das ações desse projeto, como a gente está trabalhando com esta temática, uma das ações vai ser envolver os pais. Então eu vou conversar com a diretora e a gente vai planejar um momento em que a estejamos com os pais e a gente vai poder ouvi-los”

Professor C1: “ Eu ouvi até uma experiência no Diocesano, quando a gente participou da semana pedagógica lá, eles falavam muito em momentos, por exemplo, em que eles propiciavam encontro pai e filho, tipo assim com brincadeiras no espaço , utilizar o espaço da escola para poder proporcionar esse encontro que não acontece em casa. Eu acho interessante isso aí também, a escola pode estar propiciando isto. Porque realmente as nossas famílias... não sei se o termo correto é este. Mas estão sendo destruídas por conta de alguns valores que são impostos pela sociedade como essa coisa da concorrência. E a gente termina reproduzindo essa coisa na sala de aula. Às vezes eu mesmo me peguei reproduzindo isso quando eu digo assim :olha você tem que estudar, porque você tem que ser o melhor. No entanto, melhor em quê? Para quê? Aí entra a questão do humano que precisa ser trabalhado também, eu acho que essa coisa, por exemplo, da relação família-escola deve começar com o resgate do humano. Quer dizer quando pai e filho resgatam essa coisa do amor. A gente ouve relatos aqui que chega a doer no coração mesmo, quando o aluno diz que o pai faz assim, faz assado. Se a gente resgata esta coisa da proximidade, a gente está no caminho certo para tentar criar esta ponte entre pai e filho, entre família e escola que possa propiciar esta construção do humano. Eu me questiono muito, até colocava para você em um dos nossos encontros: o que é uma escola boa? A escola que aprova muitos e muitos alunos? Ou é uma escola que permite que pessoas sejam cidadãos. Adquirir um conceito de cidadania e realmente amanhã na profissão que ela escolher, ou de gari, ou de médico, seja do que for, ele possa agir pelo caminho e preceitos da humanidade, do ser humano.

Professora mediadora questiona se o segmento da educação é formar o humano, como isso pode acontecer: A escola precisa ter como norte isso. Qual o segmento da educação? Formar o humano, pelo menos é isso que a gente acredita. E o que é formar o humano dentro desta sociedade que a gente vive? Porque o problema é que a gente está dentro de uma sociedade e essa sociedade reproduz valores que muitas vezes são contraditórios dentro daquilo do que a

gente quer fazer dentro da escola. Mas assim a conversa está boa demais, se a gente pudesse ficar o dia todo.”

Logo após as professoras mediadoras e a diretora sugeriram quais seriam as próximas atividades para o grupo.

Nesse momento a Diretora pede a fala e diz:

DIRETORA: Também levando em consideração a pergunta do professor C1: o que é escola boa? O que é ser uma escola boa? E a professora ali do lado colocava quem sabe se o desafio não é de uma transformação das famílias pelos seus filhos? Porque a gente está vendo que há um cabo de guerra com a família, a gente não vai sair do lugar. E aí quem sabe se o caminho não é a gente fortalecer os alunos: crianças e adolescentes?! Eles se fortalecendo, eles vão se transformar, porque eles vão perceber isso e eles vão levar essa transformação para a família. Talvez esse seja nosso caminho.

Professora mediadora aponta uma possibilidade de solução apontada pelo professor C1: o professor C1 até levantou uma questão aí. Ele deu uma solução de estratégia. Pensar num encontro em que pais e filhos se confrontem, estejam juntos. Isso é uma estratégia?! Lógico que é. A Szymanski diz que nesse processo, nessa realidade que a gente chama de relação família-escola há muitos encontros e desencontros em torno do que professores e pais pensam em relação a seus papéis; a tendência a uma naturalização das competências tanto das famílias quanto da escola e educação dos jovens. Há muitos encontros e desencontros, principalmente do que a gente pensa do que a gente sente e há uma tendência a naturalizar, a gente acaba naturalizando, achando que isso aqui é competência da família, portanto a família não faz porque não quer, ou porque não pode e não tem condição. Do mesmo jeito que a família tende a naturalizar aquilo que acha que é competência da escola. Então isso gera muitos desencontros, embates, conflitos. E que tudo só serve para enfraquecer ainda mais essa relação que precisa ser fortalecida. Então a gente precisa partir de...nosso ponto de partida deve ser, exatamente, o oposto. A gente precisa pensar em superar isso, nosso principal objetivo não é estar apontando quem é culpado, quem é que pode... o que a família tem que fazer... O que é preciso é pensar em outra estratégia. Como é que nós vamos mudar esta qualidade desta relação.

Encontro 25/05/2019

Transcrição 01

- **O que a aparência nos diz sobre a relação família escola?**
- A mediadora fala sobre as ideias apresentadas no último encontro pelos professores e relaciona elas com pesquisas publicadas.
- **Sobre as falas dos professores**
- A professora fala sobre a relação conflituosa entre a família e a escola.
- “Há projeções em ambos os lados”
- “Delegam a escola responsabilidades que estão no bojo da família”.
- Há contradições sobre as expectativas para com a escola.
- Relação clientelista.
- “Como atender a expectativa social desse aluno concreto?!”
- Fator mercantil da vida.
- “Quando a família é presente a relação família e escola se desenvolve de forma tranquila”.
- Famílias de classe baixa acreditam em tudo sem criticar a escola.

Mediadora:

- **“A escola é um bem público e tanto a escola quanto a família precisam entender isso”**
- Professora fala da prática do professor e como esse pode melhorar.
- Outro participante discute sobre as significações da prática do professor.
- A escola espera que a família se adeque a elas.
- Importante destacar que a família tem sua própria dinâmica.
- São apresentados alguns dados a partir do livro da Patto; O fracasso ou o sucesso já são discutidos a partir dos anos 40.
- Família e escola como complexos sociais diferentes, mas qual a função social de cada uma? E onde elas convergem e divergem?
- Função social da escola como ponto central de discussão, quais as possibilidades? Os conflitos de papéis e o seu pragmatismo.
- Quais acordos entre pais e professores são criados na escola?
- Professor faz pontuações de caráter histórico do complexo família, ou seja, ele discorre de forma breve e até um pouco fragmentada e pontual sobre a historicidade, também faz ponte com a escola e o ciclo de culpabilização entre esses dois complexos.
- Outro professor também destaca o comodismo como forma de não assumir responsabilidades.
- ❖ **Segundo Momento.**
- São mostrados os dados a respeito de quem são as famílias do ESAR. Se faz importante destacar que os professores apresentam surpresa com aquilo que é apresentado a eles. Relatam que não conheciam os dados relativos a essas famílias.
- Particularidades da família, a não participação relativa a impossibilidades como a saúde no caso (Destacado por uma professora)
- A mediadora também apresenta dados sobre a PEC da escola.
 - **Tentar se empenhar, motivar os alunos, trabalhar dentro das possibilidades.**

- Apresentação breve sobre os Significados e os Sentidos
- Toda ação é significada
- Apresentação das falas do primeiro encontro como forma de exemplificar e discutir o que seriam as significações.

Principais falas do encontro:

Professora B1 argumenta: Vamos usar pré-concepção, para não usar preconceito e isso vai ditar a dinâmica dessa relação, e sei lá, isso é um desafio diário. Eu estava entrando hoje aqui e encontrei um funcionário e ele disse assim "mais um leão vai ser derrubado hoje né professora?!" e eu disse "é", porque aqui é todo dia é assim. (Professora falando sobre a relação diária entre família e escola, as significações que foram produzidas a partir das leituras dos textos) ... O perfil dessas famílias, são famílias que vivem em situações de alto risco, que vivem em situações do tráfico de drogas e coisas do tipo, e se utilizam do conhecimento da lei para pressionar a escolar a fazer como se quer, a se favorecer, até mesmo intimidar. E é isso, como essa família transita entre o legal e o ilegal e como ela distorce a realidade ao seu favor, acaba que as crianças aprendem e praticam isso também.

Olhando assim né, a gente pode por exemplo... digo compreender né, acho que essa é a melhor palavra, a questão do sonho dessa turma a gente assim né "vamos lá gente, vamos lá né", terceiro ano do ensino médio, porque, quer dizer, qual a perspectiva desse pessoal né?! fica comprometido o próprio sonho. Eu dizia no final do trimestre quando foi sacramentado as notas aí vieram os pais, veio a família e eu disse "olha eu estive com os pais de vocês", os que vieram, "eu quero dizer que vocês levem meu respeito para os pais de vocês", só que eles não sabem o porquê disso, "o desejo dos pais de vocês é que vocês tenham um bom êxito, mas a gente não está tendo um bom êxito, nós não estamos empenhados", eles ficaram assim (postura de quem ficou pensativo). Aí teve um que a família não veio e disse "ah mas não é assim né...", aí o outro não deixou nem ele falar e disse "é assim mesmo professora", vemos que os pais estão empenhados e os alunos concordam com nossa linha de raciocínio, mas tanto o nosso empenho quanto ao do aluno ainda não se equipara ao empenho e ao esforço dos pais.

O professor B4 após escutar a professora B1 pede a fala e argumenta: Interessante quando vemos isso nós mudamos principalmente nosso conceito sobre determinados alunos. Porque quando nos deparamos com isso aí a gente muda. Muda a ideia sobre determinados alunos que são indisciplinados e a gente não sabe o motivo, e muitas vezes tá inserido nesse contexto aí (aponta para o quadro onde mostra que a renda de algumas famílias tem valor igual ou inferior a 300 reais). Até porque uma renda per capita de uma família com esse valor. O professor A3 foi visitar uma família que ao ver a realidade ele se perguntou "poxa será que eu

ia querer estudar tendo um ambiente como esse?"

Logo em seguida o professor A2 faz um comentário relativo ao texto que foi discutido no dia, segundo ele: Assim, na escola a gente ensina um modo de proceder, um modo inaciano digamos assim, e o modo de proceder que os alunos tem em casa é diferente, por exemplo: A gente ensina que os meninos não podem em nenhum momento, sob nenhuma circunstância, dado o agravante que for bater em uma menina, especialmente nas meninas, a gente sempre reforça isso, "menino de jeito nenhum! ela pode ter feito o que for, mesmo que ela te empurre, meu filho não bata na menina, corra para atrás do professor, deixe que o professor resolve, mas não dê nela de jeito nenhum" e o aluno disse "mas o senhor não falou que todo mundo é igual?!" ele me pegou ai, e ai eu disse "é igual, mas você tá vendo o Liedson aqui (aluno com deficiência física), todo mundo tem os mesmo direitos, mas quem é que te leva para o intervalo?" e ele "ninguém", eu disse "mas tem alguém que leva o Liedson, pois ele não consegue andar sozinho, então existem situações diferentes para cada necessidade" e o menino "mas professor ela caminha quem nem eu..." e eu falei "eu entendo que ela caminha que nem você, que ela come, mas a estrutura física do corpo é diferente, quem tem mais força o homem ou a mulher? tem mulher ai que dá em homem, mas no geral o homem tem uma estrutura maior e nossa sociedade não permite sobre nenhuma circunstância, caso contrário quando você crescer, você vai bater na sua mulher, quando ela lhe agoniar você vai dá um tapa nela, até sem perceber". Então a gente reforça isso uma coisa na escola, mas em casa o pai diz "se você apanhar lá, você apanha aqui" e ai meu aluno já diz "a mamãe já me disse se eu apanhar...". Então muitas vezes (se referindo ao texto), o discurso é bonito demais, ele é muito bonito, esse texto professor Cleide Amaral falou esse texto vem de encontro, parece que foi escrito aqui dentro da ESAR, a visão dos pais é totalmente diferente da visão da escola, porque é importante trazer a família para ser ouvida... Tem o pai subserviente tem, mas também tem o pai que é extremamente inflexível diante da situação. Então o segundo parágrafo vai falar de classe... é uma classe mais esclarecida digamos assim, pela questão de ter estudado mais, mas o esclarecimento é uma linha muito tênue, a gente diz que fulano é esclarecido, mas outra pessoa vai falar "esse daí não é esclarecido não", enfim é inevitável esse choque esse encontro mesmo, mas que muitas vezes esse encontro nem acontece da família com a escola, é um disse me disse por meio do aluno e na reunião quando vem é só a mãe.

Não é porque eles estão nessa situação que nós vamos levar de qualquer jeito, é o contrário disso, é oferecer o melhor possível independente de qualquer coisa, independente da classe social, de onde veio... Oferecer as melhores estratégias, trazer os meninos pra cá... Eu trouxe os meninos para fazer a diferencial uma parte né, para mostrar para a coordenação, para

fazer aqui né nos computadores em aplicativos de leitura do Sérgio Caparela, acho até que vocês conhecem né e vendo poemas digitais que se moviam, e eles ficavam assim (professor imita o comportamento dos alunos, fazendo uma expressão que demonstra surpresa). Poderia simplesmente dizer assim oh "ahh tem aluno que não sabe nem ler, vou levar eles para ver poesia e digital?!"... o melhor possível, o melhor possível dentro das nossas possibilidades. Por exemplo a banda, totalmente estranho e alheio a vida deles ter um instrumento musical. Uma vez eu passei na porta da sala de aula do professor D4 e ele estava tocando uma paródia sobre nomenclatura científica, e eu disse "meu Deus do céu..." deu vontade de entrar e assistir aula, e os meninos deitados em cima da mesa apaixonados por aquilo, e eu fiquei "olha isso".

ENCONTRO DO DIA 25/05/2019

Transcrição 02

1º Momento:

- A formação iniciou com uma reflexão, oração e cânticos propostos e mediados por uma das partícipes da formação (componente da gestão da escola);
- A professora mediadora dá início à apresentação explanando acerca da temática central das discussões do dia: Refletir acerca das significações que o ESAR está produzindo no que concerne à relação família e escola;
- Ao longo do primeiro momento da formação, durante a apresentação das professoras mediadoras destacam as seguintes questões sobre a relação família e escola:
 - ✓ O que a aparência nos diz?
 - ✓ O que as pesquisas sobre a realidade nos dizem?
 - ✓ Qual o grande entrave da relação família e escola?
- Ao longo da discussão na fala da professora mediadora auxiliada pelo slide traz que o discurso de que a culpa do fracasso escolar é da família, não é algo novo, e é reforçado pelo poder público para eximir a questão de que esse fracasso está ligado a questões socioeconômicas, políticas, questões que forneçam condições para o êxito escolar dos alunos, e nós (professores) reforçamos esse discurso;
- Novas questões são colocadas pelas professoras mediadoras ao longo da discussão:
 - ✓ Qual a função social da escola? Que está funda em uma filosofia da educação?
 - ✓ O que podemos fazer para que a família entenda quais são as suas funções? Que ações promover?
- Frente às questões propostas, a professora mediadora expõe a seguinte afirmativa: a escola reproduz o ser social, reproduz relações sociais dominantes; mas, ela pode reproduzir relações sociais diferentes, dependendo da filosofia que a escola se pauta;
- Ao longo da discussão alguns professores manifestaram algumas falas, dentre estas está a seguinte: “Nós ensinamos uma postura para o aluno na escola, e em casa os pais reforçam outra postura”;
- Outra afirmativa feita pela professora mediadora ao longo da discussão foi que a escola precisa criar condições para o encontro com a família;

2º Momento:

- No segundo momento das discussões as professoras mediadoras apresentaram a situação socioeconômica das famílias dos alunos do ESAR, o que observamos foi um determinado susto por parte dos professores. Eles afirmaram não ter conhecimento das informações trazidas pelas professoras, informações estas que foram cedidas pela equipe gestora da escola;
- As professoras mediadoras expõem que a primeira necessidade humana é a sobrevivência, assim, a primeira necessidade das famílias do ESAR é sobreviver, é prover os mantimentos para a sobrevivência da família, famílias estas que são carentes;
- Algumas questões foram trazidas pelas professoras mediadoras nesse segundo momento da discussão, entre elas se destaca:
 - ✓ Qual a perspectiva profissional ou de vida de alunos que vivem nessa situação familiar? De famílias carentes.
- A PEC do ESAR também foi apresentada aos professores partícipes da formação pelas professoras mediadoras durante a discussão, a referida PEC expõe que a filosofia da escola é oferecer uma educação inclusiva e de qualidade para as crianças e jovens;
- Durante o segundo momento de discussão os professores partícipes da formação fazem algumas falas, entre elas se destaca: “às vezes, nós professores conhecemos outras habilidades dos alunos que até então desconhecíamos; o projeto das aulas de música ajuda a conhecer e desenvolver essas outras habilidades”;
- As professoras mediadoras continuam a discussão, argumentando que toda atividade humana é significada e que no projeto do ESAR irão se ater mais aos significados produzidos pelos professores, pois os sentidos são mais pessoais;
- Outra fala das professoras mediadoras expõe que para entender os significados é preciso partir do social para o individual, mas, o sistema faz o contrário, olha para o entendimento individual do homem sobre a realidade, entendimento esse que tem bases afetivas.
- Esses foram alguns tópicos destacados da discussão do dia 25/05/19, que foi finalizada com os encaminhamentos com questões para o próximo encontro, feito pelas professoras mediadoras;

Encontro – 25/05/2019

Transcrição 03

A formação na Escola em questão ocorreu no dia 25 de Maio de 2019 foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro momento, as professoras esclareceram as ações previstas para o encontro, e, logo após, retornaram questões propostas no encontro passado visando que os professores explicitassem suas opiniões sobre os textos trabalhados: o que a aparência nos diz? O que as pesquisas nos dizem sobre isso?

A discussão foi mediada pelas professoras mediadoras, intervindo com perguntas que reforçaram a reflexão dos professores quanto à função social da escola, assim como a função social da ESAR que segue a filosofia inaciana.

O segundo momento partiu da exposição em forma de slides sobre o complexo social “família”. Como início de conversa, algumas saídas foram dadas para que os profissionais trabalhassem a tensão produzida entre família e escola: diminuir as assimetrias, superar os estereótipos e investir na qualidade da educação.

Logo após os desafios propostos aos professores, foi realizada uma breve explanação acerca das condições sociais dos alunos. Conhecendo mais sobre as famílias dos alunos da ESAR, os professores puderam refletir sobre suas expectativas em torno das famílias que, em sua maioria, possuem renda baixa ao extremo, baixo nível cultural, além de não possuírem as mínimas condições objetivas de oferecer à escola algo a mais do que elas já oferecem.

Evidenciando a configuração familiar dos alunos nos slides, a professora mediadora pôde questionar aos professores se, a partir desse conhecimento, é adequado falar que a família dos alunos é desestruturada. Com base nos dados explorados e discutidos, os profissionais enxergaram que, pelo perfil das famílias dos alunos da ESAR, a principal necessidade que eles têm é a de sobrevivência, o resto fica para depois. Como coloca a professora Elizete, “os sonhos da família e dos estudantes ficam comprometidos”.

Pudemos observar pelas expressões no rosto dos professores que esse conhecimento acerca da condição social dos alunos era novo, fato este que os afetou bastante. As professoras mediadoras, verificando o grau de reflexão que a discussão gerou, aproveitaram o ensejo para acrescentar mais uma questão: qual o compromisso da escola ESAR, sabendo que a escola em nossa sociedade atende aos fins de reprodução do ser social, à reprodução das relações sociais dominantes, ao mesmo tempo em que produz relações diferentes (possibilidades)?

Em torno desse problema, um profissional se pronunciou dizendo que um dos compromissos da escola é oferecer uma educação inclusiva e de qualidade. Outro profissional acrescentou que, apesar do compromisso assumido pela escola: “nos prendemos ao específico

escolar dos livros didáticos e subestimamos muito o potencial criador dos alunos”. Para este último profissional, a sociedade conhece muito bem o potencial criador do jovem e se utiliza desse conhecimento para determinar a criança e o adolescente a produzir certas práticas e objetos nocivos às relações sociais, como fabricação de armas.

Outros professores se manifestaram seguindo a linha de raciocínio da subestimação do potencial criador dos estudantes. Embora a presente formação rendesse mais discussões, o fator tempo obrigou as professoras mediadoras a dar por encerrada a reunião, encaminhando questões de aprofundamento sobre a relação família e escola: 1) O que podemos esperar das famílias da ESAR? 2) As famílias dos meus alunos têm condições de realizar o que eu espero? 3) O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias da ESAR? 4) O que nos cabe fazer para garantir que na escola os alunos e alunas não sofram com as consequências de suas demandas familiares?

Encontro 29/ 06/ 2019

Transcrição 01

- Mediadora dá início ao encontro falando da viagem e dos temas que foram discutidos em Portugal, logo em seguida ela passa a palavra para a segunda mediadora que fala da atividade do dia e de como essa será desenvolvida.
- A atividade será desenvolvida a partir de questões que vão direcionar as discussões em grupo. A medida que elas são expostas os participantes começam a fazer colocações.
- Inicialmente a diretora desenvolve uma reflexão a respeito do papel da escola na comunidade, alegando que se o perfil das famílias que são atendidas muda a escola perde a sua função filantrópica, e assim essa pode deixar de existir
- Em seguida uma professora também argumenta que a pobreza afeta não só o desempenho escolar, como também a própria autoestima da criança e de sua família. E, portanto, é dever da escola trabalhar a motivação dos seus alunos.
- A mediadora argumenta sobre o caráter posicional da escola, onde muitas vezes as famílias aceitam as decisões da escola sem questionar, em razão de que eles a idealizam como superior.
- Também é apontado que esse distanciamento entre família e escola se desenvolve por conta dos pais não entenderem a cultura institucional da própria escola.
- A partir disso é levantado a seguinte questão: O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na ESAR?
- O que a escola já realiza e o que ela ainda pode fazer ou melhorar?
- A partir dessas questões os participantes se organizaram em grupos e levantaram as seguintes propostas:
- Grupo 1:
 - Trabalhar juntamente com os pais e responsáveis os direitos e deveres do aluno na escola
 - Incluir as famílias nos momentos de oração.
 - Incentivar a participação dos pais em sala de aula (momentos de apresentação de trabalhos).
- Antes da fala passar para o próximo grupo a gestora discorre sobre o que já vem sendo feito na escola. De acordo com ela, alguns projetos estão sendo desenvolvidos pela

instituição como o próprio LinkESAR (Feira do conhecimento), projetos que visam também discutir questões relacionadas ao abuso sexual, dentre outros.

- Outro ponto abordado pela gestora é, que em todas as atividades desenvolvidas na escola há o incentivo aos alunos no que tange a pesquisa sobre sua realidade.
- Todavia, ainda há um grande problema a ser superado, visto que boa parte da comunidade ainda vê a escola como uma instituição assistencialista.
- Grupo 2:
 - Modificação do formato das reuniões; fazer trilha com os pais.
 - Sessão de cinema.
 - Valorização das avaliações diferenciadas para uma maior interação, onde o ensino médio assistirá as apresentações do fundamental.
 - Momento de espiritualidade junto as famílias.
- Grupo 3:
 - Trabalhar com encontros de convivência (família, aluno e professores) uma vez por mês.
 - Usar a participação da família na escola como um meio de condicionante para a bolsa.
 - Melhorar a comunicação entre os segmentos da escola.
 - Divulgar as atividades da escola em redes sociais.
 - Promover uma missa a fim de fortalecer a espiritualidade.
 - Oficinas entre pais e filhos.
 - Ação comunitária a partir do que os pais sabem fazer.
- Grupo 4:
 - Reunião com os pais junto com os filhos sem ter como foco os problemas de sala de aula, mas sim a relação entre família e escola (Bimestral).
 - Ações comunitárias (Vacinação) na escola e alunos como protagonistas.
- Grupo 5:
 - Chamar os pais para assistir as apresentações das atividades diferenciadas.

Registro da formação de 29/06/2019

Transcrição 02

O terceiro encontro de formação com os professores da Escola Santo Afonso Rodrigues realizado no dia 29 de Junho de 2019 iniciou com a exposição da mediadora relatando alguns aspectos do encontro anterior realizado no dia 25 de Maio de 2019. A mediadora traz um aspecto importante em sua fala que corrobora com uma fala do último encontro do ESAR, ao revelar que a condição social das famílias do ESAR não irá mudar, afirmando ainda que essa é uma realidade das demais escolas, inclusive das que possuem alto poder aquisitivo.

A diretora destaca que a condição social com a qual convivem os alunos do ESAR é o que mantém o perfil da escola e destaca a Companhia de Jesus como um dos pilares do cuidado. Uma professora argumenta que “a condição de baixa renda afeta os alunos”. A mediadora ressalta que “não podemos ver essa situação como um problema, e isso está na aparência”. A mediadora ainda destaca o autor Miguel Arroyo afirmando que o mesmo discursa sobre a relação escola e pobreza.

Dando prosseguimento as discussões a mediadora destacaram a síntese dos desafios que medeiam à relação família e escola. Em seguida pede que os professores se reúnam em grupos a fim de responder os seguintes questionamentos: “O que a escola realiza”? / “O que a escola ainda pode realizar”?

Nesse momento cada mestrando fica responsável por se aproximar de um grupo de professores, com o propósito de escutar e participar das discussões. Em relação à primeira pergunta (O que a escola realiza?) o grupo destacou que:

- Conhecem os pais através das entrevistas que a escola realiza;
- Realiza reuniões periódicas com os pais;
- Nas reuniões recebem os pais com os alunos;
- A escola desenvolveu um projeto intitulado “Pipas no céu da ESAR: a matemática está no ar” que foi realizado com os alunos do 5º ano no dia dos pais. Cada professor realizou esse projeto de acordo com a sua área.

Em relação à segunda pergunta (o que a escola ainda pode realizar?) o grupo destacou os seguintes aspectos:

- Precisa melhorar a comunicação com as redes sociais, pois os pais não tem como acessá-los;
- A aproximação dos pais com a escola poderia ser no dia da culminância;

- A culminância poderia ser realizada por etapas, cada professor faria com a sua turma;
- Fazer uma exposição dos alunos em vários lugares devendo mostrar para aos pais o que vai acontecer em cada série;

A partir das discussões levantadas acima nem todos os professores concordaram, pois os pais poderiam dar a “desculpa” de que não teriam tempo. Uma professora destaca que os pais não sabem o que fazer e transferem a responsabilidade para a escola. Outro professor destaca que na semana é complicado realizar algum tipo de atividade, pois tem pais que só chegam à noite do trabalho e não teriam como participar. Outra professora destaca que sua aluna passa o dia todo em casa cuidando dos irmãos e a mãe só tem tempo para ver se a tarefa da escola está correta.

Outras propostas de atividades que poderiam ser realizadas foram surgindo, o grupo destacou:

- Realizar com os pais uma vez no mês uma formação que esteja dentro da realidade destes demonstrando como auxiliar os alunos nas atividades de casa, pois muitos pais acham que colocando o filho no reforço é tudo e não precisa de mais nada.
- Realizar uma atividade que tragam os pais por meio dos projetos, confeccionando materiais junto com os filhos.
- Realizar o projeto dia “D” da dengue

Os professores comentaram que em uma época quando era outro diretor, era realizado no dia das mães um dia de Beleza com as mães.

O segundo momento de formação é aberto à discussão e apresentação dos grupos a respeito das possíveis ações de relação e aproximação família-escola.

A diretora evidencia em sua fala a partir do relato de um dos grupos de que é preciso pensar em uma dinâmica mais atrativa para os pais, pois às vezes os pais são chamados apenas para aquele encontro formal que tem sido para aquelas famílias em que os alunos estão dando mais trabalho. A diretora destacou que na festa junina realizada na escola os pais tem tido presença marcante.

Outro grupo destacou que é preciso modificar o formato das reuniões com os pais, como proposta apresentaram: fazer um café da manhã, cinema, avaliações diferenciadas envolvendo os alunos da escola. Uma professora destacou um trabalho que já vem sendo realizado com os alunos, intitulado de “projeto chaves” onde os alunos tiveram a oportunidade de aprender espanhol, outra professora destacou que é necessário um momento espiritual com as famílias.

Outro grupo sugere mudar o formato de reunião das famílias, como sugestão aponta uma reunião de convivência com o objetivo de mostrar como os pais deveriam administrar seus filhos nas tarefas de casa. Uma professora destaca que é necessário que os professores e gestores se façam a seguinte pergunta: “como estou formando aquele aluno para a comunidade, se a comunidade não participa?” Um professor prossegue e revela que é necessário melhorar o círculo de comunicação e divulgação entre os dois segmentos: ensino fundamental e ensino médio. Outra sugestão apresentada pelo grupo foi o de promover uma missa uma vez no mês a fim de fortalecer a espiritualidade.

Outro grupo revela como possíveis ações de aproximação entre família e escola a ação comunitária (vacina, por exemplo) e trabalhar a questão do trânsito. O último grupo destaca que é preciso chamar os pais para a apresentação das atividades/avaliações diferenciadas dos alunos (“os filhos mostrariam para os pais que eles conseguem”). Uma professora citou um exemplo do que já vem realizando em sala de aula, chamado de aula invertida.

A diretora finaliza chamando a atenção para o grupo que citou sobre a proposta de promover uma orientação das atividades com os pais relatando que a escola não tem condição para tal e que se deve pensar nas estratégias.

A mediadora mostra as possíveis sugestões que possam aproximar a família e a escola e finaliza a formação sorteando um livro e apresentando os encaminhamentos para o segundo semestre.

Diário de campo

Data: 29/06/19

Transcrição 03

A Mediadora inicia falando algumas questões para aprofundar a reflexão sobre a relação família e escola, tais como: o que eu espero da família dos meus alunos? Elas têm condições de proporcionar? Famílias de baixa renda com baixa escolaridade. A mediadora pergunta se é essa a condição dos alunos? A diretora diz que se a escola muda esse perfil dos alunos, ela deixa de existir, porque a condição para existir era da escola no formato que ela existe hoje.

Uma das professoras participantes fala do projeto q ele faz na comunidade da casa das irmãs com aula de violão, ela diz que, essa condição de baixa renda afeta diretamente autoestima das crianças. Não podemos sonhar pelo outro, mas podemos incentiva-los. Para ela o desafio é esse “ajudar esses alunos a se permitirem sonhar”.

A mediadora pergunta o que nós podemos fazer para mudar a forma de existência desses alunos, seus valores e cita Miguel Arroyo trabalha muito essa questão educação pobreza. Ela indaga ainda: como encontrar meios para que essa realidade não seja determinante na vida escolar dos alunos.

Os professores foram divididos em grupos para pensar:

- 1) O que a escola já realiza?
- 2) O que podemos realizar?

Os professores relatam alguns projetos que já tem na escola e que podem ser melhorados:

- Expor para os pais os trabalhos dos alunos;
- Convidar os pais na culminância do projeto, poderia ser por etapa, por turma.
- Para os pais saberem como é feita a diferenciada.
- Escolher um dia para os pais verem as apresentações da atividade diferenciada.
- Uma vez por mês trazer os pais para uma formação, como ajudar seu filho na atividade de casa, porque as vezes pensam que colocar no reforço resolveu, direcionamento para ter atenção nas tarefas de casa.
- Outro professor fala do projeto em que os pais vão para o campo empinar pipa com os filhos.
- Tirar um dia para os pais cuidarem da escola e ajudar de alguma forma.
- Um dia de beleza para as mães é uma ação que já foi feita, tinha também o bazar.

- Projeto pipa colorida no céu da ESAR, para as ideias dos pais, que vai acontecer em agosto.
- Pipa no céu da ESAR: a matemática está no ar.
- Dia D da dengue foi feito ano passado.

Socialização

Grupo 1

- A professora inicia falando das sugestões do seu grupo: uma aula com os pais, em que a exposição seria feita pelos próprios filhos;
- Convidar a família para conduzir oração;
- Integração do que está vivendo na sala de aula com a comunidade, para os pais atuarem junto às lideranças comunitárias, para conhecer as demandas da comunidade. Envolver as famílias numa ação cidadã.
- A diretora diz que já fazem reuniões com as famílias junto com os professores. E ao longo do ano tem ainda três encontros em que os professores recebem os pais. Ainda são poucos os que veem, por isso é preciso pensar em uma dinâmica mais atrativa para os pais.
- Tem a festa junina em que pais e alunos se reúnem para uma atividade em que muitos participam, tem dia das mães, Linkesar, feira de conhecimento até ainda não tem muita participação. Projeto contra abuso e bullying.

Grupo 2

- Modificar o formato da reunião dos pais, com trilha, café da manhã, cinema, documentários, avaliação melhor das atividades diferenciadas como por exemplo o projeto “A vila do chaves” para os pais participarem, convidá-los para um momento de oração.
- A mediadora sugere a inscrição do projeto no concurso “Abril escola”, produzir em estrutura de artigo.
- As professoras falam da participação no evento da UFPI e a publicação de dois livros sobre metodologias e avaliações diferenciadas.

Grupo 3

- Encontro de convivências; oficinas para os pais de como ajudá-los nas atividades escolares, sistematicamente uma vez por mês.
- Fidelizar os pais, para os filhos terem a bolsa, os pais devem participar de uma quantidade x de reuniões.
- Melhorar a comunicação interna e externa entre os seguimentos.
- Promover uma missa para as famílias.
- Oficinas para pais e filhos realizarem juntos.
- O professor diz que nossas oficinas poderiam ajudar os pais que muitas vezes não ajudam os alunos.
- Promover um dia de ação global para os pais fazerem aqui na escola.

Grupo 4

- Reunião por turma específica com algumas formações porque muitas vezes os pais não orientam os filhos porque não sabem.
- Trabalhar autoestima dos pais e dos alunos.
- Ações comunitárias na escola, como por exemplo: vacinação em que os alunos fossem os orientadores, protagonistas mesmo. Poderia ser trabalhado também a questão do trânsito.

Grupo 5

- Pais assistirem as atividades diferenciadas;
- Apresentação da banda de música, das danças ...
- O exemplo do trabalho de História, com a escravidão e a apresentação da carta “Esperança Garcia”

A diretora diz que é preciso ter cuidado porque pode ser que os pais acabem confundindo, então temos que deixar muito claro o papel dos pais e da escola.

Depois a mediadora explana as sugestões trazidas pelas formadoras

-Famílias criativas

-Família e escola comunica (Blog/Radio/Jornal/Virtual)

-Projeto “isso eu não sabia”

-Dia da família na escola

Em seguida foi dado o encaminhamento para o segundo semestre, e falado sobre os temas de estudo, certificados, as Pesquisa-formação que os mestrandos e doutorandos realizarão e a necessidade de formação de Grupos específicos para tal.

RESPOSTAS COMPLEMENTARES DA PROFESSORA PARTICIPANTE

ELIANA YUNES

PERGUNTAS:

- **A família do (a) meu (minha) aluno (a) participa da vida escolar dele (a)? Justifique sua resposta;**
- **Na minha opinião, a família do (a) meu(a) aluno (a) é;**
- **Na minha opinião, em que momento a família do(a) meu(a) aluno(a) pode ajudar na vida escolar dele(a)?**

Sim, uma realidade que a gente encontra infelizmente na escola, a diferença entre a escola particular e a pública, é que na escola particular os pais cobram bem mais da escola, porque eles veem aquilo como investimento financeiro, e a gente sabe que a classe média sempre quer crescer, é a classe que mais cresce porque sempre quer sair daquele lugar, quer enriquecer. E o que acontece é que... obvio que não é nada geral né, mas os pais da escola particular eles são muito mais presentes do que os da escola pública, e olha que isso é de uma forma geral, não só os do Diocesano. Os pais da ESAR são extremamente convidados a estar na escola, a escola é próxima, tem canais de abertura, é uma escola que tem um setor de assistência social exclusivamente para isso. Quase nenhuma escola tem uma quantidade de assistentes sociais que lá tem, de coordenadores voltadas para o atendimento das pessoas, então a Esar está extremamente aberta ao contato com os pais, eu destaco até a dissertação de mestrado da nossa diretora que é voltada para esse contato da direção com os pais. Então a escola está totalmente munida desse diálogo, o que acontece para que esse diálogo não acontecer algumas vezes é de que os pais trabalham excessivamente e não podem dá atenção para os filhos, essa é a primeira problemática que a gente encontra. Os pais que trabalham excessivamente não têm tempo para resolver as coisas dos meninos, de ir à escola... eles alegam que não tem tempo. Outro ponto que é muito constante, são de pais que não tem muita noção... noção de estudos dos meninos, porque são ou analfabetos ou porque ficaram muito para trás na educação, esse é um problema que eles relatam muito para gente na reunião de pais e mestres e quando vão pegar o boletim, nos falam também que não tem noção de ensinar aquilo ali que a gente está dando, eles falam "professor eu não tenho noção do que seja um objeto direto, eu não sei como auxiliar nas leituras, nesses gêneros, auxiliar nas questões de internet", e isso ficou extremamente visível agora na pandemia, onde os meninos tem muito mais domínio do

computador do que os pais. Então o que acontece é que os pais estão muito fragilizados, porque eles são muito fragilizados pela questão econômica, que automaticamente impacta na questão do conhecimento, o que faz com que eles não saibam a situação e também pela pouca instrução que tem de saber que esse relacionamento entre pai e escola modifica totalmente a relação do filho com a escola. E relações de pais fragilizadas com a escola automaticamente gera uma relação ruim, por mais que a escola se empenhe, fica faltando esse elo que faça essa ponte que faça acontecer o que a gente precisa que aconteça.

Existem situações totalmente antagônicas, enquanto nós temos pais que são extremamente presentes na escola, que a gente vê entrando na escola para deixar os meninos na porta da sala, tem outros que a gente não vê o ano inteiro mesmo mandando recados na agenda diariamente. E esses pais que estão constantemente com a gente são os pais dos alunos com maior rendimento acadêmico, isso é uma coisa que a gente fala sem medo de errar, porque é uma coisa que estamos constantemente em contato com a aprendizagem dos meninos, principalmente com relação as questões quantitativas e qualitativas, não que nota defina quem o aluno é, mas é importante para a gente ter uma noção. E os alunos com o melhor rendimento são aqueles que nós conhecemos os pais. Nós tínhamos ano passado um aluno que estava acima da idade no quinto ano, já era repetente, já estava com uma postura bem machista... isso no quinto ano, com algumas posturas de ser muito machista com as meninas, já muito adiantado em relação a namoro, em relação a paquera, e esses alunos são justamente os que não temos contato com os pais, são filhos de pais separados também, que não temos contato com os dois, que tem uma relação muito ruim com os pais. Então, esses alunos, eles tem um rendimento acadêmico extremamente baixo, mesmo tendo potencial, por causa dessa relação com a família, e nós em reunião com a família juntamos todos os professores para falar com uma mãe separada, para sentar com ela e tentar resolver, uma filha estava em um quinto e o outro estava em outro, para não ficar juntos sabe, o menino tem uma habilidade muito boa com a escrita, com a leitura, com a liderança, mas não tem mais nenhum interesse com as coisas da escola, só quer saber de andar de moto, "dar o grau"... é a forma que ele tem de se expressar né. E a menina tem total apatia com a leitura e escrita, totalmente analfabeta, só retira do quadro, e nós conversando com a mãe, ela disse que a filha é preguiçosa, não reconhece as deficiências que a filha tem, precisa de laudo, precisa de acompanhamento psicológico, porque a menina tem distorções de conhecimento mesmo, nós como professores não podemos dar laudo para observar se ela tem algum problema, mas nós educadores somos meio que a porta de identificação né... E em relação ao menino a mãe disse que não sabe o que fazer, e disse pra gente que até já falou para ele que se continuar assim ela vai sair de casa e deixar ele sozinho. E aí, a gente como professor

só vê o extremo, a mãe não consegue resolver e ameaça sair de casa, sendo que o pai já não se encontra nessa casa, essa é a situação extrema. Temos pais que durante as reuniões choram para gente dizendo que não podem ajudar, pois não sabem ler, mas que ficam ali no pé "deixa eu ver", mas se os meninos escrevem qualquer coisa consegue enganar o pai, pois estes não sabem ler... temos pais extremamente humildes, mas que se dedicam, temos pais que tem uma condição de conhecimento melhor e que dão apoio espetacular, temos pais que estão fazendo faculdade agora, na UFPI, na UESPI, e automaticamente os filhos tem um rendimento acadêmico em tudo, porque fazem tudo, visto que são acompanhado pelos pais. Por exemplo um aluno do sétimo ano do ano retrasado que a mãe sempre me perguntava dicas de leitura, onde ela podia comprar livros, onde ela achava uma biblioteca pública, para ela ir lá reservar um livro que não tivesse na biblioteca da escola... então enquanto tem pais que ficam sem saber o que fazer, esses que não sabem o que fazer a gente diz, existem outros que nos dão um feedback o contrário. Então esse é minha experiência, que tem pais que não tem conhecimento e não se importam, alguns outros chegam até a chorar porque não tem conhecimento para dar esse feedback, já outros que tem baixa condição mas que já estão conseguindo estudar mais e dá um apoio muito maior para os meninos, e temos pais que não sabem lidar de maneira nenhum com essa situação e estão como essa mãe que já desistiu "ah ele faz o que quiser", o pai de um aluno do sétimo ano disse: "oh se não quiser eu trabalho demais, eu não tenho tempo para isso não, vou mandar ele morar lá em campo maior com a mãe, que é outra que não quer nada que nem ele, e não quero nem saber", desse jeitinho. Ai a forma que a gente acolhe esses alunos faz toda a diferença, pois em casa eles não tem esse acolhimento, então são experiências que revelam uma estrutura familiar extremamente vulnerável e fragilizada, emocionalmente, psicologicamente e economicamente.

Em relação ao que a família ver da Esar a comunidade como um todo, a muito tempo já via a Esar como um barco de salvação. Isso é uma coisa que é evidente para gente é que os alunos mesmo tem orgulho de tirar foto com a farda, de mostrar para todo mundo que são da Esar, a gente vê o relato dos alunos que chegam, porque lá quase não tem novato né, pois todos que chegam no ensino fundamental só sai na terceira série do ensino médio, então são os mesmos alunos durante toda a vida, mas ai existem desistências, mudanças, algumas perdas de bolsa... então entram alunos novos, e esses relatam que seu sonho é entrar na Esar, a comunidade sonha em entrar lá, é o sonho de todos os pais, e eles todos sabem que eles tem que se empenhar porque uma oportunidade como aquela eles não vão ter em outro lugar, e as famílias tem essa noção, uma escola que dá tudo, uma escola que dá o material, que dá alimentação, que dá suporte, suporte emocional por meio de psicólogos, tudo, tudo... Alimentação de qualidade,

espaço de qualidade, convivência com pessoais cordiais, uma outra realidade de educação, expostos ao esporte de uma maneira organizada, expostos a leitura, a tudo de melhor, a arte... isso transforma a visão da família sobre a Esar, eles veem a Esar como uma barco de salvação, como um ponto de mudança, um ponto de virada para que os filhos tenham aquilo que eles não tiveram. Então eles veem de uma maneira muito boa, agora o que acontece também é que algumas famílias veem Esar como se a escola tivesse toda a obrigação, esse é o problema, por saber que é uma escola filantrópica, acham que a escola tem obrigação de passar os alunos, de dá todos os materiais, de achar que a escola deve resolver todos os problemas de saúde dos alunos, a escola tem obrigação de arcar com tudo, mas não é o que acontece, a escola é filantrópica, a escola escolheu fazer a filantropia, ela não é obrigada. Se a escola avisa os pais que o aluno precisa de acompanhamento médico, não é obrigação da escola correr atrás de acompanhamento especializado, mas sim a família. Se a escola já dá todo o suporte, e o aluno não tem conseguido acompanhar todo o processo e já ta fazendo o processo de adaptação, a família é que tem obrigação de buscar um reforço, de procurar estratégias por fora, então em algumas famílias a gente ver uma inversão de responsabilidades, jogam todas as responsabilidades, principalmente emocional na ESAR, o que não pode acontecer, porque a escola não tem como abarcar todo o tempo do aluno, todo tempo que ele fica em casa, da carga emocional que os alunos trazem das famílias, do problemas familiares, e não tem como a escola lidar com isso. Então, eles veem a escola de uma forma muito boa, mas há essa distorção de qual é a função da escola, como se fosse obrigação dela de cuidar de todas as áreas dos meninos, e não tem! A escola faz isso, por livre e espontânea vontade, porque é sua missão, e não por pressão ou por imposição das famílias, não é a realidade de todos, no entanto muito tem essa concepção. Muitos pais também são conscientes, sabe que a escola já faz para além do seu dever, faz por missão e por dedicação.

E como a família pode contribuir?! A família pode ta conversando constantemente com a coordenação e professores, que é o que a gente pede, participar das reuniões, olhar as agendas, ir à escola, perguntar como estão as ocorrências dos filhos, as notas... é o básico que a gente pede, acompanhar os filhos, e isso a gente tem um número mais expressivo, mais da metade não acompanha os filhos, a coordenação conhece todos, logo que a assistência social vai na casa de cada um, não tem ninguém que ta ali que não seja conversado detalhadamente com os pais, mas no dia a dia, de conversar com os professores, receber boletim, participar das atividades que são expostas para a comunidade, como a Linkesar que é exposto a feira de ciência, e mesmo assim muitos pais não vão né. Então qual é esse papel da família?! Estar presente na escola, marcar presença na educação dos filhos, perguntando como tão as

atividades, olhando os cadernos, olhando a caligrafia, vendo se tem atividade para casa, dando um feedback, indo conversar com o professor, não deixando margem para o aluno enganar o pai, se ele conversa com o professor, não tem como o aluno enganar, porque o diálogo ali é estreito, a coordenação os pais e os professores não dão brecha para que isso aconteça quando se mostram presentes, então o papel dos pais aquilo que cabe a eles frente a constituição, é dever da escola e da família dá educação, e as vezes apenas a escola tem assumido essa responsabilidade.

E o que eu espero? que os pais tenham essa consciência, que eles recebam e atendam ao apelo que a gente tem feito, de participar, de dar atenção para os meninos, de incentivar a leitura, aos estudos, é o mínimo que a gente pede, e esperamos que eles sejam participativos.

Na Esar essa colaboração acontece por níveis né, alguns pais colaboram aquém do desejável, já outros além do desejável, e principalmente porque essa participação acontece obrigatoriamente, eles querem a manutenção da bolsa, eles querem que os meninos estejam na escola, então eles são obrigados em tese né, a matricular, a receber nota, aluno nenhum recebe nota ou boletim, só quem recebe boletim é pai, aluno da Esar não é jogado. O aluno da Esar precisa de responsável assinando e dando feedback para tudo que acontece, então existe essa participação obrigatório, e existe essa colaboração que acontece por níveis, há pais que não colaboram, só participam. E algumas pais colaboram de maneira inconstante, pouco frequente, ativamente e frequentemente, que no fundo é o que nós desejamos.

RESPOSTAS COMPLEMENTARES DO PROFESSOR PARTICIPANTE

MILTON SANTOS

PERGUNTAS:

- **O que podemos esperar das famílias da escola? O que eu espero das famílias dos meus alunos, elas têm condições de proporcionar?**
- **O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na escola?**
- **O que nos cabe fazer para garantir que, na escola, os alunos e alunas não sofram com as consequências de suas demandas familiares?**

As pessoas que procuram o Santo Afonso é porque querem o melhor para o seu filho é um consenso por parte dos pais. Bom, eu trabalho em três escola particulares aqui na cidade, Santo Afonso embora seja filantrópica se enquadra em escolas particulares no sentido da educação como um todo, é uma escola de educação privada, privada por ser uma escola conduzida pela rede jesuíta, então os pais que procuram a escola sabem da história e tudo que a escola oferece... eles sempre querem o melhor para o seu filho. Então assim, para mim é uma emoção muito grande, para mim é um prazer muito grande dá aula do no Santo Afonso, saber que eu estou acrescentando na vida deles, saber que eu posso mudar... Então é isso, sou professor de Geografia, me formei na UESPI, tenho 28 anos, trabalho na área a 8 anos, e assim a minha expertise no caso seria educação especial que é minha especialização, então eu me adequo muito a realidade do Santo Afonso que é uma realidade de alunos vulneráveis, no entanto eles também conseguem abraçar aqueles alunos que não apresentam algum tipo necessidade especial. Então nesse sentido existe até relação a sua tese né, a necessidade das famílias fazerem parte do processo, porque se a família não procurar, se a família não fizer parte do dia a dia da escola e do aluno aquele aluno que tem alguma vulnerabilidade seja qual for, ele vai se distanciar da escola ele vai se distanciar do interesse dele pela educação e vai acabar se tornando uma presa fácil nesse mundo aí... Então meu foco basicamente é trabalhar educação especial, educação moral, humana, ética, porque vai de encontro com que eu trabalho lá no Santo Afonso lógico, mas sempre pensando no ENEM, pensando nos vestibulares, pensando na profissionalização... acho que é minha apresentação seria essa, formado na UESPI 2014, desde 2018 no Santo Afonso, atuo na área há 8 anos e é isso.

Vou te falar a partir da minha experiência na área né, já trabalhei na SEMEC, já trabalhei na SEDUC como professor substituto, mas é no Santo Afonso que tenho os alunos mais novos... então assim o que eu posso falar é, aqueles alunos que tem algum tipo de incentivo familiar eles

tendem a se destacar né, eu sempre digo para os meus alunos, para os meus amigos e companheiros que a gente tem nosso pai a nossa mãe como verdadeiros heróis, eu tenho 28 anos e até os 25 anos eu achava que meu pai e minha mãe eram livres de qualquer defeito de qualquer pecado, então tudo que eles falavam eu acatava sem nenhum tipo de questionamento, porque eles para mim eram inquestionáveis na moral e na ética, e quando você tem pais que são estabados pais que não são voltados para educação o filho tende a reproduzir aquele comportamento de desleixo, de desinteresse, aquele comportamento de deixar a educação para lá, quando você ver um aluno se destacando aquele aluno que geralmente vai arrumadinho para escola, que você nota que a mãe tomou cuidado de dar um banho nele... as vezes você sabe que o aluno é bem humilde mas você vê que a mãe tem um preparo para levar ele para escola, você nota que a mãe tomou cuidado em dar banho em vestir direito, de colocar o material escolar, esse aluno possivelmente né muito provavelmente ele vai se destacar, então eu acho que a educação hoje é muito reflexo da família do brasileiro. Por que a educação hoje tá jogado às traças?! Hoje a família brasileira tá muito fragmentada você vê a família sem princípios religiosos, princípios morais, inclusive venerando coisas erradas né, enfim coisas mais consumistas. Então nesse contexto eu acho que se a família reproduzir um princípio correto, tiver um princípio certo eu acho que o aluno tende a reproduzir essa ética, essa moral e se destacar.

Muito relativo, porque assim, nobreza de princípio não tem nada a ver com a situação financeira, até tem né se você tiver mais condições para a provavelmente você vai ter mais oportunidade, mas tem muita família na ESAR, e você sabe que a família tem muita moral, tem muita fibra, tem muito interesse religioso, muito interesse profissional, mas também você vai em outras famílias aí de escolas particulares que a família também só faz pagar a escola e deixa o menino jogado, e aí o menino se torna uma pessoa... um playboyzinho uma patricinha sem nenhum tipo de referência humana e aí começa a achar que a vida é injusta porque a vida não gira em torno dela. Agora na ESAR o que acontece?! as famílias de lá, elas são bem precárias financeiramente entretanto existem muitas famílias que são bem focadas né, então os alunos que se destacam são aqueles que as famílias apoiam... olha a gente fala muito né quando tem reunião de pais e mestres só quem vai são os pais dos alunos que teoricamente não precisam, e tem o melhor desempenho, os alunos que são os piores de rendimento acadêmico são geralmente aqueles que os pais não vão nem pegar o resultado, então isso diz muito. Aquele pai aquela mãe que se preocupa com filho o resultado tende a ser melhor, geralmente é assim pode ter exceções, pode ter uma família muito vulnerável, pode ter uma família muito estabada

que o filho vá lá estude, pode ter! que é exceção e também pode ter o contrário, famílias que são bem estruturadas, mas que o filho não consegue render porque gosta de brincar.

Olha só, em relação a pais que são atuantes, o que a gente precisa fazer, é sempre ter um feedback, escutar né, ter aquela conversa, troca de opiniões e conselhos que são importantes. Então assim, a melhor aluna que eu tive... que é até engraçado porquê ia o pai e a mãe né, era engraçado na reunião dos pais e mestres ir pai e mãe, eu sempre brincava né, “rapaz vocês dois sempre aqui, é o único casal que eu vejo”, a gente sempre conversava né, ela perguntava como estava a filha e eu falava e tal... ou seja, havia sim a questão do interesse, tinha até mesmo a questão da orientação de perguntar o que eu achava, de dizer “cobrar muito professor! Se achar que ela tem que estudar mais ou que tem que estudar menos”, e eu “olha cada um tem o seu o seu rendimento né e a sua dinâmica então se ela estiver se cobrando muito e se fizer mal eu acho que tem que pisar no freio”, então a gente tinha essa conversa. Já aqueles alunos que são mais atuantes que são mais próximos da escola, nós temos que ter mais atenção para o lado acadêmico, já que eles têm uma ética, uma moral já vinda de casa. Já para os outros eu procuro fazer o seguinte, sempre digo para eles uma frase que um professor meu disse para mim “que você escolhe na vida companheiros e amigos”, e eu digo sempre para eles se cercarem de pessoas boas, de companheiros e de amigos que te elevem. Por que eu digo isso?! É muito ruim crescer sem referência de vida mesmo, o pai é viciado em álcool, a mãe não trabalha, o irmão sem trabalho, então é difícil para um aluno desse sonhar, falar que vai virar advogado, falar que vai virar engenheiro, professor, qualquer coisa, porque o universo dele não faz com ele veja. Então o que eu digo sempre quando eles me perguntam como é meu trabalho... a gente vai contando histórias para que eles sintam curiosidades e queiram crescer, então o que eu sempre faço é atizar a curiosidade deles, tipo “ei cara tu já viu que o engenheiro aqui que trabalhava na ESAR?! ele também estudou aqui”, “ei você sabia que o professor tal ele cresceu aqui...”, inclusive eu também conto histórias minhas de superação. Então eu acho assim que o aluno tem que se identificar com professor, eu procuro e contar histórias que desperte essa identificação, porque se o aluno se identifica com o professor, ele compra a ideia do professor, e eu trazendo coisas boas é natural que o aluno se interesse por coisas boas.

É muito complicado, é o que eu sempre digo “vira a chave”, e eu falo para os alunos “o que você estiver fazendo faça honrando a Deus”, quando estiver em sala de aula honre a Ele estudando, quando você estiver em casa honre a Deus, quando tiver brincando brinque ao máximo sempre com princípios louvando a Deus, porque eu sempre digo isso para eles... você tendo aquilo em mente, você sabendo que você tá dentro daquele espaço, mas que você tem que sempre manter os princípios éticos e morais das coisas, então eu sempre digo “você tá aqui na

escola, você pode brincar, pode curtir, tu pode fazer tudo dentro da ética, dentro da moral e dos princípios corretos”. Então eu tento passar para eles que aquela escola ali é um lugar de transformação, então eles passam praticamente ali 10 horas do dia, naquelas 10 horas é para ele esquecer os problemas, esquecer que o pai viciado ou que a mãe apanha em casa, ali é o momento em que ele vai crescer, que ele vai produzir algo para o futuro dele, então assim a gente tem muitas conversas até por causa da didática da escola a gente conversa muito sobre isso, sobre a transformação que a educação pode gerar na vida deles.

No caso do Santo Afonso enxergam... tem dois limites né, as famílias que querem alguma coisa enxergam o Santo Afonso como um trampolim para o aluno virar um médico, virar um engenheiro... e tem as famílias vulneráveis que terceirizam a educação totalmente, joga o menino lá e esquece que tem mãe, esquece que tem pai, e isso se torna uma grande problema, pois a escola passa a absorver questões familiares, logo porque muitas vezes a gente não pode nem entrar tanto em uma confusão de família, em um conflito, uma dificuldade financeira, pois pode até expor aluno né... ficar perguntando alguma coisa, pode ser constrangedor. Então a gente tenta sempre ser o mais coletivo possível, para que possamos impactar o todo. Quando acontece de um aluno vir atrás da gente para falar de problemas, isso acontece né, por exemplo, aconteceu de chegar um aluno e dizer que alguém na rua dele o chamou por um apelido racista e os pais não fizeram nada, a gente vai explicar para ele que é crime, que isso não pode, então a gente vai dando instruções, dando condição para que ele possa se defender já que a família não faz isso, e aí esse aluno... é engraçado que a gente conversou e ele nem tinha ideia de que era um crime. Ele é do 6º ano então a gente vai fazendo com que esse aluno tenha esse domínio né de leitura e isso é o que pode transformar a vida dele, visto que as vezes os pais não são nem alfabetizados, aí não tem como instruir.

Olha só a situação que eu vejo é muito parecido com que a escola faz, é colocando mais eventos possíveis encontro de família com aluno ou então gincana, encontros religiosos, porque realmente tem pai que você nota que ele foi forçado a ir para escola por conta dos eventos, tem também os encontros com os psicólogos né por exemplo, quando eu saio na terça-feira tem uma fila de pais conversando com os psicólogos, então isso aí faz com que o pai queira ou não se aproxime da escola, mesma coisa pode ser vista nos eventos né, dia dos pais, dia das mãe, dia do professor, tudo isso faz com que os estudantes e os pais se sintam a vontade na escola e acabe gerando esse bem-estar até para que a gente possa conversar. Que o ruim é quando você ver o pai no começo do ano e só vem no final quando o menino já tá reprovado. Então esses encontros essa agenda essa rotina de festividades, de encontros pedagógicos com a família faz com que o pai e a mãe mesmo obrigados tomem conhecimento do que tá acontecendo, é isso

que acontece então ele vai por bem ou por mal nem que mande um parente um tio, então isso faz com que o aluno seja representado então mostra o que ele tá sentindo a dificuldade do aluno. Então o que eu enxergo é isso é a escola preencha os espaços né, com a educação, com a religião, mas que a maneira mais fácil de atrair o pai para ir à escola é tendo uma agenda ativa, com encontro pedagógico de dois em dois meses na escola, com dia do estudante do professor, arraial, então você vê lá no Santo Afonso arraial mais pais do que alunos, e isso ajuda para que essa família se aproxime.

RESPOSTAS COMPLEMENTARES DO PROFESSOR PARTICIPANTE**MICHEL FOUCAULT****PERGUNTAS:**

- **O que podemos esperar das famílias da escola? O que eu espero das famílias dos meus alunos, elas têm condições de proporcionar?**
- **O que podemos fazer para melhorar a relação com as famílias com as quais podemos contar na escola?**
- **O que nos cabe fazer para garantir que, na escola, os alunos e alunas não sofram com as consequências de suas demandas familiares?**

Certo, sou professor de história formado pela Nassau em 2014, estagiei na ESAR em 2013 pelo CIEE/ prefeitura, em 2014 fui efetivado professor de história da arte no ensino médio, em 2015 assumi uma turma do ensino técnico, trabalho como professor de história da arte, em 2016 fui para o ensino fundamental como professor de história e fiquei até 2018, já em 2019 e 2020 fui para o ensino médio. Nesse tempo eu praticamente já terminei o curso de psicopedagogia clínica e institucional com a pós-graduação, me formei esse ano também em direito pela faculdade Maurício de Nassau. Já tive experiência com escolas no município de União, trabalhando como professor substituto na zona rural e em povoados da cidade, estagiei também em escolas daqui da prefeitura na zona sudeste, já trabalhei também em escolas privadas aqui no Dirceu. Mas o meu maior tempo dentro de sala de aula, que já são mais de 8 anos é no colégio Santo Afonso, estagiando e também como professor efetivo.

À medida que nós vamos nos aprofundando em teorias, nós vamos caminhando por novas visões. Tem um teórico da historiografia, Michel de Certeau, ele diz que a nossa visão de mundo é uma parte de um lugar social, então eu vou enxergar o mundo a partir do lugar onde eu estou inserido. O ser humano ele vai fazer uma leitura de lugar dependendo da sua visão, “ah eu sou cristão” então a partir de uma visão cristã eu vou ver sua forma, “eu sou da elite” a partir do meu lugar elitista eu vou ver a sua forma. Então a sua visão vai variar muito a partir do lugar de onde você vem, e, portanto, da sua visão. Pegando a escola Santo Afonso a gente tem múltiplos públicos, por mais que nós tenhamos pessoas que estão próximas da extrema pobreza, nós temos pessoas também que tem condição, pessoas que o pai tem carro, que os pais tem salário fixo, que o irmão trabalha. Então, nós temos vários públicos dentro da ESAR, por mais que a escola atenda pessoas carentes, nós também temos um público variado ali dentro, conseguimos ver pessoas que tem uma condição melhor, até porque se eu não me engano são até 5 salários a renda per capita para conseguir uma bolsa dentro da escola se eu não estou

enganado, são cinco salários mínimos. Eu já fui frequentei algumas casas de alunos onde a condição é um pouco mais complicada, são pessoas que moram em casa de taipa, são pessoas que o pai vive da roça, então eu posso falar de dois públicos diferentes dentro da escola, aquelas que vão ter uma condição de vida mais capaz de dar um amparo para os filhos, porque são pessoas que são instruídas, eu tenho por exemplo alunos que os pais são formados, então são pessoas que vão dá uma base melhor para seus filhos, pois tem um campo intelectual mais próximo daquilo que seria necessário para educar uma criança. Agora eu tenho pais que não tem nenhum tipo de conhecimento, então são pais que podem dá um apoio mais moral, são pais que vão ter uma necessidade muito maior de evitar com que o filho perca sua bolsa na escola, participando mais no intuito de “eu tô indo para escola por mais que eu não entenda a parte educacional, mas enquanto pai eu estou fazendo o possível para que meu filho tenha a condição de estudar”. Então partindo dessas visões e tendo contato maior com meus alunos e conhecendo algumas realidades eu acredito que na parte da relação escola e família... Eu vejo que essa necessidade de compreender quais os atributos que a escola tem, porque eu não posso pensar que é uma coisa homogênea, pois por mais que a ESAR seja filantrópica, seu público não é igual. Em razão de que eu consigo ver aluno que tem iphone, eu vejo aluno que não tem celular, outros que tem tênis de marca e outros não, eu vejo alunos que o pai vai deixar de carro e outros que vão de bicicleta, então eu consigo ver essas diferenças dentro da escola. Em relação a família e escola, eu ainda vejo que por mais que os pais não tenham uma instrução em âmbito intelectual ainda existe uma preocupação deles, e eu percebo da seguinte forma “é uma escola boa, é uma escola que dá uma condição didática e pedagógica, que dá uma condição muito boa para a comunidade”, eu até diria que a ESAR consegue competir com outras escolas particulares principalmente pelo o que ela oferece, mas eu vejo os pais mais preocupado em manter seus filhos dentro da escola do jeito que eles conseguem para manter a bolsa. Não é um apoio, tentarei resumir essa ideia com minha experiência de vida certo?! Os meus pais vieram de famílias pobres, minha mãe de Oeiras e meu pai de Barras, eu nunca estudei em escola privada, minha vida toda foi dentro da escola pública, o meu pai terminou o ensino médio depois de velho, já a minha mãe terminou o médio e fez o normal superior para dar aula, ela chegou até dar aula para mim, mas depois da necessidade de ter uma formação em pedagogia ela não pôde atuar mais. Nós nunca tivemos condições de ter uma vida boa, mas meus pais sempre nos deram condições de apoio para estudar, na hora de fazer as atividades eles não ajudavam diretamente porque não tinham tanto conhecimento, mas indiretamente, acompanhando a gente na escola, pedindo para fazermos as atividades em casa, pedindo para que fizéssemos atividades que os professores nem tinham passado ainda. Então hoje todos nós já temos nossas formações, eu já

estou na segunda. Nós moramos de favor na casa dos nossos tios em SP, e eu digo que por mais que os pais não tenham aquela condição de ensinar diretamente, eu digo de ajudar na hora de fazer a atividade, mas as vezes a presença do pai na hora do filho fazer a atividade é o que torna a participação do pai mais efetiva, no sentido de que o pai e a mãe não podem ir à escola simplesmente por achar que vão garantir uma bolsa, mas que até mesmo dentro de casa, por mais que o pai passe o dia trabalhando e chegasse cansado em casa... Meu pai era assim, nas minhas memórias de infância eu não tenho a memória efetiva do meu pai, porque ele tinha que sair 3 horas da manhã, quando ele chegava já estava cansado e era tarde, e minha mãe sempre colocou a gente para dormir 7 horas da noite na minha infância porquê de manhã cedo tinha que acordar para assistir aula. Então por mais que ela não tivesse um conhecimento acadêmico, ela nos preparava para essa educação, então por mais que eu tente visualizar um apoio dos pais porquê tem... Eu já conhecia alguns pais que eu vejo que tem uma preocupação em manter os alunos na escola eu também fico com um pouco de receio de que aquela preocupação seja apenas de manter o filho em uma escola boa do que de ajudar diretamente ele.

Só pegar essa tua fala porque assim, juridicamente os pais têm obrigação de matricular seus filhos na escola, então por mais que eles vão fazer a matrícula, ainda assim é uma coisa que é obrigatório, então se o pai não matricular o filho ele tem uma responsabilidade jurídica em cima dele. Realmente o ato de matricular muitas vezes não pode ser visto como uma intenção do pai em ajudar na educação, e não digo que é! Por que vai ser difícil a gente ler a mente de cada um, a gente consegue perceber sim quais aqueles pais que tem uma preocupação, quais pais tem aquele amparo quando o assunto é participar da vida do filho na educação, mas ainda assim eu vejo... eu não vou generalizar, dizer que toda a escola Santo Afonso tem essa preocupação, mas eu consigo ver que existe uma preocupação maior de manutenção da bolsa, não uma preocupação maior em acompanhar, porque mais que você diga assim “ah, mas os pais acompanham os alunos quando tem reunião”, isso daí a gente consegue ver porque é uma exigência da própria escola, mas eu não sei se esse acompanhamento é... É aí onde eu levanto a dúvida, eu não sei se esse acompanhamento é um acompanhamento intencional do pai de dizer “eu estou junto com meu filho na educação!” ou se esse acompanhamento é “eu preciso ir para escola porque se eu não for na escola eu corro o risco de perder essa bolsa”, então é uma dúvida. Aí eu vou ter que fazer uma analogia, eu dei aula em colégio particular e eu vi uma cobrança muito maior dos pais, uma cobrança no sentido de que os pais querem resultado, e obviamente né que a cobrança de uma escola particular tem relação com a questão de ter um gasto com o aluno, um gasto não, um investimento que o pai faz em cima do aluno, então a cobrança vem não só em cima do aluno, mas também do professor. Na escola Santo Afonso eu

queria sentir essa pressão de que o colégio Diocesano, Dom Barreto tem, mas eu vejo uma passividade muito forte, “ah meu aluno tirou nota baixa” e por mais que o pai vá participar de reuniões fica por isso, e ainda diz “ah meu filho tirou nota baixa porque não estuda, ele pega o celular e faz isso...” e é isso, mas a maioria dos pais só pegam a nota, alguns tem preocupação como falei, alguns chegam para gente e diz “professor teria como a gente ta fazendo alguma coisa, como professor particular, reforço?!...”, então esses que tem essa preocupação a gente consegue perceber que é uma preocupação de relação escola com família, agora outros eu não consigo ver, na verdade na maioria eu não vejo isso.

Aquele filme “Quem quer ser um milionário”, é um filme que eu gosto muito, de como ele aprende no dia a dia e de como ele consegue responder perguntas ou experiências do dia a dia, eu gosto muito da ideia de que as experiências cotidianas ensinam muito mais do que as questões teóricas, porque o dia a dia te obriga a aprender. Eu lembro que eu enquanto estudante... eu trago muitas coisas por mais que a gente tenha uma base metodológica de vários teóricos, mas as coisas que você vive também na sua infância enquanto aluno você também leva para sua vida, eu pelo menos levo muita coisa que aprendi vendo enquanto estudante que eu levo também para o campo metodológico. Uma das coisas que eu sempre gostava de aprender era quando meus pais estavam próximo, porque você acaba sentindo aquela ideia de que “olha pai eu tô aprendendo”, “olha pai eu consegui fazer isso e deu certo”, então eu acredito que a escola precisa ter uma inserção maior desses pais, e por mais que tenhamos um grande número de pais quando a escola marca uma reunião a gente também sabe que muitos deles trabalham em empresas privadas e não podem tá ali porque não podem faltar no emprego, porque faltar no emprego é uma coisa ruim para quem trabalha em empresa privada, mas tem momentos que a escola poderia inserir os pais junto com os filhos em atividades acadêmicas, atividades essas que podem contar para o currículo, não apenas no dia dos pais ou dia das crianças para os pais irem. Vou te dá um exemplo, o pai trabalha em uma serraria ou então o pai trabalha como pedreiro, aí dentro da atividade deles a gente pode encontrar material pedagógico, “ah meu pai coloca cerâmica em casa”, então eu como professor de matemática posso pegar uma cerâmica e dizer “vamos imaginar uma sala e vamos fazer um cálculo da área, vamos ver aqui quantos tijolos pega”, nisso o pai vai saber responder por mais que ele seja analfabeto a experiência do trabalho dele já lhe dá um conhecimento, aí o filho vai dizer “ah pai, então cabe tanto?! deixa eu calcular para ver! Pai como o senhor consegue fazer isso de cabeça? Como coloco no papel?”. Essa inserção, essa participação mais efetiva dos pais ajuda na educação dos filhos. Por outro lado, não tenho tanta certeza, os tempos estão mudando, a gente está vivendo um período muito mais tecnológico, eu não quero cair em um anacronismo

também, mas essa proximidade torna a vontade de aprender mais interessante, então eu acredito que essa inserção, esses momentos... porque por exemplo, a gente tem um momento da Linkesar, que é o momento da comunidade, onde ela participa, nela os pais vão ver o que é que seus filhos estão produzindo, e os alunos por mais que eles tenham vontade de ter uma nota boa eu também percebo que eles querem fazer algo para a comunidade, dá para ver que eles fazem realmente algo interessante. No entanto, eu acredito que a escola deveria ter momentos e não um momento específico no ano, mas momentos esses em que os pais vão e podem desenvolver trabalhos junto a escola que não seja voltado apenas para o conhecimento, mas que também possa fazer com que ele aprenda coisas novas que os leve a melhorar no seu trabalho, que ajude a levar experiências acadêmicas para o mundo profissional deles, então acho que falta mais essa interação entre família escola, não uma interação de algo obrigatório, como em uma relação onde o pai vai para reunião porque precisa ir, de ir no dia dos pais porque eu tenho que ir, mas participar de uma forma mais efetiva do processo, porque se eu não consigo educar meu filho em casa, se eu não tenho condição de tá muito presente em casa então não sei se a escola vai ter como trazer essa família. Aí fica... você provavelmente tem um aprofundamento muito maior nessas questões de relação escola e família, mas chega a ser uma discussão bem interessante quem tem a ver como sanar essa divisão que cada vez mais parece que fica mais distante entre família e escola. Eu estava lendo sobre terceirização da educação e obviamente que a terceirização da educação acontece em um grau muito mais elevado, propriamente para uma classe mais esclarecida, para quem tem condição de pagar uma escola, tem condição de pagar um preparatório, pode pagar uma pessoa para ensinar o filho em casa e tal, mas cada vez mais eu vejo um afastamento maior desse processo. Uma vez eu... eu gosto de levantar hipóteses, uma vez eu pedi para os alunos levantarem no sentido de indicar quantos quem ao chegar em casa fica no seu quarto reservado e quantos ali os pais perguntam como tá sendo na escola, em torno de 80 a 90% deles responderam que ficam no quarto ao chegar em casa, das turmas que eu perguntei grande maioria faz isso, chega em casa e vão para o quarto, não tem essa proximidade com os pais não tem tanta proximidade com eles, e a medida que você vai ficando mais velho... Porque tá chegando na adolescência tá começando a descobrir o mundo, criando suas próprias ideias, mas é uma fase que querendo ou não ainda tem que ter essa proximidade, então eu acho que uma das formas que eu pensaria em tornar essas relações... não uma escola como algo obrigatório mas que tornasse mais atrativo esse relacionamento entre pais, filhos e escola, é fazer com que os pais participem das questões da escola de uma forma mais efetiva, não apenas como algo que pareça ser obrigatório para manter a bolsa.

Na escola Santo Afonso uma das coisas que eu percebi é que se você dá atenção demais para os alunos eles te veem como uma pessoa que parece que tá suprimindo uma carência de laços afetivos, então é como se fosse assim, na hora do intervalo eu não fico na sala dos professores costumo ir para onde os alunos ali na hora do lanche, e aí você começa a conversar e eles se abrem mais, começam a falar do dia a dia. Logo a partir dessa abertura eles já começam a falar mais, chegar em você para pedir conselhos, perguntar se devem fazer coisa X ou Y, coisas que são para a família. É aquela situação que a gente percebe que não é papel do professor é papel de família, mas quando a gente nota que a família não está nesse lugar os professores começam a tomar esse espaço, eu acredito que a aproximação entre professor e aluno deva acontecer obviamente, mas com seus limites no campo ético da relação, porém eu acho que na ausência dessa família... eu acho que a escola tem que preparar esse aluno para conseguir ao mesmo tempo traçar um objetivo, traçar um caminho que eles possam visualizar aonde eles querem chegar. Eu não sei se a escola tem o projeto e aí obviamente que vem também da reformulação que teve na educação que é o projeto de vida, na questão do projeto de vida a escola tenta de certo modo formar aquele jovem, aquele estudante para traçar um caminho e vendo essa ausência dos pais... pior que eu não consigo ver uma possibilidade da escola suprir essa ausência da família, eu acho que não tem como tirar a família do papel que ela tem por mais que ela não tenha uma participação porque eu acho que a gente vai ter que cair no anacronismo de um jeito de um jeito ou de outro, porque assim vamos entender historicamente. Vou falar como professor de história, cada momento histórico tem as suas modificações, tem as suas rupturas e pode ter também as suas continuidades, a gente está vivendo um momento de transformação por meio da globalização, a era da informação chega e querendo ou não o pensamento e a mentalidade humana vai mudar, a educação a dificuldade de educação não é apenas da família, a gente sabe disso, a família é um dos pontos da educação, eu costumo brincar e dizer que é o ponto x, o ponto chave da educação é a família, mas o momento histórico nosso é um momento de separação por causa das tecnologias, mas ao mesmo tempo eu não posso comparar essa esse momento com o meu passado porque aí a gente cairia em um erro anacrônico muito forte, porque “ahh no meu tempo as pessoas conversavam mais com os pais”, eu digo não, hoje as pessoas conversam muito mais do que antes, porque agora eu posso tá conversando com 10 pessoas em um grupo, converso com outra pessoa aqui, outra ali, coisa que seria impossível você fazer a dez anos atrás. Então a gente tá passando por um momento de modificação que a gente não tinha no passado, o próprio conceito de família mudou, aquela questão de que o pai e a mãe vão viver junto para o resto da vida é uma coisa que não acontece mais por causa que as mulheres estão tendo maiores conquistas maiores liberdades, e isso vai afetar diretamente a vida

dos filhos que tá vendo seus pais se separarem com mais facilidade, eu não sei o seus, mas os meus vivem até hoje já são quase 30 anos de cassado, então era uma fortificação familiar muito maior e hoje a gente vê uma relação de laços mais frágeis, então todas essas mudanças históricas vão chegar no campo da escola e aí obviamente que a gente não vai conseguir dar uma resposta do dia para noite, por isso que nós temos graças a Deus... que nós temos vocês pesquisadores do campo da educação que estão tentando enxergar onde tá o problema e lá no futuro a gente vai pegar as ideias de vocês. Mas voltando aqui, eu não consigo enxergar um meio da escola tentar suprir a ausência da família, eu não vejo uma forma de a escola trabalhar o aluno tentando evitar... tentando fazer com que... “os pais não consegue estar presente o que que nós vamos fazer?!” como se a gente fosse tentar substituir o papel da família, eu já vejo a escola se adequando com psicólogos coisas que a gente no dia a dia... na minha época a psicóloga era a vida e meus pais brigando, falando as coisas... e se eu já não tenho mais os pais então precisa ter alguém para conseguir suprir essa necessidade, seja um corpo multidisciplinar da escola, assistente social, psicólogo, psicopedagogo... eu acho que essas pessoas e até mesmo os professores já conseguem fazer isso de suprir essa necessidade que acontece por conta da ausência da família. Eu já tive muito caso o de alunos que chegam para mim e fala “professor já tive pensamentos suicida, os meus pais brigam, lá em casa tem situações de violência...”, se você fica ali um pouco com os alunos eles começam a falar da vida contigo e você fica assim “poxa a família que deveria ser a base de sustentação para que os alunos evoluam, mas parece que ela não existe”, então eu particularmente não sei te dizer como a escola poderia fazer isso, infelizmente eu não poderei responder essa pergunta.

Eu tive até uma situação de uma aluna do segundo ano, ela chegou pra mim e falou assim “professor eu posso conversar contigo? É que eu trabalho numa pizzeria hamburgueria e eu e o rapaz que também trabalha lá começamos a nos relacionar, no entanto eu estou com receio de chegar no meus pais e falar até porque eu já escutei assim por auto que eles não queriam que eu namorasse...”, e eu perguntei se ela já tinha conversado com a mãe para saber a posição dela e ela me falou que as duas não conversam, logo eu expliquei que é difícil eu dá um conselho sobre uma coisa que é particular dela e da família, por mais que eu queira te aconselhar de uma forma isso é uma cosia sua, é algo que está na sua relação familiar então me desculpe, mas você vai ter que chegar para sua mãe e conversar, você vai ter que chegar para o seu pai e conversar, e ela “ah professor eu não” aí eu falo “sei lá, mas ela é sua mãe o máximo que ela pode dizer é não e brigar contigo, mas acho que não vai te matar”, então acho que você tem que criar esse vínculo. Uma coisa que eu percebo é que os vínculos entre pais e filhos é como eu te falei parece que estão se distanciando, você não conhece mais o filho que tem e nem

o filho conhece o pai. Então é isso, a escola tem seu limite a escola tem um papel, ela tem uma função social e a família tem outra. As instituições quando o estado se forma tem o que a gente chama no direito de competência, a escola tem sua competência, a escola não pode fugir da sua competência porque senão a gente pode anular o caso, então não tem eu acho, por mais ausente que uma família possa parecer não é papel da escola fazer isso... Eu acho que isso daí já começa a ser uma função do estado, eu acho que o estado já tem que entrar... a gente tá passando... é evidente que a gente tá passando por uma crise conceitual de família, aí se discute família homoafetiva, família que a gente costuma chamar de anaparental, parental... que são alguns tipos de família que o direito civil trás e parece que as pessoas ainda não conseguem entender o que é uma família, parece que sequer consegue enxergar qual a função da família. Eu não sei se a nossa geração que tá vindo agora se elas vão conseguir mudar isso, eu penso que há momentos históricos em que a gente precisa de uma crise para em seguida se estabilizar, creio que o período seja esse, nós estamos passando por um momento de instabilidade muito forte, crise social, crise de identidade, crise familiar, crise conceitual de muitas coisas... tudo isso só vai ter uma estabilidade mais na frente, mas eu acredito que a escola só pode atender até seu limite, ela não pode substituir a família, vai chegar um momento que a escola tem que parar e falar “ponto, aqui é nosso lugar e não podemos ultrapassar isso”.

Tem até uma discussão nesse sentido, quando saiu aquele projeto escola sem partido eu lendo o projeto... inclusive participei até de um debate no direito, onde discutimos a lei e tudo. Ela parte de uma aula de história onde o professor faz uma comparação do Che Guevara com o padre Cícero, que querendo ou não são duas pessoas de figura messiânica que iam salvar a nação e etc. E a interpretação que o pai fez foi totalmente distorcida ali, mas onde eu quero chegar com isso?! A ideia de você ver um pai que tem uma condição por mais desestruturante que a família seja, mas a sua condição social pode dar algum tipo de amparo para aquela criança, “ah eu moro com minha mãe, meus pais são separados” e aí a gente meio que tenta visualizar se isso interfere na educação da criança, mas podemos notar que a condição social demonstra que o pai pode colocar ele em uma escola boa, de pagar um professor particular, de pagar um preparatório... Então por mais que a família seja desestruturada a sua condição social e econômica pode dar um amparo para a criança evoluir socialmente e de forma educacional também. Agora quando a gente vai para a nossa realidade onde tem famílias que os pais são alcoólatras, usuários de droga, ou que trabalham em roça ou em condições totalmente adversas onde não podem dar nenhum tipo de amparo, aí sim eu acredito que a escola deva interferir. A escola Santo Afonso antes tinha uma piscina, então porque não tirar dessa piscina um novo César Cielo, tinha um campo de futebol porque não trabalhar com os alunos questões esportivas,

então aí sim você teria condição de dar um o sustento maior, e olha que minha fala não é no sentido de substituir a família, mas para dá uma condição maior para os pais, onde os alunos tenham atividades extras que possam tornar um pouco mais atrativa, assim a função da família vai ter que estar ali, vai ter que continuar garantido a participação dela.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada “A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA MEDIANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A FORMAÇÃO HUMANA NA ESCOLA”. Esta pesquisa está sob a responsabilidade dos pesquisadores Jean Carlos de Sousa Pessoa e Eliana de Sousa Alencar Marques e tem como objetivos: Compreender por meio de encontros formativos as significações que os professores produzem sobre o papel da família no desempenho dos estudantes na escola; Analisar as significações acerca das condições objetivas e subjetivas existentes que medeiam a relação família e escola e o impacto desse vínculo no desempenho escolar dos estudantes; Analisar as significações acerca das possibilidades de aproximação entre família e escola com o propósito de melhorar a qualidade dessa relação. Esta pesquisa tem por finalidade produzir referencial teórico sobre a relação família e escola dentro de uma perspectiva do Materialismo Histórico Dialético, assim como por meio delas pretendemos promover processos formativos para os participantes com relação à temática da pesquisa. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa através dos seguintes telefones Jean Carlos de Sousa Pessoa Cel. (86) 9 9827-3490 e Eliana de Sousa Alencar Marques, Cel. (86) 9 8177-1143. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa compreender as formas de articulação entre família e escola e como a mesma pode mediar o desenvolvimento do estudante no espaço escolar por meio de processos educativos, e para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a produção de dados: aplicação de questionário e realização de entrevista semiestruturada.

Esclareço que esta pesquisa acarretará apenas riscos mínimos como, desconforto em ter sua narrativa registrada durante a entrevista; insegurança por acreditar que não possuem conhecimento aprofundado sobre o tema. Ressaltamos também que todas as respostas obtidas por meio do questionário e entrevistas serão mantidas sob sigilo e que caso o participante se recuse a responder ou tocar em algum tema o mesmo terá seu direito de permanecer em silêncio sobre a questão garantido. Os dados aqui produzidos serão apresentados a você antes de terem conteúdo analisados. Com relação aos benefícios, acreditamos que por se tratar de uma pesquisa-formação, a mesma trará como ganho a sua colaboração na produção de referencial teórico sobre a temática, assim como a oportunidade de conhecer mais sobre o que vem sendo desenvolvido a respeito da relação família e escola. Visto isso, caso sintam-se lesado ou prejudicado comprovadamente pela pesquisa poderá entrar em contato com os pesquisadores e terá direito a retirada dos seus dados e assistência de forma gratuita por parte dos realizadores da pesquisa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu _____ declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- () Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- () Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Assistente

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO CONSELHO DE ÉTICA E PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A relação família e escola mediando práticas educativas para a formação humana na escola.

Pesquisador: Jean Carlos de Sousa Pessoa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 34699220.8.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.218.788

Apresentação do Projeto:

Resumo:

Família e escola apresentam-se como dois dos mais importantes complexos responsáveis pela formação humana. Nessa dinâmica a família se destaca por ser responsável em proporcionar as primeiras interações sociais do indivíduo, em seguida vem a escola, essa não só continua promovendo o contato entre pares como também é responsável pela transmissão dos conhecimentos acumulados pelas gerações precedentes. Portanto, compreender ambas como complexos sociais é destacar que essas fazem parte de uma totalidade maior constituídas de partes independentes e que estão em constantes movimentos, tendo na sua relação meios que podem vir facilitar a mediação entre o indivíduo e o mundo, para que esse se aproprie da cultura à medida que se torna um ser

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

social. Diante do exposto, esse trabalho tem como objetivo geral: Analisar o desenvolvimento da relação família e escola na mediação da formação de estudantes em contexto de pesquisa-formação. Com relação aos objetivos específicos, estes estão divididos em: Compreender por meio de encontros formativos as significações que os professores produzem sobre o papel da família no desempenho dos estudantes na escola; Analisar as significações acerca das condições objetivas e subjetivas existentes que medeiam a relação família e escola e o impacto desse vínculo no desempenho escolar dos estudantes; Analisar as significações acerca das possibilidades de aproximação entre família e escola com o propósito de melhorar a qualidade dessa relação. Esse estudo terá como pressuposto teórico-metodológico o Materialismo Histórico Dialético, mais precisamente as Leis e Categorias do Método (AFANASIEV, 1982), partindo da ideia de realidade como uma totalidade concreta, um complexo de complexos que está relacionado diretamente à reprodução e formação do ser social (KOSIK, 2002; LUKÁCS, 2013). Dessa forma, essa pesquisa se configurará como uma pesquisa-formação, e usará como instrumentos de produção de dados, a entrevista e questionário online. A mesma será realizada em uma escola filantrópica na cidade de Teresina e contará com a participação de forma voluntária de todos os professores que estão na formação realizada pelos professores do Núcleo de estudos pesquisas histórico críticas em educação e formação humana – NEPSH. Com relação aos dados, os mesmos serão analisados por meio do Núcleo de significados (OZELLA; AGUIAR, 2006). Os dados já encontrados até aqui por meio da revisão de literatura, revelam a importância de ampliarmos a nossa visão para além da concepção de um complexo sobre o outro ou de questões meramente legais, assim buscamos aqui compreender como essa relação se apresenta e em que medida essa enquanto complexo social pode facilitar a mediação de práticas educativas escolares para o pleno desenvolvimento do estudante. Em meio a isso, o estudo dessa temática se justifica no fato não só de ampliar referências teóricas, a respeito dessa relação, mas também de ampliar o olhar sobre a mesma e assim buscar promover novas significações sobre sua articulação, e por assim facilitar o diálogo entre ambas as partes.

Introdução

Discutir o desenvolvimento humano dentro de uma perspectiva do Materialismo histórico dialético é buscar uma base material para constituição da consciência, é desenvolver uma

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

narrativa que venha explicar o desenvolvimento humano para além do campo biológico, visto que diferente dos demais animais, o homem (enquanto gênero humano) não nasce homem, ele torna-se a partir da sua interação mediada com o meio (ANTUNES, 2018). Dessa forma, ao considerarmos uma visão de homem resultante das multideterminações históricas e sociais, apontamos aqui família e escola como complexos importantes na vida deste, assim como os responsáveis em promover as primeiras mediações dele com o meio. Com relação a esses dois complexos, podemos destacar que ambos são independentes, mas que executam funções similares, o que em alguns casos podem ser vistos até como complemento do outro. Assim, com relação a formação humana, a família segundo Braga (2017), é o meio responsável pelas primeiras interações sociais, transmissões de valores e de regras necessárias para uma adaptação ao sistema e a cultura vigente. Já a escola

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

Continuação do Parecer: 4.218.788

como aponta Lech (2017), desenvolve o papel de promover através da mediação de professores a organização de conceitos científicos e produções culturais historicamente desenvolvidas para que os alunos se apropriem e assim possam continuar a produzir conhecimento. Portanto, apesar de suas diferenças, família e escola se mostram intimamente ligadas a formação humana por meio da educação. A esse respeito, Santos (2019), destaca que a educação enquanto complexo social tem a função de transmissão de saberes para que esse homem desenvolva a sua consciência, pois este em particular tem o seu psiquismo estruturado a partir do social. Dessa maneira, a educação promove a produção do ser social e da reprodução, pois é através dela que os homens aprendem as respostas socialmente aceitas, ou como aponta Rossi (2018), ela o qualifica a reagir a determinados eventos e a situações novas, que ao mesmo tempo que o liberta também o mantém preso em uma realidade que reproduz certas condutas. Visto isso, destacamos família e escola como complexos sociais que atuam nesse processo conjuntamente a fim de favorecer o pleno desenvolvimento do estudante na sua vida dentro e fora do espaço escolar. E é com base nessa explanação que apontamos a seguinte problemática a ser trabalhada: Como se constitui a relação família e escola capaz de mediar o desenvolvimento de estudantes com condições subjetivas para vivenciar processos educativos escolares potentes para seu desenvolvimento? Para esclarecer nossa visão acerca de família e escola como complexos sociais, recorreremos a Lukács (2013). Para o autor a realidade pode ser concebida como um conjunto de partes independentes, e essas partes são constituídas de nexos que se articulam entre si em constante interação e desenvolvimento, como um complexo de complexos, tendo família e escola como parte dessa relação que constitui o ser social. A respeito do conceito de complexos sociais, é importante destacar que para Lukács (2013), o trabalho é a categoria fundante do ser, entretanto essa não o esgota, ao contrário o complexifica, o que abre margem para o alargamento da reprodução humana e do desenvolvimento de novas necessidades, assim como também amplia as formas que estas podem ser supridas. E é a partir dessa complexificação que novos complexos são desenvolvidos e esses começam a interagir mutualmente, formando uma totalidade social, que tanto é formada pela produção humana como também a constitui por meio dos complexos sociais. Assim, consideramos

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

a família e escola como complexos sociais intimamente ligadas com a reprodução do gênero humano por meio da mediação de atividades por pares mais desenvolvidos, e que por conseguinte tem como função a humanização do homem. Portanto considerar ambas como complexos é ter em vista que elas não se mostram como algo isolado, mas como nexos de uma totalidade maior, um complexo dos complexos. Dessa forma, conceber a realidade por esse viés é entender o homem em suas relações, contradições e lutas, é ver a realidade como ela realmente se apresenta, refutando toda e qualquer explicação fatalista e dogmática para os problemas sociais. Portanto o estudo dessa temática se mostra imprescindível no entendimento de como os processos educativos são desenvolvidos, e quais as perspectivas, expectativas e contradições que se mostram entre esses dois complexos mediadores de desenvolvimento humano, e como eles impactam na educação. Assim, investigar esse tema justifica-se para contribuir no que tange ao desenvolvimento da produção científica da temática “relação família e escola” tendo como base o materialista histórico dialético. Desse modo, esperamos que tal estudo propicie uma reflexão crítica por parte de pais e professores, provocando inquietações e contribuindo para a promoção de uma busca ativa por alternativas que favoreçam um melhor contato e o desenvolvimento de práticas que fortaleçam esses laços.

Hipótese:

Quando há condições objetivas favoráveis a família participa da vida escolar do estudante com maior frequência, o que pode levar ao desenvolvimento de uma boa relação entre esses dois complexos, e desse modo, pode facilitar na produção de desempenho satisfatório em atividades escolares que venha a contribuir na formação humana do estudante.

Metodologia Proposta:

O estudo em questão se configura como uma pesquisa-formação de cunho qualitativo. A mesma será realizada juntamente a um projeto de extensão vinculado a Universidade Federal do Piauí, dessa forma todos os professores que participam desses momentos formativos serão convidados a contribuir com a pesquisa de maneira voluntária, totalizando 10 participantes. A respeito da produção de dados, a mesma acontecerá em

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

duas etapas, a primeira por meio de questionários online e após a avaliação das respostas obtidas daremos início a segunda etapa que será desenvolvida por meio de entrevistas narrativas. Os dados aqui produzidos poderão ser registrados em gravador de voz mediante a autorização prévia do participante, que se dará após leitura e assinatura do TCLE. É importante ressaltar que os locais e horários das entrevistas serão marcados de acordo com a disponibilidade dos participantes. Por fim, as sessões vão ser transcritas e categorizadas para terem seu conteúdo analisado por meio dos núcleos de significações.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o desenvolvimento da relação família e escola na mediação da formação de estudantes em contexto de pesquisa-formação.

Objetivo Secundário:

Compreender por meio de encontros formativos as significações que os professores produzem sobre o papel da família no desempenho dos estudantes na escola; Analisar as significações acerca das condições objetivas e subjetivas existentes que medeiam a relação família e escola e o impacto desse vínculo no desempenho escolar dos estudantes; Analisar as significações acerca das possibilidades de aproximação entre família e escola com o propósito de melhorar a qualidade dessa relação..

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Informações retiradas do documento "Informações básicas":

Riscos:

Risco mínimo

Benefícios:

Com relação aos benefícios, acreditamos que por se tratar de uma pesquisa-formação, a mesma trará como ganho a sua colaboração na produção de referencial teórico sobre a temática, assim como a oportunidade de conhecer mais sobre o que vem sendo desenvolvido a respeito da relação família e escola.

Informações retiradas do documento "Modelo_de_TCLE":

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

Esclareço que esta pesquisa acarretará apenas riscos mínimos como, desconforto em ter sua narrativa registrada durante a entrevista; insegurança por acreditar que não possuem conhecimento aprofundado sobre o tema. Ressaltamos também que todas as respostas obtidas por meio do questionário e entrevistas serão mantidas sob sigilo e que caso o participante se recuse a responder ou tocar em algum tema o mesmo terá seu direito de permanecer em silêncio sobre a questão garantido. Os dados aqui produzidos serão apresentados a você antes de terem conteúdo analisados. Com relação aos benefícios, acreditamos que por se tratar de uma pesquisa-formação, a mesma trará como ganho a sua colaboração na produção de referencial teórico sobre a temática, assim como a oportunidade de conhecer mais sobre o que vem sendo desenvolvido a respeito da relação família e escola. Visto isso, caso sintam-se lesado ou prejudicado comprovadamente pela pesquisa poderá entrar em contato com os pesquisadores e terá direito a retirada dos seus dados e assistência de forma gratuita por parte dos realizadores da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa exequível, de caráter acadêmico que tem como objetivo analisar a relação família e escola capaz de mediar o desenvolvimento de estudantes com condições subjetivas para vivenciar processos educativos escolares potentes para seu desenvolvimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresenta todos os termos exigidos pela legislação.

Recomendações:

Cuidar para que a folha de assinaturas do TCLE, não fique em folha separadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

projeto apto a ser desenvolvido.

1* Em atendimento as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, cabe ao pesquisador responsável pelo presente estudo elaborar e apresentar ao CEP RELATÓRIOS PARCIAIS (semestrais) e FINAL. Os relatórios compreendem meio de acompanhamento pelos CEP, assim como outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

O relatório deve ser enviado pela Plataforma Brasil em forma de “notificação”; Os modelos de relatórios que devem ser utilizados encontram-se disponíveis na homepage do CEP/UFPI (<https://www.ufpi.br/orientacoes-cep>).

2* Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP, como EMENDA. Deve-se guardar parecer favorável do CEP antes de efetuar a/s

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

modificação/ões.

3* Justificar fundamentadamente, caso haja necessidade de interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

4* O Comitê de Ética em Pesquisa não analisa aspectos referentes a direitos de propriedade intelectual e ao uso de criações protegidas por esses direitos. Recomenda-se que qualquer consulta que envolva matéria de propriedade intelectual seja encaminhada diretamente pelo pesquisador ao Núcleo de Inovação Tecnológica da Unidade.

Diante do exposto, a Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Auto r
Informações Básicas	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_D O_P	07/07/2020	
do Projeto	ROJETO_1537843.pdt	17:43:17	
Outros	Curriculo_Lattes_Pesquisador_respo nsa	07/07/2020	Jean Carlos de
	vel.pdf	17:41:43	Sousa Pessoa
Outros	Curriculo_Lattes_Assistente.pdf	07/07/2020	Jean Carlos de

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

		17:41:10	Sousa Pessoa
TCLE / Termos de	Modelo_deTCLE.docx	07/07/2020	Jean Carlos de
Assentimento / Justificativa de Ausência		17:39:47	Sousa Pessoa
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDA DE.do	07/07/2020	Jean Carlos de
	cx	17:38:37	Sousa Pessoa
Declaração de	Autorizacaoassinada.pdf	03/07/2020	Jean Carlos de
Instituição e Infraestrutura		19:09:53	Sousa Pessoa
Outros	Carta_de_Encaminhamento.doc	03/07/2020	Jean Carlos de
		18:15:04	Sousa Pessoa
Declaração de	Declaracao_dos_Pesquisadores.doc	03/07/2020	Jean Carlos de
Pesquisadores		18:12:12	Sousa Pessoa

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

Projeto Detalhado / Brochura Investigad or	Projeto_para_a_plataforma_Brasil.pdf	03/07/2020 17:52:40	Jean Carlos de Sousa Pessoa
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTOassinada.pdf	03/07/2020 17:49:56	Jean Carlos de Sousa Pessoa

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 17 de Agosto de
2020

Assinado por:

**Raimundo Nonato Ferreira
do Nascimento
(Coordenador(a))**

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.**Bairro:** Ininga**CEP:** 64.049-550**Município:** TERESINA**Telefone:** (86)3237-2332**Fax:** (86)3237-2332**E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br